

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL MESTRADO**

**DEIVID DA SILVA FERREIRA**

**OS DIRIGENTES DOS CLUBES DE FUTEBOL EM CAXIAS DO SUL: FORMAÇÃO  
E MEMÓRIAS DE UMA ELITE REGIONAL (1968-1989)**

**São Leopoldo**

**2020**

DEIVID DA SILVA FERREIRA

**OS DIRIGENTES DOS CLUBES DE FUTEBOL EM CAXIAS DO SUL: FORMAÇÃO  
E MEMÓRIAS DE UMA ELITE REGIONAL (1968-1989)**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em História,  
pelo Programa de Pós-Graduação em História  
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Hernán Ramiro Ramírez

São Leopoldo

2020

F383d Ferreira, Deivid da Silva.  
Os dirigentes dos clubes de futebol em Caxias do Sul :  
formação e memórias de uma elite regional (1968-1989) /  
Deivid da Silva Ferreira. – 2020.  
181 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2020.  
“Orientador: Prof. Dr. Hernán Ramiro Ramírez.”

1. Futebol. 2. Dirigentes. 3. Elites. 4. Caxias do Sul (RS).  
5. Memória. I. Título.

CDU 796.332(091)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

DEIVID DA SILVA FERREIRA

**OS DIRIGENTES DOS CLUBES DE FUTEBOL EM CAXIAS DO SUL: FORMAÇÃO  
E MEMÓRIAS DE UMA ELITE REGIONAL (1968-1989)**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em História,  
pelo Programa de Pós-Graduação em História  
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Aprovado em 06/05/2020

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Hernán Ramiro Ramírez (Orientador) - UNISINOS

---

Prof. Dr. Arlei Sander Damo - UFRGS

---

Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos - UFSM

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira - UNISINOS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus familiares, base de apoio, carinho e compreensão: pai, mãe, irmão, avós e meu saudoso avô. Especialmente ao meu pai, de quem herdei a paixão pelo futebol, e à minha mãe, que me ensinou a amar os livros. Foi da união desses dois amores que nasceu esse trabalho.

Ao meu orientador, professor Hernán Ramírez, que acreditou na proposta dessa dissertação desde o primeiro contato por e-mail, mesmo sem me conhecer. Obrigado pelo carinho e atenção na orientação deste trabalho.

Aos depoentes, que dedicaram algumas horas de suas vidas a relatar suas histórias dentro de duas agremiações esportivas tão importantes para Caxias do Sul.

A Jorge Roth e Gustavo Côrtes, por possibilitarem os contatos iniciais com os depoentes.

Aos meus amigos, especialmente três: Bruna dos Santos, Erick Porto e Éverton Severo, com quem compartilho as alegrias e tristezas da vida. Muito obrigado pela amizade.

Aos amigos Bruna Roncen, Fernanda Cavallin e Éverton Severo pela revisão e correção do abstract.

Aos colegas do PPGH Unisinos, com quem compartilhei os dois últimos anos de convívio, tanto presencial como virtual.

Aos professores e funcionários do PPGH da Unisinos e da graduação em História da UCS, pela minha formação como professor e historiador. Um agradecimento especial aos professores Anthony Tessari, Eliana Relá, Katani Monteiro e Ramon Tisott, que me incentivaram e contribuíram, cada um de uma forma, para o meu ingresso no mestrado.

Ao professor César Guazzelli, pela leitura e valiosas sugestões durante a construção do projeto de dissertação.

Ao CNPq, pelo financiamento desta pesquisa.

## RESUMO

Nesta dissertação, são estudados os presidentes da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul e do Esporte Clube Juventude, clubes de futebol profissional da cidade de Caxias do Sul, através de depoimentos orais, obtidos por meio de entrevistas realizadas pelo pesquisador junto a esses ex-dirigentes. O recorte temporal adotado é o período entre 1968 e 1989, no qual ocorreram consideráveis mudanças no campo esportivo caxiense. Entre essas mudanças estão uma temporária fusão entre os departamentos de futebol do Grêmio Esportivo Flamengo, nome utilizado pelo Caxias desde sua fundação, em 1935, até 1975, e do Juventude, processo que gerou a Associação Caxias do Sul de Futebol, ativa entre 1972 e 1975; a construção dos estádios Alfredo Jaconi e Francisco Stédile; a mudança de nome do Caxias; e a participação dos clubes no Campeonato Brasileiro de Futebol da Primeira Divisão. Dessa forma, o objetivo de nossa dissertação é analisar as memórias e narrativas desses dirigentes, o recrutamento e conseqüente formação do campo dirigençial no futebol profissional caxiense e a inserção desses dirigentes nesses processos de mudança nas estruturas dos clubes de futebol da cidade. Inicialmente, buscamos analisar o contexto de surgimento das duas agremiações e o desenvolvimento do futebol no espaço estudado, situando o esporte e os clubes em uma dimensão histórica, política, social e econômica local. Após, investigamos o recrutamento e ingresso desses dirigentes nos clubes estudados. Por fim, nos dedicamos à análise da construção da memória por esses dirigentes e conseqüente imagem projetada a partir da posição de poder estabelecida dentro da agremiação esportiva.

**Palavras-chave:** Futebol. Dirigentes. Elites. Caxias do Sul. Memória.

## ABSTRACT

In this dissertation, the presidents of Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul and Esporte Clube Juventude, professional football clubs of the city of Caxias do Sul, are studied through oral statements, obtained through interviews conducted by the researcher with these former leaders. The time cut adopted was the period between 1968 and 1989, in which considerable changes occurred in the sports field of Caxias do Sul. Among these changes there are the temporary merger between the football departments of Grêmio Esportivo Flamengo, name used by Caxias since its foundation in 1935 until 1975, and Juventude, process which generated Associação Caxias do Sul de Futebol, active between 1972 and 1975; the construction of their stadiums Alfredo Jaconi and Francisco Stédile; the name changing of Caxias; and the participation of both clubs at First Division of Brazilian Football League. Thus, the objective of our dissertation is to analyze the memories and narratives of these presidents, the recruitment and consequent formation of the managing field in professional football of Caxias do Sul and these leaders' insertion in processes changing of structures in football clubs of the city. Initially, we sought to analyze the context of these two associations' emergence and the development of football in the studied field, placing the sport and these clubs in a historical, political, social and economic local dimension. Afterwards, we investigated the recruitment and entry of these leaders into the studied clubs. Finally, we dedicated ourselves to analyze the memory construction of these leaders and the consequent image projected from the position of power established within the sports association.

**Key-words:** Football. Leaders. Elites. Caxias do Sul. Memory.

## SUMÁRIO

<b>1 APITO INICIAL .....</b>	<b>7</b>
<b>2 ROLA A BOLA: CAXIAS DO SUL E O FUTEBOL .....</b>	<b>33</b>
<b>2.1 A cidade .....</b>	<b>33</b>
<b>2.2 O futebol.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3 Os livros .....</b>	<b>49</b>
<b>3 RELACIONADOS PARA O JOGO: INSERÇÃO DOS DIRIGENTES NOS CLUBES CAXIENSES .....</b>	<b>71</b>
<b>3.1 Família e origens étnicas .....</b>	<b>71</b>
<b>3.2 Profissão .....</b>	<b>89</b>
<b>3.3 Outros espaços de sociabilidade .....</b>	<b>108</b>
<b>4 RUMO AO ESTRELATO: MEMÓRIA, IMAGEM E LEGADO .....</b>	<b>123</b>
<b>4.1 A construção da memória dirigencial.....</b>	<b>123</b>
<b>4.2 As ideias dos dirigentes sobre os clubes e o futebol.....</b>	<b>138</b>
<b>4.3 O legado dos dirigentes para os clubes e para o futebol .....</b>	<b>154</b>
<b>5 APITO FINAL .....</b>	<b>166</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>171</b>

## 1 APITO INICIAL

Global e globalizado, o futebol é a modalidade esportiva mais difundida no planeta. Praticado e assistido por milhões de pessoas, esse esporte é um fenômeno cultural importante desde fins do século XIX, quando teve suas regras organizadas na Inglaterra e foi, graças à expansão ultramarina desse país europeu (e, obviamente, à expansão capitalista), levado para outros continentes, notadamente a América do Sul. Potência futebolística desde as primeiras décadas do século XX, é praticamente impossível falarmos sobre os últimos cem anos do nosso continente sem alguma referência, por mais breve que seja, ao chamado esporte bretão.

Popularizado e profissionalizado nas primeiras décadas do século XX, o futebol despertou o interesse sistemático das ciências humanas em nosso país apenas nos últimos decênios desse século. Não é mais possível, porém, falarmos em uma completa lacuna acadêmica, em um vazio de produções científicas acerca do tema: artigos, dossiês de revistas, teses e dissertações que abordam o esporte, notadamente o futebol, são facilmente encontráveis, principalmente nos repositórios digitais das principais universidades do país. O interesse acadêmico pelo futebol é fruto de questões como mudanças paradigmáticas dentro das Ciências Humanas e diálogos interdisciplinares, tendo em vista que a introdução da temática se deu primeiramente nas Ciências Sociais, notadamente na Sociologia e na Antropologia (RIBEIRO, 2007, p. 19). Pesquisas executadas por cientistas dessas áreas são leituras fundamentais para historiadores do futebol, visto que o interesse dos profissionais da História pelo assunto se deu tardiamente em relação a outras disciplinas próximas. Outra questão importante para o desenvolvimento das pesquisas acadêmicas sobre o futebol foi a criação de cursos de pós-graduação no país a partir da década de 1970, gerando teses e dissertações com pesquisas de maior fôlego sobre o tema e importantes descobertas empíricas.

Raphael Rajão Ribeiro (2007), em sua dissertação sobre os primeiros anos do desenvolvimento do futebol na capital do estado de Minas Gerais, faz uma análise sobre a produção historiográfica do futebol no país, tendo em vista que sua pesquisa aborda os primeiros anos da modalidade em um contexto regional, objeto caro à historiografia contemporânea sobre o futebol no Brasil. Não pretendemos fazer uma revisão bibliográfica tão ampla, visto que nosso objeto é consideravelmente menos frequente dentro da produção acadêmica, conforme veremos mais adiante. No entanto, algumas informações colocadas por esse autor nessa análise do estado da arte são relevantes dentro do nosso contexto. Uma delas é que eram frequentes, até a metade do século XX, as obras que abordavam o passado do futebol brasileiro através do que o autor chama de “coletânea de fatos”, ou seja, textos que não tinham

como objetivo problematizar o assunto, mas tão somente reunir fatos, narrativas e informações sobre clubes e outras entidades esportivas, como as ligas e federações. Vale ressaltar que esse tipo de obra, produzida notadamente por jornalistas, mas, também, por ex-jogadores e dirigentes, persiste até hoje e trata-se, muitas vezes, do que podemos considerar como a história oficial do clube, tendo em vista que muitas agremiações patrocinam as obras e as vendem em suas lojas de produtos oficiais. Ribeiro chama essas obras de “Memória-História do futebol” e elas podem ser importantes objetos de análise e contribuição factual para pesquisas sobre a trajetória histórica do futebol. A quase totalidade das obras que temos disponíveis sobre os clubes de Caxias do Sul encaixa-se nessa categoria, as quais serão objeto de análise no próximo capítulo dessa dissertação, além de, obviamente, serem consideradas como fontes para a referida seção de nosso trabalho.

Ribeiro considera como obra inaugural o livro do jornalista Mário Filho, “O Negro no Futebol Brasileiro”, lançado em 1947 e primeiro a problematizar a modalidade sob um ponto de vista de análise histórica e social. Chama a atenção o uso de depoimentos orais como fontes para a produção desse livro, tendo em vista que o autor utilizou de conversas informais com ex-jogadores e dirigentes como documentação histórica, ao lado de periódicos. Esse livro é base fundamental para a historiografia do futebol brasileiro, pois questões como a sua divisão cronológica das primeiras décadas da modalidade ainda são utilizadas em muitas pesquisas produzidas mais recentemente. Há, no entanto, um problema na obra de Mário Filho que foi reproduzido por muitos pesquisadores posteriormente: o entendimento da história do futebol dos grandes centros como a história nacional do futebol no Brasil, desconsiderando as particularidades regionais no processo de introdução e desenvolvimento desse esporte.

Ao se justificar evocando a noção de regularidade do processo de introdução e desenvolvimento do desporto por todo país, o jornalista repetiu imprecisão comum a boa parte de nossa produção intelectual. Abordagens que tomam por nacional a análise dos casos referentes aos principais centros brasileiros são observadas de forma recorrente nas mais diversas áreas do conhecimento. Ao mais uma vez reproduzir tal engano, Mario Filho demonstrou dominar muito pouco as informações relativas à trajetória da modalidade em outras cidades ou, ainda, pretendeu construir a ideia de que haveria sido o Rio de Janeiro, como capital federal, a localidade-pólo responsável por ditar os passos da evolução daquela atividade atlética (RIBEIRO, 2007, p. 25).

Nas últimas duas décadas, esse problema foi consideravelmente superado pela historiografia, principalmente pelo fato de diversas pesquisas estarem sendo desenvolvidas fora dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Nossa pesquisa é uma contribuição a esse processo, introduzindo o estudo do futebol na cidade de Caxias do Sul em um programa de pós-graduação

em História<sup>1</sup>. Este não é, porém, o primeiro estudo com enfoque histórico sobre o futebol caxiense: encontramos duas dissertações de mestrado que abordam o futebol nesse local, na área da Educação Física e Ciências do Movimento<sup>2</sup>. Vale ressaltar, aqui, a importância dessa área nos estudos de ênfase social sobre o esporte, a qual superou a visão meramente biológica há mais de três décadas e, em um interessante esforço interdisciplinar, aproximou-se das Ciências Sociais para analisar as modalidades esportivas, notadamente o futebol.

É necessário chamar a atenção para essa “propensão à interdisciplinaridade” (RIBEIRO, 2007, p. 38) dos estudos das Ciências Humanas sobre o futebol. Conforme afirmamos anteriormente, a introdução da temática nas Humanidades se deu, inicialmente, nas Ciências Sociais, de forma que o ingresso dos historiadores nessa área de pesquisa ocorreu de forma tardia mesmo se considerado apenas entre as disciplinas próximas. O já citado autor Ribeiro comenta que, até a recente introdução do tema nas Humanidades, o objeto era analisado somente pela área das Ciências da Saúde, notadamente pela Educação Física, então com enfoque estritamente biológico. Nas palavras do autor, “o assunto sempre ocupou uma posição de fronteira” dentro das “áreas do saber mais voltadas para as sociedades”, dado o fato desse interesse ser recente e, conseqüentemente, não haver uma “tradição estabelecida” no estudo do futebol dentro das Ciências Humanas.

Nessa medida, estudos sociológicos atentos a debates históricos, análises de relações de comunicação e interação preocupadas com pressupostos da antropologia, são apenas alguns dos exemplos que se verificaram e que continuarão a marcar a produção acadêmica sobre o tema. De tal forma, ainda que falando de um lugar específico, o qual se identifica, principalmente, com o campo das Ciências Humanas, os trabalhos acerca do futebol, constantemente, evidenciam a tendência da busca do diálogo e da percepção do que tem sido escrito nas demais áreas do conhecimento (RIBEIRO, 2007, p. 38).

---

<sup>1</sup> Não se trata, porém, do primeiro estudo da História no interior do Rio Grande do Sul: Pelotas e São Leopoldo já contam com dissertações de mestrado em História sobre seu futebol local, sem falar nos estudos focados na capital. Uma hipótese que tenho para esses estudos anteriores nas duas cidades citadas é a existência prévia de programas de pós-graduação em História na Universidade Federal de Pelotas e na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. A Universidade de Caxias do Sul, por sua vez, única com tal nomenclatura na Serra Gaúcha, teve seu programa de pós-graduação em História iniciado apenas em 2012. Esse PPGH já produziu, aliás, um estudo sobre o Grêmio Esportivo Glória, de Vacaria, defendido como dissertação de mestrado no ano de 2018. Cf. SILVA FILHO, Paulo Gilberto dos Santos. **Futebol e tecnologias digitais/virtuais: a trajetória do Grêmio Esportivo Glória de Vacaria**. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018.

<sup>2</sup> Cf. CRUZ, Priscila Postali. **Siamo tutti buoni gente: do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. ROSE, Regina Celi FonticIELha de. **A influência da imigração italiana no desenvolvimento do esporte no Estado do Rio Grande do Sul**. 1996. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

Dessa forma, deixamos claro desde já que não concebemos a possibilidade de produzir uma história do esporte, no nosso caso, do futebol, sem estar atento à produção das disciplinas próximas à nossa, especialmente a Sociologia e a Antropologia. O embasamento teórico e metodológico da historiografia do futebol está em um constante diálogo com essas ciências vizinhas, o que se mostra enriquecedor para os estudos do esporte a partir de uma perspectiva social.

Retomando a breve revisão bibliográfica, é possível perceber que há, no entanto, uma espécie de vácuo de produções relevantes desde o clássico livro de Mário Filho, cuja segunda edição foi lançada em 1964, até o final dos anos 1970, quando a Sociologia e a Antropologia voltam seus olhos para o futebol. Isso se deve, principalmente, à visão do futebol como “ópio do povo”<sup>3</sup>, fortalecida nos meios intelectuais brasileiros durante a década de 1970, época de acirramento das tensões políticas, repressão ditatorial e uso político do futebol brasileiro pelos governos militares, tanto da Seleção tricampeã de 1970 quanto do Campeonato Nacional de Clubes, criado em 1971.

A implantação da ditadura militar no país, com o conseqüente acirramento das lutas políticas, aliada à transformação do cenário intelectual nacional, marcada pela maior presença das interpretações marxistas e estruturalistas, tiveram considerável relação com a constituição da nova percepção do lugar dessa modalidade atlética na sociedade brasileira. Respondendo, inclusive, a algumas atitudes de setores do governo federal, que passaram a estabelecer controle mais direto sobre o esporte e retomando ideias veiculadas por antigos militantes de esquerda, a noção de que o futebol era mecanismo de alienação da população ganhou força naquele período de cerceamento das liberdades (RIBEIRO, 2007, p. 31).

Esse controle do governo sobre o esporte, notadamente o futebol, tornou-se, inclusive, um dos principais objetos de pesquisa da História e das Ciências Sociais sobre o futebol brasileiro. Diversos são os artigos e dissertações de mestrado<sup>4</sup> que analisam questões como o inchaço do Campeonato Nacional ao longo da década de 1970 para beneficiar políticos locais

<sup>3</sup> Cf. DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DAMATTA, Roberto *et al.* **Universo do Futebol** – Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982, p. 22.

<sup>4</sup> Cf. CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A Bola e o Chumbo: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira**. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e Política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

e os dois partidos existentes no período<sup>5</sup>, a proximidade e interferência da alta cúpula militar na direção da CBD<sup>6</sup> e a militarização da comissão técnica da Seleção Brasileira de Futebol.

Retomando a análise da produção acadêmica em Ciências Humanas sobre o futebol, o texto de Roberto DaMatta (1982) na obra “Universo do Futebol” é um bom demonstrativo das mudanças ocorridas a partir de fins dos anos 1970 no olhar das Ciências Sociais sobre esse esporte. DaMatta, ao analisar o futebol juntamente com a sociedade, não em contraste a ela, vê nessa modalidade um veículo para uma série de dramatizações na sociedade brasileira. Para o autor, a dramatização seria um ingrediente básico do processo de ritualização. Baseando-se em Clifford Geertz (1973), DaMatta compreende o rito, e também o drama, como “um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si mesma para si própria” (DAMATTA, 1982, p. 21). Dessa forma, o futebol enquanto drama seria um modo privilegiado, entre tantos outros, através do qual a sociedade permite ser descoberta e “lida” por seus membros. Assim, é possível perceber relações, valores e ideologias através de uma compreensão do futebol enquanto drama. Segundo o autor, “o **futebol** praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 21).

DaMatta também chama a atenção para a sua visão do esporte como parte da sociedade, não estando em uma relação de oposição a ela. O autor critica a visão até então tradicional das ciências sociais que coloca o futebol como “ópio do povo”, como um fenômeno secundário e que apenas desviaria a atenção que a população deveria ter para os “assuntos mais sérios”. “O esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade faz parte do esporte” (DAMATTA, 1982, p. 23). Dessa forma, o autor propõe que o esporte seja compreendido como uma atividade e expressão da sociedade, visão que passou a ter um impacto considerável nos estudos acadêmicos sobre o futebol.

Parece interessante analisar mais profundamente a desconstrução da tese “futebol ópio do povo” feita por DaMatta. Em seu texto, esse autor critica a naturalização da oposição feita pelas Ciências Sociais de então, início dos anos 1980, entre esporte e sociedade, colocadas como entidades individualizadas, como um binômio, de forma semelhante, por exemplo, à relação entre natureza e sociedade/cultura. DaMatta critica essa visão dicotômica e naturalizada

---

<sup>5</sup> Aliança Renovadora Nacional – ARENA, partido de sustentação da Ditadura Militar, e MDB – Movimento Democrático Brasileiro, a oposição consentida pelo regime.

<sup>6</sup> Confederação Brasileira de Desportos, desmembrada em 1979, originando a atual CBF, Confederação Brasileira de Futebol.

porque ela percebe o esporte, no caso brasileiro o futebol, como algo externo e prejudicial à sociedade.

O **futebol** é um ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio do econômico é sua base. Como se **futebol** e economia fossem realidades exógenas, que pudessem existir em isolamento da sociedade. Desse ângulo, o **futebol** é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos (DAMATTA, 1982, p. 21-22).

Dessa forma, DaMatta chama a atenção para o fato da relação entre futebol e sociedade ser “socialmente demarcada”, de forma que essa tese do “futebol, ópio do povo” é “uma projeção de nossa perspectiva da sociedade e do lugar que nela reservamos à atividade esportiva” (DAMATTA, 1982, p. 22). Se o futebol é visto de maneira tão negativa, é por uma espécie de determinação social, a qual reserva ao futebol um lugar entre aquelas atividades que não são importantes, não são fundamentais para a coletividade. O autor coloca o futebol nessa condição de forma semelhante à religião, a qual também é vista como “ópio do povo”, enquanto o trabalho e a guerra, para citar exemplos dados por DaMatta, são concebidos como necessidades, deveres do sujeito em relação à sua coletividade, à sua sociedade.

Ou seja, só quem sabe o real papel do **futebol** na sociedade brasileira é a camada dominante (que o utiliza como ópio das massas) e os críticos da sociedade. A massa permanece na escuridão de sua idiotice crônica, incapaz de perceber seu sistemático engano (DAMATTA, 1982, p. 22).

DaMatta, porém, localiza o esporte, tanto quanto a religião e a arte, atividades vistas como sem importância em relação ao trabalho e à guerra, no interior da sociedade, sendo estas concebidas pelo autor como produtos do nosso sistema. De tal forma, como atividades criadas dentro de nossa sociedade, elas devem ser analisadas e compreendidas dentro desse contexto<sup>7</sup>.

Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari (2010), em seu artigo dedicado à análise da produção das Humanidades sobre o futebol no Brasil, colocam esse livro organizado por Roberto DaMatta como uma das duas obras fundamentais publicadas sobre a temática em seu período, ao lado de “Futebol e cultura: coletânea de estudos”, organizado por José Carlos Sebe

<sup>7</sup> Obra do início da década de 1980, o texto de DaMatta foi, é claro, criticado por outros autores. Arlei Damo (2018) pontua que seu texto é ensaístico, não sendo fruto de uma pesquisa empírica, etnográfica ou documental. Além disso, o futebol e a sociedade brasileira sofreram profundas mudanças desde a publicação desse texto, como a transformação dos velhos estádios de concreto com capacidade para mais de cem mil espectadores em novas arenas, com número muito menor de lugares e ingressos consideravelmente mais caros. Com isso, para Damo, a obra de DaMatta é, atualmente, anacrônica. Aqui, utilizamos esse texto para demonstrar como as Ciências Sociais brasileiras voltam seu olhar para os esportes a partir da virada dos anos 1970 para os 1980, notadamente para o futebol. Cf. DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **Fulia / Ufmg**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p.37-66, 24 abr. 2019.

Meihy e José Sebastião Witter em 1982. Analisando a produção sobre o assunto nas décadas de 1990 e de 2000, os autores citam diversos temas e recortes pesquisados nesse período, o qual assistiu uma plena expansão do interesse das Ciências Humanas sobre o futebol:

[...] a inserção e a participação dos negros no futebol; as relações entre futebol e identidade nacional; discussões sobre estilos e escolas de futebol, principalmente de um “jogar à brasileira”, mais conhecido como “futebol-arte”; a circulação de jogadores brasileiros no futebol internacional; a formação de jovens jogadores em escolinhas de futebol e categorias de base; etc. Dentre os principais temas, as pesquisas sobre torcidas organizadas, muito influenciadas pela proliferação de conflitos e casos de violência nos estádios no começo da década de 1990, tiveram um impacto decisivo dentro do processo de ampliação do cenário de estudos sobre esportes no Brasil (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, p. 296).

Podemos perceber a ausência de um tema específico nessa listagem dos autores citados: os estudos focados nos dirigentes de futebol<sup>8</sup>. Em nossa busca por trabalhos relevantes dentro dessa temática na academia brasileira, encontramos duas obras dignas de nota, as quais analisaremos brevemente aqui, em uma tentativa de revisão bibliográfica mais específica: a dissertação de mestrado de Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha (2013), intitulada “A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações”, defendida no ano de 2013 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, e a tese de doutorado de Matias Godio (2010), intitulada ““Somos hombres de platea”: a sociedade dos dirigentes e as formas experimentais do poder e da política no futebol profissional na Argentina”, defendida no ano de 2010 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Iniciaremos a análise pela dissertação de Rocha, a qual traz importantes lições metodológicas para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

O trabalho de Rocha tem como objeto os ex-presidentes do Clube de Regatas do Flamengo e do Fluminense Football Club. O objetivo da pesquisa, nas palavras do autor em seu resumo, tem “natureza modesta: o de iluminar determinadas práticas e certas representações de uma fração do campo esportivo ainda pouco estudada: a dos presidentes de futebol” (ROCHA, 2013, p. 9). Esse autor justifica sua pesquisa a partir de uma identificada lacuna bibliográfica na produção acadêmica sobre o futebol: o já citado artigo de Giglio e Spaggiari constata apenas

---

<sup>8</sup> Uma explicação para o parco número de estudos das Ciências Humanas, notadamente da História, focados nos dirigentes de futebol é a transformação no campo historiográfico ocorrida a partir da Escola dos *Annales*, que volta seus olhos para outros setores da sociedade que não a sua elite, foco dos estudos da historiografia majoritariamente praticada até então. A partir dessa virada historiográfica, ocorrida por volta de 1930, a História enquanto ciência voltou-se cada vez mais para o estudo de grupos subalternos, das pessoas ditas comuns em seu tempo, para a cultura, a economia e a sociedade, deixando de lado a história estritamente política, focada nas elites. Portanto, os estudos acerca de uma classe dirigente estão, de alguma forma, na contramão da prática historiográfica atual.

um trabalho de pesquisa sobre dirigentes entre as cento e cinco dissertações e teses encontradas em História e em Ciências Sociais sobre o futebol.

[...] o intento aqui é de natureza modesta e simples, trata-se de contribuir a uma área em desenvolvimento acelerado, a dos estudos sociais sobre o futebol, iluminando um grupo ainda envolto em um denso nevoeiro. A nosso ver, isso permitirá não apenas compreender e dissecar importantes questões relativas ao interior do campo esportivo, mas estabelecer pontes entre a maneira da gestão dos presidentes de futebol e os modos de operacionalizar a política na sociedade brasileira. Nesse sentido, acreditamos haver uma penetração do campo político no interior do campo esportivo (ROCHA, 2013, p. 14-15).

O autor também compara a produção acadêmica com a produção jornalística, identificando um reduzido número de pesquisadores que se debruçam sobre o objeto, enquanto jornalistas frequentemente escrevem sobre os *cartolas* do futebol brasileiro, gerando um vasto material. Ele chama a atenção para o fato dos cartolas serem objeto frequente de “opinião, teses e teorias” de torcedores, além de assunto corriqueiro nas mesas redondas dos canais dedicados ao esporte (ROCHA, 2013, p. 15). Torcedores têm posicionamentos e opiniões acerca daqueles que dirigem seus clubes do coração, um interesse que está em estreita relação com as posições midiáticas sobre o assunto.

Dialogando com a antropologia, seu corpus documental é constituído de forma quase integral por entrevistas com esses ex-dirigentes de futebol. Logo, a forma como trabalha com suas fontes e as problematiza se mostra interessante: “o leitor que buscar nesta dissertação um repositório de fatos e de dados sobre os dirigentes de futebol quedará decepcionado: aqui, não se trata de um texto sobre eventos passados; mas sim sobre *significados*” (ROCHA, 2013, p. 16). Dessa forma, percebemos uma interessante possibilidade de uso das fontes orais: não a busca de fatos *como eles ocorreram*, mas sim a análise das concepções e compreensões daqueles que viveram o processo, suas práticas enquanto dirigentes e como eles entendem a sua posição dentro do clube. Esse trabalho junto às fontes orais será objeto de nossa atenção mais adiante.

Nos chama a atenção, também, no trabalho de Rocha, a sua postura frente aos entrevistados. O trecho a seguir demonstra a forma como o autor encarou o processo de pesquisa.

Minha posição era quase sempre a de me colocar como um aprendiz, fazendo o mínimo de indagações possíveis. Não raro meus entrevistados se incomodavam. Presidente do Fluminense, Ângelo Chaves, por quem passei a nutrir forte estima e carinho, me disse depois de quase cinco horas de entrevista: “Isso não foi uma entrevista, né? Foi mais uma conversa” (ROCHA, 2013, p. 16-17).

O trecho citado proporciona uma interessante reflexão acerca da postura que o pesquisador deve ter em relação aos seus entrevistados, algo que, obviamente, irá variar não somente de acordo com o status social do depoente, mas também com sua postura frente ao trabalho que está sendo desenvolvido e o tratamento que ele confere aos pesquisadores. De tal forma, o texto de Rocha permite a compreensão de novas possibilidades de estudo das relações não somente entre memória e o futebol como objeto, mas também entre memória e história, já que sua “filosofia de pesquisa” (ROCHA, 2013, p. 16) pode ser aplicada também, de forma proveitosa, a outros objetos e situações.

Nesse diálogo com a antropologia, o autor esclarece que adotou como procedimento metodológico o estranhamento daquilo que “nos parecia evidente”, ou seja, reconhecendo que “nada sabíamos sobre os dirigentes”. Nos parece um procedimento interessante a ser adotado, tendo em vista que a visão do pesquisador está carregada de sua visão de mundo, seus preconceitos, suas opiniões.

Nesta mesma direção, era possível perceber que o universo dos dirigentes na metrópole constituía um mundo à parte na diversidade social metropolitana, e que era preciso decifrar seus símbolos, suas categorias, seus objetos. As questões que levanto – as relações entre representações e práticas, a teoria da dádiva como fundante de uma visão de mundo, a relação entre honra e chefia – são indisputavelmente tomadas de empréstimo da disciplina coirmã (ROCHA, 2013, p. 15).

Algo relevante no trabalho de Rocha é que ele busca analisar não somente as representações e as práticas desses dirigentes, mas procura, também, compreender os “estilos e maneiras de dirigir” característicos de cada clube, abordando dirigentes que foram tomados como modelos desses estilos, tanto no Flamengo como no Fluminense. Além de compreender os grandes modelos desses “estilos de direção”, o autor buscou, também, analisar esses estilos em ação, tomando, novamente, um presidente de cada clube em períodos mais recentes e analisando suas práticas à frente da dirigência da agremiação. De qualquer forma, o mais notável na dissertação de Rocha está na sua metodologia adotada, tendo em vista que nossa área de pesquisa, como anteriormente comentado, carece de tradição dentro das Ciências Humanas. Seu modelo é de grande valia e parte dele foi tomado como base durante a execução das entrevistas orais e sua posterior análise.

Matias Godio, por sua vez, pertence a outra disciplina, a Antropologia, e estuda um espaço totalmente diferente do Rio de Janeiro e da dupla Fla-Flu de Rocha: seu objeto de pesquisa são os dirigentes dos clubes de futebol de La Plata, Argentina: Club de Gimnasia y

Esgrima La Plata e Club Estudiantes de La Plata. No seu caso, seu trabalho diferencia-se justamente pela abordagem metodológica: por ser uma pesquisa antropológica, não se baseia somente em entrevistas orais, mas também em filmagens e na observação etnográfica junto aos dirigentes que são objeto de seu estudo. Nas palavras do autor no resumo de sua tese:

Partindo de entrevistas, filmagens e observação participante com altos dirigentes dos clubes com times de futebol rivais na cidade de La Plata, *Estudiantes de La Plata* e *Gimnasia y Esgrima La Plata*, durante os últimos três (3) anos, o argumento situa a reflexão sobre o espaço de interações sociais e simbólicas, tanto formais como informais elaboradas nas práticas e representações dos seus dirigentes. O objetivo é definir as articulações entre dois tipos de signos que operam sobre as relações de poder: aqueles vindos do futebol e os do desenho institucional (GODIO, 2010, p. 7).

Chama a atenção, no trabalho de Godio, a ênfase que o autor dá para a construção da imagem do dirigente e de sua condição pública para a posição de dirigente dentro do clube. Ao longo do seu trabalho, ele enfatiza as relações entre o espaço urbano, as profissões, a memória, a construção da imagem do clube, o desempenho futebolístico e os cargos dirigentes dentro dos clubes. De forma semelhante a Rocha, o autor chama a atenção para o fato da tese ser sobre “práticas e representações”, demonstrando o quanto esses conceitos são importantes em uma abordagem antropológica sobre os dirigentes de futebol. Seu interesse, todavia, está nas formas do poder e da política dentro do futebol profissional argentino.

Assim como Rocha, Godio menciona uma dificuldade para o desenvolvimento de sua pesquisa: a ausência de pesquisas anteriores próximas ao seu objeto de estudo. Como antropólogo, o autor relata a raridade de trabalhos que têm “como foco grupos ou sujeitos em posições de poder fora das chamadas “sociedades tradicionais”” (GODIO, 2010, p. 53). Além disso, a pesquisa que enfoca grupos de poder dentro do futebol também é consideravelmente restrita, na avaliação do autor, corroborando trabalhos que citamos anteriormente.

Os procedimentos metodológicos adotados pelo antropólogo são o que mais chama a atenção. Apesar de tratar-se de um trabalho de outra disciplina, a proximidade de objetos e a relação próxima entre a História e a Antropologia tornam interessante a compreensão sobre a metodologia adotada no referido estudo, que pode ser significativa para nosso trabalho e ter alguns de seus elementos adotados em nossa prática de pesquisa.

Godio ressalta na introdução de sua tese as consideráveis dificuldades que teve para desenvolver sua pesquisa de campo junto aos dirigentes dos clubes Estudiantes e Gimnasia. Como seu objeto tem um recorte temporal mais recente, muitos dos personagens de sua pesquisa possuem ainda hoje uma atarefada vida profissional, o que dificultou consideravelmente, conforme descreve o autor, o acesso ao cotidiano dessas pessoas. Eram

necessários insistentes contatos telefônicos. Restrições à participação e acesso às atividades dirigenciais foram frequentes. Cancelamento de entrevistas também foi uma realidade descrita pelo autor. “Por outro lado, estabelecer relações com “ex” dirigentes foi relativamente mais simples” (GODIO, 2010, p. 57). Tudo isso ocorria devido às características próprias de um grupo de poder dentro da sociedade platense, o qual busca evitar uma exposição ao juízo público e, principalmente, acadêmico. Características próprias do campo futebolístico acabavam por piorar a situação: questões como as negociações envolvendo jogadores e a opinião pública acerca dos dirigentes. Logo, o pesquisador acaba por ser visto com reservas e desconfiança pelos seus interlocutores, de forma que deve buscar estabelecer relações de confiança com os sujeitos que pesquisa.

Vale esclarecer que Godio insere o grupo que é seu objeto de pesquisa dentro do conceito de “elites”, tendo em vista que se trata de um conjunto de pessoas que detém poder dentro do sistema futebolístico e, de tal forma, destaca-se dos demais, estando em uma posição superior perante a sociedade local e influenciando (determinando?) os destinos de sua coletividade. É um conceito que também nos é caro, conforme abordaremos mais adiante.

Além dessas valiosas lições metodológicas, devemos ressaltar aqui, correndo o risco de sermos repetitivos, a ausência de trabalhos acerca dos grupos de poder, das elites no futebol. Uma das justificativas para nossa pesquisa é justamente essa. Não temos a intenção, obviamente, de esgotar o tema, mas simplesmente de contribuir para os estudos sobre um setor da sociedade até agora pouco explorado academicamente.

A importância social e cultural dos dois clubes sobre os quais nos debruçaremos também destaca o objeto. A tradição e relevância dessas agremiações é demonstrada por seus êxitos em décadas recentes: o Esporte Clube Juventude conquistou os títulos de campeão brasileiro da Série B em 1994, campeão gaúcho em 1998 e campeão da Copa do Brasil em 1999, sendo até hoje o único clube do interior do Rio Grande do Sul a possuir títulos nacionais e tendo participado da Série A do Campeonato Brasileiro por treze anos ininterruptos, entre 1995 e 2007. Já a SER Caxias destaca-se com o seu título de campeão gaúcho de 2000 e frequentes participações nas Séries B e C do Campeonato Brasileiro. Tais títulos estaduais são expressivos dentro do seu contexto histórico, já que o último clube fora a dupla Grenal a ser campeão do estado havia sido o Grêmio Esportivo Renner, de Porto Alegre, em 1954. O último campeão gaúcho do interior, por sua vez, datava de 1939: o Football Club Riograndense, de Rio Grande.

Desde os anos 1960, ambos os clubes passaram a se destacar no cenário interiorano: o Juventude foi o primeiro clube não porto-alegrense a ser vice-campeão no Campeonato Gaúcho

unificado<sup>9</sup>, em 1965. Já o Caxias foi o pioneiro fora da capital a representar o estado no Campeonato Nacional, em 1976, e na Copa do Brasil, em 1991. Antes desse período, o grande feito do futebol caxiense havia sido o título da Segunda Divisão de Profissionais de 1953 pelo Flamengo, enquanto diversos clubes das regiões sul e fronteira do estado já haviam conquistado o título máximo do RS nos anos 1920 e 1930. Clubes esses que, salvo raras exceções, como o Brasil de Pelotas, que atualmente disputa a Série B do Campeonato Brasileiro, entraram em decadência justamente a partir da época da ascensão da dupla Ca-Ju.

Observando os participantes do Campeonato Gaúcho nos últimos anos e as campanhas dos times interioranos, percebe-se um fortalecimento de clubes da Serra e da Região Metropolitana, em detrimento das já citadas agremiações tradicionais da metade sul do estado. Os clubes daquela região que ainda conseguem participar com certa frequência da primeira divisão são o Brasil e o Pelotas, de Pelotas, e o São Paulo, de Rio Grande. O declínio desses times está diretamente vinculado, se analisarmos o histórico do campeonato, à unificação deste em uma divisão estadual, o que nos leva a crer que o formato anteriormente praticado, de enfrentamento entre os campeões regionais, acabava por beneficiar esses clubes, que chegavam até a fase final do Estadual sem enfrentar as equipes da região mais industrializada. O único clube da metade sul do estado a conseguir o vice-campeonato após 1961 é o Brasil de Pelotas, em 1983 e 2018. Os três interioranos campeões no torneio unificado são da Serra (Caxias e Juventude) e Região Metropolitana (Novo Hamburgo). Por outro lado, o Caxias, então Flamengo, teve a sua primeira participação no Estadual apenas em 1961, enquanto o Juventude, que havia chegado à fase final em 1925 e 1940, conseguiu seu título e seus sete vice-campeonatos após a unificação<sup>10</sup>.

Além disso, conforme já afirmamos, são poucas as pesquisas acadêmicas que têm como objeto o futebol caxiense. As dissertações de mestrado disponíveis foram desenvolvidas em programas de pós-graduação em Educação Física. Outras áreas do estado são objetos de pesquisa mais frequentes em História, como as cidades de Porto Alegre, São Leopoldo e Pelotas.

---

<sup>9</sup> Até 1960 o campeonato era disputado entre os vencedores regionais. A partir de 1961, clubes de todo o estado passaram a se enfrentar em uma divisão unificada, composta por 12 clubes.

<sup>10</sup> Outros vice-campeões interioranos na era unificada foram Esportivo, de Bento Gonçalves; 15 de Novembro, de Campo Bom; Ulbra, de Canoas; e Lajeadense, de Lajeado. Christian Ferreira Mackedanz (2016) comenta, em sua dissertação, sobre o protagonismo que os clubes da elite pelotense tiveram no futebol estadual no início do século XX, perdido ao longo dos anos paralelamente ao enfraquecimento da economia dessa cidade. Cf. MACKEDANZ, Christian Ferreira. **Racismo “nas quatro linhas”: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)**. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

Considerando essas questões, decidimos por desenvolver nossa pesquisa visando analisar os grupos dirigentes dos clubes de futebol profissional de Caxias do Sul. Quem são esses dirigentes? Como eles chegam a esses cargos dirigentes? Quais seus interesses e motivações ao assumirem cargos dirigentes em clubes de futebol profissional? Como são suas trajetórias enquanto dirigentes? São essas algumas das perguntas que guiam esse trabalho e as quais buscaremos responder ao longo dessa dissertação.

Do ponto de vista teórico, um conceito importante dentro da nossa pesquisa é o de elites, dentro do qual Matias Godio insere, conforme vimos anteriormente, os dirigentes de futebol. John Scott (2006) afirma que o termo é utilizado para referir-se aos grupos e pessoas que ocupam posições privilegiadas dentro da estrutura social, sendo assim um termo amplo, abarcando aquelas pessoas que possuem determinados privilégios, são influentes e dispõem de alguma forma de poder sobre outros grupos e pessoas. O termo é, assim, consideravelmente impreciso, apontando para uma “vasta zona de investigação científica cobrindo profissionais da política, empresários, legisladores etc., e não evoca nenhuma implicação teórica particular” (SCOTT *apud* HEINZ, 2006, p. 7). Ana Paula Hey (2017) também chama a atenção para a “relativa fluidez que o termo carrega no domínio das ciências sociais”, tendo em vista que “a definição de elites raramente seja explicitada pelos pesquisadores da área”. Essa autora aponta ainda para o uso indiferente de termos como “elite”, “classes dominantes”, “classes dirigentes”, “grupo dirigente” e “grupo dominante” para “definir grupos e atores que ocupam posições mais elevadas nas hierarquias sociais”. Ainda assim, Hey busca estabelecer uma definição conceitual, ainda que, segundo ela mesma, genérica: “adota-se aqui elites como aqueles que ocupam posições que lhes permitem ter o controle sobre recursos distintivos ou que gozam do acesso a esses recursos, independentemente se a unidade de análise constitui o indivíduo, o grupo ou a estrutura de relações” (HEY, 2017, p. 1-2). Essa imprecisão, entretanto, não configura necessariamente um empecilho para a pesquisa histórica, tal como afirma Flávio Heinz.

A noção de elite, pouco clara e seguidamente criticada por sua imprecisão, diz respeito acima de tudo à percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos. Se, em outros momentos, sua imprecisão conceitual pôde ser percebida como uma deficiência por cientistas sociais e historiadores ciosos em dotar suas análises de “consistência científica”, esta mesma imprecisão tornou-se doravante cômoda e, de certa forma, *instrumental*: de fato, um número crescente de pesquisadores encontra na noção de elite uma forma de se estudar os grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo em que evitam a rigidez inerente às análises fundadas sobre as relações sociais de produção (HEINZ, 2006, p. 7-8).

Dessa forma, a noção de elite, com sua considerável amplitude, mostra-se aqui apropriada para abordar o grupo de pessoas que teremos como objeto de pesquisa, já que este não se limita somente às características econômicas, mas também sociais: não somente empresários dos ramos industrial e comercial podem ser considerados como membros das elites na Caxias do Sul de meados do século XX. Advogados e médicos, por exemplo, também possuíam influência e privilégios sociais, algo demonstrado pelas notícias publicadas nos jornais da cidade que divulgavam formaturas de cursos superiores e a presença de caxienses nas turmas de formandos em medicina de universidades de outras cidades, como Porto Alegre. São pessoas como essas que constatamos serem atuantes dentro das direções dos clubes de futebol caxienses. Porém, além dessas características, o próprio pertencimento à diretoria de um clube de futebol pode ser considerado um critério para inserir o sujeito na categoria elite, tendo em vista que são essas as pessoas que detêm o poder localmente no sistema futebolístico, comandando as instituições das quais fazem parte e que integram esse sistema.

Valendo-nos aqui de termos cunhados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, nosso objetivo é analisar a estruturação dessa parte do campo esportivo dentro de um espaço limitado temporal e espacialmente. Considerando o contexto da cidade de Caxias do Sul, buscaremos compreender como funciona esse jogo pelo poder dentro do campo esportivo caxiense, prestando especial atenção às disputas por capitais entre esses dirigentes e de que forma capitais de outros campos têm impacto nesse campo dirigençial, que consideraremos, aqui, uma espécie de subcampo do campo esportivo. A análise das entrevistas realizadas nos confirma a hipótese, como veremos nos capítulos três e quatro, que seus capitais sociais e econômicos têm forte impacto nas disputas<sup>11</sup> e acesso ao poder dentro dos clubes.

Parece válido explorar melhor, aqui, os conceitos de campo e de capital. Rosa Maris Rosado (2009) coloca o campo como um espaço onde grupos, instituições e pessoas tomam posições distintas, tendo em vista que possuem propriedades e qualidades distribuídas desigualmente. Citando as palavras de Bourdieu, “campo é um jogo no qual as próprias regras estão em jogo” (BOURDIEU, 1996, p. 29). Chama a atenção que os campos não são totalmente autônomos, possuindo graus variados de autonomia e apresentando regras próprias de organização e hierarquização, com base nos seus capitais internos, interesses, estratégias e disputas.

---

<sup>11</sup> Conforme veremos adiante, talvez o termo “disputa” seja consideravelmente forte ou até mesmo inadequado para o que ocorre dentro do cenário futebolístico interiorano.

O capital, por sua vez, diz respeito às propriedades que atuam dentro do campo. É a posse de capital que define a posição do sujeito dentro do campo no qual ele está inserido. Existem diversos tipos de capital, como o econômico, o cultural, o social e o simbólico. O econômico está relacionado à posse de bens e dinheiro, no sentido dado pela ciência econômica. O capital cultural é um “conceito que explicita um tipo de capital, um novo recurso social, fonte de distinção e poder em sociedades em que a posse deste recurso é privilégio de poucos” (BOURDIEU, 1996, p. 32). Já o capital social é o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo” (BOURDIEU, 1998, p. 67). O simbólico, por sua vez, está relacionado a prestígio, fama e reputação, podendo assumir as formas de outros tipos de capital, caso seja objeto de reconhecimento e valorização dentro do seu respectivo campo (DARBILLY; KNOPP; VIEIRA, 2009, p. 24). Conforme veremos ao longo desse trabalho, os capitais social, econômico e simbólico parecem ser os de maior peso para um sujeito tornar-se dirigente de um clube de futebol caxiense.

O campo é, dessa perspectiva um *locus* de luta pela conservação ou subversão na distribuição do capital legitimado por cada campo. Assim, entende-se que os capitais tem seu valor dentro dos limites de cada campo e só podem ser convertidos em outra espécie de capital em circunstâncias específicas (TRIGO, 1998, p. 49).

Dessa forma, quais capitais estão em jogo dentro desse campo dirigencial? De que forma esses capitais econômicos e sociais são convertidos a fim de terem valor dentro do campo esportivo?

Ao refletir sobre a importância dos capitais e das relações internas do campo, a análise e compreensão dos processos de recrutamento dos dirigentes torna-se fundamental dentro de nosso trabalho. Odaci Luiz Coradini (1997) investiga essa temática, tendo como foco o recrutamento da elite médica gaúcha no século XX e as mudanças na composição social dos membros dessa classe profissional. Para delimitar essa elite regional, o autor recorreu à obra *Panteão médico rio-grandense*, por ele descrita como “a mais importante publicação coletiva de autoconsagração dessa elite” (CORADINI, 1997, p. 266), tendo tomado como documentação de análise os arquivos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição que possui o mais antigo e, segundo o autor, principal curso de Medicina do estado, responsável por formar a maior parte dessa elite. Para analisar o processo de recrutamento, Coradini observa alguns elementos, visando determinar quais os capitais sociais necessários para fazer parte dessa elite.

Entre os critérios analisados, o pesquisador selecionou as origens sociais, principalmente a profissão paterna, e as trajetórias escolares, ou seja, as instituições de formação anteriores à entrada na universidade. Coradini percebeu que os recursos necessários para a ascensão à posição de elite são majoritariamente externos à profissão durante o processo de institucionalização da medicina do estado. Atuação político-partidária, cargos na burocracia do Estado e das organizações de representação da classe, atuação como professor da Faculdade de Medicina, participações nas instituições culturais e reconhecimento adquirido no exercício da clínica são os elementos compreendidos como importantes para o indivíduo ascender à posição de elite (CORADINI, 1997, p. 270). Podemos perceber, dessa forma, elementos que podem contribuir em nossa análise, tendo em vista que não há uma institucionalização efetiva do cargo de dirigente de um clube de futebol. A dirigência não é uma profissão, conforme veremos no capítulo três dessa dissertação. Devemos analisar, portanto, quais são os capitais passíveis de ser convertidos, a fim de uma ascensão a um cargo dirigençial nas agremiações futebolísticas de Caxias do Sul. As redes de reciprocidade são fundamentais em nossa análise. Coradini também dá ênfase a elas, ao demonstrar que estas foram frequentemente acionadas pelos médicos do período estudado pelo autor, especialmente em “situações iniciáticas ou de ruptura [...], naqueles momentos da trajetória em que são necessárias reorientações de investimentos ou mesmo reconversões, tendo em vista o ingresso numa nova situação social e institucional” (CORADINI, 1997, p. 273). Para o ingresso como dirigente nos clubes caxienses, nos parece ser fundamental o acionamento dessas redes de reciprocidade. Será analisado, especialmente no capítulo três, como se estabelecem essas relações, de que forma elas são acionadas e sob quais condições.

Conforme veremos, os dirigentes, além de formarem uma elite pelos próprios cargos que exercem, costumam ser oriundos das classes mais abastadas da sociedade caxiense<sup>12</sup>. Esse elemento não é uma exclusividade do município da Serra. Luiz Demétrio Janz Laibida (2015) demonstra como o campo futebolístico paranaense está atrelado, ao longo de toda sua história, à “elite econômica, política e cultural do Estado” (LAIBIDA, 2015, p. 149). Investigando os fundadores e dirigentes relevantes dos principais clubes profissionais do Paraná desde o início no século XX, ele demonstra como os estratos dominantes da sociedade paranaense controlam o futebol regional. Cabe analisar, em nosso caso, quais são as formas de inserção das elites caxienses nos clubes da cidade.

---

<sup>12</sup> Quando não por nascimento, ao menos por profissão: empresários, médicos e advogados são a quase totalidade de nossos entrevistados. Alguns, inclusive, atuaram como professores na educação superior. Nossa afirmação dá conta somente, é claro, do período estudado.

Como fontes para trabalho nessa dissertação, lançaremos mão, principalmente, de um conjunto de doze entrevistas orais realizadas junto a ex-presidentes do Esporte Clube Juventude, do Grêmio Esportivo Flamengo/Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul e da Associação Caxias do Sul de Futebol, selecionados aqueles que atuaram entre os anos de 1968 e 1989. Ressaltamos, aqui, que nosso objetivo não é escrever uma história oral dos dirigentes dos clubes caxienses. Objetivamos tão somente utilizar as entrevistas orais como um recurso, como uma fonte, a principal delas, para o desenvolvimento do nosso trabalho. Obviamente, porém, elementos da metodologia da história oral guiarão nossa pesquisa, pois são adequados às fontes das quais lançaremos mão. Além dessas entrevistas, utilizaremos também, em determinados momentos, outras fontes, como a imprensa caxiense do período e obras que temos disponíveis sobre a história dos clubes de futebol que temos como objetos, as quais serão aqui tomadas como fontes, sendo analisados seus discursos, suas construções e, também, as suas finalidades, tendo em vista que são obras que podem ser tomadas como a história oficial dos clubes<sup>13</sup>.

Nesse momento, acreditamos ser relevante explicar os passos metodológicos adotados em nossa pesquisa. Tomo a liberdade, portanto, para adotar a escrita em primeira pessoa, tendo em vista que o processo aqui relatado envolve a minha atuação pessoal como pesquisador e o contato direto com os depoentes e intermediários. Desde o início do mestrado, minha ideia era trabalhar com depoimentos orais recolhidos junto a dirigentes dos clubes caxienses. Tendo esse objetivo em vista, busquei contato com alguns deles já na elaboração do projeto de dissertação, no final de 2017. Esse contato foi feito por meio de algumas pessoas, as quais foram fundamentais para o andamento dessa pesquisa. O primeiro deles é o escritor Gustavo Côrtes, do qual falaremos sobre as obras escritas acerca do futebol caxiense. Foi ele quem primeiro me passou os telefones de alguns dos dirigentes do Caxias e do Juventude, sendo facilitado o contato com outra pessoa que, além de depoente, foi fundamental para o acesso a outros entrevistados: Alfredo Sehbe. Fui muito bem recebido por Sehbe, que, além de estar aberto à entrevista, estabeleceu contato com outros ex-presidentes do clube que entrevistamos<sup>14</sup>. Os contatos de Carlito Chies, de Adelar Santarém, de Sérgio Tomazzoni e de Paulo Zugno também foram conseguidos através de Sehbe, que chegou a ser presidente do Conselho Consultivo do

---

<sup>13</sup> Veremos mais sobre esses livros no capítulo dois dessa dissertação. No entanto, vale ressaltar aqui que os mais recentes deles foram obtidos junto aos próprios clubes, que inclusive vendem essas obras em suas lojas de produtos oficiais, localizadas junto aos respectivos estádios.

<sup>14</sup> Sua empolgação com a pesquisa foi tamanha que insistiu para que eu entrevistasse os presidentes do período mais vitorioso do clube, Gastão de Oliveira Brito, campeão gaúcho em 1998, e Milton Scola, campeão da Copa do Brasil em 1999. Infelizmente, pela limitação de tempo do mestrado, isso não foi possível. Está aberto o caminho, no entanto, para novas pesquisas sobre o mesmo objeto.

Esporte Clube Juventude, formado pelos ex-presidentes da instituição, e inclusive avisava seus colegas de clube sobre o meu futuro contato. Por meio de Côrtes, também tive contato com Vicente Gallicchio, o qual foi defensor da fusão e atuante na Associação Caxias de Futebol, sendo este o único entrevistado que não chegou à presidência de seu clube<sup>15</sup>. O contato de Gilson Tonet me foi passado por Sérgio Tomazzoni.

Fundamental para o acesso aos ex-presidentes do Caxias foi Jorge Roth, funcionário do Clube Grená. Através de Roth consegui os contatos de Gastão de Oliveira, Milton Sérgio Bertelli, Mário Ruaro De Meneghi e Cláudio Eberle. O contato de Renato Zuco foi conseguido através do site de seu escritório de advocacia. O recorte temporal, aliás, foi definido por questões metodológicas, sendo um período adequado para ser trabalhado durante o mestrado, e pelas profundas mudanças ocorridas durante esse momento histórico do futebol de Caxias do Sul, onde há uma união entre os dois clubes, incentivada pelas classes empresariais da cidade, e o fim dessa fusão nos lega duas das principais estruturas esportivas do interior do Rio Grande do Sul, ocasionando, inclusive, a mudança de nome de um dos dois históricos clubes. O final desse período, aliás, é o início de outra profunda transformação no campo esportivo profissional de Caxias do Sul: a parceria entre a Parmalat e o Juventude, ocorrida em 1993. O lapso temporal entre 1989 e 1993 explica-se pelo fato dos presidentes do Juventude que sucederam Paulo José Zugno e antecederam Marcos Cunha Lima, presidente do Juventude quando da chegada da Parmalat, já serem falecidos<sup>16</sup>. De qualquer forma, os presidentes alviverdes da década de 1980 que foram entrevistados estavam presentes no clube quando da efetivação da parceria, o que faz com que esse período seja por diversas vezes citado nas entrevistas.

Voltando aos nossos depoentes, alguns contatos foram feitos no final de 2017, visando analisar a viabilidade da pesquisa. Entre as sete pessoas contatadas, seis concordaram em ceder seus depoimentos e uma estava em viagem. Esses contatos acabaram por ser retomados no ano de 2019, tendo em vista que 2018 foi o ano do cumprimento de créditos obrigatórios do mestrado. Decidi contatar, primeiramente, um dos que mais me pareceram receptivos quando dos primeiros contatos: Alfredo Sehbe. A reação dele ao novo telefonema acabou por ser até surpreendente: prontamente se disponibilizou a me levar ao estádio Alfredo Jaconi para conhecer o acervo do clube, localizado debaixo das arquibancadas, além de me guiar pelos

---

<sup>15</sup> Gallicchio não presidiu nenhum dos clubes estudados, mas foi presidente do Clube Juvenil entre 1979 e 1980. Cf. CLUBE JUVENIL. **Presidentes**. Disponível em: <https://www.juvenil.org.br/o-clube/presidentes>. Acesso em: 30 maio 2020.

<sup>16</sup> Idem para os presidentes grenás do período.

setores administrativos do estádio<sup>17</sup>. A primeira parte da entrevista ocorreu na mesma semana do contato, no salão de festas do prédio onde mora, no bairro Madureira, em Caxias do Sul. Com outros ex-presidentes, receptividade semelhante: as entrevistas ocorreram, geralmente, na mesma semana do contato telefônico. A primeira impressão que ficava era de um orgulho dos depoentes em relação ao seu passado e, também, a vontade de deixar esses depoimentos para a posteridade. Ficou visível, para mim, que minha posição de pesquisador acadêmico abriu as portas para as entrevistas, algo declarado por Gallicchio quando de nossa conversa. O entusiasmo de alguns dos depoentes em relação à pesquisa foi perceptível, sendo que, inclusive, alguns agradeceram pela oportunidade de falar sobre seu clube do coração e sua história dentro da instituição.

Foram entrevistados os seguintes ex-presidentes: do Flamengo/Caxias, Gastão de Oliveira (1968-1971), Milton Sérgio Bertelli (1974), Renato Domingos Zuco (1981) e Mário Ruaro De Meneghi (1987-1988). Do Juventude: Carlito Eugênio Chies (1977/1983/1996-1997), Alfredo Sehbe (1978)<sup>18</sup>, Adelar Santarem (1980), Gilson Luiz Tonet (1986), Sérgio Tomazzoni (1987) e Paulo José Zugno (1989). Também foram entrevistados Cláudio Alberto Muratore Eberle, presidente da Associação Caxias entre 1972 e 1973, e Vicente Gerardo Gallicchio, vice-presidente do Juventude em 1971 e membro do departamento médico do Caxias em 1976. Utilizamos um roteiro básico para todas as entrevistas, delimitando os pontos que viriam a ser tratados. Não nos limitamos somente ao planejamento, deixando aberta a possibilidade para o depoente abordar temas não previstos anteriormente. Os roteiros utilizados nas entrevistas de Cláudio Eberle e Vicente Gallicchio tiveram adaptações, considerando as características específicas da participação de ambos no futebol local. Os depoimentos tiveram, em média, entre uma e duas horas de duração, sendo que o menor teve dezessete minutos de gravação e, o maior, duas horas e quarenta e seis minutos.

Algo que deve ser destacado sobre esse processo de produção das entrevistas são as notórias diferenças entre o pesquisador e os entrevistados. A diferença mais visível talvez seja a idade: eu, aos vinte e quatro anos, fui em busca da coleta de depoimentos de pessoas que estão na casa dos setenta e dos oitenta anos. Essa questão certamente impactou na relação estabelecida entre os depoentes e o pesquisador. Porém, algo que talvez não fique explícito ao longo dessa dissertação é a diferença de classe entre a maior parte dos entrevistados e o

---

<sup>17</sup> A iniciativa teve claramente a intenção de mostrar o Juventude como um clube vencedor, detentor de uma rica história no futebol local e, claro, corroborar a sua narrativa sobre o Alviverde ser a mais importante agremiação esportiva da cidade.

<sup>18</sup> Único cuja entrevista foi feita em duas sessões. Pelo fato da segunda ter dado seguimento ao roteiro, mesmo com meses de distância entre ambas, consideramos como uma entrevista apenas.

pesquisador: os primeiros são, conforme veremos, em sua maioria empresários, médicos, advogados. Eu sou filho de um metalúrgico e uma costureira. Esse distanciamento social e geracional certamente impactou na geração das fontes, pois deve-se considerar que as diferenças de crenças pessoais e visões de mundo são notórias. A realização das entrevistas envolveu a aproximação entre o pesquisador e pessoas distintas ao seu círculo social. Entretanto, conforme afirmei antes, acredito que a posição de estudante de pós-graduação, de pesquisador, facilitou a abertura das portas para a realização das entrevistas. Não podemos deixar de lado, também, a relevância que o gênero teve para isso: ser um pesquisador homem certamente facilita consideravelmente o acesso a grupos de poder do campo esportivo.

As fontes orais serão tomadas visando analisar a história a partir da experiência daqueles que a viveram. Nosso objetivo não é buscar um repositório de fatos, mas, sim, compreender os processos a partir das experiências, entender os meandros da direção de um clube de futebol a partir do vivido, do relato privilegiado dos atores históricos. Essas fontes são fundamentais para o estudo da chamada história do tempo presente<sup>19</sup>. A partir de depoimentos orais, é possível obter dados e informações que documentos escritos não possuem (MATOS; SENNA, 2011, p. 101). Além disso, seu estudo revela crenças, imaginários, intenções, enfim, proporciona uma vivacidade à pesquisa que é um aspecto particular desse tipo de fonte. Sua principal característica é estar intimamente ligada à memória, tanto individual como coletiva, o que permite desnudar a história inclusive dos grupos que foram por muito tempo marginalizados pela historiografia acadêmica. O uso de fontes orais na pesquisa histórica é recente, fortalecendo-se a partir da década de 1980, com o “retorno” do político e a revalorização do papel do sujeito no estudo da história (FERREIRA, 2002, p. 324).

Outra particularidade da metodologia da história oral é a geração de documentos, os quais possuem a singular característica de serem fruto de um diálogo entre o sujeito/entrevistador e seu objeto de estudo/entrevistado. Dessa forma, não há um distanciamento objetivo e rígido entre ambos, de forma que a subjetividade, as emoções e o cotidiano do entrevistado estão presentes na prática histórica (FERREIRA, 2012, p. 171-172). Além disso, por serem o resultado do relato de memórias, as fontes orais caracterizam-se por serem fontes narrativas, de forma que a construção e a organização do discurso tornam-se objetos de estudo valorizados pelo historiador (FERREIRA, 2012, p. 172).

---

<sup>19</sup> Sobre os debates acerca da história do tempo presente, cf. MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 21-36.

É importante ressaltar que a participação dessas pessoas na pesquisa é direta e intencional, de forma que seus relatos passam por diversos filtros e não são, obviamente, uma narrativa neutra dos processos nos quais os depoentes estiveram envolvidos. Se há intenções e objetivos de parte do pesquisador, também há intenções e objetivos de parte daqueles que dedicaram algumas horas de sua vida para relatar suas histórias, sua participação em determinados acontecimentos, sua versão dos fatos. Nossa finalidade não é buscar uma verdade absoluta e identificar possíveis mentiras nesses discursos, mas sim entender como se constrói a narrativa estabelecida pelas pessoas que foram entrevistadas. É importante, por isso, estar atento a mecanismos utilizados pelo depoente para buscar conduzir a entrevista, algo recorrente quando o entrevistado é oriundo de uma posição de elite, por exemplo. Conforme afirma Hernán Ramírez (2010), membros das elites “constroem uma imagem pública de si mesmos” (RAMÍREZ, 2010, p. 23), colocando-se como protagonistas de sua narrativa e estando cientes que estão relatando para a História, não para uma simples reportagem jornalística. Dessa forma, essas pessoas, conscientes de sua posição social e, conseqüentemente, acostumadas à exposição pública, podem ser mais efetivas na tentativa de demonstrar sua versão dos fatos como o relato fiel e verdadeiro do processo histórico.

Entendemos que todos os elementos que perpassam uma entrevista têm algum significado, intencional ou não. Assim sendo, até mesmo o local escolhido pelos depoentes e a forma como o pesquisador é recebido se relacionam com o contexto de pesquisa. A entrevista é um processo complexo, não estando restrita ao mero momento de ligar o gravador e obter narrativas de pessoas que testemunharam ou foram atores nos processos históricos que estamos estudando. Conseqüentemente, na medida do possível, buscamos analisar também as “escassas situações etnográficas” (ROCHA, 2013, p. 22) que foram observadas durante as entrevistas.

O Manual de História Oral de José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) traz algumas reflexões e conceitos importantes para pensarmos sobre as relações entre história oral, memória e narrativa. Esse autor afirma que “toda narrativa tem um conteúdo de passado” (MEIHY, 2005, p. 61). Entretanto, é necessário haver uma distinção entre memória individual e memória coletiva, feita por ele dessa forma: “a memória pessoal é biológica e psicológica, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente” (MEIHY, 2005, p. 61). Essa distinção e a relação entre elas é essencial para o nosso objeto de estudo, tendo em vista que o pertencimento clubístico envolve necessariamente uma memória coletiva: memória dos ídolos, das grandes vitórias do passado, dos títulos, da fundação do clube, da construção do estádio etc. Buscaremos analisar até que ponto elementos dessa memória coletiva, também chamada por Meihy de memória grupal, estão presentes nos discursos dos ex-presidentes entrevistados. A análise dos

livros que contam a “história oficial” dos clubes pode contribuir para a identificação desses elementos, especialmente entre os dirigentes do Juventude, conforme veremos no próximo capítulo dessa dissertação acerca da relação entre o autor Francisco Michielin e o Alviverde.

Conforme Meihy, o vínculo entre a história oral e a questão da memória é importante, pois a própria narrativa tem origem na memória.

O que foi lembrado, como foi narrado, em que circunstância foi evocado o fato: tudo isso integra a narrativa, que sempre nasce na memória e se projeta na imaginação, que, por sua vez, depois de articular estratégias narrativas, se materializa na representação verbal que pode ser transformada em fonte escrita (MEIHY, 2005, p. 61)

De tal forma, conforme afirmamos anteriormente, a narrativa não se restringe ao conteúdo da fala do depoente. O contexto e a circunstância dentro da qual o fato é narrado e o que leva o depoente a narrar esse fato são elementos importantes de análise na fonte oral, que tem na memória a sua própria fonte. Conforme afirma o autor, a narrativa baseada na memória não tem como fonte um documento escrito, sendo mutável e tendo diversas variações e nuances, como a ênfase, a entonação, os silêncios e disfarces. Meihy enfatiza que memória e história não devem ser confundidas, sendo a memória “um suporte para as narrativas de história oral” (MEIHY, 2005, p. 62). Desse modo, esse autor coloca que a história oral faz uma mediação entre a memória e a história ou as chamadas por ele disciplinas irmãs, como a Sociologia e a Antropologia.

Quando trabalhamos com fontes orais, utilizamos o documento transcrito para consulta, análise e posterior escrita do artigo, tese e, em nosso caso, dissertação. Nesse momento, considero relevante comentar sobre uma experiência pessoal na transcrição e posterior trabalho com as fontes: a dificuldade de colocar no papel as nuances da fala, as particularidades da expressão oral humana. É fato reconhecido entre os historiadores e já explicitado por diversos autores as diferenças entre documento gravado e documento escrito, gerando inclusive debates: qual o verdadeiro documento gerado pela operação da história oral, a transcrição ou a gravação? No entanto, o trabalho com as fontes dá a verdadeira proporção da dificuldade. Uma palavra entre parênteses ou colchetes, como um “[risos]” ou “[emoção]” não traz a real dimensão da fala. Além disso, cada depoente possui um ritmo de fala, de forma que alguns narram como se tivessem preparado o discurso e estivessem lendo, enquanto outros produzem um depoimento todo entrecortado por silêncios característicos de quem busca as palavras, algo impossível de colocar no papel. No entanto, o trabalho direto com a gravação mostra-se totalmente inviável em nossas condições de pesquisa e tempo, o que nos leva ao

recurso da transcrição, apesar de todas as suas limitações e diferenças em relação ao suporte original. Em seu texto, Meihy comenta sobre os cuidados necessários durante a transcrição, tendo em vista que a dinâmica da narrativa é perdida quando torna-se documento escrito. Segundo o autor, “a escrita “congela” o processo de mudança da fala e lhe garante uma outra vida, independente da continuidade de sua fluidez oral” (MEIHY, 2005, p. 77). De tal forma, o autor indica que até mesmo o uso da palavra memória deve ser visto com cuidado quando aplicamos à transcrição, considerando-se a perda dessa força de mudança, dessa dinâmica característica do relato oral. “A principal característica da memória oral é seu dinamismo e sua capacidade de mudar. Vertida para documento escrito, a liberdade de mudança fica anulada” (MEIHY, 2005, p. 78).

Conforme vemos, o trabalho com documentos orais envolve necessariamente a memória, de forma que é importante fazer considerações sobre essa questão. A memória não é algo estático, imóvel, que não sofre alterações. A memória é seletiva e, mesmo quando individual, está intimamente ligada à memória coletiva (MATOS; SENNA, 2011, p. 97). “A memória envolve uma relação entre a repetição e a rememoração” (FERREIRA, 2012, p. 175). Isso ocorre também em relação a clubes de futebol: o processo de fundação, os ídolos do passado e os jogos marcantes sempre são rememorados tanto pela torcida quanto pela mídia, geralmente de forma romanceada, mesmo quando poucas pessoas ainda vivas estiveram presentes como testemunhas. Claro que a problemática da memória será aqui considerada, tendo em vista que trabalharemos privilegiadamente com depoimentos orais. Meihy (2005) define memória da seguinte forma.

Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais. As memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas. A independência delas se explica pela capacidade de individuação. No entanto, é preciso deixar claro que a memória individual, para a história oral, só tem sentido em função de sua inscrição no conjunto social das demais memórias. Ela não existe além da biologia como um fenômeno socialmente autônomo. Com isso, afirma-se que toda memória tem índices sociais que a justificam. É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que explicam ou não o significado do repertório de lembranças armazenadas (MEIHY, 2005, p. 63).

Márcia Maria Menendes Motta (2012), ao abordar as relações entre a memória e a história do tempo presente, ressalta que a memória é produzida a partir de lembranças vagas, contraditórias e sem uma crítica das fontes que a produzem. Essas lembranças são retiradas do passado a partir de demandas do próprio presente, de forma que a memória é “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (NORA *apud* MOTTA, 2012, p. 25). Dessa

forma, deve-se ter atenção e cuidado com o contexto no qual essa memória está sendo relatada, seja por meio oral ou escrito, já que é esse contexto que dará sentido à memória construída. Além disso, o poder social do grupo que detém a memória coletiva deve ser considerado, já que as forças sociais do presente também influenciam na forma como lembramos do passado (FERREIRA, 2012, p. 175).

A memória é, ainda, um importante meio para a construção da identidade de um grupo, o que também ocorre, conforme já citado, em relação aos clubes de futebol. Chama a atenção o fato de não somente os grandes atletas do passado terem seus nomes marcados na história oficializada por um clube; alguns dirigentes também acabam ficando na memória coletiva compartilhada entre os torcedores. Podemos dar dois exemplos dentro de nosso objeto de estudo: os presidentes Francisco Stédile, do Caxias, e Alfredo Jaconi, do Juventude. Ambos possuem grande importância para a memória dessas instituições, de forma que o estádio de cada clube tem oficialmente o nome do respectivo presidente.

Outro elemento importante a ser pontuado sobre a memória é o fato dela ser construída não apenas por lembranças, mas também pelos esquecimentos, já que uma memória é formada a partir de fatos selecionados e retirados do passado. Esses processos de esquecimento ou lembrança não são escolhas somente individuais, mas também coletivas (MOTTA, 2012, p. 28). Vale ressaltar que esses esquecimentos são necessários, já que “sem o esquecimento, a memória humana é impossível” (MENEZES *apud* MOTTA, 2012, p. 28).

Além dos depoimentos orais, outras fontes foram utilizadas pontualmente durante a pesquisa. Entre elas, podemos citar os estatutos e regimentos internos mais recentes dos clubes<sup>20</sup>, sites de instituições como os próprios clubes e sindicatos patronais e, também, a imprensa local. Dentre os periódicos que circularam no período estudado, foram selecionados o Pioneiro e o Jornal de Caxias, tendo em vista que foram aqueles que mais se dedicaram à cobertura esportiva local. O Pioneiro foi fundado em 04 de novembro de 1948 por membros da antiga Ação Integralista Brasileira, então reunidos sob o Partido de Representação Popular. Politicamente ligado aos integralistas, inicialmente se opunha aos comunistas e trabalhistas e buscava a valorização do que considerava como raízes socioculturais de Caxias do Sul. Durante a Ditadura, adotou postura claramente favorável ao regime. (POZENATO; GIRON, 2004, p.

---

<sup>20</sup> Buscamos por outros documentos internos junto aos próprios clubes e ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, mas não obtivemos êxito: a documentação dos clubes tem acesso restrito e o Arquivo Municipal conta tão somente com documentação oriunda da Liga Caxiense de Futebol, instituição responsável somente pelo futebol amador local a partir de 1954. Logo, quando abordamos os processos de recrutamento desses dirigentes, estamos falando sobre elementos a partir da trajetória pessoal dessas pessoas, não sobre os processos burocráticos dos clubes, sobre os quais temos apenas hipóteses.

114 e 139-140). Sua periodicidade era semanal até 1987, quando tornou-se diário. Hoje, é o principal jornal diário da cidade e pertence ao grupo RBS.

O Jornal de Caxias pertencia à Ordem dos Capuchinhos. Entretanto, sua linha editorial foi considerada renovadora quando do seu surgimento. Circulando entre 03 de março de 1973 e 25 de maio de 1987, durante a década de 1970 era aberto aos intelectuais que não tinham espaço no Pioneiro, sendo dirigido por jornalistas mais jovens e com ideias consideradas mais abertas. De periodicidade semanal, foi vendido para o Pioneiro em 1980 e fechado quando este tornou-se diário (POZENATO; GIRON, 2004, p. 139-140).

Em “História dos, nos e por meio dos periódicos”, Tania Regina de Luca (2009) comenta que, na década de 1970, a utilização de periódicos como fonte histórica ainda era realizada em número reduzido, não apenas no Brasil. A autora lembra que a abertura para que esses veículos fossem utilizados como fontes veio a partir da Terceira Geração dos *Annales* e sua renovação temática, aliada ao já citado “retorno” do político e ao fortalecimento da História Cultural. Segundo a autora, “as renovações no estudo da História Política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder” (LUCA, 2009, p. 128).

O historiador deve ter uma série de cuidados ao trabalhar com a imprensa como documento histórico. Gerson Wasen Fraga (2009) chama a atenção para o fato do texto jornalístico tratar-se de uma criação do seu autor, refletindo um ponto de vista sobre determinado acontecimento, não a sua verdade absoluta. Entretanto, a sociedade do período, ou ao menos uma parte dela, pode encarar essa leitura pessoal como um “retrato fiel da verdade” (FRAGA, 2009, p. 35), já que o texto não possui a preocupação de deixar clara a impossibilidade de retratar o exato acontecido.

Fraga chama a atenção também para as dimensões ideológica e pedagógica do texto jornalístico. A ideológica trata-se da característica do texto de dar sentido à realidade partindo de uma determinada leitura desta, de forma que exista a possibilidade de influenciar o público leitor. Dessa forma, os jornais seriam “instrumentos ideológicos de poder” (FRAGA, 2009, p. 36). Já a dimensão pedagógica seria a capacidade desse texto de “educar” o público a partir dessa visão de mundo, de forma que a sociedade passe a ver determinadas ideias e comportamentos como corretos e aceitáveis.

No trabalho com esses documentos, Fraga ressalta a necessidade de o pesquisador realizar um “mergulho intensivo nas fontes” (FRAGA, 2009, p. 39): o historiador deve cuidadosamente buscar aqueles conceitos e posicionamentos que se mostram de maneira mais frequente ao longo das edições que serão o material de estudo, além de investigar a possível

relevância do que aparenta estar presente apenas ocasionalmente. Além disso, o historiador deve ter em mente que o texto ali escrito não é direcionado a ele, colocando-se dessa forma como um leitor anacrônico do impresso utilizado, buscando contextualizar seu material através de uma pesquisa bibliográfica (FRAGA, 2009, p. 40).

Abordaremos, agora, a divisão dos capítulos. O capítulo inicial partirá de um contexto geral, colocando nosso objeto de pesquisa em seu espaço e seu tempo. Nele, buscaremos analisar brevemente a própria cidade de Caxias do Sul desde o início do século XX, quando surgem os primeiros clubes de futebol, até a segunda metade do século XX, que é o foco do nosso estudo. Serão abordados nesse capítulo, também, os livros considerados como a história oficial dos clubes de Caxias. Analisaremos quatro obras, sendo duas dedicadas a cada clube. As fontes utilizadas serão principalmente bibliográficas. O objetivo é pintar o cenário onde aparecem os personagens de nossa história, compreendendo as condições históricas de estabelecimento dos clubes e de seus dirigentes.

No capítulo seguinte, analisaremos a rede de relações e as formas de acesso aos cargos dirigenciais, buscando compreender o que é importante para tornar-se dirigente e quais os caminhos feitos para isso. Exploraremos a importância e a construção de elementos que aparecem frequentemente nas falas dos nossos depoentes, como a família, as amizades e as relações profissionais. A análise estará centrada, aqui, na dinâmica interna do clube a partir dos relatos orais de nossos depoentes, buscando entender como ocorrem esses processos a partir da ótica dos dirigentes. As fontes aqui serão os depoimentos orais e, pontualmente, a imprensa.

No último capítulo, analisaremos como essa participação no clube tem impacto na posição social desses dirigentes. Faremos o caminho inverso do capítulo anterior: enquanto no segundo a análise é da sociedade para dentro do clube, aqui a ênfase será na posição social a partir do clube. Focaremos, nesse momento, na construção do relato, buscando compreender a produção da imagem que o dirigente faz de si mesmo a partir da sua posição. Investigaremos, dentro disso, a visão dos dirigentes acerca do futuro dos clubes e do futebol da cidade e o legado que eles concebem ter construído a partir de suas posições de comando. Da mesma forma que no capítulo anterior, tomaremos como fontes os depoimentos orais e a imprensa.

## 2 ROLA A BOLA: CAXIAS DO SUL E O FUTEBOL

O espaço no qual transcorre o processo que estudaremos nessa pesquisa é a cidade de Caxias do Sul. Neste capítulo, procuraremos analisar brevemente o desenvolvimento histórico da cidade, tendo em vista a compreensão do contexto dentro do qual surgem os clubes de futebol e seus dirigentes, que serão o objeto de análise dessa dissertação. Investigaremos também a chegada e do desenvolvimento do futebol em Caxias, atentando não somente para as agremiações que temos como objeto, mas também para os clubes já extintos que tiveram importância histórica para o desenvolvimento dessa modalidade esportiva na cidade. Por fim, analisaremos os livros que já foram escritos sobre a história dos dois clubes que estudamos, procurando compreender seu contexto de produção, quem são seus autores e quais seus objetivos ao elaborar tais obras.

### 2.1 A cidade

A data oficial de criação da Colônia Caxias é 9 de fevereiro de 1870, quando o governo imperial cede à Província as terras onde inicia, neste momento, a demarcação da região colonial (GIRON, 1977, p. 23). A imigração efetiva inicia, porém, em 1875, data que pode ser considerada como a fundacional da cidade, na qual se estabelecem os primeiros imigrantes italianos no território.

O processo de imigração tem íntima relação com os problemas sociais e econômicos vividos pela Itália oitocentista e com a falta de mão de obra no Império brasileiro. A extinção do tráfico de escravizados dificulta o abastecimento da mão de obra que mantém a agricultura, base da economia do país naquele momento. O fim do tráfico é um acontecimento que ocorre no processo que culmina na abolição da escravidão, em 1888. A política imigratória é, dessa forma, um meio de substituir essa mão de obra escravizada, que tinha sido a base da economia da América Portuguesa desde o início da colonização, no século XVI. Não deixamos de considerar, é claro, o objetivo de *embranquecer* a população brasileira, baseado nas teorias eugenistas correntes no período. Segundo Giron (1977), o Brasil de 1800 possuía apenas um terço de sua população branca, de forma que a imigração de populações europeias possibilitaria,

dentro dessas teorias racistas, o progresso do país, que estaria sendo atravancado pela grande presença de negros, mestiços e indígenas<sup>21</sup>.

Lorraine Giron afirma que foram dois os processos pelos quais se deu a introdução dessa mão de obra livre, oriunda do Velho Continente: a colonização e a imigração. A segunda foi destinada ao estado de São Paulo, visando suprir a mão de obra escravizada nas fazendas de café. A primeira foi o processo ocorrido no Rio Grande do Sul, visando povoar o estado e aumentar a sua produtividade. É nesse contexto que ocorre a colonização do território da atual Serra Gaúcha, onde surge a povoação que é, atualmente, a cidade de Caxias do Sul.

A Itália, por sua vez, país do qual eram oriundos a maior parte dos imigrantes que originam a cidade, passava por problemas tanto de ordem política como econômica e social, fatores que foram determinantes para a emigração das pessoas que foram destinadas ao Brasil. Os problemas políticos advêm das guerras pela unificação da Península Itálica, visto que as questões territoriais entre Itália e Áustria têm solução apenas após a Primeira Guerra Mundial, causando dificuldades para os seus habitantes (GIRON, 1977, p. 19). Os problemas econômicos estavam baseados na falta e concentração de capital e de terras, que geravam desemprego e empregos de baixa remuneração. Tudo isso tinha reflexos sociais, como a miséria, agravada pela expansão demográfica. Dessa forma, a imigração foi um processo incentivado pelo governo italiano, incapaz de resolver os graves problemas que enfrentava (TESSARI, 2013, p. 27).

Politicamente, Giron divide a história de Caxias do Sul em três fases: a primeira é a colonial, entre 1875 e 1884, na qual o território é dirigido pela Comissão de Terras. É nesse período que a região passa a ser denominada Colônia Caxias, em 1877. Já a segunda é a fase distrital, entre 1884 e 1890, sendo a administração dividida entre o município de São Sebastião do Caí e a Comissão. A terceira inicia em 1890, com a criação do município, ocorrida em 20 de junho. Até 1894 a administração continuava dividida entre a Intendência Municipal e a Comissão, ficando a cargo somente do município a partir de então (GIRON, 1977, p. 69-72). A elevação à categoria de cidade, no entanto, ocorre apenas em 1 de junho de 1910, na mesma data da chegada da estrada de ferro (GIRON, 2010, p. 330).

O regime adotado na colonização do Rio Grande do Sul foi o da pequena propriedade. Segundo Vania Herédia (2010), a Colônia Caxias foi a terceira implantada pelo Império na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (HERÉDIA, 2010, p. 116). A produção agrícola

---

<sup>21</sup> Cf. GIRON, Lorraine Slomp. **Caxias do Sul**: evolução histórica. Caxias do Sul, RS: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 1977, p. 21.

era diversificada e a colônia apresentou rápido crescimento econômico, comparada às demais colônias. Oficinas e pequenas indústrias surgem, tornando-se Caxias, desde o princípio, um centro agrícola e comercial. Cooperativas vinícolas foram instaladas, fortalecendo a produção de vinho local, que logo obteve destaque na economia do estado. Herédia comenta esse processo de industrialização, enfatizando a importância das experiências já existentes entre os colonos vindos do Velho Continente, da propriedade e da mão de obra familiar.

A evolução da indústria na região de colonização italiana, no Nordeste do RS, reflete as condições econômicas que os imigrantes utilizaram para construir a riqueza. O êxito dessa evolução aponta para os fatores que determinaram o crescimento desse setor. Além da mão de obra familiar e da existência de uma relação de parentela estabelecida pela colonização agrícola, os colonos acreditavam na possibilidade de fazer riqueza pela condição que haviam adquirido de ser proprietários. Havia rompido o circuito da pobreza pela relação com a propriedade, e esse estímulo desenvolvia o espírito de luta, marcado pela dedicação ao trabalho e pela crença na vitória. Terras, trabalho, propriedade, mão de obra, mercado, enfim possuíam as condições para o trabalho e tudo precisava ser feito. O que os diferenciava é que, por detrás dessa vontade de vencer, existia uma bagagem histórica de experiência no outro lado do oceano, que lhes permitia visualizar o processo de construção da nova cultura (HERÉDIA, 2010, p. 124).

A economia de Caxias do Sul se desenvolve durante o século XX. A cidade é marcada, atualmente, pelo seu moderno parque industrial, um dos mais desenvolvidos do estado. Vania Herédia (1999, 2014) pontua que o comércio na vila de Caxias estava em desenvolvimento já no final do século XIX e que, em 1920, “a indústria já fazia de Caxias um dos principais centros produtores do estado” (HERÉDIA, 1999, p. 398-399). Após o final da Segunda Guerra Mundial, o número de indústrias de importância nacional tornava a cidade conhecida, graças a transformações ocorridas no parque industrial durante a década de quarenta, que encaminharam a tradicional indústria rumo a uma modernização tecnológica. Muitas dessas indústrias foram, inclusive, declaradas de interesse nacional durante a guerra, como as Indústrias Metalúrgicas Abramo Eberle e Gazola Travi (HERÉDIA, 2014, p. 104 e 107).

A partir da metade do século XX, o ramo industrial da cidade passa por um processo de diversificação, com o fortalecimento das indústrias mais dinâmicas a partir das décadas de 1960 e 1970.

Em 1975, Caxias já apresentava um definido parque industrial onde predominava as indústrias metal-mecânica com a fabricação especialmente de implementos agrícolas, de transporte, motores e produtos metalúrgicos e autopeças. A indústria alimentícia se modernizou e a indústria têxtil sofreu um período de recuo, não perdendo seu papel importante na indústria gaúcha (HERÉDIA, 1999, p. 400).

Esse desenvolvimento industrial proporciona o crescimento da cidade e o interesse no investimento na formação profissional. Dessa forma, além do fortalecimento da educação básica e de cursos profissionalizantes, os primeiros cursos de nível superior são criados na cidade na virada dos anos 1950 para 1960. Surgem as faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia, ligadas à Mitra Diocesana, a Escola de Enfermagem e a Faculdade de Direito, ligadas a instituições privadas e a Escola de Belas-Artes, ligada à Prefeitura Municipal. Essas instituições são o embrião da Universidade de Caxias do Sul, fundada em 1967 com a associação das faculdades isoladas (HERÉDIA, 2014, p. 128-131). Dessa forma, a própria cidade passa a proporcionar a formação intelectual da sua elite cultural, o que causa impacto na sociedade caxiense. Além dos cursos já mencionados, outros são criados já dentro da UCS, como o curso de Medicina em 1968.

Esse contexto histórico guarda íntima relação com a história do futebol profissional caxiense. A presença de proprietários de indústrias e estabelecimentos comerciais nos corpos diretivos e deliberativos dos clubes de Caxias do Sul é notável ao longo da história de ambas as agremiações. O patrono da SER Caxias é Francisco Stédile, que foi proprietário de algumas das principais empresas metalúrgicas da cidade: Agrale, Lavrale e Fras-le<sup>22</sup>. Já o Juventude teve como presidente nos anos 1970 o empresário Lívio Gazola, filho de José Gazola, fundador de outra empresa metalúrgica de importância histórica para a cidade, a já citada Gazola Travi. A Associação Caxias de Futebol, por sua vez, teve como primeiro presidente Cláudio Eberle, neto do fundador da Metalúrgica Abramo Eberle e professor do curso de Ciências Econômicas da UCS. Mário Lourenço Polesso, diretor do departamento de Relações Públicas da SER Caxias durante a década de 1970, comenta, em depoimento dado ao escritor Gustavo Côrtes, sobre a importância dos empresários para a construção do estádio Centenário, sede do Clube Grená.

Outros indivíduos que exerceram profissões relacionadas às camadas mais altas da sociedade, com educação de nível superior, também tiveram importância na história dos dois clubes, já que diversos médicos, advogados e arquitetos estiveram presentes nas direções, incluindo na presidência. Um dos maiores nomes vinculados a alguma dessas profissões que já dirigiu um clube de futebol em Caxias do Sul é Willy Sanvitto, advogado que presidiu o Juventude nos períodos de 1965-1966 e de 1972 a 1975, sendo o segundo momento marcado pela construção do atual estádio Alfredo Jaconi. Sanvitto é, inclusive, patrono do clube alviverde.

---

<sup>22</sup> Atualmente, a Fras-le pertence ao Grupo Randon, outra empresa metalúrgica importante para a economia de Caxias do Sul.

## 2.2 O futebol

Neste subcapítulo, nosso objetivo é compreender o processo de introdução do futebol na cidade de Caxias do Sul e seu desenvolvimento através dos seus principais clubes, incluindo aqueles já extintos, mas que tiveram importância na história do esporte local.

O futebol teve um processo particular de inserção no Rio Grande do Sul em relação a outros estados brasileiros. A forte influência platina e a presença dos imigrantes alemães foram fundamentais para o desenvolvimento da modalidade no estado mais meridional do país. Vale ressaltar que a expansão do futebol no Prata se deu graças às fortes relações comerciais estabelecidas com o Reino Unido, país de origem do futebol moderno (MASCARENHAS, 2004, p. 195). O Rio Grande do Sul, por sua vez, possui mais da metade de seus limites como fronteiras internacionais, que totalizam mais de 10% das fronteiras brasileiras. Mesmo sendo inferiores em extensão às do estado do Amazonas, as fronteiras do Rio Grande do Sul têm estabelecido, historicamente, constantes relações com os vizinhos, tendo em vista seu povoamento, ao contrário do estado do Norte. Além disso, a fronteira gaúcha constituía a “hinterlândia de Montevideo” (MASCARENHAS, 2004, p. 197) no final do século XIX, facilitando a intensa conexão com a capital uruguaia e consequente contato com o esporte inglês. A proximidade das ferrovias uruguaias com a fronteira brasileira facilita, na última década do século XIX, a disseminação do futebol nessa região.

Os alemães também tiveram papel destacado no desenvolvimento do futebol rio-grandense. Nação pioneira no desenvolvimento da educação física na Europa (MASCARENHAS, 2004, p. 199), a presença dos imigrantes de origem teuta foi fundamental para o desenvolvimento do esporte no estado. Estiveram diretamente envolvidos, por exemplo, na fundação dos primeiros clubes de futebol de Rio Grande e de Porto Alegre, incluindo o Sport Club Rio Grande, atualmente o clube mais antigo em atividade no futebol brasileiro, e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Dessa forma, enquanto o contato com os platinos foi essencial para a chegada do futebol ao Rio Grande do Sul, os alemães foram importantes para o desenvolvimento de uma “cultura esportiva” no estado, algo que já carregavam em suas experiências no Velho Continente. Segundo Gilmar Mascarenhas (2004),

[...] o Rio Grande do Sul se destaca na história social do futebol brasileiro, e acreditamos que a principal razão para tal êxito reside na multiculturalidade presente em sua formação social. Como ponto de encontro de distintas referências simbólicas, o RS pôde adicionar à aventura da modernidade elementos associados à prática esportiva, rompendo mais facilmente com o sedentarismo herdado de nosso passado colonial. Ingleses no porto de Rio Grande, alemães se disseminando pelo território a

partir da zona serrana, uma histórica identidade cultural platina enraizada na Campanha, foram enfim estes os ingredientes que propiciaram ao RS a precoce e plena incorporação do futebol em sua vida cotidiana (MASCARENHAS, 2004, p. 202-203).

O futebol chega à cidade de Caxias do Sul<sup>23</sup>, por sua vez, no início do século XX, tendo se desenvolvido no seio dos clubes sociais frequentados pela população de imigrantes ou descendentes de italianos. Segundo Regina FonticIELha De Rose (1996), o primeiro clube de futebol fundado na cidade foi o Sport Club Ideal, surgido no ano de 1910 (ROSE, 1996, p. 66). Priscila Postali da Cruz (2010) afirma que o futebol estava associado, no princípio, às práticas sociais e à identidade étnica ítalo-brasileira de parte dos habitantes do município. Segundo a autora, “o futebol tornou-se mais um disseminador dos valores morais e da concepção de trabalho dos imigrantes”, os quais, para ela, “elevaram a Vila Caxias à condição de cidade” (CRUZ, 2010, p. 30)<sup>24</sup>. Posteriormente o Ideal sofre uma cisão, sendo que parte dos seus sócios passa a fazer parte do Esporte Clube Juventude e, outra parte, ingressa no Clube Juvenil (ROSE, 1996, p. 67)<sup>25</sup>. Segundo Cruz, o Ideal não teve registros oficiais.

O S.C. Ideal foi uma iniciativa um tanto isolada, porém, muito significativa numa cidade conservadora onde até então os principais esportes a serem disputados eram o jogo de cartas, o jogo da “mora” e o jogo da bocha. A instauração do S.C. Ideal acabou como o impulsionador e difusor da prática futebolística que, muito em breve, seria absorvida e disseminada como mais uma atividade de cunho social pelos clubes recreativos da cidade (CRUZ, 2010, p. 27).

É importante destacar que a historiografia existente tem como foco os imigrantes italianos e os clubes por eles fundados. Devido a isso, é difícil definir marcos raciais nos primeiros anos da prática futebolística em Caxias do Sul tendo como base somente a bibliografia disponível. Devido a limitações de tempo e de fontes disponíveis, infelizmente não podemos nos aprofundar nessa questão em nossa pesquisa. Ressaltamos, no entanto, que o futebol não foi praticado em Caxias do Sul apenas pela população oriunda da Península Itálica. O Sport Club Gaúcho, clube esportivo e recreativo fundado e dirigido por negros em 23 de

---

<sup>23</sup> A vila de Caxias é elevada à categoria de cidade em 1 de junho de 1910. Até a década de 1940, o município era chamado apenas de Caxias, recebendo a distinção “do Sul” em 29 de dezembro de 1944 para diferenciá-lo dos municípios de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, e Caxias, no Maranhão. Ver KIRST, Marcos Fernando. **Ecos do Passado**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2016, p. 48-49.

<sup>24</sup> Gomes demonstra, em seu trabalho, a presença local de populações não italianas, inclusive negras, desde o período colonial. Cf. GOMES, Fabrício Romani. **Sob a Proteção da Princesa e de São Benedito: Identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

<sup>25</sup> A referência à existência do Ideal aparece somente em 1950, na edição do jornal caxiense *O Momento*, de 25 de fevereiro. Não há registros de sua atividade na imprensa do período em que ocorreu a sua curta atividade. Segundo *O Momento*, a fundação do clube teria ocorrido em 3 de outubro de 1910 (CÔRTEZ, 2012, p. 24).

junho de 1934, desenvolve a prática do futebol em seus primeiros anos. Fabrício Romani Gomes (2008) afirma que o futebol é uma das principais atividades do clube até os anos 1950.<sup>26</sup>

Conforme Cruz, os primeiros registros da prática do futebol em Caxias datam justamente do ano de 1910, o qual foi marcado pela chegada da estrada de ferro e pela elevação da vila à categoria de cidade. A relação entre ferrovia e futebol é íntima em muitos locais. Não à toa temos alguns clubes no Brasil cujos nomes fazem referência às estradas de ferro, como a Ferroviária de Araraquara, o Operário Ferroviário de Ponta Grossa e o Ferroviário de Fortaleza. Segundo Almeida, Gutierrez e Ferreira (2010), “as ferrovias foram os meios pelos quais a industrialização chega ao interior do país, junto com o pensamento da prática esportiva e o futebol como consequência” (ALMEIDA; GUTIERREZ; FERREIRA, 2010, p. 249)<sup>27</sup>.

Citando João Spadari Adami, Cruz comenta que foi um religioso quem contribuiu para a difusão desse esporte junto à população: o Padre Stefano Minetti.

Este foi um fator significativo para a difusão do futebol na localidade, visto que a população ítalo-brasileira era munida de grande religiosidade e tinha a questão religiosa como um dos impulsionadores para seu desenvolvimento econômico e moral. Com sua disseminação, a prática pôde consolidar-se e foi gradualmente tomando o lugar daqueles esportes que, até então, exerciam supremacia na cidade<sup>28</sup> (CRUZ, 2010, p. 27).

O Ideal acabou por ser absorvido, segundo Adami, em grande parte pelo Juventude. No entanto, parte dos membros do Ideal não concordaram com a fusão ao Alviverde, passando a integrar o Juvenil, que “estava em via de fundação”. O Esporte Clube Juvenil, segundo esse autor, é fundado em 1916 (ADAMI, 1966, p. 39 e 43).

O primeiro clube a ter significativos registros na prática do futebol em Caxias foi justamente o Clube Juvenil, fundado inicialmente como um clube social. Seu clube esportivo

---

<sup>26</sup> Os clubes de futebol negros são criados, em muitos casos, pela não aceitação da população negra em clubes de brancos. Essa segregação certamente ocorreu no Juventude, ao menos em seus primeiros anos. No Caxias, no entanto, não: o primeiro treinador do Grêmio Sportivo Flamengo foi o tenente Eloi Moreira Pitta, integrante do Clube Gaúcho (GOMES, 2008, p. 76). Uma das explicações talvez seja o ano de criação dos dois clubes: o Juventude foi fundado em 1913 dentro de um clube social, enquanto o atual Caxias surge em 1935, ano em que a segregação racial no futebol já não era mais tão intensa quanto vinte e dois anos antes.

<sup>27</sup> Cf. ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; FERREIRA, Ricardo Pellison. Futebol e ferrovia: a história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.249-258, jun. 2010.

<sup>28</sup> Segundo Cruz, as práticas recreativas pioneiras em Caxias foram a corrida de cavalos, a “mora”, o jogo de cartas, a bocha, a natação e o “Chinquilho”. Cf. CRUZ, Priscila Postali. **Siamo tutti buoni gente: do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010, p. 24.

foi fundado, segundo Cruz, em 1912, com o nome de Grêmio Foot Ball Juvenil<sup>29</sup>. Este clube, porém, restringia sua participação somente a cidadãos casados, o que levou os jovens solteiros da cidade a fundarem o Recreio da Juventude, que seria uma dissidência do Juvenil (CRUZ, 2010, p. 30; CÔRTEZ, 2012, p. 24).

O terceiro clube de futebol caxiense veio justamente do Recreio da Juventude: o Sport Club Juventude, surgido em 29 de junho de 1913<sup>30</sup> (ROSE, 1996, p. 68-70). Somente eram aceitos no quadro social do Juventude os candidatos apresentados por pessoas que já integravam o clube, o que torna a agremiação de início fechada e elitista (CÔRTEZ, 2016, p. 11). Juvenil e Juventude formariam, assim, a primeira rivalidade futebolística de Caxias do Sul, que dura até o final da década de 1920.

A rivalidade Ju-Ju, que movimentou o futebol caxiense nas suas duas primeiras décadas, teve origem nos salões dos clubes sociais fundados na cidade. O Clube Juvenil, mais velho deles, surgiu no ano de 1905. Segundo o site do Clube, sua fundação ocorreu em 19 de junho de 1905, época em que “Caxias do Sul ainda não era uma cidade” e “as pessoas buscavam a convivência por meio de eventos sociais”, havendo, no entanto, poucas opções para tanto. Ainda segundo o site, o nome “Clube Juvenil” foi proposto por Américo Ribeiro Mendes, tendo em vista que a instituição surgia “da iniciativa de jovens”<sup>31</sup>. Segundo Francisco Michielin (1994), no entanto, em 1912 surgiram discussões entre os associados do Juvenil. Dessas discussões acabou por surgir outro clube social, cisão do Juvenil: o Recreio da Juventude, fundado em 28 de dezembro de 1912. Segundo o site dessa instituição, o nome “se deve ao critério de designar para cargos de presidência somente homens solteiros”<sup>32</sup>. Michielin argumenta justamente que foi o sentimento de discriminação por parte dos homens solteiros do clube em relação aos casados que originou a divisão (MICHIELIN, 1994, p. 65). Alfredo Sehbe<sup>33</sup>, presidente do Esporte Clube Juventude em 1978, um de nossos depoentes, comentou, nos momentos prévios à gravação de nossa conversa, que os estatutos do Clube Juvenil eram

---

<sup>29</sup> Como podemos perceber, a fundação e o nome oficial do departamento de futebol do Juvenil são imprecisos, variando de acordo com a fonte. As datas citadas são 1912 e 1916.

<sup>30</sup> Para Michielin, o primeiro clube de futebol fundado em Caxias. Segundo o autor, o futebol no Clube Juvenil iniciou no ano de 1916 (MICHIELIN, 1994, p. 64 e 106). João Spadari Adami, por sua vez, coloca o Juventude como “a segunda sociedade futebolística fundada aqui”, antecedida somente pelo Ideal (ADAMI, 1966, p. 33)

<sup>31</sup> CLUBE JUVENIL. **111 anos de História**. Disponível em: <<https://www.juvenil.org.br/o-clube/historico>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

<sup>32</sup> RECREIO DA JUVENTUDE. **Histórico**. Disponível em: <<https://www.recreiodajuventude.com.br/o-clube/historico>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

<sup>33</sup> A relação entre Alfredo Sehbe e o Recreio da Juventude é forte, tendo em vista que ele é filho de Miguel Sehbe, ex-presidente do Recreio. Na gestão de Miguel ocorre a inauguração da sede social do clube, em 1955, fato comentado por Alfredo na entrevista e que consta, também, o site do clube. A entrevista realizada com Alfredo Sehbe será melhor abordada nos próximos capítulos.

no “*molde inglês*”, segundo ele. Ou seja, a participação feminina era impedida pelas próprias regras da instituição. Ele também comentou sobre a dissidência ocorrida em 1912 que gerou o Recreio, instituição da qual o Esporte Clube Juventude é fruto, no ano seguinte. A rivalidade surgida na gênese do Recreio da Juventude, já no momento da divisão, permeia os apelidos pejorativos dados a cada um dos clubes, conforme comenta Michielin.

Como não dava para fazer frente à conversa dos juventudistas, eles e mais ainda por seu símbolo – um papagaio – ficaram pejorativamente identificados como os “papos”, os bons de lábia, que sabiam argumentar muito bem, mas que, talvez, na hora da prática, se borrassem todos. Eles tinham que mostrar se eram mesmo bons ou não passavam de “papo furado”. Mas é lógico que teria que haver o outro lado da moeda. Os juvenilistas não significavam outra coisa senão serem os “bechi” – numa clara alusão às barbas dos mais velhos, ao seu estado de ranzinzas eternas, verdadeiros rabugentos. Os “bechi” eram sinônimo de bodes. Isso é que os juvenilistas cheiravam para a alegre mocidade que constituía o Juventude. Passavam pela rua apertando o nariz com o polegar e o indicador, demonstrando a ojeriza pelo fedor exalado... (MICHIELIN, 1994, p. 65).

O apelido dado pelos juvenilistas aos juventudistas permanece até hoje, tendo sido apropriado pela própria torcida alviverde. Uma demonstração disso é o fato de uma das duas torcidas do clube tê-lo em seu nome: “Os Loucos da Papada”.

Durante as décadas de 1920 e 1930, o futebol foi praticado de forma amadora por trabalhadores, sendo encarado como uma atividade recreativa. Diversos clubes foram fundados durante esse período, como o Esporte Clube Guarany, o Esporte Clube Caxiense, o Esporte Clube 9º Batalhão de Caçadores, entre outros. O primeiro Campeonato Citadino de Caxias veio a ser disputado em 1920, tendo como campeão o Juventude. A intenção era indicar o representante caxiense no Campeonato Estadual, cuja primeira edição foi realizada em 1919, tendo como campeão o Brasil de Pelotas. Sua organizadora, a Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD), foi fundada em 18 de maio de 1918, tendo o Juvenil como um de seus sócios fundadores. O Juventude, porém, se filiou apenas posteriormente. O campeonato de Caxias foi dominado pelo Juventude entre os anos de 1920 e 1934, tendo um campeão diferente em apenas um ano: 1927, quando o Juvenil conquistou o campeonato. Em 1928 o Juvenil venceu o campeonato da cidade, mas, devido à inscrição irregular de um atleta, o título foi dado pela Federação ao Juventude (CÔRTEZ, 2012, p. 24; MICHIELIN, 1994, p. 158).

Segundo Côrtes, o Juvenil se desliga da FRGD em 1928. No livro de Michielin, no entanto, há relato de atividade futebolística no clube até o início dos anos 1930, quando, então, fecha o seu departamento de futebol.

Já o clube que viria a ser a atual Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul é fundado em 10 de abril de 1935 como Grêmio Sportivo Flamengo, surgido da fusão entre Rio

Branco e Ruy Barbosa (OLIVEIRA, 2015, p. 8). Ambos os clubes estavam localizados na zona oeste da cidade. Segundo Gustavo Côrtes (2012), o Rio Branco foi criado em 10 de abril de 1934. Não temos informação sobre a data de fundação do Ruy Barbosa, que tinha as cores bordô e branco, enquanto o Rio Branco era azul e branco. A união dessas cores fez do Flamengo tricolor (CÔRTEZ, 2012, p. 25-28). Para Francisco Michielin, o Ruy Barbosa é uma “continuação” do Juvenil, o que liga este clube, primeiro rival do Juventude, ao Flamengo. (MICHIELIN, 1994, p. 193). Cruz chama a atenção para a relação que o Flamengo manteve com os militares durante seus primeiros anos de existência, o que demonstra uma proximidade entre o Estado e os ítalo-brasileiros (CRUZ, 2010, p. 36-37). Segundo a autora, esse contato entre militares e Flamengo aparece já na segunda ata do clube. Além da presença do Tenente Eloi Moreira Pitta, membro do Clube Gaúcho e primeiro treinador do time grená, o Tenente Coronel Januário Coelho da Costa, comandante do 9º Batalhão de Caçadores, foi indicado para a presidência honorária do clube. A pesquisadora afirma que o 9º BC era originário de Pelotas e tinha grande prestígio junto à população caxiense, podendo ser usado pelo clube flamenguista como forma de atrair sócios (CRUZ, 2010, p. 38)<sup>34</sup>. O Flamengo contou também com o apoio do Clube Juvenil, que já havia fechado seu departamento de futebol e possuía forte rivalidade com o Juventude, então dominante nos campeonatos da cidade. Segundo Cruz, esse apoio se deu financeiramente. A partir de então, o grande clássico da cidade passaria a ser o Fla-Ju: Flamengo x Juventude.

Cruz localiza o início da rivalidade Fla-Ju no momento em que é discutida a escolha do patrocinador para a inauguração do campo de jogo. Entre Juventude e Juvenil, o segundo foi, segundo ela, escolhido por unanimidade em assembleia. Dessa forma, a rivalidade entre os clubes sociais, que esteve ativa no campo de futebol durante cerca de 15 anos, estava sendo redirecionada para o novo clube<sup>35</sup>. Michielin, autor de obra a ser analisada a seguir, concorda com a autora. O escritor caxiense, porém, vai além: para ele, o Flamengo é a continuação do próprio Juvenil, sendo o clássico Fla-Ju uma continuidade do Ju-Ju, “esculpido na rivalidade de Juventude e Juvenil”. Adami segue na mesma linha, afirmando que o Flamengo é “composto na sua maioria de juvenilistas” (ADAMI, 1966, p. 50).

---

<sup>34</sup> Gomes afirma que a chegada de negros em Caxias junto com o 9º BC foi significativa, o que demonstra, dessa forma, uma relação entre o Flamengo e a população negra caxiense (GOMES, 2008, p. 44).

<sup>35</sup> Cf. CRUZ, Priscila Postali. **Siamo tutti buoni gente: do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010, p. 38. As informações da autora foram retiradas das atas do Flamengo. Tentamos contato junto ao Caxias, mas não obtivemos acesso a esses documentos.

O Flamengo não é outro, senão o próprio Juvenil, com outro nome. Seus principais mentores são pessoas ligadíssimas ao clube aristocrata que extinguiu suas chamas. Eles gostavam de futebol e o retorno supérfluo, proporcionado pelo Ruy Barbosa, não fora suficiente para mexer com seus anseios. Gostariam de dispor de um novo clube, ter um time em condições para enfrentar a “papada”. Não se satisfaziam em olhar à distância, gulosos para comer o bolo que lhes era negado. O Flamengo veio em função dessa necessidade e desses desejos, juntando-se, também, ao pessoal do Rio Branco e, ainda mais tarde, com o que sobrasse do Maguary. O Flamengo lutaria ao máximo de seu alcance. Fecharia, é verdade, pela primeira vez, aí pelo ano de 1943. Estava evidente, porém, que era adversário de respeito e que fora criado para tentar se nivelar com o Juventude (MICHIELIN, 1994, p. 193)<sup>36</sup>.

Para Cruz, a relação entre Flamengo e Juvenil se deu da seguinte forma.

Como seu primeiro conselheiro, o G.E. Flamengo contou com Leon Cia, que já havia sido integrante da diretoria do G.F. Juvenil. Este fato e outros mais contribuíram para que muitos juvenilistas logo passassem a se identificar com o G.E. Flamengo, o que os levou a torcer e se associar ao novo clube. Essa adesão mostrou-se como uma forma de continuar combatendo o rival E.C. Juventude. Nascia, neste momento, uma nova rivalidade, que passa a fomentar e contribuir para a proliferação do futebol na cidade e em toda a serra gaúcha (CRUZ, 2010, p. 38).

Outro indício de proximidade entre Juvenil e Flamengo está nas cores, segundo Côrtes. “A cor grená visava atrair simpatizantes do aristocrático Club Juvenil, fundado em 1905, que possuía a cor vermelha, e principalmente por ser rival do Esporte Clube Juventude” (CÔRTEES, 2012, p. 25). A partir desse ponto de vista, portanto, a rivalidade existente atualmente no futebol de Caxias do Sul é fruto daquela formada, no início do século XX, entre os dois hoje centenários clubes sociais, Clube Juvenil e Recreio da Juventude. Ambos ainda hoje estão ativos. A sensação que fica é que a fundação do Flamengo está condicionada, de uma forma ou de outra, à rivalidade com o Juventude. Em seu livro, Gustavo Côrtes relata duas versões para a fusão entre Ruy Barbosa e Rio Branco. A primeira está relacionada à “escolha da Rainha dos Clubes de Caxias do Sul”, onde a representante dos dois clubes foi derrotada. A segunda foi pelo julgamento sobre um gol anulado numa partida entre Guarani e Ruy Barbosa, quando o segundo clube foi prejudicado. Nas duas versões, um adversário: Osvaldo Ártico, presidente da Liga Caxiense de Futebol e um dos fundadores do Juventude. Para Côrtes, “[...] a verdade é que os dirigentes dos dois clubes se juntaram para, a seu ver, acabar com o fortalecimento, o favorecimento e a monopolização dos dirigentes do Juventude no futebol caxiense” (CÔRTEES, 2012, p. 26).

---

<sup>36</sup> Milton Bertelli, presidente do Flamengo no ano de 1974 e um de nossos entrevistados, pensa algo na mesma linha. Quando perguntado se havia algum familiar relacionado ao Flamengo anteriormente, Bertelli comenta sobre o seu avô, que era juvenilista. Segundo ele, “o Flamengo derivou do Juvenil”. A entrevista de Bertelli será analisada nos capítulos seguintes. BERTELLI, Milton. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 25 abr. 2019.

A partir desse momento, o campeonato citadino torna-se mais competitivo. O Juventude segue sendo o principal vencedor, mas os rivais passam a fazer um bom papel. O Flamengo conquista a cidade por seis vezes, em 1937, 1942, 1947, 1948, 1951 e 1953. Além disso, outro time conquista o título municipal: o Grêmio Atlético Eberle, pertencente à metalúrgica homônima. De cores azul e amarela, o objetivo do clube era “oferecer aos seus funcionários, por meio do futebol, uma forma de diversão” (CÔRTEZ, 2012, p. 33 e 80).

O período em que o Eberle esteve ativo foi uma era, aparentemente, de constantes denúncias de subornos e corrupção no futebol da cidade. Francisco Michielin comenta em seu livro sobre esse ingresso da principal metalúrgica caxiense no certame citadino.

Os Eberle, os irmãos José “Bepin” e Júlio, apreciavam futebol e sempre tinham pertencido às diretorias do Juventude. Levavam, doravante, sua experiência para dentro da própria agremiação. Frutificavam os exemplos do Bangu e do Renner. Demoveram o pai, com argumentos irrefutáveis. Abramo Eberle, evidentemente, foi o Presidente-Honorário do novo clube. Os empregados de todos os escalões “tinham” que torcer pelas cores azuis e amarelas daqui para a frente. Não foram poupados nem mesmo os funcionários mais graduados, com longa folha de serviços à empresa. Juventudistas épicos eram obrigados a prestar alguma contribuição ao clube, sob pena de demissão. Os que mostravam o seu amor ao Juventude ou ao Flamengo sofriam retaliações. Havia vários alcaguetes oficializados – e que até “progrediam” em seus cargos – informando do ativismo de quem que fosse. O futebol adquiria conotações políticas, nitidamente fascistóides. Homens da estirpe de Américo Garbim, Zulmir Fabbris, Humberto Bassanesi, Dino Sartori, Salvador Sartori, Henrique Michielin, juventudistas natos e declarados, tinham que manter em sigilo, em completo recolhimento, sua fidelidade às cores verde e branca. Amargurados, deixaram de comparecer aos campos, para não se incomodarem, não serem denunciados e para protegerem suas famílias. Foi um período nebuloso, um buraco negro, das mais escuras trevas (MICHIELIN, 1994, p. 216).

Devido a uma forte crise financeira, o Flamengo fecha seu departamento de futebol em 1943, retomando as atividades apenas em 1947. Durante esse período, somente Juventude e Eberle participam do campeonato. Em 1944, até mesmo o Juventude se licenciou, sendo esse o único ano em que o Citadino de Caxias do Sul não foi disputado entre 1920 e 1953 (CRUZ, 2010, p. 55). Em 1943 e 1945, o Eberle sagra-se bicampeão (MICHIELIN, 1994, p. 234). O título de 1943 foi decidido nos bastidores, com o desacordo entre Liga e dupla Fla-Ju e a declaração do clube azul e amarelo como campeão. Para Michielin, não apenas a falta de dinheiro levou o Flamengo a fechar seu departamento de futebol, mas também um protesto à aparente força de bastidores do clube da metalúrgica, que, segundo o autor, tinha “grana para esbanjar” (MICHIELIN, 1994, p. 233). Dessa forma, como podemos perceber, a força dos industriais da cidade e das empresas não é algo recente no futebol caxiense.

Para 1946, nova mudança: o Eberle altera seu nome, tornando-se Fluminense. As cores seguem as mesmas, assim como o campo, a Colina Fantasma, localizada onde atualmente é a

Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. Torna-se tricampeão da cidade, batendo o Juventude na decisão (MICHIELIN, 1994, p. 235).

O campeonato citadino de Caxias do Sul continuou a ser disputado até 1953. A partir de 1954, a dupla Fla-Ju é aceita no Campeonato Metropolitano de Porto Alegre, o que causa o fim do citadino profissional. Essa integração inicial à Região Metropolitana e, na década seguinte, a todo o estado, deve ser pensada no contexto de ampliação da malha rodoviária e desenvolvimento dos transportes, o que possibilitou o enfrentamento mais frequente entre equipes, por exemplo, da Serra e da Fronteira. Para Arlei Damo e Bernardo Ferreira (2012), essa ampliação de fronteiras privilegiou os “clubes de elite”, o que explica o motivo de somente Flamengo e Juventude terem ingressado no Campeonato Metropolitano. Gianella e Fluminense, os outros dois clubes do Campeonato Caxiense, desativaram seus departamentos profissionais com o fim dessa disputa. (CÔRTEZ, 2012, p. 44-45; CRUZ, 2010, p. 20 e 65). A dupla Fla-Ju, dessa forma, era formada pelos únicos clubes que tinham condições para ingressar na nova fase do futebol estadual e nacional, visto que são concomitantes a unificação do Campeonato Gaúcho (1961) e o estabelecimento da primeira competição nacional de clubes, a Taça Brasil (1959), disputada até 1968 em um formato semelhante ao campeonato regionalizado do Rio Grande do Sul. No ano do último campeonato citadino, o futebol caxiense finalmente conquista seu primeiro torneio estadual: o Campeonato Estadual de Profissionais da 2ª Divisão de 1953, vencido pelo Flamengo e muito comemorado na cidade (CRUZ, 2010, p. 64). O número de títulos, por fim, acaba sendo o seguinte: Juventude campeão por 23 vezes, Flamengo por 6, Eberle/Fluminense com três e Juvenil com um (CÔRTEZ, 2012, p. 45)<sup>37</sup>.

Com o ingresso no Campeonato Metropolitano de Porto Alegre, então denominado oficialmente Divisão de Honra, Flamengo e Juventude passam a competir com os clubes da capital do estado e região metropolitana. Participam da Divisão de Honra Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Renner, Nacional e Força e Luz, todos de Porto Alegre. Além deles, Aimoré, de São Leopoldo, e Floriano<sup>38</sup>, de Novo Hamburgo, estão no certame. O São José, de

---

<sup>37</sup> Títulos do Juventude: 1920 a 1926, 1928 a 1936, 1938 a 1941, 1949, 1950 e 1952. Títulos do Flamengo: 1937, 1942, 1947, 1948, 1951 e 1953. Títulos do Eberle/Fluminense: 1943, 1945 e 1946. Título do Juvenil: 1927. Campeonato não disputado em 1944. Fontes: MICHIELIN, Francisco. **Juventude, paixão e glória: 100 anos de orgulho na Serra Gaúcha**. Caxias do Sul: Requite Revista Editora, 2016, p. 163; CÔRTEZ, Gustavo. **A história da força grená**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2012, p. 80; e RSSSF BRASIL, **Rio Grande do Sul - List of Caxias City Champions**. Disponível em: <<http://rsssfbrasil.com/tables/rscampcax.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2019. É perceptível, dessa forma, que o campeonato tornou-se muito mais competitivo a partir do surgimento do Flamengo e mais ainda com o Eberle, principalmente quando este carregava o nome da indústria.

<sup>38</sup> Atual Esporte Clube Novo Hamburgo. A mudança momentânea ocorreu no período do Estado Novo, quando o Brasil entrou em guerra contra o eixo. Cf. MICHIELIN, Francisco. **Assim na terra como no céu: onde se conta o fascínio da santa aliança entre um clube de futebol - o Juventude - e a sua gente, muito mais do que uma simples relação amorosa**. Porto Alegre: Sagra - D.C. Luzzatto, 1994, p. 209; e HAMBURGO, Esporte Clube

Porto Alegre, está momentaneamente licenciado. Renner, Nacional e Força e Luz acabam por fechar no final da década de 1950. São os restantes, majoritariamente, clubes que hoje frequentam a Primeira Divisão do Campeonato Gaúcho de Futebol (MICHIELIN, 1994, p. 268-269). Nesse período ocorre o primeiro rebaixamento do futebol caxiense: em último lugar na Divisão de Honra de 1959, o Flamengo precisa disputar a Divisão de Acesso de 1960, da qual é campeão invicto. (CÔRTEZ, 2012, p. 50-53). Porém, 1961 fica marcado como o primeiro ano em que o Campeonato Gaúcho é unificado, deixando de ser disputado por regiões. Dele participam os sete da Divisão de Honra, o Flamengo, campeão da Divisão de Acesso, o Pelotas, o Farrroupilha de Pelotas, o Riograndense de Rio Grande e o Guarany de Bagé, esses últimos como campeões ou vice dos seus cidadãos. O campeonato tem um novo nome: Divisão Especial (MICHIELIN, 1994, p. 305). Esse período tem grandes momentos para o futebol de Caxias: o Juventude é tricampeão do interior em 1964, 1965 e 1966, sendo, inclusive, vice-campeão em 1965, o primeiro do interior desde a criação do campeonato unificado, em 1961. Em 1969 e 1970, é a vez do Flamengo ser o campeão do interior, mesmo tendo sofrido mais um rebaixamento em 1966 e um retorno através de uma virada de mesa da Federação, que aumentou o número de clubes na Primeira Divisão em 1968, de 12 para 18 (CÔRTEZ, 2012, p. 70-72).

No final dos anos de 1960 e início dos 1970, no entanto, a dupla Fla-Ju passa a conviver com grave crise financeira. Em relação ao Juventude, a explicação para a crise está na tentativa do “Empreendimento Juventude Cresce”<sup>39</sup>, no qual a venda de títulos patrimoniais do clube envolveu sorteios de prêmios e bens diversos, como carros e televisores. O dinheiro inicial arrecadado nesse empreendimento possibilitou a compra da área da sede campestre do clube, vendida em 2008<sup>40</sup>. A iniciativa, no entanto, foi proibida pelo governo federal, em atitude comentada pelo ex-presidente Djalma Losquiavo, em seu depoimento para o segundo livro de Michielin, e por depoentes de nossa pesquisa. Nas palavras de Michielin: “Um ministro gaúcho dos “Anos de Chumbo” e com raízes num clube de Porto Alegre dá uma de “ditadorzinho” e

---

Novo. **História.** Disponível em: <[http://www.ecnh.com.br/site/clube\\_historia.php](http://www.ecnh.com.br/site/clube_historia.php)>. Acesso em: 10 jun. 2019. Esse não foi o único impacto do Estado Novo no futebol gaúcho: um decreto do Conselho Nacional de Desportos permite apenas “brasileiros natos” nas direções dos clubes. Alfred Sehbe e Victor Rossi são obrigados a pedir demissão da direção juventudista. Cf. Ibid, p. 221. No acervo da Liga Caxiense de Futebol, sob guarda do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, encontramos um ofício do Flamengo direcionado à Federação que declara a presença apenas de “brasileiros natos” em sua direção.

<sup>39</sup> Citado com tal nome no livro de Michielin de 1994 (MICHIELIN, 1994, p. 326). Também encontramos referência ao projeto como “Plano Empresarial Esmeraldino” no seu livro sobre o centenário alviverde (MICHIELIN, 2016, p. 61). O jornal Pioneiro, na edição de 7 de dezembro de 1968, refere-se tão somente ao “Empreendimento do E.C. Juventude” (PIONEIRO, 7 dez. 1968, p. 19).

<sup>40</sup> De acordo com a já referida edição do Pioneiro, o objetivo inicial era a “construção do maior Parque Esportivo do interior do sul do país”, que contaria com um novo estádio para o clube e com equipamentos para a prática de esportes amadores (PIONEIRO, 7 dez. 1968, p. 19).

obriga o Ju a cancelar os sorteios. Pura inveja e autoritarismo tacanho! ” (MICHIELIN, 2016, p. 61).<sup>41</sup>

A falta de recursos faz com que a possibilidade de uma fusão entre os clubes, já cogitada durante a década de 1940, seja considerada pelos seus dirigentes<sup>42</sup>. Dessa forma, com o apoio de entidades da indústria e do comércio da cidade, surge em 14 de dezembro de 1971 a Associação Caxias do Sul de Futebol, fruto da união entre os departamentos de futebol do Flamengo e do Juventude. Ambos os clubes, porém, continuam existindo de forma separada, não existindo a fusão patrimonial<sup>43</sup> (CRUZ, 2010, p. 68-69; CÔRTEZ, 2012, p. 78). Outras fusões ocorreram nos anos 1970, parecendo ser uma tendência do período no interior. Avenida e Santa Cruz formaram, por alguns anos, a Associação Santa Cruz. Em Santa Catarina, Caxias e América, ambos de Joinville, constituíram, em 1976, o Joinville Esporte Clube, atualmente o clube de maior renome desta cidade. Há, inclusive, a defesa dessas fusões pela imprensa: o Especial da 1ª quinzena de setembro de 1970, produzido pela União Riograndense de Jornais, então proprietária do Pioneiro<sup>44</sup>, e que circulava por todo o estado, defende a união dos tradicionais clubes interioranos em um artigo de página inteira. O periódico advoga pela “união e promoção da cidade” (ESPECIAL, 1ª quinzena set. 1970, p. 15). Ou seja, o discurso visto em Caxias está presente também em outras cidades do interior no mesmo período. Afirma ainda o jornal: “O futebol do interior já não pode mais existir como um fim em si. Só pode sobreviver como um meio. O de promover a cidade [...]” (ESPECIAL, 1ª quinzena set. 1970, p. 15). A

---

<sup>41</sup> Cf. MICHIELIN, Francisco. **Assim na terra como no céu**: onde se conta o fascínio da santa aliança entre um clube de futebol - o Juventude - e a sua gente, muito mais do que uma simples relação amorosa. Porto Alegre: Sagra - D.C. Luzzatto, 1994, p. 326; e MICHIELIN, Francisco. **Juventude, paixão e glória**: 100 anos de orgulho na Serra Gaúcha. Caxias do Sul: Requite Revista Editora, 2016, p. 43. Vemos, dessa forma, pela segunda vez, um governo federal autoritário interferindo diretamente nos clubes de Caxias do Sul. O futebol caxiense não passou incólume por nenhuma das duas ditaduras brasileiras do século XX. No capítulo quatro, veremos o relato de Carlito Chies sobre o tema. A referida decisão do governo federal é atribuída por alguns dos depoentes e por Francisco Michielin ao chefe do Gabinete Civil do governo Médici, João Leitão de Abreu, que presidiu o Grêmio entre 1960 e 1961. Conforme vimos no excerto, Michielin não cita o nome do ministro, mas sua descrição deixa claro a quem o autor se refere. Vale destacar que esse decreto proibiu iniciativas semelhantes em todo país, não somente a do Juventude. Cf. ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 28/05/2020.

<sup>42</sup> Nos depoimentos, alguns comentam sobre a dificuldade de conseguir apoio de empresas locais. Um exemplo é o relato de Milton Bertelli: “*é aquela história, se eu tenho que dar pra um, eu tenho que dar pra outro, então não dou pra ninguém*”. O mesmo comenta Mário De Meneghi: “*tem esse lado, o cara não ajuda, porque se eu ajudar vocês, tem que ajudar o outro. Se eu ajudar só um, eu vou ter funcionário [dizendo] que “bah, o cara só patrocina lá e tal”...*”. BERTELLI, Milton. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 25 abr. 2019. MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>43</sup> Nas palavras de Milton Machado, presidente do Juventude em 1971: “*Combinamos um prazo inicial de apenas dois anos para, posteriormente, tomarmos a decisão de continuarmos juntos ou não. E, em nenhuma hipótese, eu permiti, com meus pares, de fundir patrimônios, porque o nosso era muito superior*” (MICHIELIN, 2016, p. 51). A posição de alguns dos depoentes sobre a fusão e sua atuação no contexto será analisada no capítulo quatro.

<sup>44</sup> O jornal pertence ao Grupo RBS desde 1993.

defesa das fusões é insistente, aparecendo também em outras edições do Especial do período. Veremos como a fusão caxiense aparece nos depoimentos colhidos nos próximos capítulos.

Entretanto, desentendimentos entre ambas as diretorias e a existência da velha rivalidade impedem que a ACF exista durante muito tempo. Em 1975 o Juventude volta às atividades já para a disputa da Copa do Governador do Estado. A Associação, controlada somente pelo Flamengo, é extinta no final de 1975 e o Flamengo retorna ao futebol, modificando seu nome e escudo. A mudança foi uma exigência de um grupo de empresários, capitaneado por Francisco Stédile, para apoiar o clube financeiramente, visando, em seu discurso, uma maior representatividade para a comunidade e divulgação do nome da cidade, o que já era mote da Associação. Curiosamente, os jornais da época não entendiam muito bem se o que ocorria era uma fusão entre ACF e Flamengo ou uma simples modificação de nome do Clube Grená, dúvida que pairou durante o processo de reforma dos estatutos flamenguistas<sup>45</sup>. O Jornal de Caxias, inclusive, seguiu insistindo durante 1976 que o Flamengo havia sido “extinto” e a atual SER Caxias seria uma união entre este e a Associação. Segundo o Jornal Pioneiro, no entanto, o Flamengo tão somente modificou seu nome no final do ano de 1975, tendo sido a Associação extinta<sup>46</sup>. Nesse processo, a atuação de Willy Sanvitto, presidente do Juventude em 1965, 1966 e entre 1972 e 1975 foi fundamental. Sob a iniciativa dele ocorre a construção do moderno estádio Alfredo Jaconi, que garante o retorno do Juventude ao futebol profissional e o consequente fim da Associação Caxias, conforme analisaremos nos próximos capítulos a partir das memórias e relatos de nossos depoentes.

O ano de 1976 marca a estreia do futebol caxiense no cenário nacional. Nesse processo, vemos o fundamental papel realizado nos bastidores do futebol pelos dirigentes dos clubes. O Caxias acabou por ficar com a vaga no Campeonato Nacional, tendo como seu passaporte para a elite a construção do Estádio Centenário. A vaga havia sido prometida pelo almirante Heleno Nunes, então presidente da CBD<sup>47</sup>, a um dos clubes caxienses quando da final da Copa

---

<sup>45</sup> A mudança não foi, é claro, ponto pacífico: a imprensa do período demonstra como havia uma resistência interna no Conselho Deliberativo flamenguista, ainda que minoritária. A edição de 22 de outubro de 1975 do Pioneiro traz a informação que a eleição no Conselho teve um resultado de 43 votos a favor e 21 votos contra a mudança do nome. Há relato, inclusive, sobre “um zum-zum de que os conselheiros vencidos entrariam com um mandado de segurança contra a decisão do Conselho Deliberativo” que determinou a mudança do nome (PIONEIRO, 22 out. 1975, p. 10).

<sup>46</sup> Vale ressaltar que, apesar de não termos acesso aos documentos do clube, é identificável através da imprensa que, formalmente, a ACF foi, sim, extinta e o Flamengo retornou aos campos sob o nome atual, tendo em vista que, desde o primeiro momento, a SER Caxias identifica sua data de fundação em 10 de abril de 1935, comemorando em 1976 seu quadragésimo primeiro aniversário. Mário Ruaro De Meneghi vê como positiva a mudança de nome: “[...] pegou, e pegou bem, porque diz SER Caxias, é um convite, né?”. MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>47</sup> Confederação Brasileira de Desportos, atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Governador do Estado de 1975, entre Associação Caxias e Juventude e vencida pelo segundo. Porém, uma das condições para essa participação era o clube possuir um estádio com capacidade para, no mínimo, 25 mil pessoas (CÔRTEZ, 2016, p. 10). O Caxias participou do Campeonato Nacional quatro vezes, todas entre os anos de 1976 e 1979, sendo o primeiro clube do interior gaúcho a conseguir tal feito. Nesse momento da história do Caxias, o nome de outro presidente se sobressai: Francisco Stédile, presidente do clube entre 1976 e 1979 e entre 1983 e 1984. Foi no primeiro ano de seu mandato que o Centenário foi construído, no terreno onde era a Baixada Rubra, de propriedade do clube desde 1951<sup>48</sup> (CÔRTEZ, 2012, p. 39).

Já em 1977, por sua vez, o Juventude conquista sua vaga no Nacional, disputando esse campeonato também em 1978 e 1979. Sendo assim, no ano de 1979, o Campeonato Brasileiro passa a contar com 94 clubes, a maioria do interior do Brasil, participando a convite da CBD. Daí surgiu o ditado popular, cuja autoria é atribuída ao próprio então mandatário do futebol brasileiro: “onde a Arena vai mal, um time no Nacional” (SANTOS, 2012, p. 113).

Como vemos, Caxias e Juventude transformaram-se, ao longo de sua trajetória, em dois dos principais clubes de futebol do interior do Rio Grande do Sul, sendo os primeiros a disputarem competições de abrangência nacional. Dessa forma, é natural que, pela sua importância, escritores se dedicassem a pesquisar a história desses clubes, visando a produção de livros direcionados aos torcedores dessas agremiações e à comunidade esportiva local. A seguir, analisaremos essa bibliografia focada nos clubes que estamos investigando.

### 2.3 Os livros

Nosso objetivo, nesse momento do trabalho, é analisar a produção bibliográfica acerca do futebol de Caxias do Sul. Ressaltamos que se trata de uma produção recente, não tendo uma tradição profundamente estabelecida, ao contrário dos estudos sobre futebol realizados nos grandes centros do país. O livro mais antigo que temos disponível sobre o futebol caxiense data do ano de 1994, tendo, portanto, apenas vinte e seis anos. Nosso foco de análise aqui é uma produção não acadêmica sobre a história do futebol, apesar de parte dela ser obra de um acadêmico, mas de outra área do conhecimento, a medicina. No nosso entendimento, essa produção insere-se dentro da categoria que Rafael Rajão Ribeiro chama de “Memória-História do futebol”, conforme já vimos anteriormente. Esses livros tratam-se de coletâneas de fatos, de

---

<sup>48</sup> O terreno onde fica atualmente o Alfredo Jaconi é, por sua vez, propriedade do Juventude desde 1919 (MICHIELIN, 2016, p. 64).

imagens, de fontes, não tendo por objetivo uma análise mais aprofundada como a que nos propomos a realizar dentro dos padrões teóricos e metodológicos da História dita científica, produzida dentro das universidades. Segundo Ribeiro, aliás, esse tipo de produção, que era corrente na abordagem bibliográfica sobre o futebol no Brasil até as décadas de 1940 e 1950, ainda hoje é o “principal filão da produção editorial brasileira relativa ao tema” (RIBEIRO, 2007, p. 22).

Outra categoria interessante a ser pensada nesse momento é a de “livros populares de história”, trabalhada por Flavia Renata Machado Paiani (2014), que define essa categoria da seguinte forma:

Eu entendo por ‘livros populares de história’ aqueles cujo enfoque é uma história não acadêmica e que têm por objetivo atingir um público leitor mais amplo. Seriam livros, portanto, que não ficariam circunscritos aos especialistas, mas que visariam ao leigo enquanto leitor e consumidor de história. Penso, assim, nos livros de jornalistas, como Eduardo Bueno, Laurentino Gomes e Leandro Narloch, mas também nos livros de historiadores, como Mary del Priore e Marco Antonio Villa (PAIANI, 2014, p. 1).

Em nossa compreensão, os livros que formam a quase totalidade da bibliografia sobre o futebol de Caxias do Sul se inserem nessa categoria, tendo em vista que abordam a história da cidade e não têm finalidade acadêmica, mas somente a divulgação da história e da memória dos clubes da cidade, notadamente entre seus torcedores. Obras de pessoas que não têm formação acadêmica em História, esses livros têm um objetivo maior de exaltar os clubes caxienses, não visando problematizar o seu processo histórico e nem tendo profundas preocupações teóricas e metodológicas. As fontes têm suas informações apenas reproduzidas, não havendo reflexão sobre elas. Um problema seria, talvez, o fato da categoria abarcar, na visão da autora, uma variedade muito ampla de obras, que pouco ou nada têm a ver umas com as outras, tornando difícil sua definição e aplicação.

Essa autora também entende como apropriado o termo “obras fronteiriças”, o qual compreende esses textos a partir de uma reaproximação ocorrida nas últimas décadas entre história e literatura “a partir do uso de mecanismos biográficos e autobiográficos” (PAIANI, 2014, p.1). Esses mecanismos são percebidos nas obras que tomamos como fontes nesse momento de nosso trabalho, conforme veremos mais adiante. Além disso, outro elemento que a autora chama a atenção nos parece interessante para a análise dos livros a que nos propomos aqui.

[...] parece-me, sobretudo, que o foco dos autores (e editores) dos livros populares de história são os potenciais leitores. Não há como analisar tais livros enquanto fontes

sem considerarmos a intencionalidade daquele que escreve (e edita): o elemento norteador é o leitor-consumidor. Por isso mesmo, é importante também ressaltarmos outra característica desses livros: o uso que seus autores fazem das fontes que embasam sua escrita, desde a ‘livre interpretação’ dos textos até a falta de cotejamento com outras fontes. Ao que me parece, uma narrativa de fácil apelo perpassa não apenas a construção de um ‘texto fácil’, mas também, em certos casos, uma falta de método científico, entrelaçada a um direcionamento ideológico (PAIANI, 2014, p. 1).

Nos parece claro que as obras que aqui tomamos não têm um apelo efetivamente comercial, como aquelas que a autora citada toma como fontes. Os livros aqui analisados têm como potenciais leitores os torcedores dos clubes de futebol de Caxias do Sul. De tal forma, em diversos momentos da análise nos parece claro que há, efetivamente, esse “direcionamento ideológico”, que não é, porém, executado com finalidades comerciais ou políticas. O objetivo é atrair a atenção e afeição desse leitor-torcedor, que deve tomar esse livro como uma fonte de orgulho e como base para o seu pertencimento clubístico. Conforme veremos a seguir, esse “direcionamento ideológico” também parece ocorrer de acordo com a própria visão de mundo do autor, torcedor do clube sobre o qual ele se dedica a escrever.

As características desses livros também podem servir para localizá-los dentro do campo da história pública<sup>49</sup>, compreendida por Gabriela Correa da Silva (2016) como o conhecimento histórico que circula amplamente pela sociedade, não sendo produzido exclusivamente pelo historiador profissional. O objetivo dos livros que analisaremos, conforme veremos a seguir, é justamente a divulgação e circulação da história dos clubes de futebol profissionais da cidade e seus autores não são historiadores por formação acadêmica<sup>50</sup>.

Vamos às obras. Analisaremos os quatro livros que têm, no momento do seu lançamento, o objetivo de abordar toda a história do clube, tendo em vista que os autores escreveram obras destinadas a períodos mais específicos, que fogem ao escopo e marco temporal de nosso trabalho. O livro *A História da Força Grená* é obra do escritor carioca Gustavo Côrtes<sup>51</sup>, que possui graduação em Administração de Empresas e pós-graduação em

---

<sup>49</sup> O debate acerca da história pública é recente no Brasil, mas tem um desenvolvimento muito maior em outros países, como os Estados Unidos, onde ocorre, a partir dos anos 1970, dentro de um contexto de crise de empregos na academia e de surgimento de oportunidades de trabalho para historiadores profissionais em outros espaços de atuação. Cf. MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 15, ago. 2014, p. 27-50.

<sup>50</sup> O campo da história pública, no entanto, envolve um debate muito mais amplo do que o qual nos propomos a fazer aqui, de forma que acaba sendo difícil, em nossa visão, incluir obras como as de Michielin nessa categoria. Por mais que haja uma intenção de escrever uma história para o seu público, sua obra nos parece muito mais a institucionalização da memória do clube do que uma história pública, efetivamente.

<sup>51</sup> Côrtes é autor de nove livros sobre futebol, sendo sete deles sobre a história do futebol caxiense: São Cristóvão – Memórias da conquista (2006); Clássico Ca-Ju – paixão e rivalidade (2008); Almanaque do Juventude – período de glórias (2011); História da Força Grená (2012); SER Caxias: 80 anos – um registro histórico através das imagens (2015); 1965 – EC Juventude – 50 anos de uma conquista histórica (2016); Estádio Centenário: 40 anos – os

Administração Esportiva. Segundo seu perfil no final desse mesmo livro, seu trabalho consta na tarefa de “resgatar a memória do futebol brasileiro” (CÔRTEZ, 2012, p. 327). É interessante o fato dele não se declarar, na sua apresentação, como um historiador do futebol e nem reivindicar seu trabalho exatamente como uma história, tendo em vista o uso da palavra “memória” nesse breve perfil. O texto de apresentação, constituído de três parágrafos, é o mesmo em todas as obras que serão aqui analisadas. O primeiro é biográfico. O segundo aborda o trabalho desenvolvido pelo autor. O terceiro lista os livros escritos por Côrtes. Por ser um texto breve, parece interessante a citação dos dois primeiros parágrafos aqui<sup>52</sup>.

Nascido em 3 de dezembro de 1969, começou a acompanhar futebol aos 8 anos, através do caderno de anotações de seu pai. Formado em Administração de Empresas e pós-graduado em Administração Esportiva pela FGV-RJ. Há 23 anos, procura resgatar a memória do futebol brasileiro. Presta consultoria na área de pesquisa esportiva para vários meios de comunicação (rádios, jornais, revistas, televisões e sites) e assessorias de imprensa de clubes e atletas. (CÔRTEZ, 2012, p. 327).

Dessa forma, a própria apresentação do autor deixa claro o fato da sua obra não possuir finalidade acadêmica. Seu objetivo é apenas o resgate da memória do futebol brasileiro. Que memória é essa? Qual a concepção de memória de Côrtes? A análise de suas obras nos indica de que forma ele concebe essa memória e como constrói ela a partir dos vestígios por ele utilizados.

Retornando ao livro que temos como objeto no momento, a análise da capa permite uma percepção prévia do que será encontrado em seu interior: a metade superior contém o escudo do Caxias. A metade inferior, os nomes da obra e do escritor. Entre eles, vemos a fotografia de três rodas dentadas, um pouco abaixo da metade da capa, e um fundo de nuvens sobre um céu azul e de uvas no terço inferior da capa. Percebemos, dessa forma, a clara referência a dois elementos caros à cultura e à economia de Caxias do Sul: a uva, símbolo da produção agrícola local, e a metalurgia, ramo da indústria que possui peso considerável para a atividade econômica do município. Chamamos a atenção, nesse momento, para o fato do autor da obra não ser natural de Caxias do Sul nem ter passado sua infância e/ou juventude na cidade. O que se mostra nessa capa são referências a um forte discurso que perpassa a história e a

---

maiores jogos da história (2016); Uma partida histórica: a trajetória do Rei Pelé em Caxias do Sul (2017) e; Almanaque do Esportivo – 1919 a 2019 (2019). O autor, natural do Rio de Janeiro, vive atualmente em Caxias do Sul. Suas obras são utilizadas como fonte para dados veiculados pela imprensa local. Não parece haver a presença de alguma empresa ou grupo de pessoas subordinadas ao autor envolvidas no trabalho de pesquisa empírico.

<sup>52</sup> Por ter acrescentado o livro imediatamente anterior na listagem de cada nova obra lançada pelo autor, o terceiro parágrafo foi excluído da citação.

cultura da cidade e a própria história do clube ora estudado por Côrtes, conforme vemos ao longo das páginas de sua obra. Esse discurso é inerente à presença dos descendentes de imigrantes italianos, os quais desenvolveram, na Serra Gaúcha, uma cultura e uma visão de mundo próprias, de acordo com as condições nas quais se encontraram esses imigrantes e seus descendentes e com o processo histórico desenvolvido nessa parte do Rio Grande do Sul.

Esse constante reforço da identidade étnico-cultural ítalo-brasileira, através de uma frequente lembrança da trajetória do imigrante italiano que se estabeleceu na Serra Gaúcha, é uma característica notável da cultura de Caxias do Sul. Priscila Postali Cruz analisa a presença dessa identidade ítalo-brasileira no futebol profissional através do estudo da história da SER Caxias.

Tomando como campo empírico a Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, denotou-se claramente a forte apropriação do futebol para demarcar os costumes e valores ítalo-brasileiros. O enaltecimento da cidade e a necessidade de mostrar nas cores, no futebol e na emergência do clube o quanto Caxias do Sul foi desenvolvida pelo trabalho destes descendentes de imigrantes foram, com certeza, algumas das premissas que circundaram e fizeram a história da S.E.R. Caxias (CRUZ, 2010, p. 85).

Cruz chama a atenção, também, para a forte presença dos descendentes de imigrantes italianos nas diretorias dos clubes. Apesar do seu objeto de estudo ser a história do Caxias, é razoável crer que o Juventude possui histórico semelhante, já que boa parte dos seus ex-presidentes possuíam sobrenomes de origem italiana.

Um fato interessante diz respeito à constituição do clube. Notoriamente, o G.E. Flamengo sempre teve boa receptividade em relação aos jogadores de diferentes etnias. Uruguaios, argentinos, italianos e negros compuseram o quadro de jogadores desde os primeiros anos de existência do clube. Entretanto, no que tange à constituição da diretoria, os descendentes de imigrantes sempre estiveram à frente do clube ao longo de toda sua história. Denota-se, assim, a apropriação do futebol, em especial do G.E. Flamengo, como meio de manter vivos os laços identitários étnicos dos ítalo-brasileiros. Tais laços estavam ali representados e dentro do futebol eram reforçados, o que sucede até os dias atuais (CRUZ, 2010, p. 70).

A relação entre imigrantes e seus descendentes e clubes de futebol é identificada não apenas em Caxias do Sul, mas em diversas outras cidades do Brasil. Vale ressaltar, aliás, que diversos clubes considerados grandes no país têm suas origens relacionadas aos imigrantes, como o Grêmio e os alemães, o Palmeiras, o Cruzeiro e os italianos, entre outros. Entretanto, cuidados devem ser tomados ao trabalhar com clubes relacionados a identidades étnicas. Jhonatan Uewerton Souza (2014), ao pesquisar o processo de popularização do futebol em Curitiba a partir de clubes fundados por imigrantes italianos, chama a atenção para uma

pulverização do associativismo italiano no Brasil, algo ocasionado por diversos motivos, entre eles as diferenças regionais entre os imigrantes oriundos da Península Itálica. Segundo o autor, os clubes de futebol funcionaram como espaços de sociabilidade para os imigrantes e seus descendentes no processo de integração à nova sociedade na qual estavam inseridos.

Por meio dessas agremiações futebolísticas, redes de contato eram estabelecidas, atividades recreativas eram organizadas, laços afetivos e identitários eram criados, possibilitando a esses imigrantes, dada a projeção eminentemente pública da prática do futebol, um meio de inserção ativa na vida urbana de Curitiba (SOUZA, 2014, p. 15).

Entretanto, as diferenças internas entre os imigrantes devem ser observadas, já que estes eram oriundos de um país que passou por um processo de unificação tardia, não trazendo para o Brasil um sentimento de união e nacionalidade. Algumas associações, contudo, buscaram representar uma unidade entre esses grupos, como foi o caso do Palestra Itália curitibano, clube que se colocou desde a sua fundação como o “clube dos italianos”, o que não se concretizou e nem evitou o surgimento de diversas outras agremiações ligadas aos imigrantes (SOUZA, 2014, p. 14). Além disso, a convivência da identidade étnica com as múltiplas identidades, como as de classe, bairro, profissão etc., torna o processo ainda mais complexo, facilitando a multiplicação das associações. Essas múltiplas identidades explicam a existência de mais de um clube em Caxias do Sul e a forte rivalidade existente entre eles.

Na sétima página de seu livro, Côrtes expõe a forma como foi financiada a produção de sua obra: o *crowdfunding*. Dessa forma, trabalho não contou com financiamento direto do clube, mas sim com o apoio financeiro de pessoas físicas e de empresas parceiras. Os logos dessas empresas estão colocados na quinta página da obra, ou seja, esses dois detalhes vêm antes mesmo do índice do livro. Entre as páginas 8 e 11 estão listados os nomes das pessoas que apoiaram financeiramente a produção da obra. No entanto, esse fato não impede que o livro seja considerado uma história oficial do clube, pois uma das empresas financiadoras do projeto é a então patrocinadora máster do Caxias e administradora do clube: a Voges, de propriedade do empresário Osvaldo Voges, então presidente do Clube Grená. O logo dessa empresa é, inclusive, o primeiro a aparecer na página onde constam as empresas apoiadoras<sup>53</sup>. Além desse fato, essa obra e outras do mesmo autor que abordam a história do Caxias podem ser encontradas na loja oficial do clube, localizada junto ao Estádio Centenário. Dessa forma, podemos considerar que, por mais que a intenção inicial possa não ter sido essa, o clube acabou

---

<sup>53</sup> O que pode ser um indicativo de haver, se não um financiamento, ao menos um apoio indireto do clube, através da empresa que o administrava então.

por apropriar-se das obras de Côrtes como um meio de divulgação da sua história junto aos seus torcedores.

O livro é dividido em três partes, condizentes com a história do clube: a primeira aborda a era Grêmio Esportivo Flamengo, denominação do clube entre os anos de 1935 e 1975. A segunda, a menor delas, se detém sobre o período da Associação Caxias do Sul de Futebol, entidade que foi o resultado da fusão dos departamentos de futebol do Flamengo e do Juventude e existiu entre 1972 e 1975, quando a dupla Fla-Ju esteve licenciada dos campeonatos profissionais da Federação Gaúcha de Futebol. A terceira parte do livro trata sobre a parte mais recente da história do Caxias, já sob a denominação de Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, focando no recorte temporal entre o final de 1975, quando são alterados os estatutos do clube e, conseqüentemente, o nome da agremiação, até a decisão do Campeonato Gaúcho de Futebol de 2012, certame do qual o Caxias acabou com o vice-campeonato.

As fontes de pesquisa referenciadas pelo autor ao longo do livro são, principalmente, jornais, na maior parte de Caxias do Sul e, minoritariamente, de Porto Alegre, além de fotografias e depoimentos de personagens históricos do clube, sendo a quase totalidade formada por jogadores, membros de comissões técnicas e dirigentes. Na bibliografia, ele referencia também livros, revistas, sites e dá créditos para as fotos que usa ao longo do livro. Chama a atenção a ausência quase total de referências a documentos produzidos pelo clube, como livros de atas e outros tipos de materiais. Isso demonstra uma dificuldade grande para a pesquisa histórica em relação ao clube, já que não temos disponíveis fontes internas para trabalhar. O que resta ao historiador e ao memorialista como fontes são a imprensa e a fonte oral, que é temporalmente restrita: os dirigentes e jogadores mais velhos que estão ainda vivos atuaram no clube a partir do final dos anos 1960.

No início do livro, além da apresentação, escrita por um professor universitário, e de uma nota do autor, há a “palavra do presidente”, um texto de uma página escrito por Osvaldo Voges. Nesses textos, vemos lançadas algumas das ideias que norteiam todo o livro, além de estarem na cultura torcedora dos grenás e integradas à própria cultura caxiense.

Todos os episódios evocados pertencem à história grená, à máquina humana que tem movido dia a dia a engrenagem correspondente a uma significativa parcela de entusiastas da terra do trabalho, do progresso, da Festa da Uva, da inicial zona de imigração italiana, atualmente convertida em lugar para o convívio de uma ampla diversidade étnica. Caxias clube e polo da Serra Gaúcha se confundem, fundem-se nominalmente a partir de um processo metonímico. O primeiro é parte da pujança do segundo, e este, por sua vez, beneficia-se com a divulgação promovida pelo futebol da equipe que leva o nome da cidade. (PELLIZZARO, 2012, p. 18-19).

A citação anterior foi retirada da apresentação do livro, escrita pelo jornalista e professor universitário Tiago Pellizzaro<sup>54</sup>. Nesse momento do texto, o autor evoca alguns dos elementos que são caros à cultura da cidade: o trabalho, o progresso, a uva (e sua festividade bianual), a imigração italiana. Podemos perceber que esses são elementos que perpassam a identidade do clube Caxias, integrado à sociedade que está no seu entorno. O próprio escritor ressalta isso ao falar que, na sua visão, clube e cidade se fundem e se confundem. Compreendemos, dessa forma, que se torna impossível analisar a história desse clube caxiense sem compreender o seu entorno social, cultural e econômico, tendo em vista que as pessoas que fazem parte dessa Sociedade são oriundas da própria sociedade caxiense.

Ainda do texto de Tiago Pellizzaro, vale ressaltar o fato, citado pelo jornalista, do livro de Côrtes ser o primeiro exclusivamente focado na história do Caxias, clube que completava, no ano de 2012, quando do lançamento da obra, 77 anos de existência. Acaba sendo curiosa a condição na qual esse primeiro livro sobre o Caxias é produzido: foi necessário que um escritor vindo do Rio de Janeiro produzisse essa obra, que não é, obviamente, fruto da pesquisa empreendida por algum torcedor, dirigente ou pessoa com ligação anterior com o clube, ao contrário do que ocorre com o primeiro livro escrito sobre o Juventude, conforme veremos a seguir. Devemos considerar esses fatos durante a análise da obra, pois a paixão torcedora não é algo envolvido durante esse processo de produção, mas sim o aparente interesse na história de um clube de futebol interiorano por um pesquisador do esporte, quais sejam suas intenções iniciais.

Na seção denominada “Nota do autor”, Côrtes expõe o seu objetivo ao escrever o livro.

O objetivo da obra A História da Força Grená foi resgatar a odisséia de um dos clubes mais importantes e tradicionais do interior do estado do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, de Caxias do Sul. [...]

Esse é o objetivo dessa obra, resgatar histórias, depoimentos de ídolos, curiosidades, fatos e momentos marcantes, através de fotos e jogos históricos, inclusive com fichas técnicas, que infelizmente com o passar dos anos vão se perdendo com o tempo e caindo no esquecimento. Um clube como esse não poderia ficar tantos anos sem ter um registro histórico dessas conquistas e façanhas (CÔRTEES, 2012, p. 20).

---

<sup>54</sup> Tiago Pellizzaro é mestre e doutor em Letras, tendo escrito junto com Gustavo Côrtes o livro “Uma partida histórica: a trajetória do Rei Pelé em Caxias do Sul”, dedicado à partida disputada entre um combinado Fla-Ju e o Santos Futebol Clube no Estádio Alfredo Jaconi em 31 de março de 1957 e vencida pelo clube paulista por 4x1. Pellizzaro atua como docente no Centro Superior de Tecnologia TECBrasil, em Caxias do Sul. Cf. PELLIZZARO, Tiago. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 15 jul. 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1270340740154712>. Acesso em: 28 fev. 2020. O recurso à apresentação escrita por um professor universitário local pode servir como uma legitimação não apenas entre a intelectualidade da cidade, mas mesmo junto ao público leitor, tendo em vista o fato do autor da obra não ser caxiense.

Aqui ele aponta a sua intenção, que se mostra verdadeira ao longo da obra: não há o objetivo de uma problematização, com bases teóricas, da história do clube. Há, sim, um relato factual, baseado nas fontes e, especialmente, nos depoimentos orais, os quais não passam por uma avaliação crítica do autor, mas são expostos como a história do clube baseada naqueles que a viveram mais diretamente. Deixamos claro, aqui, que não vemos essa opção do autor como errada, mas sim como uma forma específica de relatar a memória de um clube de futebol. Côrtes escolheu seu método de trabalho e o executou, de acordo com as condições e necessidades do público alvo. Execução que, na nossa visão, foi realizada de forma competente, tendo em vista que todos os dados e situações relatadas estão baseadas em fontes existentes, sejam elas escritas, orais ou visuais.

Outro aspecto do seu texto de abertura chama a atenção: a presença de elementos caros à identidade do clube.

Com raízes nas camadas humildes, mais populares, o Flamengo ficou conhecido com o “Clube do Povo” e angariou a simpatia de parcela de uma cidade colonizada por descendentes italianos.

O clube dos operários da indústria e comércio superou toda barreira de discriminação e se impôs como uma das maiores forças do estado do RS (CÔRTEES, 2012, p. 20).

A obra de Côrtes apoia e embasa uma visão comum entre torcedores e dirigentes do Caxias: o Clube Grená como representante da classe trabalhadora, como o clube popular de Caxias do Sul. A partir dessa visão é possível perceber a oposição entre Caxias e Juventude baseada em uma divisão de classes. O Flamengo/Caxias seria o representante das classes populares, dos operários, das camadas periféricas da cidade. O Juventude, por sua vez, seria o clube da elite, um representante das classes privilegiadas. Ressaltamos que essa visão sobre o rival do Grená não está explícita no texto de Côrtes, mas tem base em uma percepção do Caxias como clube popular e em um imaginário comum no futebol brasileiro, onde as rivalidades são baseadas em dicotomias como clube de elite/clube do povo<sup>55</sup>. Essa visão oposicionista é frequentemente evocada, obviamente, pelos próprios torcedores grenás. Posso, nesse momento, relatar uma breve experiência etnográfica que tive (e ainda tenho) como frequentador dos estádios caxienses<sup>56</sup>: é comum a torcida organizada do Caxias, a Força Independente Falange Grená, puxar um cântico que critica (e xinga) os torcedores do clube rival pelos casos de

<sup>55</sup> Cf. DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, jul. 2001. MARQUES, José Carlos. Breves estudos sobre futebol, esporte e cultura no Brasil. **Comunicação Movimento e Mídia na Educação**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p.1-17, 1999.

<sup>56</sup> Especialmente do Estádio Centenário. Minhas experiências como torcedor no Estádio Alfredo Jaconi se restringem aos clássicos Ca-Ju como visitante por motivos que parecem óbvios.

racismo ocorridos nas arquibancadas e no campo do Estádio Alfredo Jaconi. Além disso, essa mesma torcida tem uma faixa na qual está escrita a palavra “favela”, em letras brancas sobre um fundo grená e azul, além de cantar outra música, na qual consta a expressão “festa na favela”, puxada, principalmente, quando o Caxias está enfrentando e vencendo seu mais tradicional rival. Podemos perceber, dessa forma, esse reivindicado pertencimento às classes baixas como um elemento primordial para a identidade do Clube Grená. Um dos apelidos dados ao time, utilizado principalmente pelo próprio clube em suas mídias sociais, dá conta da importância disso: “Grená do Povo”. No entanto, isso chama a atenção para a ambiguidade desses cânticos: o torcedor rival é, nas palavras da Falange e dos torcedores grenás que os acompanham no apoio, um “racista filho da puta” que “chupa rola e dá o cu”, algo visto como negativo e depreciativo pelos torcedores. O racismo é condenado, mas a homofobia, consequência do padrão de masculinidade vigente nos estádios brasileiros, é exaltada. Outro cântico, também da Falange, única torcida atualmente ativa nas arquibancadas do Centenário, declara que “para jogar no Caxias tem que ser homem, não ser como os putos lá do Jaconi”. Há, obviamente, cânticos igualmente homofóbicos e machistas cantados pela torcida do Juventude, como o “atirei o pau no Caxias”, com o mesmo ritmo que a primeira música aqui citada. Veremos melhor essa questão da masculinidade no futebol, especialmente entre os dirigentes, no capítulo quatro.

Outra parte anterior à história propriamente dita é a seção “Palavra do presidente”, escrita por Osvaldo Voges, presidente do Caxias entre os anos de 2008 e 2012. Nela, Voges relata como ocorreu sua aproximação junto ao clube e sua condução ao cargo de presidente do mesmo.

Lembrei-me das primeiras vindas ao estádio Francisco Stedile (Centenário) lá pelo fim dos anos 1990, onde percebi características que me despertavam interesse. Eu, migrante, hoje Cidadão Caxiense, queria integrar-me a uma comunidade que tão bem me recebeu e na qual eu escolhi para viver.

Vi naquele Caxias um time popular, cor grená (como a nossa querida uva), de torcida formada por grandes faixas da população mais carente de nossa sociedade. Vi um time que trazia o nome da nossa cidade, após fusão com o Flamengo – confesso que gostei muito da troca. Vi um time que trazia no peito o símbolo da força industrial de Caxias do Sul, uma engrenagem de nove pontas – e, por ser metalúrgico, identifiquei-me. Vi outras coisas, que poderia citar. Mas, acima de tudo, vi uma paixão. O gostar foi imediato e a paixão, que nós, na indústria, não conhecemos, no futebol transborda. (VOGES, 2012, p. 21).

Conforme percebemos, Osvaldo Voges não é um torcedor grená de infância<sup>57</sup>. Nem mesmo nascido ou criado em Caxias do Sul ele é, o que tornaria consideravelmente mais difícil fazê-lo um grená “de berço”, já que o clube possui sua torcida concentrada na cidade. Entretanto, em seu texto, ele soube elencar elementos que, conforme vimos anteriormente, são fundamentais para a identidade do clube e para a relação entre o torcedor e a Sociedade. Elementos que podemos considerar como uma espécie de mistura entre uma cultura tradicional, como a uva, e uma modernização cultural trazida a reboque das mudanças econômicas, no caso, a evocação aos elementos da indústria, algo presente no próprio escudo do clube.

Anos depois, fui convidado para jantar em um hotel caxiense onde encontrei pessoas bastante conhecidas que debatiam como resolver o estado da S.E.R. Caxias. O clube amargava, naqueles tempos, uma “moratória” dentro e fora do campo. Procurei entender o que se passava e percebi que o caminho não era fácil. Semanas depois, recebi a visita dos conselheiros Alceu Fassbinder e Ovídio Deitos (amigos que sempre carregarei no peito), que “campeavam” uma solução para a S.E.R. Caxias. E propuseram que eu assumisse o clube e o modernizasse, tirando-o da situação em que se encontrava. Foi um susto para mim. Que despertou ainda mais meu espírito empreendedor, envolvido agora em uma paixão nacional, o futebol.

Pensei um pouco e mergulhei com tudo nesse projeto que, bem disse à época, seria o maior desafio da minha vida. Passados mais de cinco anos, e com toda a experiência adquirida, vamos reconstruindo com a ajuda de muitos esse símbolo grande da nossa região (VOGES, 2012, p. 21).

Nesse momento, ele relata como se deu o processo que culminou na sua posse como presidente do clube. Podemos perceber que havia uma esperança, por parte dos conselheiros do Caxias, que um empresário de renome do período poderia solucionar os velhos problemas financeiros do clube<sup>58</sup>. Logo, não havia, nas palavras de Voges, uma vontade inicial dele para ingressar nesse processo, mas sim um chamado de amigos próximos, que o levaram a assumir a presidência da Sociedade. Mais adiante, nos próximos capítulos, veremos a forma como esses elementos, a amizade e o pertencimento a um grupo social, aparecem nos discursos de outros ex-presidentes da dupla Ca-Ju.

A seguir, Côrtes relata a história a que se propõe, desde o desembarque do futebol no Brasil até a decisão do Campeonato Gaúcho de Futebol de 2012. São frequentes, ao longo de sua história, as citações de nominatas de direções e de elencos de jogadores de momentos cruciais da história do clube, como no ato de fundação, na mudança de nome em 1975 e no título estadual de 2000. Depoimentos de atletas, ex-membros de comissões técnicas e de dirigentes, atuais e do passado, são destacados ao longo do livro, de forma que o autor busca,

---

<sup>57</sup> A referência a uma suposta “fusão com o Flamengo” já deixa explícita sua falta de intimidade com a história do clube enquanto torcedor.

<sup>58</sup> Veremos nos próximos capítulos que essa não é uma escolha inédita na história do clube.

na medida do possível, dar voz a esses personagens, deixar que eles relatem a história do clube que eles ajudaram a construir, manter e perpetuar.

O segundo livro de Côrtes que se dedica a cobrir toda a história do Caxias é a obra *S.E.R. Caxias 80 anos: um registro histórico através das imagens*, lançada em 2015, nas comemorações do octogésimo aniversário do Clube Grená. De forma semelhante ao livro anterior, essa obra é financiada por torcedores e por empresas parceiras do projeto, não contando, de acordo com o próprio livro, com investimento de verba do clube. A estrutura de apresentação é semelhante à da obra que o antecede: a apresentação é escrita pelo advogado e jornalista Osny Freitas de Oliveira<sup>59</sup>, que chegou a atuar como dirigente do Clube Grená, segundo documentação enviada à Federação Gaúcha de Futebol, sendo secretário geral durante o mandato de Vigilio Paolo Battisti, nos anos de 1971 e 1972<sup>60</sup>. Osny foi um jornalista de atuação destacada na imprensa esportiva da cidade, tendo trabalhado no Jornal Pioneiro e na Rádio Caxias. Em seu texto de apresentação, o jornalista faz um breve resumo da história do clube, dividindo-a em suas duas fases: a primeira, sob a denominação de Grêmio Esportivo Flamengo, e a segunda, sob a denominação atual. Osny reconhece a importância da obra de Gustavo Côrtes: “é de se louvar o extraordinário trabalho que o pesquisador-escritor Gustavo Côrtes vem desenvolvendo na perpetuação da história dos clubes brasileiros” (OLIVEIRA, 2015, p. 9). A seguir, há uma nota do autor e a “palavra do presidente”, escrita por Nelson Mario Rech Filho, então mandatário do Clube Grená.

Ao contrário do livro anterior, essa obra não possui uma divisão interna. Ao longo das 187 páginas, o autor dá ênfase às imagens para contar a história do clube, como o próprio nome do livro indica. Além disso, Côrtes mostra 58 perfis biográficos de personagens que marcaram a história do Caxias, em uma ordem cronológica. Entre esses personagens, encontramos dirigentes, treinadores e, principalmente, jogadores. Nesses breves perfis, de uma página cada, o escritor aborda o início da relação entre a pessoa em questão e o clube e suas atividades profissionais posteriores ou paralelas à atuação no Caxias. Esse é um livro que demonstra importância para a nossa pesquisa, tendo em vista que, dele, é possível extrairmos dados

---

<sup>59</sup> Osny Freitas de Oliveira chegou a ser contatado pessoalmente no mês de dezembro de 2017, quando o projeto de mestrado que originou essa dissertação estava submetido à banca de seleção do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos. No entanto, infelizmente, Osny faleceu um mês depois, no dia 10 de janeiro de 2018, devido a complicações cardíacas, aos 79 anos de idade. Na ocasião do contato, Osny comentou que estava se dirigindo a Porto Alegre para resolver um problema de saúde. O falecimento ocorreu na capital do estado. Cf. MORRE o jornalista Osny Freitas de Oliveira. In: RÁDIO Caxias. Caxias do Sul, 11 jan. 2018. Disponível em: <https://radiocaxias.com.br/portal/noticias/morre-o-jornalista-osny-freitas-de-oliveira-84335>. Acesso em: 10 jun. 2019. Novamente, há uma aparente tentativa de legitimação: desta vez, através de um jornalista esportivo histórico para a cidade.

<sup>60</sup> Temos disponíveis cópias dessa documentação, fornecidas por Jorge Roth, funcionário do Clube Grená.

biográficos relevantes sobre algumas das pessoas que entrevistamos ou sobre seus contemporâneos, citados nas entrevistas.

Há dois elementos que seguem em consonância com o livro anterior. O primeiro é a já citada referência ao Caxias como um clube popular, como “o time do povo, da camada popular” (CÔRTEZ, 2015, p. 10). A segunda é a forma como as mulheres aparecem nos livros: a partir das referências às participações de representantes do clube em concursos de beleza ocorridos na cidade, notadamente a escolha da candidata a Rainha da Festa da Uva, título obtido pela representante grená por duas vezes, em 2001, com Juliana Marzotto, e em 2005, com Julia Brugger De Carli (CÔRTEZ, 2015, p. 145 e 151). Nesse livro, no entanto, há, também, o perfil da primeira mulher dirigente do Caxias: Dolaimes Maria Stedile Angeli, filha do patrono e ex-presidente Francisco Stedile e esposa de José Fiorindo Angeli, que foi vice-presidente do clube durante os dois primeiros mandatos de Francisco Stedile, entre 1976 e 1979, e presidente do Conselho Deliberativo do clube entre 1984 e 1993. Graduada em Pedagogia e em Comunicação Social pela Universidade de Caxias do Sul, instituição onde também atuou como docente, Dolaimes foi vice-presidente de Marketing do Caxias em 1994, na gestão do presidente Marcos Guerra. A atuação profissional de Dolaimes a destaca também na história da indústria caxiense.

Na Agrale, uma das empresas do Grupo Francisco Stedile, Dolaimes passou a exercer de fato a profissão de relações públicas e organizadora de eventos.

A dedicação de Dolaimes para com a Agrale logo foi reconhecida por entidades de classe ligadas ao setor, e marcou profundamente o papel da mulher do meio empresarial de Caxias, do estado e do Brasil. Ocupou importantes cadeiras na Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC), na Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) e na Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos automotores (Anfavea), com sede em São Paulo (CÔRTEZ, 2015, p. 126).

Falecida em 28 de abril de 1995, aos 51 anos, Dolaimes teve também uma filha que viria a ser dirigente do Clube Grená, Fúlvia Stedile Angeli Gazola, que, seguindo os passos da mãe, chegou posteriormente à presidência do Conselho Deliberativo da CIC<sup>61</sup>.

O primeiro livro escrito especificamente sobre o Juventude, por sua vez, é obra de um médico. *Assim na terra como no céu: onde se conta o fascínio da santa aliança entre um clube de futebol - o Juventude - e a sua gente, muito mais do que uma simples relação amorosa*, do cardiologista caxiense Francisco Michielin, possui notórias diferenças em relação ao seu

---

<sup>61</sup> CIC CAXIAS. **Fúlvia Stedile Angeli Gazola é reeleita presidente do Conselho Deliberativo da CIC**. Disponível em: <<https://ciccaxias.org.br/noticias/2014/04/29/fulvia-stedile-angeli-gazola-e-reeleita-presidente-do-conselho-deliberativo-da-cic/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

homólogo grená. Diferentemente de Gustavo Côrtes<sup>62</sup>, Michielin tem uma longa história junto ao Juventude: natural de Caxias do Sul, o médico tem ligações familiares com o clube, já tendo, inclusive, integrado diretorias, como em 1978, sob a presidência de Alfredo Sehbe<sup>63</sup>, segundo a citação a seguir.

Alfredo Sehbe [...] faz parte de uma geração histórica de juventudistas da gema. É ele, e não outro, que estará sentado na cadeira presidencial em 1978. Paulo Zugno, João Fasoli e eu, somos seus escudeiros, seus ministros. Ajudo no que posso, por limitações do dualismo consultório-hospital. Sempre que dava, estava eu lá, dando palpites, até polemizando. No ano anterior, Carlitos Chies me fizera seu vice-presidente do Departamento Médico e me pedira para montar um Conselho Consultivo incipiente<sup>64</sup>, reeditando uma comissão que já existira nos anos mais remotos, tomando resoluções e oferecendo sugestões a sua presidência. Agora, além de articulador de bastidores, continuava chefiando o Departamento Médico. Conto isso, restaurando vivências pessoais, porque algumas das mais importantes decisões do ano de 1978 – como do ano de 1977 – nasceram e se desenvolveram sob meu testemunho e minha modesta atuação (MICHIELIN, 1994, p. 360).

Dessa forma, seu relato possui substanciais diferenças em relação à escrita de Côrtes, pois seu livro é, podemos dizer, escrito por um juventudista para juventudistas. Côrtes, por sua vez, reserva para si um distanciamento em relação ao seu objeto de pesquisa, a despeito de também tecer elogios ao clube e exaltar a sua história. Michielin também se destaca pela sua escrita romanceada, apesar de seu livro estar baseado em fontes e registros históricos, além de memórias do autor. O escritor caxiense prima pela narrativa, recriando todo o cenário no qual se desenrola a história que ele se propõe a contar. Além disso, vale destacar o fato de Francisco Michielin ser o historiador oficial do clube alviverde<sup>65</sup>, algo citado por ele em suas apresentações nos livros mais recentes. Esse reconhecimento dá um status diferenciado à sua obra, pois ela torna-se a história oficial do clube, transformando-se, de certa forma, em uma produção interna.

<sup>62</sup> Apesar do fato de os dois livros sobre o Caxias aqui tratados serem obras de Gustavo Côrtes e os dois livros sobre o Juventude serem escritos por Francisco Michielin, Côrtes escreveu dois livros dedicados à história do Alviverde. Cf.: CÔRTEZ, Gustavo. **1965**: E. C. Juventude – 50 anos de uma conquista histórica. Caxias do Sul, RS: AMZ, 2016. CÔRTEZ, Gustavo. **Almanaque do Juventude**: período de glórias. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2011. Por se tratarem de livros com recortes temporais específicos, eles não serão aqui analisados.

<sup>63</sup> Fato comentado por Alfredo Sehbe em seu depoimento, que será analisado nos próximos capítulos.

<sup>64</sup> Em sua entrevista, Carlito Chies afirma ter criado o Conselho Consultivo.

<sup>65</sup> Cf. ESPORTE CLUBE JUVENTUDE. **Francisco Michielin é nomeado historiador oficial do Juventude**. Disponível em: <<http://www.juventude.com.br/noticias/id/4717/francisco-michielin-%C3%A9-nomeado-historiador-oficial-do-juventude>>. Acesso em: 25 maio 2019. Um fato me chamou a atenção durante o processo de busca pelas fontes: ao entrar em contato com funcionários do Juventude em busca de documentação do clube, eles sempre me indicavam contatar Michielin e/ou ler suas obras. Mesmo quando questionava pela existência de documentos, cujo acesso é consideravelmente dificultado pelo desconhecimento dos funcionários em relação ao acervo existente no memorial do clube, os livros do médico caxiense sempre me eram indicados como as obras necessárias, na visão desses funcionários, para a produção de estudos sobre o Juventude.

Francisco Michielin desenvolveu sólida carreira acadêmica na área da medicina, campo do saber de sua formação<sup>66</sup>. O médico-escritor foi docente do Curso de Medicina da Universidade de Caxias do Sul durante o período de 39 anos, sendo professor titular da disciplina de cardiologia<sup>67</sup>. Além da atuação em medicina, é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Cardiologia do Rio Grande do Sul<sup>68</sup> e um dos fundadores da Academia Brasileira de Médicos Escritores, tendo publicado obras literárias e científicas na área da medicina. Porém, durante sua juventude, atuou profissionalmente como jornalista esportivo, o que lhe fez construir uma experiência que certamente contribuiu para o seu futuro como historiador oficial do seu clube do coração. Sua atuação no jornalismo iniciou ainda aos quatorze anos, quando estudante do Colégio Nossa Senhora do Carmo, atual Colégio La Salle Carmo, uma das mais tradicionais escolas privadas da cidade. Atuando como editor do jornal da escola, foi convidado para trabalhar no jornal Pioneiro, que é, atualmente, o maior jornal de Caxias do Sul. Dentro do jornal, Michielin atuou como colunista, escrevendo, segundo matéria do jornal Frispit, da Área de Ciências Sociais da UCS, mais de cem crônicas entre 1958 e 1961. Já aos 15 anos, foi redator do programa de esportes da Rádio Caxias, locutor e comentarista esportivo. Posteriormente, foi ainda correspondente em Caxias do jornal Correio do Povo e da Rádio Guaíba. Porém, acabou desistindo dos empregos para se dedicar à faculdade de medicina, que cursou em Porto Alegre. Esse histórico de atuação como jornalista esportivo na sua juventude, ocorrido durante a década de 1950, explica em parte seu interesse pela temática do futebol e, também, o seu estilo de escrita. Vale ressaltar que ele não produziu apenas obras dedicadas ao Juventude, mas também à história da Seleção Brasileira e ao Grêmio Atlético Renner, de Porto Alegre, campeão estadual do ano de 1954.

Lançado no ano de 1994, o seu primeiro livro sobre o Juventude tem como recorte temporal o período que inicia naquilo que Michielin chama de “pré-história de Caxias” (MICHIELIN, 1994, p. 19) até o ano de 1994, às vésperas do primeiro título nacional do Clube Alviverde, o Campeonato Brasileiro de Futebol – Série B do mesmo ano. Chama a atenção,

---

<sup>66</sup> As informações bibliográficas de Michielin têm como fontes matérias da imprensa caxiense. Cf. MEMÓRIA: Francisco Michielin na pulsação literária. *In*: PIONEIRO. Caxias do Sul, 05 out. 2017. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2017/10/memoria-francisco-michielin-na-pulsacao-literaria-9925782.html>. Acesso em: 10 jun. 2019. O CHICO é assim. *In*: FRISPIT. Caxias do Sul, 12 jul. 2011. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/claualessi/perfil-francisco-michielin>. Acesso em: 10 jun. 2019.

<sup>67</sup> Conforme veremos nos próximos capítulos, essa não é uma trajetória incomum entre dirigentes dos clubes de Caxias do Sul. Milton Sérgio Bertelli, presidente do Flamengo em 1974, e Vicente Gallicchio, vice-presidente do Juventude em 1971, membro do departamento médico do Caxias em 1976 e um dos principais articuladores da Associação Caxias de Futebol, também foram docentes da faculdade de medicina caxiense. Cláudio Eberle, por sua vez, foi professor na faculdade de ciências econômicas, tendo entre seus alunos Carlito Chies.

<sup>68</sup> Cf. MICHIELIN, Francisco. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 11 ago. 2006. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8491271034057993>. Acesso em: 11 jul. 2019.

dessa forma, como o autor busca relacionar intimamente a história da cidade à história do clube, um esforço que ele torna explícito já no subtítulo da obra: “Onde se conta o fascínio da santa aliança entre um clube de futebol – o Juventude – e a sua gente, muito mais do que uma simples relação amorosa”.

No começo de tudo, eu tinha o único e bem delineado objetivo: simplesmente o de escrever a história de um clube de futebol – as paixões e as glórias do meu Juventude. Queria contar a saga verde e branca que tanto tange as nossas mais vibrantes emoções. [...] seria impossível e até desagradável, para não dizer ingrato, que fosse eu o responsável pela dissociação do Juventude com a cidade de Caxias do Sul. Essa dicotomia jamais, no meu entendimento e sob minha ótica, poderá ser feita em tempo algum. Seus caminhos não se bifurcam. Há, na verdade, um enraizamento tão forte que vincula a ambas no mesmo tronco comum (MICHIELIN, 1994, p. 9).

Na citação anterior, retirada da apresentação do livro, o autor deixa claro qual era seu objetivo inicial e a posterior compreensão que teve, segundo ele, ao longo da pesquisa, de impossibilidade de separação entre história da cidade e história do clube. Esse é um elemento que distancia um pouco a obra de Michielin da acepção de Memória-História do futebol definida por Ribeiro<sup>69</sup>. Segundo o historiador, “as conexões com a situação nacional, o processo de desenvolvimento das cidades ou a chegada de vários imigrantes ligada à industrialização” (RIBEIRO, 2007, p. 22) não era evocada nas obras mais clássicas dessa categoria. Michielin, porém, demonstra uma profunda preocupação com a colocação do Juventude dentro da história de Caxias do Sul, de forma que a cidade é evocada desde a sua formação, com a chegada dos primeiros imigrantes. Além disso, a forma como ele se coloca em relação à história está presente já nas primeiras linhas: Michielin considera-se parte disso. Ele não é mero narrador, mas um dos atores dessa história que relata. Na citação feita anteriormente, ele deixa claro, inclusive, que certas partes do seu livro têm como fonte a sua própria memória, já que o autor é, ao mesmo tempo, uma testemunha e um ator da história que é contada<sup>70</sup>.

De forma ainda mais acentuada em relação à obra de Côrtes, esse livro se trata não apenas de uma obra que relata a história do clube, mas é uma constante exaltação à mesma. A todo momento o autor busca destacar o Juventude no cenário futebolístico do interior do Rio Grande do Sul. Um exemplo é o primeiro dos trinta e oito capítulos do seu livro, no qual Michielin aborda a fundação do Juventude. Com sua linguagem romanceada e de forma apaixonada, ele narra uma saga onde é percebida a intenção do autor de relatar uma espécie de

<sup>69</sup> E dificulta consideravelmente uma classificação da obra desse autor.

<sup>70</sup> Por isso, parece ser mais apropriado considerar essa obra como a institucionalização da memória do clube do que como parte de uma historiografia do futebol caxiense. O livro de Michielin não é histórico em um sentido estrito, havendo muito de literatura nele.

predestinação, pois o Juventude deveria nascer a qualquer custo, sendo essa a vontade de seus fundadores.

Enquanto a maioria das pessoas ocupava-se de suas labutas matutinas, uma porção de jovens, que nem dormira bem, acordava com a excitação pulsando na alma. Desde cedinho, madrugada ainda, espiavam pelas janelas embaçadas, esquadrinhando o tempo cinzento e desalentador, implorando por uma melhoria. Esperariam com impaciência pela chegada da tarde, as horas demorando a passar, mais do que nunca. Eles sonhavam que até a noite pudessem ser contemplados com as bênçãos do Senhor, como alguém que aguarda por um milagre. Sim, todos eles, oravam intimamente ansiosos pelo primeiro fulgor do firmamento, com sua luminosidade difusa, anunciando um domingo esplendoroso, cheio de sol. Pena que agora chovesse. Mas, vá lá: andavam por demais algariados e sabiam que a sua empolgação superaria qualquer obstáculo. Nada os deteria, nada teria forças para contê-los ou aplacar seus desejos. Mesmo que caíssem canivetes! Carregavam no peito a fé e a esperança de fazer nascer o Juventude, um clube de futebol.

[...] O Juventude nasceria para toda a eternidade, ainda numa noite enluarada.

[...]

Teria o Senhor Deus trabalhado durante a semana toda, para, no domingo, descansar, criando o Seu, o nosso Juventude, esse rebento tão mimado? (MICHIELIN, 1994, p. 14).

Como demonstram os excertos anteriores, o nome desse primeiro capítulo, introdutório, o menor deles, de apenas duas páginas, não poderia ser outro: “E Deus criou o Juventude”. Essa relação estabelecida pelo autor entre a história do seu clube de futebol e um forte elemento cultural de Caxias do Sul, a fé católica, é algo que perpassa toda a obra. Michielin referencia a fé cristã, aliás, nos títulos do primeiro e do último capítulos de seu texto: a trigésima oitava seção do livro chama-se “E Deus disse: ‘Crescei e multiplicai-vos, porque ser Papo é uma bênção dos Céus!’ ”.

A impressão que fica, ao longo da leitura, é que o autor alterna entre a produção de uma espécie de romance histórico e um livro efetivamente de história. Muitas vezes a elaboração do contexto e a produção de um texto de leitura agradável é uma preocupação maior do que a referência a fontes, que se mostram presentes no cuidado factual do autor em outros momentos.

Conforme dito anteriormente, o livro não se inicia com a fundação do Sport Club Juventude<sup>71</sup>, no dia 29 de junho de 1913. Ele começa naquilo que o autor chama de “pré-história de Caxias”, que tem um marco histórico não exato utilizado no livro: por volta de 1635, quando

<sup>71</sup> Grafia do nome completo do clube quando da sua fundação, conforme os usos correntes no período de termos em inglês na prática do futebol no Brasil. Não temos condições de afirmar a data exata em que ocorre a mudança para a grafia aportuguesada atual: Esporte Clube Juventude. No livro-álbum de Francisco Michielin sobre os cem anos do Clube Alviverde, *Juventude, paixão e glória: 100 anos de orgulho na Serra Gaúcha*, a grafia atual é identificada na legenda de uma fotografia do time de 1949. Fica a dúvida, porém, se essa legenda foi produzida no período ou posteriormente. Cf. MICHIELIN, Francisco. **Juventude, paixão e glória: 100 anos de orgulho na Serra Gaúcha**. Caxias do Sul: Requite Revista Editora, 2016, p. 36.

ocorre o que o autor chama de martírio do padre jesuíta Cristóvão de Mendonza. Chama a atenção a linguagem utilizada pelo autor para descrever a população nativa da atual região da Serra Gaúcha, conforme podemos ver no parágrafo a seguir.

Por volta de 1635, os jesuítas se lançavam em suas missões de pacificação, tentando civilizar os indígenas. Vinham eles dispostos, sobretudo, a resgatar o valor humano do selvícola, moldando-o como pessoa e livrando-o das injustas perseguições dos brancos que os exploravam e maltratavam. Um desses jesuítas chamava-se Cristóvão de Mendonza. Fazia suas pregações, procurando amansar aquela gente indomável, catequizando e formando seus rebanhos cristãos. As dificuldades que se interpunham eram incomensuráveis. Bem que os missionários se viravam de dentro para fora a fim de contornar a melindrosa situação, numa luta árdua e muito pouco profícua. Como incutir, naquelas mentes tacanhas, um sentido de verdadeira religiosidade?

[...]

Estavam possuídos por seus deuses malignos. Não conseguiam sedimentar a nova crença que lhes era proposta, incapazes de atingir um raciocínio elementar. Suas parcas habitações, seus escassos recursos eram tomados e destruídos por aventureiros criminosos. Alguém explicava isso? Aos poucos, esgotavam suas limitações de humildade e servidão. Nem um padre e com que dotes divinos extraídos sabe lá de onde, poderia convertê-los (MICHIELIN, 1994, p. 18).

Após comentar sobre o martírio daquele que foi atacado pela ira dos que “não sabiam o que faziam”, Michielin dá um salto de mais de duzentos anos até 1875, ano do início da imigração italiana para o Brasil, processo no qual surge a atual cidade de Caxias do Sul. Entre os capítulos dois e seis, o autor dedica-se a escrever a trajetória dos imigrantes, desde a situação que os motivou à saída da Itália até anos após a elevação da vila à categoria de cidade, ocorrida em 1910, quando ocorre a fundação do Juventude, já em 1913. O foco do seu discurso está no sofrimento e privações enfrentadas pelas pessoas que viriam a emigrar quando estavam no seu solo natal, na Europa, passando pelas situações que encontraram no Novo Mundo e que enfrentaram, bravamente, para construir aquela que, quase 120 anos depois<sup>72</sup>, é a segunda maior cidade do estado do Rio Grande do Sul. Sua visão acerca da *epopeia dos imigrantes* está afinada com uma visão tradicional de exaltação dos seus antepassados. Conforme dissemos anteriormente, seu livro é parte da memória oficial do Juventude, produzido por um torcedor ilustre, ex-dirigente, conselheiro e futuro historiador oficial do clube. Seu objetivo, obviamente, não está na produção de uma historiografia acadêmica, que visa problematizar seu objeto. O autor celebra e exalta a história do seu clube, a história da sua cidade, a história dos seus antepassados. Seu texto está afinado ao que se pode chamar de história oficial da imigração, que exalta os imigrantes e enfatiza elementos que podem ser percebidos também no livro de

---

<sup>72</sup> Considerando, aqui, o ano de lançamento do livro analisado, 1994.

Côrtes: o trabalho e o progresso. De forma diferente, porém, Michielin conta essa história com detalhes, dedicando boa parte de seu livro à história da cidade.

Essa relação estabelecida pelo autor entre Caxias do Sul e o Juventude mostra a força que tem em sua obra e na própria história do clube o pertencimento étnico. O Juventude foi fundado, majoritariamente, por imigrantes ou filhos de imigrantes italianos. Conforme vimos anteriormente, o pertencimento étnico é um elemento importante para a cultura caxiense. O escritor caxiense demonstra um forte orgulho desse elemento étnico ao longo de sua obra. Um exemplo é quando o autor comenta sobre as relações entre o Juventude e o Novo Hamburgo. Para ele, esse era o “clássico ítalo-germânico” (MICHIELIN, 1994, p. 96), colocando o Juventude, dessa forma, como o legítimo representante das colônias italianas da Serra Gaúcha.

O segundo livro de Michielin dedicado a contar a história do Juventude, *Juventude, paixão e glória: 100 anos de orgulho na Serra Gaúcha*, foi lançado em 2016 e é uma espécie de álbum comemorativo ao centenário alviverde, ocorrido em 2013<sup>73</sup>. Essa obra possui notórias diferenças em relação ao seu predecessor. Uma delas é o fato de enfatizar o uso de imagens, que pouco estavam presentes em *Assim na terra como no céu*, somente nas páginas iniciais dos capítulos. O livro anterior era formado unicamente pelo texto do autor, tendo como objetivo a narração da história do clube e da cidade, relacionando-as. Essa nova obra, por sua vez, possui uma estrutura diferenciada, dedicando-se a mostrar, além do texto, fotografias históricas, depoimentos de ex-presidentes<sup>74</sup>, crônicas de autoria do próprio autor e de outros escritores que são torcedores do Juventude, estatísticas, personagens históricos etc. O autor não se preocupa tanto em narrar toda a história do clube, como fez em seu livro anterior. Ele demonstra um cuidado maior em estender a abrangência da obra até os dias mais próximos dos atuais e ressaltar momentos que considera marcantes do período já abrangido no outro livro.

Esse livro divide-se em sete partes. A primeira é introdutória, uma apresentação da história do clube que chega ao seu centenário e, novamente, relacionando essa história ao desenvolvimento da cidade onde ele surge. A segunda das três subdivisões dessa parte chama-se “Amar o Juventude é amar Caxias do Sul... ...e amar Caxias do Sul é amar o Juventude”, pois, para o autor, são “duas histórias intimamente entrelaçadas” (MICHIELIN, 2016, p. 13-

---

<sup>73</sup> Esse livro foi adquirido por meio de uma “cortesia do clube”, nas palavras do funcionário que me entregou a obra. Além desse, o terceiro e, até o momento, último livro de Michielin sobre o Juventude também foi adquirido no mesmo ato. *Juventude: glória e sangue de campeão* é dedicado à conquista do Campeonato Gaúcho de 1998 pelo Clube Esmeraldino, sendo lançado no ano do aniversário de vinte anos do título. Por se tratar de uma obra dedicada a um momento específico da história do clube, não será analisado nesse momento. Chamamos a atenção, aqui, para os títulos das obras de Michielin dedicadas ao Juventude, que buscam exaltar a história do clube desde o primeiro contato com o leitor.

<sup>74</sup> Alguns deles são depoentes em nossa pesquisa.

14). As partes 2 a 5 são efetivamente cronológicas, com a seguinte lógica: a segunda dedica-se ao período que decorre da fundação do clube, em 1913, até a saída da Associação Caxias de Futebol. A terceira trata do período que inicia com a inauguração do moderno estádio Alfredo Jaconi, em 1975, até o ano de 1992. A quarta dedica-se ao período entre a assinatura do acordo com a Parmalat, em 1993, até o final do século, com a disputa da Copa Libertadores da América, em 2000. A quinta, por sua vez, aborda o período mais recente do clube, durante o século XXI. Vale recordar que o livro anterior se dedicava apenas à história do clube até a chegada da Parmalat como patrocinadora, tendo em vista o lançamento em 1994. Esse novo livro, portanto, aborda o período mais glorioso do futebol alviverde, transcorrido desde o lançamento do livro anterior até o final do século XX. Além disso, há ainda duas outras partes nesse livro, a sexta, dedicada a estatísticas gerais do clube, e a sétima, focada em crônicas escritas tanto pelo autor como por outros escritores e em personagens históricos do clube, como dirigentes, torcedores, funcionários e jogadores.

A imagem de produção interna do clube torna-se ainda mais clara nesse livro. O ano de lançamento da obra é marcado por ser o mesmo em que Michielin torna-se historiador oficial do Juventude, estando oficialmente autorizado a falar em nome da instituição sobre sua história e memória. Uma passagem desse livro mostra-se interessante e demonstra esse fato: a que relata o surgimento da Rádio Caxias e o início de sua dedicação à cobertura esportiva, ocorrida em um jogo do Clube Alviverde.

O Esporte Clube Juventude, honrado com esse fato inédito e preferencial, aproveita para agradecer aos componentes da emissora de maior audiência regional, a imensa colaboração prestada durante todos estes sete decênios e por ser a única que se dedica exclusivamente ao futebol local. Em particular, aproveita para realçar o nome de Dante Andreis, que tanto se empenhou pela dignificação do futebol em nossa terra. Ao citá-lo, como um baluarte, reverenciamos a todos os demais, desde o limiar até os dias atuais. Por sinal e por méritos o nome oficial de nossa “Sala de Imprensa” (MICHIELIN, 2016, p. 33).

Michielin se sente autorizado a falar em nome do clube, algo justificado também pela sua atuação interna e origens familiares: Francisco é filho de Henrique Michielin, dirigente do Juventude e presidente da Liga Caxiense de Futebol, falecido em 27 de novembro de 1947 (MICHIELIN, 1994, p. 240). Logo, o autor não é alguém totalmente estranho que se interessou pelo tema e resolveu dedicar-se à pesquisa, nem é um mero torcedor: ele tem ligações profundas com o clube, tendo, inclusive, ocupado a cadeira presidencial pelo período de seis dias em 1989, até o presidente de fato, Paulo Zugno, assumir. Michielin declara-se como um assessor direto do presidente nesse ano (MICHIELIN, 2016, p. 77).

A escrita e o discurso do autor mantêm o mesmo estilo em relação à obra de vinte e dois anos antes. Um elemento a se destacar nesse discurso é o constante apelo a um elemento místico, sobrenatural, algo que perpassaria a história do clube desde o seu processo de fundação. Conforme vimos antes, em seu primeiro livro há uma constante referência à fé católica, elemento cultural fundamental para os imigrantes italianos e seus descendentes. No segundo livro, porém, essa referência não é tão clara à religião em si, mas sim a uma espécie de mitologia, o “mito da Papada”, conforme chama o autor em uma de suas crônicas publicadas nesse livro (MICHIELIN, 2016, p. 186). O texto “Nossas cores nos distinguem no mundo inteiro”, por exemplo, demonstra um pouco disso.

Em verdade voz digo, que poucos são os predestinados a se diferenciar, altivos e altaneiros, por possuírem o Branco da Paz e o Verde da Natureza e da Esperança. Por essas e outras razões que o JUVENTUDE é o Clube que é! Nós somos mesmo de outras galáxias, unindo todos os planetas (MICHIELIN, 2016, p. 184).

Na seção de crônicas desse livro, boa parte delas é fruto da pena do próprio autor da obra. No entanto, um outro escritor aparece com um número expressivo de textos: o professor José Clemente Pozenato, que atuou como docente do curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul durante mais de quatro décadas<sup>75</sup>.

Um outro elemento, ainda, caracteriza ambas as obras de Michielin: as constantes referências aos rivais do Juventude, notadamente o Caxias, clube com o qual o Alviverde rivaliza há oitenta e cinco anos. É frequente, ao longo das obras, a tentativa do autor de atrelar a história de seus rivais à história do Juventude, colocando um sentimento “anti-Papo” como a maior força desses que são os principais adversários do seu clube do coração. Um exemplo está na citação feita ao primeiro patrono do clube, Rufino Henriques: “Aqui em Caxias nós temos mais anti-Papos do que torcedores adversários, propriamente ditos” (MICHIELIN, 2016, p. 52).

Para finalizar, não podemos deixar de citar as referências do escritor caxiense à presença feminina no clube, constante em toda a obra de 1994 e ocorrida em dois momentos na de 2016. Um dos textos é “A formosura da solidária ala feminina”, que se trata de uma homenagem às mulheres que integraram a ala feminina do clube, fundada em 1947 por um homem, Abrelino Guedes Ribeiro, dirigente e ex-presidente do clube. Nesse momento, ele descreve as práticas dessas mulheres de forma elogiosa, com um tom consideravelmente romanceado, ressaltando, principalmente, a “formosura” e o “charme” dessas mulheres. Nessa

---

<sup>75</sup> Cf. POZENATO, José Clemente. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 01 fev. 2012. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4587452319795238> Acesso em: 11 jul. 2019.

seção, o autor cita o nome das mulheres cuja participação foi levantada e mostra fotografias desses grupos. No segundo momento, mais no final do livro, há uma homenagem geral às mulheres juventudistas, cujo discurso romanceado se mantém. Nesse momento, ele cita o nome das mulheres alviverdes da sua família, após um texto de homenagem geral, e mostra fotografias dessas mulheres com as quais ele compartilha o sangue (MICHIELIN, 2016, p. 34-35; 188-189). Não há referências a mulheres dirigentes do clube ou em posições destacadas e de liderança, o que demonstra, mais uma vez, a forte visão conservadora que perpassa toda a obra do autor.

### **3 RELACIONADOS PARA O JOGO: INSERÇÃO DOS DIRIGENTES NOS CLUBES CAXIENSES**

Temos como objetivo, nesse capítulo, analisar a rede de relações e as formas de acesso aos cargos dirigentes, buscando compreender o que é importante para tornar-se dirigente e quais os caminhos feitos para isso. Exploraremos a importância e a construção de elementos que aparecem frequentemente nas falas dos nossos depoentes, como a família, as amizades e as relações profissionais. A análise estará centrada, aqui, na dinâmica interna do clube a partir dos relatos orais de nossos depoentes, procurando entender como ocorrem esses processos a partir da ótica dos dirigentes entrevistados.

#### **3.1 Família e origens étnicas**

Se no capítulo anterior procuramos localizar os clubes estudados no seu espaço e seu tempo, nesta seção iniciaremos a análise do conjunto de entrevistas realizadas junto aos ex-presidentes do período pesquisado.

Nas entrevistas, podemos perceber alguns elementos que perpassam os processos de recrutamento e as trajetórias desses dirigentes. Entre eles, há questões como o pertencimento clubístico familiar, o contato profissional com pessoas pertencentes aos clubes e a importância da profissão na atuação dentro da agremiação. Esses elementos, obviamente, não aparecem uniformemente em todas as entrevistas, mas são indicativos dos mecanismos utilizados por essas pessoas para acessar a direção dos clubes<sup>76</sup>. É importante destacar que são raros os processos eleitorais nos clubes caxienses que contam com duas ou mais chapas inscritas, de forma que, normalmente, a chapa única é eleita por aclamação pelo Conselho Deliberativo<sup>77</sup>. No Caxias, não temos informações sobre pleitos com mais de uma chapa concorrente. No Juventude, há registro de uma eleição com duas chapas, mencionada por Michielin em seu livro sobre o centenário alviverde<sup>78</sup> (MICHIELIN, 2016, p. 135). De tal forma, a constituição da

---

<sup>76</sup> E, no sentido inverso, do processo de recrutamento de novos dirigentes por parte daqueles que já estão inseridos no clube.

<sup>77</sup> O que não significa, é claro, a inexistência de conflitos internos entre dirigentes, conselheiros e sócios. No entanto, devido às características e limitações de nossa pesquisa, não foi possível dar maior atenção à busca pela formação de correntes políticas internas e disputas no interior de órgãos como o Conselho Deliberativo e a Assembleia Geral.

<sup>78</sup> A disputa ocorreu em 2010 entre Milton Scola, presidente na conquista da Copa do Brasil de 1999, e Boffinho. O primeiro foi vencedor. Segundo um de nossos depoentes, no período da gestão com a Parmalat houve uma

diretoria se dá muito mais nos bastidores, através de acordos entre a cúpula do clube, o que justifica a busca pelas formas de acesso e recrutamento.

Um exemplo de relação familiar é perceptível no relato de Alfredo Sehbe. Descendente de imigrantes libaneses, Sehbe presidiu o Juventude no ano de 1978 e possui raízes no Clube Alvirverde.

*“[...] em primeiro lugar, a relação com o clube, minha, nasce de família... porque eu tive um tio meu, de nome americano... de nome Alfred, que até serviu como logotipo de uma marca de produtos que nós produzimos durante 75 anos nas empresas Kalil Sehbe, que era meu avô... e o Alfred, por volta de 1944, 45, que ele participou do Esporte Clube Juventude [...] a partir daí, toda a família nossa sempre teve um vínculo com o Esporte Clube Juventude, inicialmente esse vínculo, principalmente, ocorreu em 1950, quando o meu pai, Miguel Sehbe, foi presidente do Recreio da Juventude [...], ele construiu a sede social onde se encontra ali na Pinheiro Machado”.*<sup>79</sup>

De forma semelhante relata Mário Ruaro De Meneghi, que afirma ser “filho de um dos fundadores do Ruy Barbosa, que precedeu o Grêmio Esportivo Flamengo”<sup>80</sup>. Dessa forma, podemos perceber que, para alguns dos depoentes, a família é elemento chave dentro do pertencimento clubístico, tendo em vista o fato desses trechos serem iniciais em seus relatos. Outro elemento, porém, que podemos também perceber como importante dentro dessas trajetórias para tornar-se dirigente de um clube de futebol caxiense é a profissão, conforme o relato de Milton Bertelli.

*“Bom, a minha relação com o clube data desde a época que eu jogava nos juvenis do Flamengo. [...] Mudei de Caxias, fui frequentar a universidade e joguei algumas partidas no time principal do Flamengo, amistosas... daí eu fui pra Santa Maria, lá joguei no Inter de Santa Maria um ano, depois, então, continuei meus estudos, sempre ligado ao Flamengo como torcedor e, obviamente, quando voltei dos estudos, da minha formação, a primeira coisa foi novamente me integrar dentro do clube, porque sempre gostei muito de futebol. E, como era médico, fui ser médico do clube, que na época era o Flamengo”.*<sup>81</sup>

Da análise dessas entrevistas, é possível depreender algumas questões importantes para nosso estudo. A raiz familiar dentro do clube, por exemplo, não está presente em todos os depoimentos. Porém, quando está, ela é mostrada como um trunfo, como uma legitimação do

---

disputa, mas uma das chapas retirou a candidatura. Não consideramos os processos eleitorais anteriores ao período estudado.

<sup>79</sup> SEHBE, Alfredo. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019.

<sup>80</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>81</sup> BERTELLI, Milton. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 25 abr. 2019.

dirigente para o seu cargo e a sua posição dentro da história do clube. A profissão, por sua vez, diz muito mais sobre os princípios e o foco de trabalho do dirigente, já que as diversas áreas internas do clube demandam profissionais especializados: advogados ingressam, obviamente, na área jurídica, como é o caso de Renato Zuco. Administradores e contadores atuam no clube dentro do departamento financeiro, sendo essa a experiência de Meneghi<sup>82</sup>. Médicos, no departamento de medicina, como Gallicchio e Bertelli. Neste capítulo, dessa forma, exploraremos essas e outras questões que aparecem nos relatos dos ex-dirigentes estudados.

Inicialmente, analisaremos como aparece a família nesses depoimentos. Antes de começar essa análise, porém, é importante conceituar família e contextualizar o termo. Chiara Saraceno (1997) entende a “família como o espaço histórico e simbólico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres, ainda que isso assuma formas diversas nas várias sociedades” (SARRACENO, 1997, p. 14). Elizabeth Jelin (1998), por sua vez, utiliza a seguinte definição.

El concepto clásico de familia parte de un sustrato biológico ligado a la sexualidad y a la procreación. La familia es la institución social que regula, canaliza y confiere significado social y cultural a estas dos necesidades. Incluye también la convivencia cotidiana, expresada en la idea del hogar y del techo: una economía compartida, una domesticidad colectiva, el sustento cotidiano, unidos a la sexualidad legítima y a la procreación (JELIN, 1998, p. 15).

A autora Maria Leticia Grecchi Pizzi (2012) comenta sobre os diferentes arranjos familiares existentes. Um deles é o desdobramento familiar nuclear, no qual a família é composta por um homem e uma mulher cuja união é baseada no casamento, definido pela autora como uma “união estável e econômica, socialmente sancionada, e presumivelmente de longa duração, entre um homem e uma mulher” (PIZZI, 2012, p. 3). Segundo ela, há ainda um subtipo deste, o desdobramento nuclear tradicional, onde a esposa trabalha no próprio lar, sem remuneração, sendo o marido responsável pelo trabalho fora de casa e consequente provimento de salário e há os filhos gerados por esta união. Dentro dessa estrutura, as perspectivas e responsabilidades de cada membro da família estão previamente postas por uma exigência social, onde o homem responsabiliza-se pelo sustento financeiro e pela principal autoridade sobre os filhos e a mulher dedica-se às tarefas reprodutivas, como a gravidez, as tarefas domésticas e a socialização dos filhos do casal. Neste tipo familiar, o critério para

---

<sup>82</sup> Que também atuou no departamento de futebol, tendo em vista ter sido jogador amador. Conforme veremos adiante, a prática esportiva confere uma legitimidade entre os dirigentes para atuar diretamente nesse departamento.

pertencimento é o parentesco sanguíneo e o homem, chefe familiar neste modelo baseado no patriarcal, está no topo da hierarquia, estando a mulher e os filhos subordinados ao pai.

Outro arranjo familiar existente e que se vincula à família nuclear é a família extensa, citada pela autora, a qual abrange os membros de outras gerações, como os avós. Consideramos também que podem ser incluídos nessa família extensa outros membros que possuem vinculações familiares não apenas sanguíneas, mas também por casamento, como cunhados, primos e seus cônjuges etc<sup>83</sup>.

Para analisar a forma como aparece a família e sua estruturação nas entrevistas que fizemos, é fundamental compreender a questão da etnicidade e da ascendência imigrante, principalmente italiana e, em um caso, libanesa. Maria Catarina Chitolina Zanini (2004) trabalha com a construção das memórias e da italianidade entre os descendentes de imigrantes italianos em Santa Maria, de forma que seu trabalho se mostra relevante para analisarmos alguns dos elementos que aparecem nas falas de nossos entrevistados. Para essa autora, o processo de construção da italianidade envolveu uma interação entre seres humanos, natureza e cultura, possibilitando que o imigrante criasse raízes no Brasil.

Quando saíram da Itália, a partir da década de setenta do final do século XIX, não se sentiam italianos no sentido de um pertencimento nacional, mesmo porque a unificação italiana se dera havia pouco e muitos não concordavam com ela. Eram moradores de um *paese* e pertencentes a determinada localidade, que se comunicavam por meio de dialetos específicos e adoravam santos distintos. Já na *partenza*, onde se encontraram genericamente na situação de emigrados italianos, apesar das diferenças culturais, um sentimento de identidade coletiva começava a se expressar. Eram solidários na mesma experiência social: a travessia (ZANINI, 2004, p. 53).

A autora comenta que, estando no Brasil, esses imigrantes e seus descendentes procuram construir uma imagem de homens trabalhadores, ordeiros, com apego à família e à religiosidade, uma imagem que era elaborada para si mesmos e para a sociedade brasileira. As relações entre os imigrantes e o Estado brasileiro, no entanto, tornaram-se problemáticas no período do Estado Novo (1937-1945), quando o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados contra os países do Eixo, do qual a Itália fazia parte. Dessa forma, suas manifestações culturais passaram a ser perseguidas e censuradas pelo Governo Federal, entre elas o próprio idioma italiano (ou seus dialetos). Zanini afirma que, dentro desse contexto, há um processo que ela chama de “varredura cultural” (ZANINI, 2004, p. 55), no qual muitas

---

<sup>83</sup> Vínculos esses que parecem frequentes entre os ex-presidentes entrevistados. Para dar um exemplo, Paulo Zugno, que foi presidente do Juventude, comentou sobre ter sido casado com uma prima de Cláudio Eberle, primeiro presidente da Associação Caxias. Eberle, por sua vez, é cunhado do falecido ex-presidente gená Giovanni Scavino.

famílias silenciam sobre suas origens e evitam transmiti-las às gerações seguintes. Durante a década de 1970, no entanto, há uma mudança dessa visão no seio da comunidade ítalo-brasileira, motivada pelos festejos relativos ao centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Essa efeméride, aliás, guarda relação íntima com o nosso objeto de estudo: o Estádio Centenário, oficialmente denominado Francisco Stédile, tem esse nome atribuído em homenagem à data, comemorada no ano de 1975, segundo o site do próprio Caxias e o depoimento de Cláudio Eberle, presidente da Associação Caxias entre 1972 e 1973, que afirma ter ele mesmo batizado a praça esportiva, conforme veremos adiante.

Zanini, afinal, afirma que a comemoração do centenário da imigração motiva descendentes de imigrantes italianos que, segundo ela, haviam “conquistado posições sociais e econômicas de destaque”, a “fazer valer suas origens distintas no cenário da sociedade nacional” (ZANINI, 2004, p. 55). A autora demonstra isso por um incentivo do próprio governo italiano à criação de cursos de língua e cultura italianas no estado, além do surgimento de sociedades e associações de preservação desses elementos culturais. Um de nossos depoentes, o ex-presidente do Juventude Gilson Luiz Tonet, pertence à direção da Associação Vêneta do Rio Grande do Sul, a AVERGS, entidade que possui justamente essa finalidade.

Ao analisar a busca pelas origens na imigração italiana por parte dos descendentes santa-marienses, Zanini observa o interesse dessas pessoas, notadamente membros das classes médias, em agregar para si o que ela chama de “itinerário de sucesso dos imigrantes pioneiros” (ZANINI, 2004, p. 55), vistos como heróis e como civilizadores por esses descendentes. De tal forma, a origem italiana mostra-se um bem simbólico que é agregado positivamente à identidade do indivíduo.

Nas famílias estudadas pela autora, há aquelas que buscavam a possibilidade de um processo de dupla cidadania, enquanto outras objetivavam tão somente o culto aos seus antepassados, vistos como exemplos para as gerações mais novas. Dentro desse contexto, a travessia, elemento análogo às diversas viagens dos antepassados libaneses de Alfredo Sehbe, torna-se “mito de origem da condição de ítalo-brasileiro”. “Nas representações, os emigrados são seres ordeiros, trabalhadores, religiosos, apegados à família e tais características, pelas construções narrativas, somam-se às suas próprias pessoas” (ZANINI, 2004, p. 56), o que acaba por promover a autoestima do descendente, cujo sucesso e empreendedorismo dos ancestrais lhe são transmitidos como virtudes étnicas, intrínsecas à italianidade (ou à ascendência árabe libanesa, conforme veremos).

O processo de construção dessas memórias envolve não apenas o núcleo familiar, mas também a família extensa, onde observa-se uma colaboração mútua na busca por informações

e histórias das origens, “dos antigos”. “Famílias começaram a promover festas nas quais reuniam centenas de descendentes, outras realizavam encontros menores e outras reuniam, no máximo, duas gerações a fim de partilharem informações e condensarem esforços na busca das origens” (ZANINI, 2004, p. 56). Esses eventos de família que reúnem um grande número de descendentes são comuns na região da Serra Gaúcha, como podemos perceber em matérias frequentemente veiculadas no jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul<sup>84</sup>.

Com esse processo de construção da memória e consequente valorização da ascendência e origens, a família passa a ser concebida como um patrimônio simbólico, algo que proporciona uma valorização da identidade do descendente, pois ele é membro de determinada família, tem ascendência italiana e recebe desses antepassados um itinerário de sucesso, proporcionando-lhe um capital que confere poder e prestígio social.

Chama a atenção a importância dada ao idoso, que detém informações sobre o percurso familiar e auxilia na construção da memória do grupo, sendo ele valorizado pelos descendentes, “mesmo que sua condição de classe não condiga com a narrativa familiar atualizada, marcada pela trajetória de ascensão social do emigrado para o descendente melhor colocado socialmente” (ZANINI, 2004, p. 57). Esse ascendente pode ser tanto um avô quanto um parente mais distante, pertencente à família extensa. O importante é que ele tem a experiência dos antepassados, de forma que ele “representa o elo vivo do tempo *dos antigos* para o tempo *dos novos*” (ZANINI, 2004, p. 58).

Alguns deles, por mim entrevistados, tinham consigo fotografias, objetos antigos e muitas, muitas histórias para contar. Na sua quase totalidade, eram pessoas já idosas que tomavam para si essa missão e que, de épocas em épocas, eram invocadas para perpetuarem a saga familiar, que, em nível doméstico, partilhava-se cotidianamente nas famílias nucleares (ZANINI, 2004, p. 58).

Essa consideração sobre os idosos que “tomam para si essa missão” de contar as histórias pode ser vista como próxima de algumas das experiências que tive durante as entrevistas realizadas. Alguns dos depoentes até mesmo me agradeceram pela possibilidade de contar suas histórias sobre sua participação no clube, não raro demonstrando emoção ao recordar determinados momentos, especialmente quando vinculados à família, cuja participação no clube é muito estimada pelos ex-presidentes. Não falo aqui necessariamente de

---

<sup>84</sup> Exemplos: LOPES, Rodrigo. Memória: Encontro da família Chies em Carlos Barbosa. **Pioneiro**. Caxias do Sul, 09 out. 2018. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2018/10/memoria-encontro-da-familia-chies-em-carlos-barbosa-10607242.html>. Acesso em: 01 mar. 2020. LOPES, Rodrigo. Encontro da família Venzon em Farroupilha. **Pioneiro**. Caxias do Sul, 27 ago. 2019. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2019/08/encontro-da-familia-venzon-em-farroupilha-11101482.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

uma participação direta em cargos diretivos, mas o próprio pertencimento à coletividade de torcedores alviverdes ou grenás.

Em seu estudo, Zanini chama a atenção para as histórias particularizadas de cada família em relação ao mesmo ascendente. Segundo essa autora, a interpretação acerca da trajetória e memória do emigrado ocorre de acordo com os interesses e possibilidades do descendente, algo pontuado por ela como legítimo. Elementos vistos como negativos ou vergonhosos são deixados de lado pelos descendentes, que constroem suas memórias baseadas principalmente em elementos considerados positivos para a sua imagem e imagem de sua família. Afinal, “autodenominar-se italiano agrega valor ao indivíduo” (ZANINI, 2004, p. 60), não sendo interessante a recordação de fatos que possam de alguma forma manchar a imagem da família, na visão de seus membros.

Conforme citado anteriormente, os ascendentes são construídos como um exemplo às gerações mais novas. No entanto, não são percebidos esses elementos apenas em relação aos familiares mais velhos em nossos depoimentos, mas também em referência aos dirigentes dos clubes que antecederam nossos depoentes ou mesmo os sucederam. Uma palavra que Zanini usa em seu texto como uma das características dos antepassados valoradas pelos descendentes, aliás, chama a atenção por ser recorrente em algumas entrevistas: “abnegação”. O dirigente deve ser um abnegado, trabalhando em prol do clube sem desejar qualquer interesse que não seja o da própria instituição, que está acima de tudo e de todos e se perpetuará no tempo.

Alguns outros elementos do texto de Zanini ainda são importantes pontuarmos por estarem de acordo com as falas de alguns depoentes. Um deles é o fato que, na visão dos descendentes, “ser ítalo-brasileiro significa ser portador de uma história de sucesso e membro de um grupo que manteve, apesar de todas as dificuldades, uma determinada ordem moral. Significa, em suma, ser uma pessoa boa, ordeira e, acima de tudo, trabalhadora” (ZANINI, 2004, p. 61), discurso que, novamente, se aplica aos antepassados familiares e de clube. Vemos também, em algumas narrativas, uma expansão da noção de família, onde parentes mais distantes, ligados até mesmo por casamento, tornam-se membros da família, dentro de uma noção de família extensa. Além disso, algo caro aos descendentes de imigrantes é o sobrenome, marca do pertencimento familiar.

O sobrenome agrega valor ao indivíduo. E quanto maior a trajetória de sucesso do emigrado e sua descendência, maior valor possui a família e suas ramificações. Um hábito que não era comum entre descendentes de italianos e que nas últimas gerações tem sido verificado é o de incluir o sobrenome da mãe na prole. E, quando o sobrenome materno, no mercado de bens simbólicos locais, é mais valorizado que o paterno, ele é usado com maior ênfase. Dessa forma, as noções locais de poder e

prestígio findam por influir na montagem das histórias familiares, enfatizando ora um emigrado ora outro (ZANINI, 2004, p. 62).

As observações até agora feitas são baseadas no estudo da imigração italiana ocorrida no Rio Grande do Sul. Para analisar o depoimento de Alfredo Sehbe, no entanto, mostra-se necessário refletir sobre a imigração libanesa para o Brasil, da qual a bibliografia é consideravelmente reduzida. Em seu depoimento, esse ex-presidente alviverde dá considerável ênfase às suas origens familiares e étnicas, sendo ele descendente de imigrantes libaneses e italianos. Antes de analisar suas memórias sobre essa questão, é interessante contextualizar o processo de imigração libanesa para o Brasil.

Márcia Regina Cassanho de Oliveira (2010) estuda, em sua dissertação de mestrado, a imigração sírio-libanesa para Campo Grande, capital do estado do Mato Grosso do Sul. O uso desta pesquisa, centrada em um espaço completamente diverso do nosso, justifica-se pela escassez da bibliografia disponível sobre a imigração sírio-libanesa para a região Sul do Brasil. No entanto, como Sehbe enfatiza muito o contexto histórico da vinda de sua família para o Brasil, torna-se interessante analisar esse processo.

O início da imigração árabe para o Brasil se deu entre 1875 e 1940. Vale ressaltar que, quando da vinda desses primeiros imigrantes, eles não eram referidos como árabes, mas sim como sírios, tendo em vista que o atual Líbano pertencia à Síria, então província do Império Otomano, até a Primeira Guerra Mundial. Inicialmente, inclusive, todos os imigrantes do Oriente Médio eram classificados, aqui no Brasil, como turcos (OLIVEIRA, 2010, p. 27). Alfredo Sehbe comenta a visão dos descendentes de libaneses sobre o assunto.

*“Como os turcos foram uns invasores que faziam parte do Eixo alemão, na época, foram invasores, assim, extremamente prejudiciais àquela área do Oriente, porque, por exemplo, no Líbano e na Síria o pessoal tava morrendo de fome porque eles confiscavam toda produção de grãos que lá tinha e era um país, não obstante pequeno, os dois se viam sem a produção agrícola que eles faziam e depois eles invadiram também a Armênia, que tem aquele famoso genocídio que até hoje... então, quando se pega um descendente árabe daquela área onde tem Líbano, Síria e Armênia e por acaso chama eles de turcos, eles ficam extremamente ofendidos, porque eles sofreram de 1913 até 1918, foi quando os franceses, lá chegando, expulsaram os turcos e tanto Líbano como Síria virou protetorado francês até 1924, quando eles retornaram a ter a sua independência para a gestão das coisas públicas, enfim, de tudo”.*<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

Oliveira, citando Heliane Prudente Nunes (2000), afirma que muitos desses imigrantes árabes que vieram para a América eram originalmente cristãos. Os antepassados de Alfredo Sehbe, vindos para o Brasil em 1922, segundo seu relato, tinham também fé cristã: seu avô era ortodoxo e sua avó era maronita. A religiosidade é um elemento presente em todos os estudos analisados que têm como objeto a imigração sírio-libanesa, apesar de ser algo pouco citado no depoimento de Sehbe e praticamente inexistente nas outras entrevistas. Porém, considerando o fato da região de Caxias do Sul ter um expressivo número de imigrantes italianos e seus descendentes, que professavam a fé católica, essa proximidade religiosa é algo possível de ser refletido ao analisar outros pontos do depoimento do ex-presidente esmeraldino, pois ele afirma que sua família foi bem recebida em Caxias do Sul, “*no seio italiano*”, em suas palavras. Levantamos essa questão pelo fato de muitos dos imigrantes árabes que vieram para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial, segundo Oliveira, serem muçulmanos. Segundo a autora, “mesmo partilhando de uma herança cultural comum, os árabes cristãos e os árabes muçulmanos não constituem um todo unificado” (OLIVEIRA, 2010, p. 27). Dessa forma, consideramos a hipótese do pertencimento à fé cristã, mesmo não sendo a católica, ter sido um facilitador para a integração dos Sehbe em Caxias do Sul, que, afinal, tiveram notável importância econômica e social local<sup>86</sup>.

De acordo com o que afirmamos anteriormente, os atuais Síria e Líbano pertenciam, até o final da Primeira Guerra Mundial, ao Império Otomano. Árabes e turcos, no entanto, partilhavam tão somente a fé, através do Islã. A história, o idioma e a cultura eram diferentes, o que fez com que os árabes fossem transformados em um grupo étnico colonizado pelos otomanos (OLIVEIRA, 2010, p. 29). Vale ressaltar a palavra utilizada por Sehbe ao falar dos turcos: “invasores”. Oliveira afirma que havia uma discriminação contra os árabes em seu próprio território, especialmente aqueles que professavam a fé cristã. Essa autora afirma que a discriminação existente no período é, talvez, a principal causa das primeiras emigrações árabes para o continente americano. O avô de Alfredo Sehbe, Kalil Sehbe, havia, segundo ele, emigrado inicialmente para os Estados Unidos: “[...] depois de ter passado uns dez anos nos Estados Unidos, que tinha um irmão dele lá e ele migrou também pros Estados Unidos, voltou ao Líbano em 13, 1913, foi quando os turcos invadiram o Líbano, Síria e Armênia e ele não pôde mais sair”<sup>87</sup>. Dessa forma, a saída da família de Sehbe do Líbano está inserida nesse

<sup>86</sup> Cf. RIGON, Roni. **Ícone da elegância em vestir, Kalil Sehbe transformou a indústria têxtil em Caxias**. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2017/04/icone-da-elegancia-em-vestir-kalil-sehbe-transformou-a-industria-textil-em-caxias-9776547.html>. Acesso em: 22 jun. 2020.

<sup>87</sup> SEHBE, Alfredo. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

contexto apresentado pela autora, sendo importante ter esse elemento em vista ao analisar o depoimento e a construção da memória por parte de nosso depoente, especialmente ao referir-se à sua família.

Após o fim do domínio otomano, no entanto, o desejo dos nacionalistas árabes pela independência política foi frustrado pelas pretensões imperialistas das potências europeias, especialmente França e Reino Unido, em relação ao Oriente Médio. Com isso, o chamado Acordo de Sykes-Picot, formalizado em 1920, tornou a Síria e o Líbano mandatos da França, enquanto a Palestina e o Iraque ficaram sob domínio britânico. Segundo Oliveira, esse novo domínio colonial, agora pelos europeus, foi responsável por novas levas de emigrantes para o continente americano. Considerando o relato de Alfredo Sehbe, portanto, foi sob domínio otomano que seu avô saiu do Líbano para o Estados Unidos. De volta ao Líbano, no entanto, Kalil Sehbe decidiu por deixar definitivamente sua pátria rumo ao Brasil quando esta estava sob domínio francês, já na década de 1920. As palavras de Sehbe sobre o domínio francês, contudo, diferem, conforme vimos anteriormente. Em sua memória, os franceses aparecem como responsáveis pela expulsão dos turcos do território libanês, enquanto os últimos são compreendidos, conforme vimos anteriormente, como invasores, já que sírios, libaneses e armênios “sofreram” sob esse domínio otomano. Oliveira comenta as diferentes concepções dos descendentes de imigrantes árabes no Brasil sobre os conflitos e lutas de suas regiões originárias.

[...] apesar de os árabes terem em comum uma experiência longa de um passado colonial, há, contudo, diferenças culturais, religiosas e linguísticas interferentes na identidade dessas experiências e que podem ter influenciado a adaptação e o comportamento desses grupos em seus processos de migração. As gerações mais recentes de emigrantes árabes para o Brasil, por exemplo, tiveram a experiência de lutar contra o colonialismo europeu (britânico e francês) e não contra o Império Turco; mantêm, dessa forma, visões diferentes sobre sua identidade e sobre seu opressor. É inegável, entretanto, que muitos desses emigrantes apresentam atitudes diversificadas em relação ao conflito árabe-israelense, pelo fato de terem sido, ou não, atingidos diretamente por esse conflito (OLIVEIRA, 2010, p. 31).

Ao abordar os motivos para a imigração árabe, Oliveira afirma que a repressão sobre a população local teve seu ponto máximo em 1914, quando ocorreram centenas de enforcamentos e os turcos, aliados dos alemães na guerra, tornaram obrigatória a participação dos árabes em seu exército. Nesse contexto a emigração aumenta, especialmente para a América Latina, o que provoca um despovoamento no Líbano. Curiosa é a informação que, séculos antes disso, quando da conquista árabe sobre o atual território libanês, os cristãos se refugiam nas montanhas e, ao se instalarem no Monte Líbano, passam a ser denominados libaneses.

Entretanto, não apenas a repressão dos invasores motivava a emigração. Outros elementos como

[...] as iniciativas dos investidores; o recrutamento dos conselheiros e corretores às Companhias de Navegação; o apelo direto dos imigrados a seus parentes e amigos que ficaram na pátria-mãe; a correspondência dos imigrados e as remessas de generosas quantias aos parentes; o grande número dos imigrados que comprovavam o sucesso na América, eram justificativas suficientes para cada vez mais aumentar o processo migratório (OLIVEIRA, 2010, p. 32).

Um dos elementos, a prosperidade econômica dos já emigrados, pode ser uma explicação para a vinda do avô de Alfredo Sehbe para o Brasil. Segundo o seu relato

*“O meu avô imigrou pro Brasil em 22, veio três primos dele, da mesma cidadezinha, que ele era natural de Kfour al Arbour, no norte do Líbano, bem pertinho de Baalbek. E, aqui chegando no Brasil, eles chegaram no Rio de Janeiro, depois vieram para Caxias do Sul e aqui foram encontrar uns tios que eram originários da mesma cidadezinha lá do Líbano, de Kfour, que tinham na época, por incrível que pareça, porque eles tinham imigrado pro Brasil em 1885, eles tinham, na época, o maior comércio aqui da região, que era aqui na Linha dos Tropeiros, um pouco antes de Vila Seca, que se chamava Boca da Serra e eles aqui chegando, depois de cinquenta e poucos dias pra vir do Rio de Janeiro até Caxias do Sul em 1922, eles foram ao encontro desses primos e que lá deram um fausto jantar, que eles, jovens ainda, e no dia seguinte, às seis da manhã, acordaram eles e [disseram] “aqui tá o futuro de vocês”, tinha duas mulas pra cada um, uma pra ele montar e outra pra ele carregar um fardo de tecidos e saíram mascateando por aí”.*<sup>88</sup>

Dessa forma, um enfoque no fenômeno das redes sociais é, para Oliveira, preferível à teoria de análise de custo-benefício dos destinos ou da emigração. Sehbe não detalhou se houve contatos anteriores entre esses parentes e o seu avô, mas é possível que tenha ocorrido dessa forma a chegada de sua família à cidade. A própria existência desse próspero comércio mostra que o encontro não deve ter ocorrido por mero acaso. Oliveira afirma, ainda, que esse processo emigratório não é uma decisão de “aventureiros solitários”, mas algo decidido pela família e que poderia, inclusive, proporcionar um prestígio, um poder às famílias que ficavam no Líbano.

É importante destacar que a migração massiva deve ser entendida dentro do quadro geral do período, da expansão mundial do sistema capitalista. Conforme Oliveira, as causas da migração síria e libanesa não fogem do que seria o padrão comum dos países europeus,

<sup>88</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

marcados pelo rápido crescimento das cidades e pela expansão das redes de transporte (OLIVEIRA, 2010, p. 38).

Conforme vimos, a família é, em alguns casos, uma das formas de entrada no clube, como a existência, por exemplo, de parentes que atuaram como dirigentes dentro da instituição, como o pai, o avô etc. No entanto, não é apenas por esse viés que a instituição familiar aparece nos depoimentos colhidos. Vejamos como a família se relaciona com o clube, a partir da ótica dos ex-presidentes do Caxias e do Juventude.

O já citado Alfredo Sehbe, presidente do Juventude em 1978, iniciou sua vida no clube ainda na infância, como torcedor. Seu pai, conforme já citado, foi presidente do Recreio da Juventude, clube social caxiense fundado em 1912. Em seu depoimento ele ressalta, mais de uma vez, a íntima relação existente entre Recreio da Juventude e Esporte Clube Juventude.

*“[...] o princípio do Juventude foi através do Recreio da Juventude, porque em 1905 Caxias do Sul tinha um clube que era o mais poderoso da cidade, que era o Clube Juvenil, e também tinha parte esportiva, só que o Clube Juvenil funcionava em moldes de clube inglês, ou seja, só homens participavam, e o Juventude, em 1913, dentro das próprias famílias juvenilistas houve uma contestação que das próprias famílias alguns se retiraram e fundaram o Recreio da Juventude e o Recreio da Juventude, como era uma equipe de futebol também o Juvenil, passou a ter uma equipe de futebol que foi o Esporte Clube Juventude”.*<sup>89</sup>

Dentro desse discurso, duas coisas ficam claras: para Sehbe, o Esporte Clube Juventude tem íntima ligação com o Recreio da Juventude e o fato de seu pai ter sido presidente do Recreio, principalmente tendo inaugurado a atual sede social dessa centenária instituição, é um motivo de orgulho para sua família, tanto pela inserção social como pelo pertencimento a esse clube, visto como um *clube irmão* de sua agremiação esportiva do coração, a qual ele mesmo presidiu. Vale ressaltar que, segundo seu depoimento, seu pai não ocupou cargos diretivos no Esporte Clube Juventude, mas seu apoio foi fundamental para o aceite do cargo de presidente.

*“[...] falar em Juventude, o meu pai era um juventudista de escol, ele foi presidente do Recreio da Juventude quando construiu aquele local onde é a sede central, que foi inaugurada em 1954, depois de quatro anos de gestão e inclusive, quando eu fui indicado para ser presidente do Juventude, ele foi o grande incentivador, diz “não meu filho, vai lá, assume, vai fazer tua parte com a comunidade”, isso que aconteceu em 1977, perfeito?”*<sup>90</sup>

<sup>89</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019.

<sup>90</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019.

Chama a atenção a expressão utilizada por ele, categorizando seu pai como um *juventudista de escol*<sup>91</sup>. Esse é um trunfo, um orgulho familiar a se preservar, de forma que a sua presidência no clube pode ser entendida até, de certa forma, como uma espécie de obrigação em relação à sua linhagem, tão intimamente ligada ao Clube Alviverde. Não colocamos aqui obrigação no sentido de ter sido algo contra a sua vontade, já que ele demonstra um enorme orgulho de ter sido um presidente esmeraldino.

É interessante ressaltar que, segundo o depoimento de Sehbe, essa relação entre o Esporte Clube Juventude e o Recreio da Juventude era, até pouco tempo, estatutária. Afirmo ele que

*“Com o tempo os dois começaram a tomar corpo maior e houve, vamos dizer assim, uma cisão de cada um tendo a sua vida independente, apesar de nos estatutos de ambos os clubes perdurou uma responsabilidade de que se algum dos dois, com o passar dos anos, viesse desaparecer, todo patrimônio reverteria a favor de um ou de outro. Essa cláusula tinha nos estatutos do Juventude até três anos atrás e no do Recreio da Juventude também, coisa que foi extinta agora”*.<sup>92</sup>

Outro elemento interessante a ser percebido na fala de Sehbe é o fato, ressaltado por ele nas duas sessões de entrevista que tivemos, do Juvenil ser um clube, segundo ele, em *moldes ingleses*<sup>93</sup>, no qual apenas a participação masculina era aceita. Em ambos momentos, ele resalta a atuação de sua mãe, Aracy Casagrande Sehbe, no Recreio da Juventude, tendo sido ela, segundo o depoente, participante da diretoria dessa agremiação *“como esposa do presidente”*<sup>94</sup>, inclusive organizando um congresso literário nacional em Caxias do Sul, do qual participaram autores de destaque na época, sendo citados por ele Jorge Amado e Fernando Sabino.

É interessante ver que, apesar de não ter participado como dirigente do Esporte Clube Juventude e além da proximidade entre Recreio e Esporte Clube, a própria inserção de Alfredo Sehbe no clube foi feita por seu pai, na infância, como torcedor. Essa influência paterna também é relatada por outros depoentes, como o presidente alviverde de 1986, Gilson Luiz Tonet.

<sup>91</sup> Expressão utilizada também por Francisco Michielin em seus livros sobre o clube.

<sup>92</sup> SEHBE, Alfredo. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019. Tivemos acesso tão somente às duas últimas versões do estatuto do Esporte Clube Juventude, uma de 2009 e, a última, de 2019. Em nenhuma encontramos tal informação. Tentamos obter acesso às versões anteriores do estatuto social junto ao clube, mas não tivemos retorno.

<sup>93</sup> Abordaremos a questão da masculinidade no esporte, notadamente no futebol, no capítulo quatro.

<sup>94</sup> SEHBE, Alfredo. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019.

*“E desde pequeno, falando referente ao Juventude, por que eu sou Juventude, desde pequenininho eu lembro que meu pai, num natal, eu acho que eu tinha uns seis anos, sete, eu ganhei uma bola, chuteira, uma camisa verde e branca, meia verde e branca, as cores do Juventude, com o J, do Ju, na época e ele já era juventudista, a família toda, meu pai, noventa por cento, e a partir daí se tornou, por exemplo, talvez a minha segunda família, desde pequeno”.*<sup>95</sup>

Seu sucessor, Sérgio Tomazzoni, presidente esmeraldino de 1987, tem relato semelhante. Inclusive, chama a atenção o fato de os dois não serem naturais de Caxias, mas sim de Flores da Cunha, município vizinho.

*“Bem, a nossa família, que lembro desde criança que eu ouvi falar no Juventude, porque a nossa família, meu pai, apesar dele morar no interior, mas ele acompanhava o Juventude, não sei como, porque que ele torcia pro Juventude, mas em função da família, também, fui sempre juventudista, não tenho outro clube, só o Juventude que tá no nosso coração, então a partir daí eu comecei a torcer pro Juventude e até hoje a gente torce pro clube, a esposa torce pro clube, a filha e as netinhas, toda a nossa família, meus irmãos, minhas irmãs, é tudo juventudista, então partiu da raiz lá de baixo, que é meu pai, agora meu pai, não sei porque que ele começou a torcer pro Juventude, eu acho que é através de amigos ou de alguém que gostava do clube, então começou a gostar do Juventude”.*<sup>96</sup>

Entre os dirigentes alviverdes, vale ainda destacar o relato de Carlito Chies, filho de Antonio Chies, que foi diretor de patrimônio do Juventude em 1963 e responsável pela construção da arquibancada da Ferradura Norte do Alfredo Jaconi, parte do estádio que foi mantida na reforma da década seguinte<sup>97</sup> (MICHIELIN, 2016, p. 44).

Outro dirigente de clube em Caxias do Sul que teve relação familiar com o esporte foi Cláudio Eberle, presidente da Associação Caxias de Futebol entre 1972 e 1973. Cláudio é neto de Abramo Eberle, fundador da Metalúrgica Abramo Eberle, uma das principais empresas da história de Caxias do Sul e que, curiosamente, durante um período de sua história, teve uma equipe de futebol, o Grêmio Atlético Eberle.

*“Era um clube da empresa. A empresa que patrocinava, os jogadores, no começo, eram amadores, vamos dizer assim. Eram funcionários da empresa, tinha os campeonatos, depois começam aqueles campeonatos do SESI, que tinha os times de futebol e, naquela época, eu acho que nem existia o SESI, mas a Eberle era precursora dessas coisas todas. Mas meu pai é que gostava mais de futebol, ele que entusiasmava mais, um tio meu, que depois faleceu, e meu avô, Abramo, então diz, bom, vamos botar um dinheiro, então se projeta o nome Eberle, no caso, através*

<sup>95</sup> TONET, Gilson Luiz. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

<sup>96</sup> TOMAZZONI, Sérgio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 out. 2019.

<sup>97</sup> CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

*do futebol. Então, isso funcionou. Mas depois o custo começou a ficar muito alto, então a empresa resolveu parar com o futebol, aí foi feito esse Fluminense, na época, que também não tinha nada que ver com o Fluminense lá do Rio, mas que durou um tempo também e usava como estádio onde é esse plano que tem aqui na Prefeitura Municipal hoje”.*<sup>98</sup>

A relação entre Cláudio Eberle e o futebol, no entanto, não se restringe à existência do Grêmio Atlético Eberle, clube da empresa que foi presidido por seu pai. Segundo ele, sua mãe havia sido eleita rainha do Juventude e seu pai, quando da construção do antigo pavilhão de madeira do Estádio Alfredo Jaconi, havia comprado duas cadeiras, uma para ele e outra para Cláudio, o que fez com que, segundo seu depoimento, sua torcida fosse maior para o Juventude do que para o Flamengo<sup>99</sup>. No entanto, Eberle chama a atenção também para o fato de ser cunhado de Giovanni Scavino, presidente do Flamengo em 1964 e da SER Caxias em 1980.

A percepção do clube como família, conforme vimos na fala de Gilson Tonet, também é algo que aparece em mais de um dos depoimentos e merece atenção. Tomazzoni se refere à “*família juventudista*” em diversos momentos do seu depoimento. Ao ser questionado sobre a existência de grupos divergentes ou rivais dentro do clube, Tomazzoni, que atuou em 2019 como assessor da presidência e chefe da delegação do clube, baseia seu relato em uma visão muito positiva do relacionamento entre os dirigentes.

*“Não, não, era uma coisa mais coesa, como eu falei, era na base da amizade, do conhecimento, do companheirismo e era uma verdadeira família, nesses anos todos que eu participei como presidente, vice de futebol, que foram muitos anos, nós fomos uma família e o quadro mais recente aconteceu agora em 2019, que nós trabalhamos no futebol, então nós temos uma família lá dentro, então isso ajudou muito para conquistar a subida pra B esse ano. Então, já naquela época nós trabalhávamos nesse sentido, de manter uma direção unida, coesa e o objetivo maior é o clube, é o Juventude, não era a pessoa, não era a vaidade de um ou a vaidade do outro, era o clube, Esporte Clube Juventude, então, nesse sentido, sempre tivemos tranquilidade, uma coisa bem familiar”.*<sup>100</sup>

É curioso perceber como essa visão *familiar* do clube está mais presente nos discursos dos ex-presidentes alviverdes. Alfredo Sehbe também se refere, em seu segundo depoimento, ao clube como “*uma grande família*”. Essa visão mais recorrente entre os alviverdes que entre os grenás talvez tenha origem no fato que, aparentemente, os ex-presidentes do Juventude têm

<sup>98</sup> EBERLE, Cláudio Alberto Muratore. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 out. 2019.

<sup>99</sup> Segundo Michielin, José e Júlio Eberle, criadores do Grêmio Atlético Eberle, pertenceram, anteriormente, às diretorias do Juventude (MICHIELIN, 1994, p. 216).

<sup>100</sup> TOMAZZONI, Sérgio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 out. 2019.

uma atuação muito mais ativa hoje em dia no clube que os ex-presidentes do Caxias. Quatro foram os ex-presidentes do Clube Grená entrevistados e os quatro afirmaram não mais frequentarem o clube. Milton Bertelli e Mário Ruaro De Meneghi, que têm uma relação um pouco maior ainda com a agremiação, comentam não mais terem participado das reuniões do Conselho Deliberativo. Ambos, além de Gastão de Oliveira e Renato Domingos Zuco, afirmam que não frequentam os jogos do clube há anos. Alfredo Sehbe também declara não ir com frequência aos jogos do Juventude, mas está constantemente participando de reuniões dos Conselhos Deliberativo e Consultivo<sup>101</sup> do Juventude. Da mesma forma relatam outros quatro ex-presidentes alviverdes entrevistados: Adelar Santarém, Gilson Tonet, Sérgio Tomazzoni e Paulo José Zugno.

Outros discursos são feitos acerca da família, que não é somente meio de acesso ao clube: algumas vezes, pode haver uma certa dificuldade no relacionamento para aqueles que atingiram os cargos direcionais por outros meios. Gilson Tonet, por exemplo, que, como vimos, teve o início de seu contato com o Alviverde ainda na infância, junto de seu pai, relata da seguinte forma ao ser questionado sobre a relação com a família quando ele ingressou como dirigente no clube.

*“Ah, é uma pergunta complicada... [riso] é, a gente ficou um pouco ausente da família e dos negócios, também. Isso, obviamente, eu tenho que... é complicado administrar, né, a gente tem esposa, caramba, eu era, também, casado, novo e tal, tinha dois filhos pequenos quando tava, entende... mas eu conseguia trabalhar, dar atenção pros filhos, menos, né, mas se eu não tivesse aqui, talvez eu tivesse mais, mas eu trazia eles pra cá, também, com a esposa, que sempre as esposas também não entendem de futebol e não querem saber, querem, entende... a maioria, né”.*<sup>102</sup>

Conforme seu relato, o tempo dedicado ao clube, especialmente nas viagens, acabava por reduzir o tempo dedicado à família e mesmo à empresa. Paulo José Zugno, presidente alviverde em 1989, faz um relato semelhante.

*“Ah, a adaptação não foi muito fácil. Demorou um período, demorou um período pra... não sabiam que loucura que eu tava fazendo, tava sempre viajando, e daí com o tempo vieram os filhos, os filhos começaram a torcer, daí então a família foi ficando envolvida, eu fazia muita reunião da minha diretoria, do pessoal do consultivo, do deliberativo na minha casa, então ficou muito familiar, houve um*

---

<sup>101</sup> Conselho Consultivo, referido por muitos dos ex-presidentes juventudistas como Conselho dos Ex-Presidentes, é um órgão de assessoramento da presidência do clube composto somente pelos ex-presidentes executivos da agremiação. Essa é uma instituição existente somente no Juventude; no Caxias, por sua vez, estatutariamente, os ex-presidentes são membros natos do Conselho Deliberativo.

<sup>102</sup> TONET, Gilson Luiz. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

*incentivo muito grande, eu fui começar a ganhar prêmio pra caramba, lá em casa tá cheio, daí não... isso facilita, né”.*<sup>103</sup>

Nas falas de Zugno e Tonet, podemos perceber outro elemento familiar interessante: o envolvimento dos filhos com o clube, inicialmente como torcedores. Além do bom desempenho demonstrado na presidência, que rendeu prêmios ao então mandatário<sup>104</sup>, Zugno afirma que a presença de seus colegas de direção em sua casa, para reuniões, facilitou o envolvimento, tornando a família próxima do clube. Tonet, por sua vez, afirma ter levado sua família até o clube enquanto presidia a agremiação. Em alguns dos relatos, vemos que essa proximidade entre a família de um dirigente e o clube pode fazer com que haja ali a formação de lideranças futuras para a instituição. Muitos dos depoentes chamam a atenção para a questão da renovação, algo que veremos mais adiante. O que ressaltamos aqui é a renovação com vínculos familiares, que Mário Ruaro De Meneghi comenta ter ocorrido dentro do Caxias ao ser questionado sobre o recrutamento de novos dirigentes para o clube.

*“Nós adotamos uma política lá que não digo que tá em vigor até hoje, mas tem dirigente até hoje que foi daquela política mantida. Julinho D’Agostini tinha um pai que era Caxias mas não era dirigente. Jairo Antunes é filho do Darci Antunes, que era vice-presidente. Eu só tive mulher, então não dá pra falar... deixa eu ver... Rudimar Pontalti era filho do Raul Pontalti, que era vice de patrimônio. Então a gente formou uma geração e eles começaram nas categorias de base e vieram e chegaram todos eles, porque não quer dizer que tem que ser filho dos caras, mas a gente pegou jovens, eu, por exemplo, entrei jovem no Caxias, em 1970 eu tinha vinte e sete anos”.*<sup>105</sup>

Dessa forma, percebemos que o pertencimento familiar pode ser um facilitador para a entrada no clube<sup>106</sup>. Quem não é parte dessa linhagem, digamos, pode perceber a existência de dificuldades para acessar os cargos no clube.

<sup>103</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>104</sup> Tanto Paulo Zugno como Adelar Santarém comentam que foram agraciados com o prêmio de dirigente do ano, promovido pelo Jornal Pioneiro. Para eles, é fonte de orgulho esse prêmio, conforme vemos nas palavras de Santarém: *“Nós conseguimos, sim, algumas coisas importantes, que a gente fez no clube, né, essa coisa de ter sido o melhor dirigente do ano, é porque alguma coisa se realizou”*. SANTAREM, Adelar. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>105</sup> MENEGLHI, Mário Ruaro De. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>106</sup> Havendo, porém, limitantes de gênero, como vemos nas falas de Tonet e de Meneghi: o primeiro afirma que as esposas, na maioria dos casos, *“não entendem de futebol e não querem saber”*; o segundo comenta que, por ter apenas filhas, *“não dá pra falar”*. Nenhuma delas é, dessa forma, postulante natural à dirigência, o que ocorreria com filhos homens.

*“[...] quando eu era gurizão, que eu queria entrar no clube, eu achava intransponível essa barreira aí, entende. A distância minha e do pessoal que tá dirigindo aí, eu olhava como se fosse uma hierarquia muito grande, o príncipe, a princesa, o rei e tal e eu sou um súdito que não vou chegar nem perto da escada”*.<sup>107</sup>

Curiosamente, Tonet é o único dos entrevistados que fala, em seu depoimento, sobre a compra de um título de sócio do clube: *“Em 67, 68, eu comprei um título de sócio. [...] Fizeram uma promoção pra pagar em longo prazo e eu fiquei sócio do clube, depois de uns anos entrei no Conselho”*. Segundo ele, *“ficava sempre por aí, né, a gente fica por aí, os mais antigos disseram “vamos pegar esse guri aí, também, de conselheiro”*”<sup>108</sup>. Dessa forma, surge a hipótese de o processo de associação ser tão naturalizado que, para a quase totalidade dos depoentes, é um elemento absolutamente dispensável na narrativa, tendo em vista terem sido introduzidos nos cargos dirigentes dos clubes através do convite daqueles que já ocupavam cargos na direção ou no Conselho<sup>109</sup>. Por outro lado, há a possibilidade desses processos formais do clube serem um tanto flexíveis, considerando as constantes reformas estatutárias pelas quais o Juventude tem passado nos últimos anos e o fato de o estatuto social do Caxias, que previa o mandato presidencial de dois anos, não ter sido seguido pelos últimos presidentes, que fazem sua sucessão anualmente<sup>110</sup>. Inclusive, sobre essas mudanças no estatuto, Paulo Zugno fala, de forma bem-humorada: *“O Waltinho vai ser reeleito, agora. Nós vamos ter que reformar o estatuto, aquele estatuto não permite que ele seja reeleito, então, vamos rasgar a constituição. Vamos elegê-lo novamente [riso]”*. Segundo o ex-presidente esmeraldino, *“é um cargo tão*

<sup>107</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019. É claro que esse distanciamento referido por Tonet não diz respeito somente à falta de alguma relação familiar com dirigentes do clube.

<sup>108</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019. Segundo o estatuto social, o Caxias tem duas categorias de sócios: titulados e contribuintes. Os primeiros dividem-se em fundadores, beneméritos e honorários. O Juventude, por sua vez, possui também duas categorias: patrimoniais e contribuintes. No estatuto alviverde de 2009, constava, ainda, a categoria de associados titulados, formada pelo patrono, pelo presidente de honra e pelos beneméritos. Em ambos os clubes, os associados formam a Assembleia Geral, que elege o Conselho Deliberativo. Esse Conselho, por sua vez, elege a Presidência, no caso do Caxias, e a Diretoria Executiva, no caso do Juventude. O presidente e os ex-presidentes são membros natos do Conselho Deliberativo, tanto no Caxias quanto no Juventude.

<sup>109</sup> É importante destacar uma questão que limita o número de pessoas (e a origem social e profissional dessas) que podem ocupar uma cadeira no Conselho Deliberativo dos clubes: o valor da mensalidade. No Caxias, por exemplo, as mensalidades para os conselheiros custam entre R\$ 280,00 e R\$ 1000,00. S.E.R. CAXIAS DO SUL. **Seja sócio**. Disponível em: <https://www.sercaxias.com.br/socio>. Acesso em: 22 jun. 2020.

<sup>110</sup> Chamamos a atenção que o atual estatuto do Caxias foi aprovado pelo Conselho Deliberativo em 07 de dezembro de 2015, mas teve seu artigo 80, que versa sobre o mandato do Presidente, reformado somente em novembro de 2019. Apesar disso, Roberto Delazeri, eleito no segundo semestre de 2017, ficou no cargo apenas por um ano, até ser substituído por Vitacir Pellin, no final de 2018. S.E.R. CAXIAS DO SUL. **Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária**. Disponível em: <https://www.sercaxias.com.br/noticia/Assembleia+Geral+Ordinaria+e+Extraordinaria/149>. Acesso em: 22 jun. 2020.

*penoso, se o cara tá disposto a ir, tu não pode deixar ele... vai*”. Esse é um relato significativo sobre a forma como as regras internas do clube são encaradas pelos dirigentes<sup>111</sup>.

A família não é, no entanto, o único meio de acesso ao clube. Ela pode ser vista como um facilitador, mas não está presente em todos os discursos. Pelo contrário, a maioria dos dirigentes do Caxias e do Juventude ingressou no clube de outras formas: através de relacionamentos profissionais e sociais, conforme veremos a seguir.

### 3.2 Profissão

Um elemento ainda mais presente nos depoimentos é o das relações e pertencimento profissional. Ao contrário da questão familiar, a profissão é comentada pela ampla maioria dos ex-presidentes, sendo elemento central para a relação com o clube em alguns casos. Neste subcapítulo, analisaremos como a questão da profissão aparece nas memórias desses dirigentes, algo que não se restringe a um aspecto único como a entrada no clube.

Em sua tese de doutorado em Antropologia dedicada ao estudo dos dirigentes do Club Estudiantes de La Plata e do Club de Gimnasia y Esgrima La Plata, já citada na introdução dessa dissertação, Matias Godio dedica dois de seus subcapítulos à análise da profissão dos dirigentes e um à questão da profissionalização dos cargos dirigenciais. De tal forma, seu estudo é importante base para esta parte de nossa pesquisa.

Em sua tese, Godio identifica uma grande variedade de profissões exercidas tanto pelos dirigentes do clube em geral<sup>112</sup> como pelos presidentes. Ele classifica essas profissões

---

<sup>111</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019. Quanto ao Juventude, tivemos acesso a dois estatutos: o mais antigo aprovado pela Assembleia Geral em 16 de junho de 2009 e, o segundo, em 27 de maio de 2019. Após isso, o site do clube informa a aprovação pelo Conselho Deliberativo, no dia 13 de novembro de 2019, da alteração no estatuto social que possibilitou a permanência do atual presidente, Walter Dal Zotto Jr, por mais dois anos no cargo. Segundo o site, houve uma “extensão no mandato” da diretoria. Porém, após isso, tivemos acesso a um edital de convocação da Assembleia Geral do clube datado de 19 de fevereiro de 2020, chamando os conselheiros e associados patrimoniais para uma reunião “ordinária e extraordinária” no dia 2 de março do mesmo ano. Na ordem do dia, constam: apresentação dos novos conselheiros; eleição e posse das diretorias dos Conselhos Deliberativo e Fiscal para o biênio 2020 a 2022, assuntos gerais e proposta de alteração do Estatuto Social. ESPORTE CLUBE JUVENTUDE. **Conselho Deliberativo aprova mudanças no Estatuto Social do Juventude**. Disponível em: <http://www.juventude.com.br/noticias/id/6268/conselho-deliberativo-aprova-mudan%C3%A7as-no-estatuto-social-do-juventude>. Acesso em: 03 jun. 2020.

<sup>112</sup> Em seu texto, Godio chama as direções dos clubes de Comissões Diretivas, que são “compostas por todos os dirigentes eleitos para distintos cargos em eleições ou assembleias (presidentes, vice-presidentes, tesoureiros, vogais, etc)” (GODIO, 2008, p. 28). No Caxias, está prevista no estatuto atual a Presidência, composta por Presidente, primeiro Vice-Presidente e segundo Vice-Presidente, eleitos pelo Conselho Deliberativo do clube e cujos cargos são “de exercício gratuito” (ESTATUTO DA SOCIEDADE ESPORTIVA E RECREATIVA CAXIAS DO SUL, CAPÍTULO III, Seção V, Art. 77º, §1º). Consta também no estatuto que o clube “poderá ter uma Diretoria Executiva” (Subseção III, Art. 88º), subordinada à Presidência e ao Conselho de Administração,

exercidas pelos dirigentes em três grandes grupos: profissionais liberais, empresários e diretivos de Estado. Conforme veremos, as duas primeiras categorias podem ser aplicadas à análise dos presidentes dos clubes caxienses. A última, por sua vez, não compreendemos como utilizável, tendo em vista as características específicas da política estatal local e, principalmente, por nenhum deles, entre os entrevistados, ter ingressado no clube com carreira política anterior.

A partir da análise das profissões exercidas por presidentes de ambos os clubes ao longo da história, Godio conseguiu contextualizar alguns estereótipos existentes em relação à vida profissional dos dirigentes dos clubes platenses. Citando um de seus depoentes, “Gimnasia, o clube dos empresários. Estudantes, o dos profissionais liberais” (GODIO, 2008, p. 156). Isso mostra uma ideia que está presente não apenas no imaginário da cidade, mas também entre os dirigentes. Essas associações entre time e profissão encontram um paralelo de viés social nos clubes caxienses: nas palavras de Milton Bertelli, presidente do Flamengo no ano de 1974, o Caxias é “*um clube popular*” e o Juventude, “*um clube de elite*”<sup>113</sup>. Porém, há outra imagem construída por alguns dirigentes, esta não compartilhada por torcedores. Conforme Renato Domingos Zuco, presidente grená de 1981: “[...] *a partir do momento que seu Francisco Stédile assumiu a presidência, o Caxias ficou meio caracterizado como um clube de empresários, certo?*”<sup>114</sup>. Afirmação semelhante é feita por Mário Ruaro De Meneghi, presidente do Clube Grená entre 1987 e 1988: “*Aí, posteriormente, se entendeu que deveria dirigir o Caxias um*

---

com nove cargos previstos e que podem ser remunerados ou não. O Conselho de Administração “é um órgão orientador da SER CAXIAS e será composto por um número de até 10 membros do seu quadro social, com mandato de 2 (dois) anos, permitida reeleição, com a função de auxiliar à Presidência na execução de suas atividades e atribuições” (Seção IV, Art. 71º). O Juventude, por sua vez, prevê em estatuto a Diretoria Executiva, também eleita pelo Conselho Deliberativo, formada por um Presidente e quatro Vice-Presidentes, que pode nomear diretores e assessores não remunerados. Portanto, em relação à direção do clube, apenas presidente e vice-presidentes de Caxias e Juventude são cargos eletivos.

<sup>113</sup> BERTELLI, Milton. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 25 abr. 2019. Essa visão, presente no imaginário futebolístico caxiense, acaba por gerar outra associação: considerando que o fenômeno dos “torcedores mistos” é bastante comum no interior, ou seja, torcedores que, no caso do Rio Grande do Sul, têm um clube do coração em sua cidade e outro na capital, não é incomum ouvir pelas ruas que “quem torce para o Caxias, torce para o Inter” e “quem torce para o Juventude, torce para o Grêmio”. Inclusive um dos depoentes faz essa relação. Afirma Vicente Gallicchio: “*Porque, em geral, a torcida do Juventude torce pro Grêmio, e a torcida do Caxias [torce] pro Inter*”. Essa relação é feita, provavelmente, considerando também esses estereótipos de classe existentes entre os clubes da capital, de forma que os clubes considerados populares de Caxias do Sul e de Porto Alegre, Caxias e Internacional, se ligam, enquanto os clubes considerados elitistas ou associados a determinada identidade étnica, Grêmio com os alemães e Juventude com os italianos, se tornam próximos. A não existência de pesquisas de torcida em Caxias do Sul dificulta a verificação desses recortes de classe e da porcentagem de torcedores que dividem seu afeto entre dois clubes. É importante esclarecer, porém, que esse imaginário popular não se verifica nos estádios, pois camisas de outros clubes, especialmente da dupla Grenal, não são aceitas entre os torcedores locais nas canchas caxienses, ao contrário de outras cidades do interior gaúcho. Isso liga-se a outro fenômeno presente nos estádios interioranos: o movimento Anti-Grenal. GALLICCHIO, Vicente Gerardo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 mai. 2019.

<sup>114</sup> ZUCO, Renato Domingos. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

*jovem empresário bem-sucedido*”<sup>115</sup>. Os relatos e memórias envolvendo a questão da profissão, no entanto, não se restringem apenas a isso.

Voltando à tese de Godio, podemos obter alguns argumentos do antropólogo que auxiliam em nossa análise. Obviamente, consideramos as notórias diferenças entre os dois casos estudados: La Plata é a capital de Buenos Aires, concentrando o poder político e econômico desta província. Quarta cidade mais populosa da Argentina, foi construída no século XIX especificamente para ser capital dessa unidade federativa após a federalização da capital do país, Buenos Aires. Caxias do Sul, conforme vimos anteriormente, é fruto de um processo histórico completamente diferente, tendo sido criada a partir da chegada de levas de imigrantes europeus, principalmente italianos, também no século XIX, estando entre as cinquenta maiores cidades do Brasil. Entre os clubes, há contrastes também notáveis: Estudiantes e Gimnasia y Esgrima militam na Primeira Divisão do futebol argentino, sendo duas das principais equipes do país, apesar de não estarem entre os ditos Cinco Grandes<sup>116</sup>. O Estudiantes é um clube vitorioso em seu país e no continente, dono de quatro Copas Libertadores da América e de seis Campeonatos Argentinos, entre outros títulos, incluindo uma Copa Intercontinental. O Gimnasia, por sua vez, foi campeão argentino uma única vez, no ano de 1929. Some-se a isso suas numerosas torcidas, que os destacam nacionalmente. São, portanto, equipes de porte muito maior dentro da Argentina do que Caxias e Juventude dentro do Brasil. Essas são diferenças que precisam ser ressaltadas ao se analisar os argumentos utilizados pelo autor argentino.

Em seu trabalho, Godio faz referência às trajetórias pessoais de seus “principais interlocutores” de pesquisa, refletindo sobre uma relação entre a profissão, o perfil dirigencial e a imagem pública do dirigente. Segundo o autor, “as ocupações profissionais constituem uma outra marca de referência central para a construção do dirigente como imagem de si para os outros, e são as resultantes de uma trajetória social e de um prestígio de qualidades nelas instituídas coletivamente” (GODIO, 2010, p. 161). Em alguns relatos de nossos depoentes, é possível perceber que a competência profissional é um importante requisito a ser considerado quando se convida alguém para atuar no clube. Sérgio Tomazzoni, presidente alviverde em 1987, quando questionado sobre as qualidades consideradas por ele quando convidava novas pessoas, afirma que observava “*uma certa competência que se via nos*

---

<sup>115</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>116</sup> Boca Juniors, River Plate, San Lorenzo, Racing Club e Independiente. Há um debate sobre qual seria o Sexto Grande, geralmente envolvendo clubes como Huracán, Rosario Central, Newell’s Old Boys, Estudiantes de La Plata e Vélez Sarsfield.

*negócios deles, nas empresas deles*”<sup>117</sup>. De forma semelhante, como vimos nos relatos de Mário De Meneghi e Renato Zuco anteriormente, o Caxias tornou-se, após o fim da Associação Caxias, um *clube de empresários*, no qual o pertencimento a essa classe profissional – e ser bem-sucedido em seus empreendimentos – é um importante requisito para ocupar os cargos eletivos, especialmente a Presidência. Inclusive, é interessante observar como isso aparece atualmente no estatuto social do Caxias.

Art. 77º. A Presidência é constituída pelo Presidente, primeiro Vice-Presidente e segundo Vice-Presidente eleitos pelo Conselho Deliberativo para mandato de 2 (dois) anos, permitida a reeleição.

§ 1º. Todos os cargos da Presidência são de exercício gratuito;

§ 2º. Os membros da Presidência serão escolhidos dentre os integrantes do Conselho Deliberativo com mais de 25 (vinte e cinco) anos de idade, com reconhecida capacidade de gestão e administração de empresas; e

§ 3º. Os ocupantes dos cargos da Presidência responderão pelos prejuízos que comprovadamente causarem a SER CAXIAS, por ação ou omissão no exercício de suas funções.<sup>118</sup>

Como podemos ver, uma das exigências estatutárias para ocupar a presidência do Clube Grená é “reconhecida capacidade de gestão e administração de empresas”, o que limita o cargo, atualmente, a uma única profissão: a de administrador/empresário. Isso corrobora os relatos de Renato Zuco e Mário De Meneghi, que colocam o Caxias, a partir da presidência de Francisco Stédile, como um clube de empresários<sup>119</sup>. É uma mudança notória em relação aos presidentes da era Flamengo, dos quais três estão vivos e dois foram entrevistados: um deles, Gastão de Oliveira, era funcionário de uma empresa<sup>120</sup>, a Viaturas Força Diesel, quando foi presidente do clube. O outro, Milton Bertelli, é médico. No Juventude, por sua vez, Gilson Tonet afirma também que a administração de uma empresa é um facilitador para a gestão do clube. Ao questioná-lo sobre seus colegas de direção, tivemos o seguinte diálogo.

<sup>117</sup> TOMAZZONI, Sérgio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 out. 2019.

<sup>118</sup> Vale ressaltar, ainda, outra exigência para ser presidente do clube, definida pelo artigo 80 do estatuto social: ser associado há um ano, no mínimo. Redação anterior à mudança proposta no final de 2019. S.E.R. CAXIAS DO SUL. **Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária**. Disponível em: <https://www.seccaxias.com.br/noticia/Assembleia+Geral+Ordinaria+e+Extraordinaria/149>. Acesso em: 22 jun. 2020. No Juventude, por sua vez, é necessário, segundo o estatuto, ser sócio há mais de dois anos e conselheiro para ser membro da Diretoria Executiva.

<sup>119</sup> É importante ressaltar que a expressão “clube de empresários” não tem, aqui, o significado pejorativo normalmente utilizado quando referido ao fenômeno das agremiações de fundação recente que não possuem um número expressivo de torcedores nem uma tradição estabelecida no futebol local ou nacional, as quais têm como único objetivo a formação de jogadores. Quando da mudança do nome do clube, ocorrida no final de 1975, o atual Caxias já tinha quarenta anos de fundação.

<sup>120</sup> Não especificou o cargo em seu relato.

*D.F.: “Mas eram majoritariamente empresários esses dirigentes?”*

*G.T.: “Sim. Sim”.*

*D.F.: “E o que faz com que o empresário se torne mais facilmente dirigente?”*

*G.T.: “A ideia é o seguinte, tá acostumado com a sua empresa, com lidar com pessoas. Tu administrar um negócio é lidar com pessoas. E com finanças. Ter a base econômica da coisa, saber onde... tentar, pelo menos, saber o curso dos gastos, pra não comprometer o patrimônio da entidade, da empresa e do clube, principalmente que o clube não é teu. A responsabilidade é maior ainda. [...] As pessoas envolvidas entendem que têm que pegar junto nisso. Um médico, por exemplo, é mais difícil ele ter esse conceito. Nada contra o médico, mas ele não é um administrador. Ele é um médico e tem que ser bom médico. Então ele tem, se ele vem aqui dirigir o clube, ele tem que se cercar ou procurar, os dois, três próximos dele... quem esteve ou continua estando no fogo amigo ali [riso], administrar pessoas. Conflitos, né. E finanças. Olhar o dia inteiro aqueles boletos, aquela despesa, aquela ordem de compra lá, “mas precisa mesmo isso aqui?”, entende? Conferir...”*

*D.F.: “São pessoas que já têm esse know-how, né”.*

*G.T.: “Sim, já têm essa prática, não precisa nem fazer curso pra isso, né”.<sup>121</sup>*

As habilidades necessárias para a administração e gestão do clube, dessa forma, advêm da vida profissional. Nas palavras de Tonet, é importante saber lidar com pessoas e com finanças ou, ao menos, se cercar de pessoas que tenham essa prática, essa experiência. Afinal, segundo o ex-presidente esmeraldino, “o clube é uma empresa”.

Administradores e empresários, portanto, possuem esse capital profissional que os qualifica para dirigir o clube. Porém, entre nossos depoentes, aparecem outros profissionais: advogados e médicos. Eles também podem, contudo, ingressar no clube por meio de suas profissões, como o exemplo de Milton Bertelli, que adentrou no Flamengo como médico, após ter sua formação em Santa Maria<sup>122</sup>. Vicente Gallicchio, vice-presidente do Juventude quando

<sup>121</sup> TONET, Gilson Luiz. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

<sup>122</sup> Antes de ser médico do clube, Bertelli relata ter atuado como jogador nos juvenis do Flamengo por um ano, antes de se mudar para Santa Maria. Além disso, ele afirma ter jogado algumas partidas como atleta profissional do Flamengo e ter atuado no Internacional de Santa Maria, também pelo período de um ano. Muitos dos presidentes entrevistados relatam experiências com a prática de esportes durante suas juventudes, não apenas do futebol, mas nenhum de forma profissional. Veremos esses relatos no subcapítulo seguinte. Bertelli narra também ser neto de um “juvenilista”, ou seja, torcedor do Juvenil, do qual, na concepção dele, derivou o Flamengo. O depoente não detalhou se seu avô era tão somente torcedor ou se chegou a participar efetivamente do clube como sócio ou dirigente.

ocorreu a fusão do departamento de futebol com o Flamengo, também ingressou no futebol por meio de sua profissão.

*“[...] mas eu comecei no futebol em 1972<sup>123</sup>, eu era médico do Internacional, eu era acadêmico de medicina e me convidaram para ser médico do Internacional de Porto Alegre. E eu fiquei três anos lá, e eu vivi coisas muito interessantes no futebol, sabe, a luta da dupla Grenal, entre eles [...] Ai o Internacional em 72, 73<sup>124</sup> tava numa crise administrativa muito grande... nós morávamos nos Eucaliptos, né, tinha os Eucaliptos e eu era, vamos dizer assim, um aluno razoavelmente conhecido na UFRGS, né... a UFRGS, universidade federal, eu tinha um amigo meu que era médico do Inter, Dr. Jairo Santos, e ele me convidou: “Gallicchio, tu não quer dar uma mão pros juvenis do Internacional?”, e eu “como dar uma mão?”, “ser médico deles lá, atender, fazer... cuidar da parte física deles, saúde, exames” e eu comecei a trabalhar. Em seguida me promoveram lá pros profissionais”.<sup>125</sup>*

Curiosamente, esse convite para ingressar no clube entre amigos na faculdade é relatado também por Carlito Chies, presidente do Juventude em 1977, 1983, 1996 e 1997. Ao ser questionado sobre como ele conhecia as pessoas que ele convidava para ingressar no clube, a resposta inicia assim.

*“Bem, primeiro começou quando... na época que eu tava na faculdade. “Ô fulano, vem cá. Tu torce pra alguém?”, “não, eu torço pro Internacional”, “tu não quer ajudar o Juventude? Trabalhar lá? Mas tu não pode falar em Internacional, tu tem que ser Juventude”. Ai o outro, “eu sou gremista”, não sei o quê e tal, eu levava. Eu levava. E acabavam juventudistas. E esqueciam Internacional e esqueciam Grêmio”.<sup>126</sup>*

Portanto, podemos constatar que, curiosamente, as relações pessoais podiam se sobressair ao vínculo clubístico para ingresso no clube<sup>127</sup>. Conhecer alguém que está em um cargo diretivo, dessa forma, parece ser uma importante chave para o acesso à agremiação. E essas relações, obviamente, se estabeleciam principalmente nos círculos profissionais. Renato Zuco, por exemplo, comenta que foi convidado a participar do Caxias, do qual acabaria

<sup>123</sup> Considerando que Vicente Gallicchio se refere ao Estádio dos Eucaliptos e o Estádio Beira-Rio foi inaugurado em 1969, além dele ser vice-presidente do Juventude em 1971, provavelmente o depoente se refere a 1962.

<sup>124</sup> Provavelmente, 62, 63.

<sup>125</sup> GALLICCHIO, Vicente Gerardo. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 mai. 2019.

<sup>126</sup> CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>127</sup> O que, provavelmente, não configura um caso frequente. Todos os entrevistados relatam ser torcedores do clube no período anterior à presidência, o que pode significar que esse convite a torcedores de clubes da capital se restringe, inicialmente, a cargos de menor importância. Para chegar à presidência, o caminho é, em geral, interno.

presidente em 1981 por renúncia do mandatário eleito Giovanni Maria Scavino, pelo próprio então presidente Francisco Stédile.

*“[...] Eu fui convidado pelo próprio Francisco Stédile para atuar no Conselho Deliberativo, como membro do Conselho Deliberativo da SER Caxias, mas também como advogado, e então eu atuava na defesa, junto ao Tribunal Desportivo do Rio Grande do Sul e também atuei no Superior Tribunal de Justiça [Desportiva] no Rio de Janeiro naquela época que o Caxias estava no Campeonato Brasileiro, então eu atuava como advogado nas causas desportivas, somente nas causas desportivas e membro do Conselho Deliberativo”.*<sup>128</sup>

De tal forma, não apenas sua entrada no clube foi motivada pela profissão exercida, como alguns dos momentos importantes relatados por Zuco estão diretamente ligados à sua atuação como profissional do Direito dentro do clube.

*“Depois, me tornei presidente do Conselho Deliberativo e elaborei, vamos dizer assim, o estatuto da SER Caxias naquela oportunidade. Como também, na época o [estádio do] Grêmio Esportivo Flamengo, onde se localiza hoje o Estádio Centenário, ele era composto por uma chamada assim, no sentido territorial, de vários lotes, e todos eles em nome do Grêmio Esportivo Flamengo, então eu reorganizei esse aspecto ainda como membro do Conselho, reorganizei, transferindo todos os imóveis para a SER Caxias e o marco mais importante foi averbar o pavilhão, o estádio, naqueles terrenos, e aí nós tivemos a colaboração muito forte do então oficial de registros de imóveis, Olyntho Mendes de Castilhos, aqui da 1ª Zona aqui de Caxias do Sul, que era um torcedor e conselheiro do Caxias que nos apoiou muito e hoje o estádio, vamos dizer assim, tá averbado em cima dos lotes que eram do Grêmio Esportivo Flamengo, e como, que que aconteceu, o Grêmio Esportivo Flamengo, tecnicamente falando, trocou de nome, ele alterou o nome para SER Caxias do Sul, mas que foi fundado em 10 de abril de 1935”.*<sup>129</sup>

A profissão, porém, contém muito de estereótipo e construção de imagem do dirigente para si, para os outros dirigentes e – por que não? – para a torcida. Matias Godio analisa essa relação em sua tese, afirmando que “os trajetos profissionais não correm paralelos aos trajetos dirigenciais” (GODIO, 2010, p. 240). Duas afirmações distintas, de dois ex-presidentes alviverdes, nos mostram isso. Afirma Gilson Tonet:

*“Deu tudo certo. E a gente até... até pelo Juventude que a gente ficou mais, a minha empresa ficou mais conhecida, também. O Juventude me proporcionou que a minha pequena empresa fosse mais conhecida”.*<sup>130</sup>

<sup>128</sup> ZUCO, Renato Domingos. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>129</sup> ZUCO, Renato Domingos. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>130</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

Com Paulo Zugno, por sua vez, tive o seguinte diálogo.

*D.F.: “Em questão de relacionamentos, ser presidente do Juventude trouxe vantagens para o senhor?”*

*P.Z.: “Não, não, desvantagens. Eu mergulhei lá no Juventude, eu entrava lá de manhã, saía de noite. Eu tive que fechar uma empresa por causa disso. Aquilo te envolve. Não tem como. Aquilo é envolvente. Mesmo que tu saiba, tu fica, tu sabe que aquele negócio tá te prejudicando mas tu vai... [...]”*

*D.F.: “Sim. O senhor chegou a ter perdas financeiras por ser presidente?”*

*P.Z.: “Olha... eu acho que sim. Eu deixei de fazer muitas coisas. Deixei de ter mais coisas, perder... acho que perdi algumas coisas, mas deixei de ganhar muito. Ganhar e perder, isso faz parte”.<sup>131</sup>*

Tonet afirma ter tido ganhos ao ocupar a presidência do Juventude como a exposição de sua empresa<sup>132</sup>, mesmo tendo dito, em outro momento da entrevista, que precisou, pela dedicação ao clube, se ausentar do negócio próprio, para o qual nomeou gerentes de sua confiança. Para Paulo Zugno, no entanto, a dedicação ao Clube Alviverde levou a perdas consideráveis, como o fechamento de uma de suas empresas. Obviamente, a subjetividade do relato nos impede de tomar uma ou outra afirmação como fato, o que não é nosso objetivo, mas isso demonstra como a atuação dentro do clube não possui paralelismo com a vida profissional. Uma vida profissional bem-sucedida pode levar uma pessoa à direção do clube de futebol, mas seu fracasso não o retira do posto, visto que os resultados dentro do clube se tornam muito mais relevantes para a avaliação de seus pares e da comunidade em torno da instituição. Segundo Godio, “a maioria dos interlocutores da pesquisa afirma estarem ambos os universos em tensão e conflito, durante suas experiências dirigenciais” (GODIO, 2010, p. 240). Logo, a constatação do antropólogo corrobora a percepção que tivemos em nossa pesquisa. Há até mesmo um caso no qual o desejo de investimento na vida profissional levou ao completo afastamento do clube. Renato Zuco, que ingressou como conselheiro e advogado esportivo no Caxias em 1975, ocupa a presidência do clube em 1981 e sai definitivamente do Clube Grená.

*“[...] Me afastei mesmo e me dediquei, por quê? Porque meus filhos estavam se formando, entende, tavam se formando e eu montando o escritório, além dos meus compromissos com a Marcopolo, então, porque eu tava escolhendo a Marcopolo e*

<sup>131</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>132</sup> Ele afirma ter patrocinado o clube com sua empresa.

*aqui, então, hoje, nos últimos dois anos eu estou somente aqui mas continuo assessorando, porque sou membro do Conselho Deliberativo da Fundação Marcopolo e membro do Comitê de RH e Ética da Marcopolo, além de ser assessor e consultor na área de relações de trabalho, porque eu faço parte da comissão do SIMECS, então eu tenho muita atividade externa, então não havia mais condições, mesmo. Foi essa a razão”.*<sup>133</sup>

A demanda pela dedicação de tempo ao clube gera, portanto, esse conflito com a vida profissional, conforme afirma Carlito Chies.

*“Então, acho que a pessoa tem que entrar no clube sabendo que vai dar o tempo, ele vai, a família ele larga praticamente, não abandona, mas larga, a empresa ele tem que largar um bom pedaço do tempo que ele fica na empresa e dar uma força pro Juventude, dentro, internamente, né”.*<sup>134</sup>

Isso demonstra a contradição existente na gestão do presidente sobre a sua carreira profissional e a sua dedicação ao clube: ser bem-sucedido nos negócios é uma porta de entrada na agremiação esportiva, mas ele precisa deixar um tanto de lado seu negócio pessoal para dedicar-se ao clube, que demanda tempo dele.

Dirigido por pessoas oriundas de uma visão empresarial, o clube acaba por ser gerido, aparentemente, de forma semelhante a uma empresa. Algumas noções utilizadas na gestão de empresas acabam por ser incorporadas na direção do clube. Um exemplo está no discurso de Gilson Tonet, que utiliza de palavras como “austeridade” e “planejamento estratégico” com alguma frequência durante seu depoimento. Porém, para ele, em sua época, a gestão do clube era mais “amadorista”, tornando-se mais profissional a partir de 1993, com a presença da Parmalat. Segundo ele,

*“[...] Aqui no Juventude também se fez planejamento estratégico mais modernamente, principalmente depois da vinda da Parmalat, que exigiu um profissionalismo grande, a equipe deu outro elã pro clube, sabe, a nível de administração, mais profissional, menos amadorista, [riso] entende, mais... foi muito legal, pro clube foi muito importante, que se aprendeu como gerir uma empresa, né”.*<sup>135</sup>

A importância da vida profissional no discurso desses ex-presidentes acaba por se apresentar mesmo no local escolhido por eles para a realização da entrevista. Dos doze ex-

<sup>133</sup> ZUCO, Renato Domingos. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>134</sup> CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>135</sup> TONET, Gilson Luiz. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

dirigentes entrevistados, cinco me receberam em seus locais de trabalho<sup>136</sup>: três ex-presidentes do Caxias e dois ex-presidentes do Juventude. Considerando que foram quatro ex-presidentes grenás entrevistados e seis alviverdes, a proporção no Caxias é consideravelmente maior. Esse fato poderia ter uma relação com a afirmação dos ex-presidentes grenás sobre o Caxias ter se tornado um “*clube de empresários*”, mas os entrevistados são um médico, um advogado e somente um administrador de empresa. O advogado Renato Zuco, no entanto, possui profunda relação com a indústria caxiense, como vimos no fragmento anteriormente citado de seu depoimento: sua relação com a Marcopolo, uma das principais indústrias de Caxias do Sul, teve início ainda em 1959, empresa na qual ele atua na área de Recursos Humanos e teve atuação como advogado trabalhista. Como vimos, Zuco foi convidado por Francisco Stédile para ser conselheiro e advogado desportivo do Clube Grená. A relação estabelecida entre eles, conforme o depoimento de Zuco, teve como base a vida profissional de ambos.

*“Essa relação, na verdade, já havia lá no SIMECS, que como... na indústria metalúrgica, na Câmara de Indústria e Comércio, que ele também foi presidente, então havia conhecimento, porque, como era negócio de recursos humanos, então a gente tinha muita relação profissional em função da Câmara de Indústria e Comércio e do SIMECS, e lógico, né, algumas pessoas deviam ter citado, comentado etc. tal, ó, convida o fulano, porque não era só eu, [ele] convidou outros tantos a participarem, mesmo. A relação acho que nasceu aí, pelo conhecimento. O próprio genro dele, José de Angeli, que também já faleceu, mas respeito muito, o José de Angeli, que foi também dirigente, então havia esse relacionamento profissional, não sei se tá me entendendo, em função disso, veio a indicação”.*<sup>137</sup>

A importância do pertencimento profissional é analisada por Godio em sua tese pela noção de “estilos de dirigir” (GODIO, 2010, p. 252), investigando as qualidades que os membros de cada profissão dispõem para dirigir seu clube. Nos advogados, por exemplo, Godio entende que a “inteligência” desse profissional é a habilidade mais esperada na direção da agremiação.

Existe uma quota importante de ousadia e “improvisação” no sentido de rapidez e capacidade retórica. Formada mais pela prática do que pela teoria, e mais pela inteligência do que pelo respeito às normas, sua virtude derivaria de uma “leitura” sagaz do contexto e dos interlocutores e, portanto, de uma interpretação concreta e pragmática da situação, mais do que de uma ética abstrata baseada nas normas e na lei. O fracasso e o êxito são diretamente estigmatizáveis em cada polo com base na desonestidade, no “discurso duplo” ou na falta de previdência dos atos (GODIO, 2010, p. 253).

<sup>136</sup> Quatro me receberam em suas residências e outros três em locais diversos: UCS, Mercado Zaffari e Estádio Alfredo Jaconi. Logo, a empresa, escritório ou consultório foi a escolha mais frequente.

<sup>137</sup> ZUCO, Renato Domingos. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

De tal forma, Godio vê o advogado como um profissional com qualidades mais parecidas com as do empresário do que em relação a contadores e notários, profissionais também relevantes nas direções dos clubes de La Plata. O advogado, no entanto, se diferencia do empresário pela ênfase que dá para os “pactos” e os “contratos”.

Ao contrário, para o *empresário*, suas virtudes, como potencial governante, parecem emergir da sua habilidade prática ancorada na experiência concreta de um interesse agenciável, na sua consciência ‘terrenal’ resolutive e na sua capacidade de colocar as coisas de forma clara, “preto sobre branco”. Daí que as trajetórias empresariais se apresentem como percursos “mostrados pela construção de suas obras; e essa construção, baseada em sucessivas inovações, os conduz ao sucesso” (Piscitelli 2007: 80), e que a objetividade do trabalho – como forma de lidar com o seu tempo – seja vista como sinônimo de competência e concorrência com os outros (GODIO, 2010, p. 254).

A questão do tempo, como vimos, é relevante para os dirigentes dos clubes caxienses<sup>138</sup>. Renato Zuco, ao receber o convite de Stédile para atuar como conselheiro no Caxias, afirma ter respondido que *“eu tenho muitos compromissos profissionais, não tenho tempo, não tenho condições de tempo”*, recebendo a seguinte resposta: *“não, mas eu preciso é de gente que não tem tempo mesmo, é desses que eu acredito que trabalham”*<sup>139</sup>. Pela lógica de Stédile, ao menos segundo nos afirma Zuco, a grande quantidade de tarefas para as quais se dedica o homem mostra a sua competência profissional. Chies, por sua vez, conforme vimos, afirma que o tempo dedicado ao clube tira muito do tempo dedicado à vida pessoal e profissional, algo que o futuro dirigente deve ter em mente antes mesmo de ingressar no clube. A dedicação de tempo ao clube, o trabalho feito para o clube, é algo realizado, segundo Adelar Santarem, de forma *“espontânea, graciosa, no sentido de trabalhar de graça, sentido da doação”*<sup>140</sup>. Ou seja, a pessoa dedica tempo pessoal, tempo profissional à agremiação, tratando-

---

<sup>138</sup> Sobre tempo e profissão, a experiência durante as entrevistas me chamou a atenção. Ao contrário de outros depoentes, um dos ex-presidentes reservou apenas quinze minutos para a entrevista. Trata-se do proprietário de um conjunto de empresas, composto por esta companhia, que tem filiais em outros dois estados da Federação, e mais quase três dezenas de concessionárias de automóveis. Os outros depoentes são majoritariamente aposentados ou estão relativamente afastados do cotidiano da direção de seus negócios. O tempo disponibilizado por este dirigente, o mais ativo profissionalmente entre os entrevistados, dá uma mostra da forma como o trabalho é encarado por ele: como um homem de negócios, administrador de empresas, que possui diversas tarefas e viaja frequentemente a trabalho, sua disponibilidade para um relato destinado a um trabalho acadêmico é escasso. É interessante ressaltar, também, que foram diversas as ligações para finalmente conseguir marcar um horário para a entrevista realizada. Para isso, a intermediação de outro ex-presidente e seu amigo pessoal, que me levou à empresa para me apresentar a ele, foi fundamental.

<sup>139</sup> ZUCO, Renato Domingos. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>140</sup> SANTAREM, Adelar. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

se isso da doação do dirigente ao clube e à comunidade. Como afirma Godio, “o “interesse” pessoal está intrinsecamente “desinteressado” pelo voluntariado” (GODIO, 2010, p. 256).

No fragmento do depoimento de Gilson Tonet citado anteriormente, vimos que o ex-presidente esmeraldino se refere a uma maior profissionalização da gestão do clube trazida pela empresa de laticínios italiana Parmalat, que assinou um acordo de cogestão com o Alviverde caxiense no ano de 1993. A nossa pesquisa tomou como limite final no recorte temporal para a realização das entrevistas o período imediatamente anterior à entrada da empresa europeia no Juventude, tendo em vista as limitações de tempo e os próprios objetivos de uma dissertação de mestrado. No entanto, todos os ex-presidentes alviverdes entrevistados seguiram atuando no clube durante o período caracterizado pelas maiores glórias esportivas do Clube Esmeraldino, o que torna impossível não observar como aparecem as diferenças entre a época anterior e a posterior à relação com essa empresa. Chies, aliás, foi presidente do clube durante dois anos da década de 90. Tonet, Tomazzoni e Zugno integram o período mais vitorioso do clube em seus relatos, tendo em vista que tiveram cargos executivos no período<sup>141</sup>. Por isso, uma breve análise aqui da questão do profissionalismo na gestão do clube e de como isso aparece nos discursos dos ex-presidentes, especialmente dos alviverdes, considerando as condições históricas e atuação dessas pessoas, mostra-se relevante nesse contexto.

Primeiramente, cabe esclarecer as diferenças entre as concepções de direção e gestão aplicadas em nossa pesquisa. Não usamos ambas as palavras como sinônimos, de forma que “direção” possui um sentido político e “gestão” uma ênfase mais técnica. A direção envolve questões como o recrutamento de novos dirigentes e as disputas pelo poder no clube. A gestão, por sua vez, é compreendida em um sentido de aplicação de conhecimentos específicos, especialmente da área da administração. Entendemos que a direção do clube envolve, também, a gestão do mesmo.

A “modernização” dos clubes de futebol e a “gestão empresarial” são ideias correntes no atual futebol brasileiro. Noções essas que têm suas bases em experiências que, ao menos a distância, são bem-sucedidas no futebol europeu: diversos dos tradicionais clubes do Velho Continente contam, hoje, com proprietários, ações nas bolsas de valores e possuem estrutura totalmente empresarial, como os grandes (ou apenas ricos?) clubes ingleses. Além disso, há casos de empresas comprando ou criando clubes por elas geridos, como os diversos Red Bulls existentes pelo mundo, a exemplo do atual Red Bull Bragantino, clube tradicional do interior paulista comprado pela multinacional de bebidas austríaca. No Brasil, a recente discussão da

---

<sup>141</sup> Dos seis juventudistas, apenas Sehbe e Santarem não citam nominalmente a multinacional italiana em seus depoimentos.

legislação dos clubes-empresa, que possibilita aos clubes de futebol brasileiros, hoje baseados no modelo associativo sem fins lucrativos, tornarem-se empresas e também terem proprietários, como ocorre com os citados clubes ingleses, tem pautado muitos dos debates sobre o futuro do futebol nacional, onde os clubes, mal geridos, acumulam dívidas que chegam à casa dos bilhões e ameaçam a perpetuação dessas instituições centenárias. Obviamente, o objetivo aqui não é debater a atual proposta legislativa, seu contexto e possíveis impactos, mas sim como essa noção de profissionalização da gestão do futebol está presente nos discursos dos ex-presidentes de Caxias e Juventude. Conforme afirmamos anteriormente, a dirigência de um clube de futebol em Caxias do Sul, mesmo no cenário atual, não pode ser vista como uma profissão, pois os dirigentes possuem seus negócios próprios e não são remunerados, algo que é proibido pelos estatutos sociais de ambos os clubes. Porém, há uma ideia permanente da transformação da dirigência em algo mais profissional. Até que ponto vai esse profissionalismo? Quando questionados sobre a remuneração para presidentes e vices, alguns dos nossos depoentes falam da completa impossibilidade para isso. Com Gilson Tonet, tive o seguinte diálogo.

*D.F.: “Porque ninguém aqui é profissionalizado dos dirigentes em si, né?”*

*G.T.: “Não tem como. Como é que eu vou, eu venho pra cá pra ser presidente e ser remunerado, quanto é que eu quero por mês? Eu vou me pagar? Eu vou buscar o dinheiro pra me pagar? Eu quero vinte mil por mês, que é pouco perto do jogador, por exemplo. O clube não tem condições de pagar vinte mil pra um presidente”.*<sup>142</sup>

Partindo do depoimento de Tonet, constata-se a impossibilidade de uma completa profissionalização das direções dos clubes de futebol de Caxias do Sul, realidade que pode, com considerável segurança, ser estendida para todos os clubes considerados tradicionais do interior do Rio Grande do Sul. O trabalho de Rubens Eduardo Nascimento Spessoto (2008) sobre a administração profissional de clubes de futebol traz alguns conceitos interessantes para reflexão nesse momento. Para o autor, a administração ou gestão amadorista

é aquela baseada em valores de tradição; o comportamento do dirigente é influenciado por elementos emotivos que acabam introduzindo uma dimensão irracional em suas decisões, as decisões são tomadas por paixão. O paradigma é a entidade sem fins lucrativos e sua administração é voltada para dentro, o que significa a prevalência dos problemas administrativos sobre as oportunidades de mercado. Neste tipo de gestão, quase sempre o dirigente acumula um cargo político, juntamente com a administração da organização (SPESSOTO, 2008, p. 10).

<sup>142</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

Alguns dos elementos presentes nessa definição perpassam vários dos depoimentos dos ex-presidentes caxienses. O amor pelo clube, a emotividade, a defesa apaixonada dessa instituição está presente em diversos momentos dos relatos, além da parte da tradição, como vimos nas referências de Alfredo Sehbe aos “*juventudistas de escol*”, como o seu pai. O próprio apelo à família como uma justificativa ao pertencimento clubístico está relacionado a esse caráter tradicional. No entanto, especialmente naqueles que dirigiram o clube nos anos 1980, alguns elementos diferenciados já aparecem no discurso. Fica, no entanto, a marca do presente nesses discursos, considerando que é um relato retroativo, uma narrativa de uma memória por diversas vezes ressignificada e que tem a influência do momento presente e dos diversos processos pelos quais os clubes passaram, como a relação entre o Juventude e a Parmalat. Saber exatamente o que movia os presidentes durante as suas gestões não é possível, mas algumas pistas estão presentes em seus discursos, que, através de um relato do passado, contêm suas incongruências e contradições.

A administração ou gestão profissional, por sua vez, é definida por Spessoto da seguinte forma

Gestão realizada por profissionais contratados exclusivamente para essa finalidade e caracterizada pela busca permanente de resultados positivos ao longo de sua existência, como única possibilidade de permanência no mercado. Centra-se na visão do lucro e da rentabilidade e a administração é predominantemente voltada para fora, onde as ações estratégicas mais importantes concentram-se no mercado consumidor (SPESSOTO, 2008, p. 10).

Por mais que se fale em profissionalismo em alguns momentos dos depoimentos, podemos perceber que a visão do lucro e da rentabilidade não guia o pensamento dos dirigentes, ao menos em uma perspectiva empresarial. Obviamente, essa foi a ideia da Parmalat ao se associar com o Juventude, mas os dirigentes do clube não têm como pensamento o lucro financeiro, ao menos em seus discursos, mas sim algo mais abstrato, característico de uma gestão amadorista, como percebemos no relato de Carlito Chies: “*Eu não fui fazer futebol pra aparecer, pra ser político, pra ser não sei o quê, eu fui pra ver o torcedor do Juventude feliz*”<sup>143</sup>.

Outros dois conceitos são importantes para esclarecermos melhor quando falamos em modelo associativo e modelo empresarial de clubes.

**Clube Social Esportivo:** entidade esportiva que atua no futebol profissional. Inicialmente formada por associação de pessoas com o intuito apenas de promover o lazer aos seus associados, não visando o lucro. Foram criados sob a proteção da Lei

<sup>143</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

nº 6.251, de 8 de outubro de 1975 e antes da promulgação da Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993, a chamada Lei Zico.

**Clube Empresa:** entidade esportiva que atua no futebol profissional. Diferentemente do clube social esportivo, os clubes empresa foram criados a partir da promulgação da Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993 (Lei Zico) e possuem a característica de visar o lucro. Por ser uma empresa, assumem todos os encargos provenientes da criação da mesma (SPESSOTO, 2008, p. 11).

Tanto Caxias quanto Juventude são clubes sociais esportivos, não tendo, portanto, a intenção de obter lucro nem um proprietário. Seus proprietários são seus associados, o que diferencia a gestão do clube da gestão da empresa por parte daqueles dirigentes que são administradores. No entanto, alguns dos ex-presidentes veem semelhanças entre as gestões, como Sérgio Tomazzoni.

*“[...] Porque eu acho que um clube, uma entidade, tem que ser dirigida como se fosse a minha própria empresa, né, ou até mais, a sociedade muito mais, porque tem metade da população de Caxias [que] torce pro Juventude e então isso aí dá uma responsabilidade muito grande, então têm que ser feitas as coisas bem no claro pra não ter dúvida [...]”.*<sup>144</sup>

De forma que a proximidade vista por Tomazzoni entre a gestão do clube e a gestão da empresa se baseia na responsabilidade do dirigente/administrador por aquela instituição que está sendo gerida. O dono da empresa prima ao máximo pelo lucro desta, pela manutenção e perpetuação da mesma e o presidente do clube, de tal maneira, age de forma semelhante, buscando manter o clube saudável financeiramente e atuando de modo responsável<sup>145</sup>. O clube, para Tomazzoni, requer mais responsabilidade ainda: ele tem uma torcida numerosa, vista por ele como legítima proprietária da instituição, não importando se formada por sócios ou não.

Ainda em relação à profissionalização da gestão do clube, o relato de Tomazzoni é o mais pormenorizado no tocante à cogestão da empresa italiana no Clube Alvirverde caxiense. Segundo ele, *“o clube não tinha organização como uma empresa, né, então a Parmalat chegou e colocou, já no primeiro dia, a organização do clube, ela transformou o clube em empresa”*. Tomazzoni afirma ainda que *“foi um período maravilhoso, de aprendizagem pro clube, as instalações do clube, também, as reformas que foram feitas, academia, vestiários novos, foi feito uma reforma geral no estádio”*. Para ele, ainda, *“o espírito da Parmalat tá dentro do clube”*<sup>146</sup> até hoje. Seu relato é baseado na proximidade que tinha quando a Parmalat chegou no clube caxiense, momento no qual Tomazzoni era vice-presidente de futebol e a presidência

<sup>144</sup> TOMAZZONI, Sérgio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 out. 2019.

<sup>145</sup> Em uma perspectiva idealizada, obviamente, e tendo por base os relatos apresentados.

<sup>146</sup> TOMAZZONI, Sérgio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 out. 2019.

era ocupada por Marcos Cunha Lima. A visão de Tomazzoni, inclusive, se aproxima muito das distinções de gestão amadorista e gestão profissional feitas por Spessoto.

*“Então, aprendemos muito, deixou um legado muito bom lá dentro do clube, que até hoje eu, principalmente, me inspiro da organização deles, do modo de fazer futebol, e tem que ser bem, bem feito, bem separado da emoção e do profissionalismo, então isso foi uma aprendizagem muito grande e a Parmalat, até que eu existir, eu acho que eu, como juventudista, tenho que agradecer a eles”.*<sup>147</sup>

Separação entre emoção e profissionalismo: um dos maiores legados da empresa italiana para os dirigentes esmeraldinos. Afinal, antes de tudo, o dirigente é um torcedor, nutre um sentimento pelo clube, o que pode influenciar as decisões por ele tomadas quando está à frente do seu clube do coração.

O debate sobre a modernização da gestão dos clubes, cuja nova base estaria na “tecnocracia” e não na “afetividade”, conforme afirma Godio, está, no entanto, mais centrado nos clubes de maior poder e prestígio midiático e financeiro. Caxias e Juventude são clubes marginais dentro da pirâmide do futebol do país, de forma que as cobranças por modernização e contratação de funcionários para a gestão do clube não são tão intensas. Atualmente, o Juventude disputa a Série B do Campeonato Brasileiro, tendo conquistado o acesso em 2019. O Caxias está na Série D e some-se a isso o fato das torcidas desses clubes estarem concentradas na cidade de Caxias do Sul. Por isso, temos que ter uma série de cuidados ao analisar a localização desses dois clubes no cenário nacional do futebol e das discussões mais recentes acerca da gestão desse esporte. Atualmente, o Caxias conta com um gerente de futebol contratado, Ademir Bertoglio<sup>148</sup>, que está, no entanto, subordinado à Presidência, ocupada ainda por torcedores, os ditos “abnegados” do clube, que não são remunerados. Desta forma, apenas o futebol grená está efetivamente profissionalizado em sua gestão, estando o clube em si ainda sob uma gestão amadora. O Juventude, por sua vez, tem como diretor-geral de futebol Osvaldo Pioner, não remunerado.

Ainda outros elementos podem ser identificados nos discursos dos dirigentes em relação à profissão. A presença no clube, por exemplo, pode ter impacto em seus negócios pessoais ou futuros profissionais. Afinal, como afirma Paulo Zugno, “a presidência do

---

<sup>147</sup> TOMAZZONI, Sérgio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 out. 2019.

<sup>148</sup> PETRUCCI, Pedro. Ademir Bertoglio irá comandar o futebol do Caxias na temporada de 2020. **Pioneiro**. Caxias do Sul. 24 set. 2019. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2019/09/ademir-bertoglio-ira-comandar-o-futebol-do-caxias-na-temporada-de-2020-11842373.html>. Acesso em: 03 mar. 2020.

*Juventude é um palco iluminado*”<sup>149</sup>. O mesmo, obviamente, pode ser afirmado em relação ao Caxias. Ou seja, além da profissão servir como uma forma de ingresso no clube e do estilo de direção estar baseado em princípios e noções adquiridas na profissão do dirigente, a atuação na agremiação pode ter impacto em sua vida profissional. Um exemplo está no relato de Carlito Chies, que afirma ter aberto uma loja de materiais de construção para fornecer os materiais necessários para a edificação do Estádio Alfredo Jaconi.

*“[...] No período da construção do estádio, é uma coisa que eu quero deixar pra história, isso tu vai poder deixar guardado porque é a verdadeira história, eu lamento só que eu... [sou] o único vivo aí mesmo e que sabia da história que foi feita, como o Juventude conseguiu fazer o estádio, na época eu tinha ideia de transferir a fábrica pro lado de Flores da Cunha. Porque tava muito central [...] e o pessoal reclamava do barulho das máquinas e era máquina de madeira, então fazia muito barulho também, e aí o Sanvitto disse “Carlito, as três lojas de materiais de construção que tem em Caxias não querem colaborar, eles querem que a gente pague à vista o que fosse comprado, ou alguém assinasse o aval pra pagar”. Diz ele assim “mas um ocasião, Carlito [...], tu falou pra mim que queria botar uma loja de materiais de construção. Por que tu não põe a loja pra nós dar uma arrancada? Nós tamos com esse problema agora, temos o papel mas eles não aceitam”, que eram as notas promissórias de cadeiras vendidas. Aí... bem, eu disse [...] “[o que] eu posso fazer agora, enquanto a fábrica tá aqui, é vender cimento pro Juventude, vender ferro, vender madeira e eu não vou poder vender areia porque areia o pessoal vai pegar, os caminhoneiros trazem areia em cima, tal, então a parte mais bruta, isso eu posso fazer, eu monto uma firma aqui, junto com a outra e aí separamos, duas firmas, materiais de construção”, fazer uma materiais de construção pra atender o Juventude”*.<sup>150</sup>

Continuando sua narrativa, Chies comenta sobre o impacto que a criação dessa loja teve em seus negócios pessoais e o entrelaçamento entre sua trajetória e a história do Clube Alvirverde.

*“Então, eu ficava com os papéis, eram trinta e seis parcelas de cem cruzeiros na época, na época dos cruzeiros ainda, e o Juventude conseguiu ir pra frente, senão não tinha como, nós não tínhamos como pegar dinheiro de outra forma. E aí deu esse arranque, né, e aí foi, a obra foi tocando, e aí daqui a pouco já eu aproveitei, com as promissórias comprar as estruturas todas metálicas do pavilhão de mais de cem metros, mais de duzentos metros por trinta metros de largura, onde está a fábrica hoje, com aquelas notas promissórias, passei as notas promissórias e fui avançando, a fábrica indo pra lá e aqui aumentando a loja, então tudo... o Juventude foi importante pra mim, foi importante pra mim e eu fui importante pro Juventude, as duas coisas. E aquilo me deu vida pra fazer crescer mais ainda a empresa e assim por diante, que foi o que foi acontecendo. E o Juventude também.*

<sup>149</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>150</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

*Aí, já depois de nós termos inaugurado o estádio e seguindo toda aquela história lá, ficou essa história entre nós, a gente não quis comentar muito”.*<sup>151</sup>

Primeiramente, é interessante como Chies faz esse relato com o declarado objetivo de “deixar guardado”, de narrar a “verdadeira história”. Ele comenta que não havia contado o fato para outras pessoas, nem mesmo para seus sócios de empresa, talvez para evitar uma exposição ou um julgamento por parte destes e, também, de conselheiros e colegas de direção do clube. Os motivos de guardar isso para si, conforme ele relata, podem envolver também um temor, quando feita a dita operação, de ocorrer um fracasso nos negócios pessoais devido a um envolvimento entre suas empresas e o clube. De acordo com seu relato, a loja foi criada, no momento, visando atender às necessidades do Juventude. A ideia, conforme ele narra, existia anteriormente, e a dificuldade encontrada pelo clube para o fornecimento desse material foi uma oportunidade para o investimento em um novo ramo. Com um relato emocionado, Chies associa diretamente a criação da nova empresa ao momento do Juventude, mas obviamente nada seria feito sem o aval de seus sócios e, especialmente, seus familiares, já que sua mais antiga empresa, a atual San Marino Móveis, foi criada por seu pai e é gerida juntamente com seus irmãos. Nesse momento, vale a pena comparar com um relato sobre a construção do outro estádio da cidade, o Centenário. Também as relações profissionais de outro presidente, neste caso de Cláudio Eberle, presidente da Associação Caxias entre 1972 e 1973, auxiliaram na obtenção dos materiais necessários para a edificação do estádio.

*“E um fato que ninguém sabe é que quando eu telefonei, na época, pro Jorge Gerdau Johannpeter, da Companhia Riograndense, pedindo pra ele que me conseguisse um preço especial para fornecer o ferro para construção, no mínimo, desse primeiro módulo, então ele disse “olha, Cláudio, vou te fazer tudo preço de custo, mas pode esperar que daqui a pouco tô mandando”, e realmente, decidindo fazer o estádio, as plantas, tudo, aí então, na hora de começar, precisava conseguir cimento, areia e ferro, né. E ele mandou duas, três jamantas de ferro, das várias bitolas de construção, e nunca cobrou, a Associação Caxias de Futebol nunca pagou, ele disse “não, isso fica de graça pra vocês como contribuição, como uma contribuição da Siderúrgica Riograndense””.*<sup>152</sup>

Novamente, é alegado estar sendo relatado algo inédito, “um fato que ninguém sabe”. Desta vez, no entanto, o mérito do presidente não está na ação direta, como foi o caso de Chies, mas sim na relação profissional, que possibilitou uma economia para o clube, uma doação por

<sup>151</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>152</sup> EBERLE, Cláudio Alberto Muratore. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 out. 2019.

parte de um colega de profissão. Essa dimensão do relacionamento pessoal permeia muitos desses discursos e narrativas, conforme afirma Chies, segundo o qual recebeu como recompensa pela sua ação um abraço de Willy Sanvitto, então presidente alviverde, que comentou “*tu é amigo, hein, tchê. Tu foi meu amigo*”<sup>153</sup>. Esses círculos de relacionamento pessoal, essas redes de sociabilidade estão presentes em diversos momentos nos relatos, conforme veremos a seguir.

Antes de passarmos ao próximo subcapítulo, é importante chamar a atenção para a participação de alguns dos depoentes nos sindicatos patronais, inclusive como presidentes, o que demonstra uma tendência à liderança dentro de suas classes profissionais. Alfredo Sehbe foi presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário e do Calçado do Nordeste Gaúcho entre 1983 e 1986 e novamente entre 1989 e 1992<sup>154</sup>. Jorge Sehbe, seu tio, presidiu a Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul, então Centro de Indústria Fabril, entre 1957 e 1962, instituição que também foi presidida por Cláudio Eberle entre 1963 e 1966<sup>155</sup> e por Francisco Stédile entre 1981 e 1982. Eberle foi ainda vice-presidente da Fiergs e fundador e vice-presidente do Sindicato da Indústria de Material Plástico<sup>156</sup>. Sérgio Tomazzoni e Gilson Tonet, por sua vez, presidiram o Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e Malharias da Região Nordeste do Rio Grande do Sul, o primeiro entre 1999 e 2002 e o segundo entre 2005 e 2010<sup>157</sup>. Carlito Chies afirma ter sido vice-presidente do Sindicato do Comércio<sup>158</sup> quando da construção do Palácio do Comércio e diretor do Centro de Indústria Fabril, além de ser membro do Conselho Deliberativo do Sindimadeira<sup>159</sup> e sócio fundador e ex-presidente da Associação dos Comerciantes de Materiais de Construção de Caxias do Sul e Região Nordeste do Rio Grande do Sul<sup>160</sup>. Renato Zuco, por sua vez, afirma ter sido membro do Lions Clube Industrial por vinte

<sup>153</sup> CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>154</sup> SINDIVEST. **História do Sindicato**. Disponível em: [http://www.sindinvest.com/sindicato/1/Historia\\_do\\_Sindicato](http://www.sindinvest.com/sindicato/1/Historia_do_Sindicato). Acesso em: 06 mar. 2020. Chama a atenção a presença de seus familiares Jorge Sehbe e Ricardo Sehbe na presidência do sindicato, os quais se alternaram, junto a Alfredo Sehbe, entre os anos de 1963 e 1999. Ou seja, durante trinta e seis anos, somente a família Sehbe presidiu o Sindinvest.

<sup>155</sup> CIC CAXIAS. **Ex-presidentes Conselho Executivo**. Disponível em: <https://ciccaxias.org.br/cic/ex-presidentes-conselho-executivo/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

<sup>156</sup> RÁDIO CAXIAS. **Envolvimento com atividades comunitárias marcou atuação do empresário Cláudio Eberle**. Disponível em: <https://radiocaxias.com.br/portal/noticias/envolvimento-com-atividades-comunitarias-marcou-atuacao-do-empresario-claudio-eberle-114424>. Acesso em: 03 jun. 2020.

<sup>157</sup> FITEMASUL. **Nossa História**. Disponível em: <http://fitemasul.com.br/institucional>. Acesso em: 06 mar. 2020.

<sup>158</sup> Atual Câmara de Dirigentes Lojistas.

<sup>159</sup> Sindicato Intermunicipal das Indústrias Madeireiras, Serrarias, Carpintarias, Tanoarias, Esquadrias, Marcenarias, Móveis, Madeiras Compensadas e Laminadas, Aglomerados e Chapas de Fibras de Madeiras do Estado do Rio Grande do Sul. Cf. SINDIMADEIRA RS. **Diretoria**. Disponível em: <http://www.sindimadeirars.com.br/secao.php?pagina=2>. Acesso em: 06 mar. 2020.

<sup>160</sup> ACOMAC CAXIAS. **Diretoria**. Disponível em: <http://www.acomaccaxias.com.br/diretoria>. Acesso em: 06 mar. 2020. ACOMAC CAXIAS. **Ex-Presidentes**. Disponível em: <http://www.acomaccaxias.com.br/fundacao>. Acesso em: 06 mar. 2020. Além de Carlito Chies, presidente da entidade em 1989, Vigílio Paolo Battisti,

anos e presidente regional dessa instituição por duas oportunidades<sup>161</sup>. Ou seja, tratam-se de pessoas influentes na atividade econômica regional e fazem parte, efetivamente, da elite econômica caxiense, possuindo um papel relevante em diversos aspectos da vida da comunidade e estando inseridos, dessa forma, em diversos outros espaços sociais.

### 3.3 Outros espaços de sociabilidade

Analisando as narrativas de nossos depoentes, percebemos a presença de outros elementos anteriores ao clube que perpassam a questão do recrutamento dos dirigentes e do estilo de direção. Neste subcapítulo, analisaremos esses outros elementos, esses outros laços e vínculos sociais que acabam por influenciar no ingresso e consequente direção do clube.

Inicialmente, é interessante analisar teoricamente essas redes, esses laços de sociabilidade entre membros das elites. Ressaltamos que estamos tratando de uma elite regional, de pessoas que detêm o poder e consequente controle do campo futebolístico profissional em Caxias do Sul. Como vimos, não é algo obrigatório ser oriundo de posições prévias de elite, mas o relacionamento com essas pessoas é essencial para ingressar no clube como dirigente.

O artigo de Silva *et al.* (2017), no qual os autores propõem uma escala de mensuração para a força dos laços sociais, traz noções importantes para o nosso trabalho. Com base nos estudos de Granovetter, os autores afirmam que as ligações ou laços sociais são importantes para analisar as redes de relacionamento. Entre nossos depoentes, conforme vimos, os vínculos familiares, profissionais e de amizade são intensos, até mesmo entre dirigentes de clubes diferentes. Os autores citados analisam a importância e impacto de laços fortes e fracos, os quais teriam dinâmicas e relevância diferentes no estabelecimento de relacionamentos entre pessoas.

Segundo os autores, existe ainda uma carência de instrumentos para mensuração dos laços, para sua identificação e análise de sua força relacional. Consequentemente, os laços são classificados como fracos ou fortes de acordo com tempo de convivência entre as pessoas ou com a própria definição feita pelos entrevistados sobre os seus relacionamentos. Dessa forma, o objetivo do seu texto é o desenvolvimento de um instrumento de mensuração desses laços. Não acredito que uma metodologia de mensuração dos laços entre os dirigentes de Caxias e

---

presidente do Flamengo entre 1971 e 1972 também é sócio fundador da Acomac e foi seu presidente entre 1977 e 1979.

<sup>161</sup> ZUCO, Renato Domingos. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

Juventude seja algo relevante no momento, mas sim os conceitos trazidos pelos autores do artigo.

Citando Granovetter, os autores comentam sobre o papel fundamental dos laços fracos, que seriam “responsáveis pela difusão da informação e influência, assim como pela mobilidade das oportunidades” (SILVA *et al.*, 2017, p. 182). Dessa forma, os laços fracos seriam mais eficazes que os laços fortes ao terem maior propensão ao movimento entre círculos diversos, proporcionando o acesso a informações diferentes em relação àquelas que circulam entre os laços fortes, formados por pessoas mais próximas. O argumento é que há uma redundância de informação entre os laços fortes.

Se A e B e A e C estão ligados por laços fortes, é provável que B e C também se relacionem, podendo ter laço forte ou fraco (embora seja mais provável que haja laço forte, em função da similaridade entre eles ser resultante dos seus laços fortes com A). Estas ligações na rede representam o princípio do fechamento triádico, uma vez que, quando os nós B e C têm um amigo A em comum, então a formação de uma aresta entre eles produz uma situação na qual os três nós têm bordas que se conectam, como um triângulo na rede. Assim, as informações que fluem entre A, B e C tornam-se redundantes, pois o fluxo é cíclico (SILVA *et al.*, 2017, p. 182).

Por sua vez, o laço fraco proporciona uma circulação de informações maior que o laço forte. Logo, “os contatos mantidos por meio de laços fracos são mais propensos a serem pontes para ligações de redes socialmente distantes, fornecendo acesso a informações e recursos novos” (SILVA *et al.*, 2017, p. 182) e associando membros de grupos diferentes com mais facilidade, pois alcançam um maior número de pessoas e uma maior distância social que os laços fortes, transmitindo informações, influências e ideias. Portanto, afirmam os autores que o laço fraco não se refere a uma relação fraca, mas sim a novas possibilidades de conexões com outros grupos e sistemas sociais. Essas questões estão intimamente relacionadas ao nosso objeto de estudo: Gilson Tonet, por exemplo, afirma que acabou se tornando dirigente e posteriormente presidente do Juventude ao ajudar na construção do estádio, ao “*ficar por aí, metendo o nariz*”, segundo suas palavras. Como consequência disso, segundo ele, “*me descobriram*”<sup>162</sup>, o que o levou até a presidência do clube. Ou seja, não havia um laço forte, uma proximidade maior com aquelas pessoas que formavam a direção do clube no período. Renato Zuco, por sua vez, foi convidado por Francisco Stédile, com o qual tinha relações profissionais, as quais não chegavam a ser realmente uma amizade, segundo ele: “*Sim, era profissional. Não, amizade não, não havia. No sentido de amizade, não. Relacionamento*

---

<sup>162</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

*familiar, não. Era profissional, mesmo*”<sup>163</sup>. Logo, é interessante refletir sobre uma possível categorização dos laços pessoais que levaram os ex-presidentes entrevistados para dentro do clube. Outros, como vimos no caso de Alfredo Sehbe, têm relação familiar com o clube, o que os levou para os cargos diretivos por um caminho de certa forma “natural”, como sucessores de seus pais e avôs ou conhecendo os dirigentes do clube através destes.

Porém, é interessante ver como os autores citados determinam o que seja um laço forte ou um laço fraco. Mais uma vez citando Granovetter, a força dos laços se define por “uma combinação, provavelmente linear, da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confidência mútua) e os serviços recíprocos que caracterizam o laço” (GRANOVETTER *apud* SILVA *et al.*, 2017, p. 183). Assim, uma maior interação entre os indivíduos reforça o sentimento de amizade mútua e a semelhança entre eles, o que gera o laço forte. Ainda segundo os autores, os laços fracos, por serem mais numerosos que os fortes, podem ter um funcionamento para a obtenção de um emprego, no caso citado no artigo, ou, em nosso caso, para o ingresso no clube, maior do que os laços fortes. É importante ressaltar que, segundo os autores, as características utilizadas para definir um laço como fraco ou forte são geralmente arbitrárias, justamente pela ausência de métodos para a mensuração das ligações já citada anteriormente. Baseando-se na bibliografia existente, o artigo coloca como laços fortes parentes, amigos ou vizinhos. Conhecidos e amigos de amigos, por sua vez, seriam laços fracos. Outros estudos consideram, ainda, a quantidade de tempo que as pessoas passam juntas e os contatos compartilhados como definidores de laços fortes ou fracos.

Vimos, anteriormente, como os laços familiares e profissionais possibilitam a entrada no clube. Agora, analisaremos outros tipos de laços que aparecem em nossas fontes. Um deles é a relação prévia com o esporte amador, tanto praticado quanto dirigido. Na já citada tese do antropólogo argentino Matias Godio, há a referência sobre a atuação anterior dos dirigentes platenses em associações esportivas de bairro, conforme afirma o autor: “A tarefa desenvolvida por um determinado dirigente, em um ‘clube de bairro’ das dimensões do Brandsen ou do Juventude, em La Plata, podem projetá-lo para disputar uma candidatura no nível de um clube como o Estudiantes ou o Gimnasia” (GODIO, 2010, p. 227). O autor ressalta, porém, que essa não é uma trajetória comum, não sendo o “itinerário ideal de um alto dirigente” dos grandes clubes platenses. Em Caxias do Sul, por sua vez, ao menos para o ex-presidente grená Mário Ruaro De Meneghi<sup>164</sup>, a situação é diferente.

---

<sup>163</sup> ZUCO, Renato Domingos. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>164</sup> O futebol amador é elemento fundamental no discurso de Mário Ruaro De Meneghi acerca de suas concepções sobre o esporte. Analisaremos essa questão no próximo capítulo.

*“[...] Eu participava do departamento de futebol, juntamente com o Francisco Grezzana e o Rudy Antônio Vieira, que também eram oriundos do Vasco da Gama Futebol Clube<sup>165</sup>, que o Vasco sempre foi mais ou menos uma... não vou dizer uma escola, né, mas um centro onde muitos dirigentes do Vasco foram aproveitados nos dois clubes de Caxias, não só no Caxias. Eu me lembro, assim, a lo largo, que passaram pelo Vasco dirigentes do Juventude tais como Carlito Chies<sup>166</sup>, Paulo Zugno<sup>167</sup>, Luiz Carlos Gregoletto, devo esquecer de alguns... e de parte do [Caxias], o Gastão de Oliveira<sup>168</sup>, que foi quem me levou [para o Caxias], o Dimas Salvi, eu, Francisco Grezzana, o Rudy Vieira e, com certeza, talvez eu esqueça de mais alguns”.*<sup>169</sup>

Em sua tese, Godio afirma que os clubes de bairro servem, geralmente, para a “criação de alianças relativamente móveis e circunstanciais, e não de um “compromisso de sentimento”” (GODIO, 2010, p. 227). No caso de La Plata, o antropólogo identifica acordos formais de colaboração entre os clubes, o que gera vínculos entre as direções do grande clube, profissional, e do clube de bairro.

Algumas observações de Godio sobre a presença anterior como dirigente em clubes de bairro são interessantes para pensarmos os vínculos existentes entre alguns de nossos depoentes e a anterior participação na direção de clubes amadores. Em sua tese, Godio enfatiza os clubes de bairro platenses como “espaços de autonomia declarada” que podem servir como “cenário para práticas dirigenciais de diferentes tipos”, como a prática da oratória<sup>170</sup>. Outra questão

<sup>165</sup> Clube esportivo caxiense fundado em 16 de março de 1953, com atuação no futebol amador e no futsal profissional, esporte no qual obteve destaque nacional.

<sup>166</sup> Em seu depoimento, Carlito Chies comenta sua participação no Vasco como atleta: “*Depois do Juventude, da base, eu fui jogar ainda no Vasco aqui em Caxias, tinha um time de futebol amador, me convidaram pra jogar no Vasco, joguei dois anos lá no Vasco, até casar, e aí, aí para tudo, né [riso]*”. CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019. Não há referência, em seu depoimento, de atuação como dirigente no clube.

<sup>167</sup> Não há referência de atuação no Vasco da Gama no depoimento de Paulo Zugno. Isso não significa, é claro, que não houve participação. O silêncio sobre uma possível atuação de Zugno no Vasco pode ser indicativo da (pouca) importância dada pelo depoente a esse elemento para o ingresso no Juventude.

<sup>168</sup> Gastão de Oliveira afirma ter sido vice-presidente do Vasco da Gama e presidente do Torino, clube de futsal. Essa atuação de Oliveira também foi anterior à sua entrada no Flamengo, de acordo com seu depoimento. OLIVEIRA, Gastão de. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 19 jul. 2019.

<sup>169</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>170</sup> Mário De Meneghi ressalta a importância desse elemento em seu relato: “*o V. agora tá dando entrevista. Eu acho que é uma coisa que o próprio repórter, ele vai pegar o cara que tá no campo, ele não vai lá na tribuna pra entrevistar o presidente, né. Então, o S. é o que mais aparece, sabe dar entrevista, e de repente o V. é meio tímido, assim, pode ser que agora ele esteja... o M. é um cara que eu acho que nem deve falar no microfone, porque o Juventude gozava o F. porque o F. tinha problema na pronúncia do “R”. O M. também tem problema de pronúncia no “R”, ele dobra quando é um e vai um quando é dois, “eu tô amarado”, o M. fala assim, isso não tem jeito, porque é o cara que fala o perfeito italiano. Nós aqui falamos Roma, né? Mas na Itália é “Roma”, né*”. MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019. Optamos por retirar os nomes citados, visando preservar o depoente. É perceptível que a oratória, mesmo no caso de Caxias do Sul, onde apenas uma emissora de rádio cobre os clubes locais, é elemento chave para o dirigente que se expõe em entrevistas coletivas pós-jogo, por exemplo.

trazida pelo autor é a não identificação de um “fluxo de prestígio acumulado entre categorias dirigenciais – formalizado ou minimamente reconhecido – que permita falar de uma relação coordenada institucionalmente no que concerne a uma transição visível entre um e outro espaço de poder” (GODIO, 2010, p. 228). Podemos entender, dessa forma, a atuação no clube de bairro mais como uma espécie de escola da dirigência, onde a pessoa tem a possibilidade de colocar em prática aqueles elementos que serão necessários no momento em que for dirigir o clube de futebol profissional. Essa é uma concepção, como vimos, alinhada ao discurso de Meneghi, apesar de certo receio do depoente em fazer tal afirmação. Godio, no entanto, identifica uma relação institucional entre clubes de bairro e os grandes clubes, utilizando a expressão “clubes aliados” (GODIO, 2010, p. 228). Em nossa pesquisa, no entanto, não foi possível identificar essas relações entre clubes, apenas pessoais entre os dirigentes e os clubes amadores caxienses.

Como afirmamos, no entanto, a atuação prévia no campo esportivo de alguns dos ex-presidentes entrevistados não se deu apenas nas direções dos clubes. Alguns deles também relatam terem atuado como esportistas em suas juventudes – chegando até mesmo a atuações no time principal. Um exemplo já citado é o de Milton Bertelli, que foi médico e presidente do Flamengo e afirma ter jogado (e sido campeão) pelos juvenis do Flamengo, além de ter feito partidas amistosas no time principal do Flamengo e de ter jogado durante um ano no Internacional de Santa Maria. Essa relação, afirma Bertelli, veio a partir do convite dos treinadores dos juvenis do Flamengo, os jogadores do time principal Portuário e Dutra, na época que ele jogava no Colégio do Carmo. A prática esportiva durante o colégio ou a universidade, aliás, é citada por outros ex-presidentes, como Carlito Chies.

*“A própria universidade, nós disputamos, eu disputei, nós fomos em onze pessoas pra Rio Grande pra disputar a primeira copa das universidades do Rio Grande do Sul. Pago pela Ipiranga, lá, todo o pessoal que foi pra lá. Só tinha que ir com seu carro ou de ônibus, tal, e nós fomos em onze pra poder jogar futebol. Dos onze, tirava os cinco melhores pra jogar futebol de salão. Tirava seis pra jogar vôlei. Tirava mais cinco, seis lá pra jogar basquete, e até corrida de cem metros, quatrocentos metros também, os que tinham mais possibilidade, os onze fizeram pelos demais aquilo ali, e vou te dar todos os onze que estavam lá, todos são gente de primeira linha”.*<sup>171</sup>

Alfredo Sehbe também afirma ter participado de atividades esportivas durante sua vida escolar.

---

<sup>171</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

A.S.: “[...] Sempre pratiquei esporte. Eu fui da seleção do Carmo, joguei lá, ganhamos do Cristóvão lá na casa deles. Fui nadador oficial do Juvenil. Eu conseguia fazer dez segundos e pouco, vinte e cinco metros. Eu sempre pratiquei tudo que foi esporte”.

D.F.: “Futebol?”

A.S.: “Futebol também”.<sup>172</sup>

A prática esportiva está presente inclusive na narrativa de Paulo Zugno sobre o início de sua relação com o Juventude.

*“Bem, quando eu cheguei em Caxias, vindo de Canela, nós fomos fazer uma pelada ali no Juventude e eu era um menino e jogava bem, e um amigo da minha família me convidou pra fazer uns treinos. Naquela época eram aspirantes, não existia divisão de base, eram aspirantes à titularidade e eu fiquei por ali. Não joguei futebol profissionalmente, porém peguei amor pelo clube e daí o tempo passou, até que em 77, a convite do Dr. Willy Sanvitto e do Walter Gastaldello, eu passei a ser dirigente do clube, isso foi em 77, no mês de abril”.*<sup>173</sup>

E igualmente no relato de Carlito Chies, que, filho de dirigente do clube, jogou na base alviverde durante a década de 1960, tendo a “oportunidade de jogar um ou dois jogos amistosos de titular”<sup>174</sup>.

Por outro lado, no relato de Renato Zuco, a atuação em outras entidades esportivas tem relação com a sua vida profissional.

*“[...] Acontece que a Marcopolo, pra uma empresa que tem dez mil empregados, que nem é o caso da Randon, dez mil empregados, a Agrale, três mil, enfim... essas grandes, Fras-le etc., então havia o campeonato do SESI, então sempre tive vinculado, desde os quatorze anos, sempre vinculado ao esporte. Pelo SESI, tu entende? Então a Marcopolo foi campeã sul-brasileira, participou de torneios pelo SESI, nacionais, teve internacionalmente também, nós levamos, participando etc., então, tive desde os quatorze anos de idade jogando, também, até os dezoito anos eu praticava o futebol, só futebol, parei aos dezoito anos e daí eu comecei a faculdade, porque como entrei em 59, então, a minha vinculação no esporte foi no SESI, direto, eu... muitas, muitas, muitas viagens pelo interior do estado, pelo Brasil etc. tal, pela Marcopolo, né. Ou seja, [...] era uma associação dos funcionários da Marcopolo, hoje é fundação, que pratica todos os esportes. Que lá tem a sede, a sede é muito grande, e lá tem futebol sete, futebol... enfim, todos os esportes, então tinha uma vinculação direta. Fui... nesse sentido, como era o gerente de RH, então... a associação dos funcionários da Marcopolo, enfim, a*

<sup>172</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

<sup>173</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>174</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

*Marcopolo tinha uma diretoria, tinha presidente, tinha todo o departamento, departamento cultural, que tem o CTG, o piquete de laçadores, enfim. Departamento feminino, clube de mães, enfim, tudo. Então, tinha essa vinculação em função da gerência de recursos humanos”.*<sup>175</sup>

Dessa forma, é possível perceber como as relações com o esporte são múltiplas para os dirigentes dos clubes caxienses. Alguns deles tiveram participações diretas em atividades esportivas durante a vida escolar, em seu local de trabalho ou mesmo via amizades pessoais, como no caso de Paulo Zugno, que treinou no Juventude a convite de um amigo de sua família. Curioso observar, no entanto, que nenhum deles teve efetiva atuação como atleta profissional. Apenas Bertelli e Chies afirmam ter jogado amistosos pelos times principais. Dessa forma, podemos perceber a participação prática desses dirigentes como somente recreativa, servindo como mais uma forma de sociabilidade, de formação de laços e relações. Nenhum deles jamais teve o esporte como fonte de renda, sendo a dedicação a ele paralela aos seus estudos e vidas profissionais.

Essa prática esportiva, especialmente a prática do futebol, está situada no discurso de alguns como uma legitimação para a atuação como dirigente, em uma lógica segundo a qual é necessário ter praticado o jogo para compreendê-lo e, conseqüentemente, dirigir esse departamento do clube. É perceptível essa visão no depoimento de Carlito Chies, ao comentar sobre um colega de Juventude, ex-presidente do clube e já falecido<sup>176</sup>.

*“Ele foi comigo lá em São Paulo aquela vez, buscar os jogadores lá. Mas também não jogava futebol, de futebol entendia nada, digo “mas para, rapaz”, não entendia nada de futebol [riso], mas ele gostava de futebol e tal. Assim, de qual era o jogador melhor, [ele] não tinha... ele nunca jogou bola, o cara que joga bola sempre tem, pode jogar até no amadorismo, mas sempre tem uma ideia um pouquinho melhor pra poder dar como sugestão, né. Mas é, é isso aí”.*<sup>177</sup>

Logo, a prática esportiva pode ser compreendida como um mecanismo de legitimação do dirigente do clube. Tendo jogado futebol quando jovem, ele tem compreensão do jogo, possuindo capacidade de avaliar os atletas do clube e, conseqüentemente, atuar nas negociações de novos jogadores para o plantel. Portanto, não basta ter capacidade de gestão de uma instituição: se faz necessária a capacidade de gestão específica para um clube de futebol ou,

<sup>175</sup> ZUCO, Renato Domingos. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>176</sup> Optamos por preservar o nome do ex-presidente ao qual Chies se refere em sua fala.

<sup>177</sup> CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

minimamente, ter em sua equipe pessoas com tal competência. Afinal, conforme afirma Renato Zuco, “*tudo é focado em cima do departamento de futebol, que é a essência do clube*”<sup>178</sup>.

É curioso perceber como, em ao menos um dos relatos, a participação anterior como dirigente no clube amador proporciona a entrada no círculo de elite do futebol estadual<sup>179</sup>. As relações com dirigentes de outros clubes ou das federações aparecem de forma bastante positiva em alguns dos discursos, como podemos ver na fala de Meneghi.

*“[...] Em 1960 eu ingressei no Vasco da Gama Futebol Clube, onde permaneci por todo o tempo que eu joguei futebol. Nessa época eu assumi todos os cargos dentro do Vasco da Gama e na eleição do Rubens Hoffmeister eu fui representar a Liga Caxiense de Futebol, ou seja, todos os clubes amadores de Caxias. E em nome da Liga Caxiense de Futebol eu votei no Rubens Hoffmeister, porque inclusive eu fazia parte da chapa no Conselho Fiscal. E fui persuadido pelo Gastão de Oliveira, meu colega de infância<sup>180</sup>, para votar no General Mareu. Mas eu persisti e o Rubens Hoffmeister foi, pela primeira vez, presidente na Federação Gaúcha de Futebol. Em 1970, eu, embora dirigente do Vasco da Gama, fui convidado pelo Gastão de Oliveira para fazer parte da diretoria do Grêmio Esportivo Flamengo. A função era relações públicas, pelo contato que eu tinha com a própria Federação, e a função principal era recepcionar os clubes que disputavam o Campeonato Gaúcho, enfim, um cargo sem muita importância”.*<sup>181</sup>

Dessa forma, antes mesmo de fazer parte da direção do Flamengo, Meneghi integrou da chapa que foi eleita para a Federação Gaúcha de Futebol, encabeçada por Rubens Hoffmeister. É perceptível aí, portanto, uma relação muito próxima entre o futebol amador e o futebol profissional, regidos ambos pela mesma federação estadual, o que pode servir como uma espécie de ponte entre um clube amador e um clube profissionalizado de futebol<sup>182</sup>.

A imprensa do período nos traz mais informações sobre esse processo relatado por Meneghi. Segundo a edição de 31/01/70 do Jornal Pioneiro, página 17, Mário De Meneghi foi eleito suplente do Conselho Fiscal da FGF. A edição de 10/01/70, por sua vez, confirma o apoio

<sup>178</sup> ZUCO, Renato Domingos. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>179</sup> Me refiro a estadual pelo fato dos clubes amadores do Rio Grande do Sul estarem filiados à Federação Gaúcha de Futebol.

<sup>180</sup> Segundo o depoimento de Gastão de Oliveira, ele e Meneghi foram colegas de escola no Carmo.

<sup>181</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>182</sup> Efetivamente, os clubes estudados “apenas” estão profissionalizados em relação aos seus jogadores, comissão técnica e outros funcionários. Como podemos perceber, as direções podem ser designadas como amadoras. Arlei Damo (2018) opta pelo uso do termo “futebol de espetáculo” para se referir ao que denominamos como “futebol profissional”, justamente visando matizar essas diferenças e o próprio processo histórico de profissionalização do futebol. Como tratamos de clubes profissionais interioranos, que não estão na primeira prateleira ou no grupo de elite desse “futebol de espetáculo”, nos pareceu mais apropriado o uso, ainda, do termo “futebol profissional”. Cf. DAMO, Arlei. *Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política*. **Fulia / Ufmg**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p.37-66, 24 abr. 2019.

não apenas do Flamengo, presidido por Gastão de Oliveira, mas também do Juventude à candidatura derrotada do general Mareu Ferreira, então presidente da Federação. O Juventude, inclusive, fez um jantar em homenagem ao candidato.

Para a noite de ontem, quando já havíamos encerrado o expediente dessa edição, o Esporte Clube Juventude programou um jantar em homenagem ao General Mareu Ferreira, Presidente da Federação Gaúcha de Futebol, que visitava esta cidade em campanha para a sua re-eleição para o cargo máximo do futebol rio-grandense. O jantar, com a presença de dirigentes do Esporte Clube Juventude, de outros desportistas, convidados especiais e representantes da imprensa, realizou-se no Restaurante Avenida. Como se sabe, Juventude e Flamengo já hipotecaram solidariedade à candidatura do General Mareu Ferreira (PIONEIRO, 10 jan. 1970, p. 20).

Dessa forma, o apoio ao candidato de oposição, posteriormente eleito, não foi empecilho para a entrada de Meneghi no Flamengo, a convite do próprio presidente grená. Podemos refletir, portanto, sobre a hipótese do convite a Meneghi para ingressar como dirigente no Flamengo ter sido uma forma de aproximação do Clube Grená junto à nova direção da Federação Gaúcha.

Em outros depoimentos, vemos como as relações dentro desse “*circuito*”<sup>183</sup>, conforme denomina Gilson Tonet em seu relato, podem ser utilizadas como trunfos tanto para o sucesso do clube, o que se relaciona à nossa hipótese acerca do convite feito por Gastão de Oliveira a Mário De Meneghi, como para benefícios pessoais, nos negócios próprios dos dirigentes. O depoimento de Alfredo Sehbe ilustra bem isso, ao comentar sobre sua aproximação com o almirante Heleno Nunes, presidente da CBD entre 1975 e 1980<sup>184</sup>.

*“Eu fui ao Rio de Janeiro em 78, depois de contatos que eu fiz, começou contatos até com o pessoal do Grêmio, o Fábio Koff tinha sido meu professor na faculdade... e eu tinha muita ligação lá, e me apresentou o pessoal... e dali, desse contato com o Grêmio, eu cheguei no Dr. Hildo Nejar... Hildo Nejar tem algumas características que são importantes pra mim. Primeiro Lugar: filho de patrício. Que que é patrício? Meu avô era libanês, meu pai americano, tudo bem, mas filho de libaneses... o Hildo Nejar era um cara formado em odontologia em Porto Alegre, foi dirigente do Cruzeiro [de Porto Alegre] [...] e ele era, só pra tu ter uma ideia, o seguinte... o Hildo Nejar foi o grande responsável, eu não quero trazer pra mim a coisa... porque eu, quando assumi a presidência, eu achei que o Juventude tinha que tá na Série A brasileira... aí eu entrei em contato com o Hildo Nejar, “sim, Alfredo, tu é amigo, teu avô era amigo do meu avô, porque isso, porque aquilo...” e eu peguei um avião e fui pro Rio. E o Hildo era o braço direito do almirante Heleno Nunes. Tá? Braço direito, tinha sido presidente lá do America [...] e o Hildo se tornou, não só pela relação sanguínea, mas também pela amizade que a gente*

<sup>183</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

<sup>184</sup> Em 1979, já transformada em CBF.

*se identificou muito, ele me levou, na época, lá na Marca, que era a corretora da qual o dono era o almirante Heleno Nunes, e o almirante Heleno Nunes, na época, pra tu saber, ele era presidente da Arena no Rio de Janeiro. Tá? [...] E aí, fui lá com o Hildo Nejar, diz o Hildo “olha, almirante, nós temos que dar um jeito, o Juventude tá assim, tá assado, porque isso, porque aquilo, porque fez um estádio assim, de tantas mil pessoas, tal, tal, tal...”, diz o almirante “o Juventude está convidado para participar da Série A brasileira””.*<sup>185</sup>

Dentro do discurso de Sehbe, sua relação “sanguínea” com Hildo Nejar e a intermediação deste junto ao almirante Heleno Nunes foram fundamentais para o Juventude disputar o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1978. Vale frisar que o período da gestão de Heleno Nunes foi caracterizado pelo constante inchamento da competição nacional, que chegou ao número de noventa e quatro clubes na edição de 1979. Portanto, a narrativa de Sehbe faz sentido dentro de seu contexto histórico, no qual ele utilizou de relações familiares e pessoais para beneficiar o clube que presidia. Entretanto, relação com Hildo Nejar e com Heleno Nunes não trouxe benefícios somente ao Juventude, mas também à Kalil Sehbe, empresa do ramo têxtil que pertencia à família de Alfredo Sehbe.

*“O almirante me apresentou um amigo dele, o Amaro Maceió, que ele era representante comercial junto à Marinha. Depois que eu tive no Rio, eu fiquei durante dez anos sendo fornecedor de cobertor pra Marinha do Brasil, através do representante Amaro Maceió, que o almirante me apresentou. Não que eu fui com esse objetivo”.*<sup>186</sup>

As relações entre dirigentes do futebol profissional, porém, não são unidirecionais. As alianças são baseadas em trocas, em reciprocidades, ou, como afirma Rocha, em sua já citada dissertação sobre os presidentes de Flamengo e Fluminense, em “trocas de dádivas”<sup>187</sup>, envolvendo uma “totalidade de relações sociais: festas, gentilezas, recepções, trocas jocosas,

<sup>185</sup> SEHBE, Alfredo. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019.

<sup>186</sup> SEHBE, Alfredo. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

<sup>187</sup> Segundo Rocha, “há uma espécie de circuito de dádivas em que os dirigentes que ajudam a construir sedes, centros de treinamento, ou parques aquáticos, são recompensados com o nome do prédio construído” (ROCHA, 2013, p. 76). Segundo o autor, esse circuito é uma espécie de padrão brasileiro de retribuição de dádivas, algo perceptível em Caxias do Sul: em 1996, o Estádio Centenário passou a ser chamado oficialmente Estádio Francisco Stédile, em homenagem ao presidente do Clube Grená durante sua construção. Cf. DUTRA, Laudir. **Caxias alcança a marca de mil jogos no Estádio Centenário**. Disponível em: <https://www.jornalpontoinicial.com.br/2018/05/24/caxias-alcanca-a-marca-de-mil-jogos-no-estadio-centenario/>. Acesso em: 06 mar. 2020. O Estádio Alfredo Jaconi, por sua vez, não ganhou o nome do presidente durante a sua construção, Willy Sanvitto, mas manteve o nome de outro ex-presidente e atleta do clube, falecido em 1952. Cf. LINHA do tempo. Disponível em: <http://www.juventude.com.br/linha-do-tempo>. Acesso em: 06 mar. 2020. Dessa forma, são homenageados aqueles que são compreendidos pela coletividade clubística como os grandes homens da história da agremiação, considerados efetivamente os construtores do patrimônio dos clubes. Willy Sanvitto e Francisco Stédile, aliás, estão presentes em quase todos os depoimentos colhidos.

tributos” (ROCHA, 2013, p. 86). Sehbe decidiu por retribuir a gentileza de Heleno Nunes utilizando suas empresas, que foram beneficiadas também por esta relação.

*“Então, através do Hildo Nejar, o Juventude foi convidado, com o almirante Heleno Nunes. Como é que eu retribuí pro almirante? Quando teve a Copa de 78, [...] convidei ele pra passar por Caxias antes de ir pra Argentina, ele veio, hospedei ele e o Mozart Di Giorgio e toda turma ali no nosso hotel. Aquele hotel, quem cuidou da construção, o Palace, fui eu. Fiquei seis anos, também, dentro das minhas atividades, cuidava lá. Ai levei o almirante lá na firma, o Mozart Di Giorgio, que era diretor da CBF, essa turma, medida pra todos eles, eles iam pra Argentina, eu mandei fazer sobretudo pra todos eles [riso], tá? Ai o almirante me convidou pra ir pra Argentina. “Tu vai com a delegação da CBD”, digo “não, almirante, eu tenho empresa aqui e outra, eu não tenho tempo”, sabe quem é que foi no meu lugar? Paulo Zugno”.*<sup>188</sup>

Logo, nesse sistema de trocas de dádivas, há a inclusão de outro dirigente alviverde, Paulo Zugno, que narra não apenas sobre sua viagem à Argentina na Copa do Mundo de 1978, mas também sobre suas relações com Heleno Nunes e com Rubens Hoffmeister. Zugno, no entanto, diz ter sido convidado pelo próprio almirante para representar o Rio Grande do Sul na comitiva da CBD na Argentina, afirmando ter feito “*uma amizade muito grande*” com o mandatário da Confederação. Quando questionado sobre o início da sua relação com Heleno Nunes, Zugno cita também Hildo Nejar e a situação política, tanto no Brasil como na Argentina.

*“Em função das coisas, dos meus negócios, eu tava muito no Rio de Janeiro. Cheguei lá, fui apresentado pelo Hildo Nejar [...], eu caí nas graças do Heleno. “Gaúcho”, tal, ele era almirante, existia uma época de repressão, era almirante presidente da CBD, o Coutinho era capitão, o Parreira era sargento, era tudo milico, tchê. E a repressão era grande, tu precisa ver o que aconteceu lá na Argentina. Onde a Seleção tava hospedada, na Vila Marista, ó... a Argentina precisava ganhar a Copa do Mundo, senão o negócio ia ferver. [...] bah. Rafael Videla lá. Eu vivi isso”.*<sup>189</sup>

Aproveitando a citação às ditaduras militares vigentes no país vizinho e no Brasil, perguntamos ao ex-presidente alviverde se ele havia sentido alguma ameaça ou temor durante sua estadia na Argentina. A resposta foi a seguinte.

*“Muitas vezes. Muitas vezes. Muitas vezes. Porque eles diziam, a gente não vai sair daqui. A coisa aliviou quando o Peru entregou o jogo. Ai aliviou. Ai aliviou, a Argentina quase que botou a mão naquele caneco lá. Mas era muito sério. A Vila*

<sup>188</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019.

<sup>189</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

*Marista é em Mar Del Plata, é uma chácara enorme, ao redor dela tinha os canhões virados, os canhões não tavam virados pra fora, tavam virados pra dentro e a cavalaria circulando vinte e quatro horas. Então... eu tinha a passagem aberta, quando a coisa apertava mesmo, eu ia pra Buenos Aires. Tinha passagem aberta. Ia, voltava. Fiquei vinte e cinco, vinte e seis dias, lá. Foi uma experiência maravilhosa. Primeiro jogo do Brasil em 78 foi em Mar Del Plata, eu tava no hotel Iruña e o almirante tava no hotel Presidente, onde tava a Seleção, onde tavam os dirigentes, a Seleção tava na Vila Marista e de manhã eu levantei cedo e fui dar uma volta lá no hotel deles e quando eu passo na frente da suíte do almirante tava a esposa do almirante, ela “ô Gaúcho, como vai? Entra aqui”, e daí ele já tava se arrumando, botando gravata e tal, eu tomei café da manhã com o almirante no dia do primeiro jogo, quando o Rubens Hoffmeister me viu lá dentro, ficou maluco. Rubens Hoffmeister era o presidente da Federação. “Que que tá fazendo aqui?”, digo “pô, vim assessorar o presidente” [riso]. O cara ficou... enciumado, nossa. E eu tomando café da manhã com ele. O primeiro dia foi terrível [...]. A Argentina precisava ganhar, de qualquer jeito”.<sup>190</sup>*

A aproximação entre Zugno e Nejar, no entanto, aparentemente tem motivações profissionais, ao contrário daquela entre Sehbe e Nejar, que envolveu questões de pertencimento étnico e familiar<sup>191</sup>. Chama a atenção, porém, como Zugno demonstra ao mesmo tempo uma visão crítica sobre a militarização da então CBD e, contudo, se aproxima de Heleno Nunes<sup>192</sup>. Essa aproximação, novamente, se mostrou benéfica também ao Juventude: sob a presidência de Tomazzoni<sup>193</sup>, Zugno ocupa a vice-presidência de relações públicas, motivado pelo seu relacionamento com a cúpula da CBF e da FGF. Antes disso, em 1983, sob a presidência de Carlito Chies, o ex-mandatário alviverde afirma ter sido vice-presidente de futebol a pedido do treinador Daltro Menezes, pois já estava “*influenciando lá com o Hoffmeister, Heleno Nunes*”<sup>194</sup>. Isso tudo ocorre após a participação de Paulo Zugno na delegação brasileira na Copa do Mundo da Argentina, onde, aparentemente, a sua relação com

<sup>190</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>191</sup> Não descartamos a hipótese de Sehbe ter apresentado Nejar a Zugno.

<sup>192</sup> Zugno afirma ainda ter feito “*curso de futebol, técnico de futebol*” com o capitão Cláudio Coutinho, técnico da Seleção Brasileira de 1978, algo que, para ele, parece ser uma vantagem para a atuação no campo direcional. Comenta o ex-presidente esmeraldino: “*um dirigente fazendo curso de [técnico de futebol] é uma coisa diferente, mas eu acho que foi por isso que eu me dei bem*”. ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019. Em sua tese, Luiz Rocha comenta sobre a importância de Coutinho para a preparação da Seleção Brasileira tricampeã do mundo em 1970. ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. 2019. 377 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

<sup>193</sup> Zugno se refere à presidência de Sérgio Tomazzoni como ocorrida em 1986. No entanto, este foi o ano em que a presidência do Juventude foi ocupada por Gilson Tonet, sendo Tomazzoni o vice-presidente financeiro. Em 1987 há uma inversão nos cargos: Tomazzoni passa a ocupar a presidência, Tonet assume a vice-presidência de finanças. De qualquer forma, Zugno ocupa a vice-presidência de relações públicas poucos anos antes de assumir a presidência do clube, o que pode demonstrar que, ao contrário do que afirma Meneghi, o cargo não seja tão “sem importância” assim, ao menos no Juventude.

<sup>194</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

a cúpula da então CBD se intensificou. Foi através dessa relação, aliás, que o ex-presidente esmeraldino afirma ter estabelecido contato com Elias Zaccour<sup>195</sup>, empresário do futebol que, segundo Zugno, foi o responsável pela excursão realizada pelo Juventude no Continente Asiático em 1982.

*“Em 1982, com aquele relacionamento que eu fiz com o pessoal da CBD na Copa do Mundo, eu conheci o Elias Zaccour, que era um empresário, alto bordo, [...] um turco<sup>196</sup>. Me ligou uma noite, ele tava em Hong Kong. Levei um susto. [...] [Perguntando] se eu não podia emprestar o Juventude pra fazer uma excursão na Europa, Ásia, Arábia Saudita, fomos a Riad, fomos à Coreia do Sul, fizemos oito jogos. Ganhamos uma nota, o cara pagou toda a despesa do futebol, salários... aí que o Luiz Felipe ficou conhecido. Porque o Elias Zaccour foi, conheceu ele. Daí deu tudo aquilo que tu já sabe”.<sup>197</sup>*

Se essa relação entre Zugno e direção da CBD aparece de forma ambígua em seu discurso, outros possuíam uma intimidade muito maior com o poder então estabelecido. Curiosamente, nenhum dos depoentes comentou sobre alguma relação pessoal com a Arena, partido situacionista durante a Ditadura Militar. Willy Sanvitto, patrono do Juventude e responsável pela construção do atual Estádio Alfredo Jaconi, foi secretário municipal da Arena e diretor do Banrisul no final dos anos 1960, cargo indicado pelo governador do estado e também ocupado por Cláudio Eberle em 1967, tendo sido este filiado à Arena e ao PMDB no pós-1964<sup>198</sup> (MOCELLIN, 2008, p. 132-133).

Se as trocas de dádivas ocorrem dentro do clube, utilizando dos mecanismos próprios do futebol, a presença como dirigente acaba por proporcionar a atuação em outros espaços, como o político. É interessante ver como aparecem em alguns dos relatos convites para o ingresso em partidos políticos. Como afirma Paulo Zugno,

<sup>195</sup> Em sua tese de doutorado, Luiz Rocha afirma que Zaccour era, à época, “um dos maiores empresários do mundo do futebol” e “foi o principal cabo eleitoral de Havelange” na eleição à presidência da FIFA em 1974. Afirma ainda Rocha: “Fluente no árabe e no francês, Zaccour era o “representante” não oficial da CBD na “zona africana”. Segundo o autor, Zaccour tinha no futebol sua profissão e foi o responsável por apresentar João Havelange aos delegados africanos. Cf. ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. 2019. 377 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 18 e 252. Percebemos, dessa forma, que as redes de relacionamentos dos dirigentes caxienses não são restritas às fronteiras locais ou nacionais.

<sup>196</sup> A nacionalidade de Zaccour é libanesa.

<sup>197</sup> ZUGNO, Paulo José. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019. O Luiz Felipe a quem Zugno se refere é Luiz Felipe Scolari. Segundo Michielin, foi Rafael Bollanos, outro empresário, genro de Elias Zaccour, quem se encarregou “dos cuidados com o clube” (MICHIELIN, 1994, p. 373).

<sup>198</sup> Eberle foi filiado a cinco partidos: PDC, Arena, PDS, PMDB e PFL. Foi, inclusive, candidato a Prefeito de Caxias do Sul em 1982. RÁDIO CAXIAS. **Envolvimento com atividades comunitárias marcou atuação do empresário Cláudio Eberle**. Disponível em: <https://radiocaxias.com.br/portal/noticias/envolvimento-com-atividades-comunitarias-marcou-atuacao-do-empresario-claudio-eberle-114424>. Acesso em: 03 jun. 2020.

*“O Juventude é um palco iluminado, quando tu tá lá em cima e tu vai bem, todo mundo quer te levar pra fazer alguma coisa ali, diz “ó, tô fazendo uma sociedade lá, pô, me lembrei de ti” e assim vai. Se tu for medíocre tu não vai a lugar nenhum, mas se tu for bem-sucedido, não para mais em casa”*.<sup>199</sup>

O próprio Zugno relata ter recebido convites para ingressar na política partidária.

*D.F.: “O senhor chegou a ter relação com partido político?”*

*P.Z.: “Nunca. Nunca tive ficha política. Em 89, depois que eu acabei o ano de 89, a presidência, que nós fomos muito bem, bem daquele jeito, e o Collor de Melo tava assumindo a presidência, uma coisa nova, eles acharam que eu podia me meter nesse negócio, PRN, eu acho que era... eles precisavam de gente nova na política. Eu tava na praia, o pessoal foi lá me convidar pra ser candidato a prefeito aí no... eu nunca tive ficha política, partidária”*.<sup>200</sup>

Carlito Chies também afirma ter recebido convite para uma possível candidatura à Prefeitura Municipal, que foi recusada. Alfredo Sehbe, por sua vez, não relata envolvimento seu em partidos políticos<sup>201</sup>, mas afirma que seu pai “*era do PTB do Getúlio*”<sup>202</sup>, do qual ele saiu após o suicídio do Presidente da República e ingressou no MTR, Movimento Trabalhista Renovador, partido fundado por Fernando Ferrari, amigo pessoal de seu pai, que se tornou presidente deste partido em Caxias. Além disso, o irmão de Alfredo Sehbe, Kalil Sehbe, já atuou como vereador em Caxias do Sul e como deputado estadual pelo PDT. Gastão de Oliveira é outro que afirma ter recebido convites para candidatura e recusado. Segundo ele, “*quem queria me levar foi meu pai, que era metido pelo PDT, e mais um outro cara aí*”<sup>203</sup>.

O único depoente que narra uma participação política ativa é Gilson Tonet. Além de ter sido secretário da União Gaúcha de Estudantes Secundaristas em Caxias<sup>204</sup>, ele afirma ser um dos fundadores do PDT em Caxias do Sul. Assegura que jamais foi candidato e,

<sup>199</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>200</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>201</sup> Sehbe foi, porém, presidente do Diretório Central de Estudantes da Universidade de Caxias do Sul, onde se graduou em Direito “*na sexta turma, em 71*”. Afirma Sehbe: “*Na minha época de faculdade de Direito, eu acabei sendo presidente do DCE, Diretório Central de Estudantes, fiz a minha sucessão através do Abdo Taufik Abdo Nader, que era um patricio meu lá de Rio Grande [...], casou com uma prima minha, Marília Lunardi, filha do Romano Lunardi, foi presidente do DCE e fez a sucessão dele no DCE, botou o Zé Ivo Sartori como político, que foi o seguidor dele e que acabou governador do estado*”. SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

<sup>202</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

<sup>203</sup> OLIVEIRA, Gastão de. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 19 jul. 2019.

<sup>204</sup> Sobre sua atuação na UGES, afirma Tonet: “*Quase fui preso, eu só tive que prestar depoimento durante... cada seis meses ia ali no 3º Exército bater ficha*”. TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

curiosamente, que “*aqui dentro do clube, praticamente, eu era o único brizolista*”<sup>205</sup>, o que é um indicativo de uma possível tendência conservadora da maioria dos dirigentes do clube que eram seus contemporâneos. A liderança de Willy Sanvitto, é claro, pode ter um peso nessa tendência política.

Os membros das direções dos clubes caxienses são pessoas, portanto, que se destacam na sociedade local, estando inseridas em diversos espaços e estabelecendo relações com grupos de poder da capital do estado e do centro do país. Elites políticas, econômicas, esportivas e até mesmo intelectuais se relacionam: Vicente Gallicchio, vice-presidente do Juventude em 1971 e Cláudio Eberle foram docentes da Universidade de Caxias do Sul, o primeiro na Faculdade de Medicina, da qual afirma ter sido diretor, e o segundo da Faculdade de Economia, da qual também afirma ter sido diretor. Milton Bertelli também foi professor da Faculdade de Medicina da UCS, “*durante vinte e sete anos*”<sup>206</sup>.

Dessa forma, é possível perceber a multiplicidade de espaços sociais e de relações estabelecidas pelos ex-presidentes de Caxias e Juventude. Essas relações e espaços são comuns entre muitos deles, demonstrando um pertencimento a uma classe social comum e alguns dos capitais que se revelam importantes para acessar os cargos máximos no clube. Ou seja, vimos como partem da sociedade para dentro do clube essas pessoas. No próximo capítulo, analisaremos como se projetam socialmente esses dirigentes a partir de sua posição dentro do clube, buscando compreender a construção de seu discurso, suas concepções e ideias para o futebol e os clubes e quais foram seus legados para os clubes por eles presididos.

---

<sup>205</sup> TONET, Gilson Luiz. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

<sup>206</sup> BERTELLI, Milton. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 25 abr. 2019.

## **4 RUMO AO ESTRELATO: MEMÓRIA, IMAGEM E LEGADO**

No capítulo anterior, vimos alguns dos elementos que são importantes para o recrutamento dos dirigentes dos clubes de futebol caxienses. Ou seja, analisamos tópicos dos depoimentos dos ex-presidentes que mostram sua inserção social anterior ao clube, prévia ao ingresso na agremiação e a importância desses elementos para a entrada na estrutura do clube, passando aos cargos de poder dentro das instituições estudadas. No capítulo atual, a análise se voltará para a construção da memória e da imagem desses dirigentes a partir desses depoimentos, buscando a compreensão de como se inserem socialmente os presidentes dos clubes de Caxias do Sul. Desta forma, no capítulo anterior a análise partiu da posição social para dentro do clube; neste, o foco estará na construção da imagem a partir do clube, em compreender como os nossos depoentes se colocam na sociedade a partir de suas posições de poder e comando dentro das agremiações esportivas. Como se constrói a memória desses dirigentes? Quais as concepções, noções e ideias deles para os clubes e para o futebol? Qual o legado que suas gestões deixaram para os clubes de futebol de Caxias do Sul? Essas são algumas das perguntas que buscaremos responder neste capítulo.

### **4.1 A construção da memória dirigencial**

Neste subcapítulo, procuraremos analisar a construção da memória a partir da narrativa dos dirigentes entrevistados. Essa temática é fundamental dentro da reflexão sobre a natureza da história e do fazer historiográfico, de forma que existe uma ampla bibliografia disponível que nos permite questionar e pensar esse objeto. Márcia Maria Menendes Motta (2012) é uma autora que comenta sobre a distinção entre história e memória.

Assim, é mais do que razoável admitir que a memória e a história não são sinônimos, pois, diferentemente da primeira, a história aposta na descontinuidade, visto que ela é, ao mesmo tempo, registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão; ela é manejada, reconstruída a partir de outros interesses e em direção diversa, e, para se opor à memória, a história tem ainda o objetivo de denunciar e investigar os elementos que foram sublimados ou mesmo ignorados pela memória (MOTTA, 2012, p. 25).

Motta, dessa forma, enfatiza o aspecto crítico e problematizador da história para diferenciá-la da memória que, por sua vez, “constrói uma linha reta com o passado,

alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias e sem nenhuma crítica às fontes que, em tese, embasariam essa mesma memória” (MOTTA, 2012, p. 25).

Pierre Nora (1993) é outro autor que sublinha a diferença entre a história e a memória. Para ele a memória é viva, atual, está em constante transformação, enquanto a história “é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993, p. 9). Para o autor, a “memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p. 9). Nora coloca a história como uma opositora da memória, sendo a primeira a responsável por depurar as falhas da segunda. Acreditamos ser relevante citar aqui as palavras do historiador francês.

No coração da história trabalha um criticismo destruidor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. A história é deslegitimação do passado vivido. No horizonte das sociedades de história, nos limites de um mundo completamente historicizado, haveria dessacralização última e definitiva. O movimento da história, a ambição histórica não são a exaltação do que verdadeiramente aconteceu, mas a sua anulação (NORA, 1993, p. 9).

Dessa forma, percebe-se uma ênfase dos autores citados na característica que chamaremos de científica da história: a história possui método, a história possui preocupações epistemológicas enquanto a memória não, já que a memória é, como disse Nora, afetiva, alimentada por vagas lembranças. Conforme afirma Meihy, “é a dinâmica da oralidade que separa a história da memória. É aí que se dá o papel da história oral como mediadora entre uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais” (MEIHY, 2005, p. 62-63).

Percebemos, de tal forma, que a memória não é completamente descartável e não confiável. Motta cita as memórias também como fontes históricas, passíveis de demonstrar a permanência ou mudança das leituras sobre os diversos acontecimentos, além de revelar contradições, visões distintas, proximidades e diferenças entre os diversos grupos. Essa visão da memória como fonte histórica possibilita, como vimos, o uso da metodologia da história oral e também a história do tempo presente, fundamentais para a realização de nosso trabalho.

A memória é necessariamente seletiva. O esquecimento é necessário para haver memória, já que não podemos armazenar todas as informações e fatos que ocorreram nas nossas vidas ou que chegam até nós. Sobre isso, Joël Candau (2005) comenta que

Dia a dia, o nosso cérebro esforça-se por se livrar de milhares de informações inúteis, o que parece ser uma condição necessária para um funcionamento psicológico satisfatório. Nós esquecemos mais do que nos lembramos. A quase impossibilidade de esquecer observada em alguns sujeitos dotados de uma memória hipertrofiada (hipermnésia ou memória “incontinente”) pode mergulhá-los num universo caótico e numa confusão alucinatória que os torna inaptos a pôr em ordem os acontecimentos memorizados ou, o que é pior, a dar sentido à sua própria vida. (CANDAU, 2005, p. 118).

Logo, para haver memória, é necessário o esquecimento. Não existe como lembrar de tudo, não existe como registrar tudo, o que torna a memória parcial e, conseqüentemente, dota a história também de parcialidade, já que é impossível escrever e problematizar tudo e a maior parte do passado está perdida para todo o sempre pela ausência de qualquer registro. Além disso, podemos nos questionar também sobre a utilidade que teria o registro de tudo o que fosse possível, mas esse é um problema que foge ao escopo de nosso texto.

Porém, não podemos ignorar a existência dos esquecimentos sociais. O esquecimento pode ser visto como não somente uma simples necessidade, mas aquilo que Motta denomina “projetos de esquecimentos” (MOTTA, 2012, p. 28), ou seja, memórias que não devem ser evocadas por representarem alguma ameaça, seja à unidade ou à identidade do grupo envolvido. Podemos pensar na ação política motivando esquecimentos por meio da repressão, como no caso dos mortos e desaparecidos pela Ditadura Militar de 1964. Mas também há as disputas de memórias que ocorrem devido a interesses de determinados grupos, onde memórias antagônicas se enfrentam e uma delas pode se sobrepor à outra. Para isso, temos que compreender também que as memórias são fundamentais para a identidade dos grupos. Retornamos, dessa forma, ao citado texto de Motta.

É preciso destacar ainda que a memória exerce um poder incomensurável na construção de uma identidade de grupo, consagrando os elementos pelos quais os indivíduos se veem como pertencentes a determinado coletivo, muitas vezes em detrimento de outrem. A força dessa memória aglutinadora é realimentada, reforçada, reinventada constantemente, principalmente em situações em que uma reflexão externa tenta solapar ou minar os elementos que unem o grupo e lhe conferem um sentido particular (MOTTA, 2012, p. 25).

Dessa forma, percebemos um sistema que se retroalimenta: para construir sua identidade, o grupo precisa efetuar uma série de esquecimentos. Com o grupo já constituído, coeso e sua identidade construída, os esquecimentos tornam a ser necessários, pois certas memórias podem colocar em risco essa coesão. Indo no mesmo sentido, Candau fala sobre o “esquecimento fundador” (CANDAU, 2005, p.119) ao citar um exemplo na história da Grécia Antiga onde os atenienses concordaram, enquanto sociedade, com o esquecimento dos “males

do passado”. Dessa forma, o esquecimento não constitui necessariamente uma tragédia, mas pode ser desejado, visando a coesão social ou mesmo o benefício a determinados grupos.

Ansara e Dantas (2015) afirmam que existem diversas categorias de esquecimento, destacando aquelas trazidas por Johann Michel, que são três: a primeira é o esquecimento-omissão, próprio do funcionamento da memória, seletiva por natureza. Esquecemos mais do que lembramos, de forma que aquilo que é considerado “desnecessário, irrelevante ou desagradável” é ocultado (ANSARA; DANTAS, 2015, p. 218). A segunda é o esquecimento-negação, forma involuntária de esquecimento, geralmente relacionada a acontecimentos traumáticos. A terceira, apontada pelas autoras como ativa e voluntária, é o esquecimento-manipulação, que ocorre quando é forjada uma memória oficial que visa esquecer aquilo que é colocado à margem pela ideologia dominante. Conforme as autoras, essa forma de esquecimento serve aos “abusos da memória”, cometidos geralmente pelas classes dominantes e por quem detém o poder político. Esse tipo de esquecimento acaba por inserir aspectos ideológicos na memória, formatando-a de acordo com os interesses da classe dominante<sup>207</sup>.

Jacques Le Goff (1990) também aborda as manipulações que a memória pode sofrer. Comentando sobre os estudos das diversas áreas do conhecimento sobre a memória, o historiador francês escreve sobre o impacto que manipulações conscientes e inconscientes têm tanto sobre a memória individual como sobre a memória coletiva.

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 426).

Outra observação importante trazida por Meihy está nos elementos e fatores que interferem no que ele chama de organização mnemônica, para além das questões culturais. A capacidade biológica das pessoas, como a idade avançada e questões físicas, interfere diretamente na construção da narrativa que se baseia na memória. Além disso, acontecimentos pessoais ou coletivos também marcam a construção dessa memória, de forma que esses marcos temporais devem ser considerados quando da análise da narrativa (MEIHY, 2005, p. 63).

---

<sup>207</sup> Sobre o debate acerca das relações entre ideologia e memória, cf. ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Aspectos ideológicos presentes na construção da memória coletiva. *Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social*, Barcelona, v. 15, n. 1, p.207-223, 31 mar. 2015.

Importante é ressaltar, também, a característica mutável e dinâmica da memória. A forma de recordar e narrar a memória muda constantemente, de acordo com circunstâncias externas como os interlocutores, tempo disponível, ambiente onde ocorre a narrativa e estado de saúde da pessoa que narra. Conforme afirma Meihy, essas circunstâncias afetam as palavras escolhidas e “o peso dos fatos” narrados, modificando narrativas que estão sendo repetidas. Conforme afirma o autor, não existem “mesmas histórias”, de forma que fatores mínimos ou aparentemente insignificantes sempre são modificados, de acordo com a situação.

Ansara e Dantas, baseando-se em Maurice Halbwachs, afirmam que a memória sempre é coletiva, sendo fenômeno social, não somente um processo individual. Segundo essas autoras, ainda, os diversos grupos sociais funcionam como suporte para as memórias coletivas, consideradas mesmo no plural, devido à diversidade de grupos sociais existentes. Conforme as autoras, “o grupo é condição necessária para a memória da mesma maneira que a memória é condição indispensável à existência do grupo” (ANSARA; DANTAS, 2015, p. 210). Portanto, é interessante observar, ao analisar as narrativas dos depoentes, a sua inserção no clube, seu pertencimento social e, também, o período no qual estes depoentes atuaram como dirigentes, aspectos fundamentais para compreender a construção de suas memórias.

Essa identificação com o grupo é fundamental para a reconstrução da memória, pois os grupos aos quais as pessoas pertencem, por tarefa ou por escolha, são extremamente significantes na sua experiência de vida, a ponto da história do grupo social ser tratada como a própria história do indivíduo (ANSARA; DANTAS, 2015, p. 211).

Vale ressaltar, ainda, que a afetividade e o sentimento de pertencimento ao grupo têm importância fundamental no processo de recordação e significação dos eventos passados. De tal forma, narrativas apaixonadas e a emoção transmitida pelos depoentes ao narrarem suas relações e histórias junto ao clube têm como base esse pertencimento grupal e o sentimento em relação ao grupo e, também, à instituição. O pertencimento a diversos círculos sociais também deve ser considerado, tendo em vista que, como afirmam as autoras, ocorre “um processo de individualização da memória” quando o indivíduo recorda, “transformando o evento público numa experiência pessoal” (ANSARA; DANTAS, 2015, p. 212). Dessa forma, ocorre a extração de memórias de uma variedade de grupos e a organização dessas de acordo com suas sensibilidades e subjetividades pessoais. Conforme vimos no capítulo anterior, esses grupos envolvem relacionamentos profissionais, familiares, sociais etc.

Esses apontamentos sobre a memória são necessários para analisarmos as narrativas de nossos depoentes, debruçando-nos sobre suas intenções, a seleção daquilo que foi relatado,

a imagem que eles buscaram construir frente ao pesquisador e, também, o que eles pretendem “deixar para a história”, ou seja, o relato que eles pretendiam deixar para a posteridade, algo comentado por eles em diversos momentos. Essa, aliás, parece ser uma das principais preocupações demonstradas durante as entrevistas, a de fornecer uma contribuição para a história de seus clubes. Os aspectos das narrativas são múltiplos, e procuraremos identificar os mais importantes, que possuem maior influência na construção de seus discursos e, conseqüentemente, na pesquisa realizada.

Ao procurar os depoentes e explicar os objetivos de nossa pesquisa, sempre buscamos enfatizar o nosso interesse em suas histórias pessoais dentro do clube, em suas experiências, opiniões e, digamos, versões da história. Chama a atenção, no entanto, a ênfase que alguns deles davam à história do clube como um todo, retomando até períodos muito anteriores às suas participações. Esse é o caso de Alfredo Sehbe, que, logo no início de sua entrevista, após comentar brevemente sobre a participação de alguns familiares seus na história do Juventude, regressa até o ano de 1913, quando surge a agremiação alviverde dentro do Recreio da Juventude, conforme já comentamos.

Além da referência a períodos muito anteriores, também é constante o entrelaçamento entre o relato pessoal do depoente e a história do clube em si. Obviamente, seus relatos não poderiam escapar do contexto geral, mas chama a atenção como alguns deles procuram explicar elementos básicos da história do clube, como o processo de fusão ocorrido entre os departamentos de futebol na década de 1970. Alfredo Sehbe faz o seguinte relato sobre a formação da Associação Caxias.

*“[...] Em 1971, o Juventude e o Flamengo, que era o rival, estavam passando por sérias dificuldades financeiras, e aí a diretoria do Juventude, que na época tinha Dr. Milton Machado, o Dr. Gallicchio também, e no Caxias tinha pessoas como o Mário Lourenço Polesso, tinha pessoas como o Gastão [de Oliveira], tinha pessoas como o Vigílio Battisti, [...] resolvemos nos unir e fazer então o que seria a Associação Caxias de Futebol, [que] virou, finalmente, em SER Caxias, inclusive eu me lembro que eu era muito jovem na época, pô, imagina, em 72 eu tinha recém casado e lá se vão 48 anos, pra que tu tenhas [riso] uma ideia, as primeiras bandeiras eu mandei fazer na Mapro e eram, pra não ter as cores nem de um e nem de outro, era uma bandeira branca com aquela roda da indústria em volta e no centro tinha as letras A, C, F”.*<sup>208</sup>

<sup>208</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019.

As descrições sobre a constituição da Associação são onipresentes nos discursos daqueles que já eram dirigentes à época. Mário Ruaro De Meneghi, que iniciou sua carreira como dirigente no Flamengo em 1970, relata da seguinte forma.

*“[...] E já em 1971, entre os dirigentes do Grêmio Esportivo Flamengo, dos quais eu me incluía, juntamente com Vigilio Battisti e Ênio Costamilan, e, de parte do Juventude, os doutores Milton Machado e Vicente Gallicchio, se houve por bem unificar as forças para ter um clube só em Caxias do Sul, e nós constituímos a Associação Caxias do Sul de Futebol. Lembro-me perfeitamente que eu fiz parte da elaboração do estatuto social e o Milton Machado foi o que lançou a nova camisa, na época o Santos tava no auge, então a Associação Caxias do Sul, para não ter um vínculo maior de parte de Juventude ou de Flamengo, se optou por uma cor em preto e branco. Essa foi a história da Associação Caxias do Sul de Futebol, em que eu participei desde a sua criação até a sua extinção, já que em 1975, o Juventude, que foi um clube que criou a Associação, voltou para a prática do futebol e enfrentou o clube que ele ajudou a fundar, que foi a Associação Caxias, então houve um confronto, um confronto que eu digo dentro do campo, entre a Associação Caxias e o Juventude”.*<sup>209</sup>

Esses ex-presidentes, no entanto, devido às suas relações próximas com as duas agremiações tradicionais, relatam esse período de forma breve, dando ênfase maior à história do próprio clube. Uma diferença perceptível, no entanto, é a visão de grenás e alviverdes sobre o advento da Associação: para os primeiros, ela parece, ainda hoje, ter sido uma necessidade no período e alguns deles chegam a lamentar o seu fim. Milton Bertelli, por exemplo, que presidiu o Flamengo em 1974, quando o Clube Grená estava licenciado do futebol profissional, acredita que a união dos dois clubes proporcionaria uma agremiação mais forte esportivamente.

*“Eu acho o seguinte, a Associação Caxias de Futebol que, na época, foi fundada, pecou por um grande problema: não ter feito a junção patrimonial dos dois clubes. Se tivesse feito, hoje nós teríamos aqui um Santos. Teríamos time disputando Libertadores, desse tipo, com o potencial que tinha Caxias... e o potencial que teve com o nome do Caxias. Infelizmente, tanto de um lado como de outro, houve pessoas que queriam ficar naquela velha sina do Flamengo e do Juventude e essas pessoas que nem tão mais aí, mais tinham, assim, um aspecto de cunho pessoal do que pensavam no clube... porque nós tínhamos até onde seria feito o estádio do Caxias, o prefeito tinha autorizado, se nós juntássemos patrimônio teríamos um estádio pro Caxias Futebol Clube, seria o caso... ou o nome que foi dado... perdemos essa grande chance. Aí, obviamente, o Juventude foi pra lá, o Caxias... Flamengo ficou Caxias, fizemos uma assembleia pra trocar o nome, a maior parte foi de acordo, teve uns que foram contra, queriam ficar Flamengo ainda... mas eles*

---

<sup>209</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019. Meneghi refere-se à decisão da Copa Governador do Estado de 1975, na qual se enfrentaram Juventude e Associação Caxias e o Clube Alviverde sagrou-se campeão.

*queriam mas não... financeiramente nunca... nunca... nunca colaboraram com nada, só queriam que ficasse o nome e, na realidade, passamos a ser Caxias, nesse tempo que eu tive à testa do Flamengo. Mas esse que eu entrei no Flamengo e saí no Caxias”.*<sup>210</sup>

Os esmeraldinos têm uma visão diferente da questão. Alfredo Sehbe, por exemplo, mostra-se atualmente crítico à iniciativa, até mesmo fazendo um trocadilho com o nome da Associação e chamando-a “*confusão*”<sup>211</sup>. Seu relato, no entanto, não é explícito como o de Carlito Chies, que assume ter sido contrário à fusão.

*“[...] Veio uma história de que em Caxias a cidade queria, através dos industriais de Caxias e comerciantes, que fosse feito um time só. Eu não estava aceitando de jeito nenhum, porque diz que isso... na verdade, o fato de ter dois clubes é que deixava os dois clubes funcionando, era meu pensamento, o que eles iriam fazer, eles iriam ajudar no início, daqui a pouco o futebol, como é... ninguém sabe nunca o que acontece, cai o clube, cai com problemas, faz dívidas e vai mal nos campeonatos ou coisa parecida, termina com o clube, principalmente clube médio em cidade do interior, e nós entendíamos que não, tal, mas aceitamos, desde que houvesse naquela época, numa reunião que nós fizemos, foi na época do regime militar, que eu fiz com prazer porque foi um descanso pra eu estudar e andar na rua, porque não tinha condições”.*<sup>212</sup>

Esse parece ser, inclusive, o entendimento comum em cada um dos clubes. Basta ver as respectivas páginas dos sites dedicadas à história da agremiação: no site do Juventude, a Associação sequer é citada<sup>213</sup>. No site do Caxias, por sua vez, há a referência à ACF, mesmo de forma breve<sup>214</sup>. Os livros citados no capítulo dois também têm esse tom: Francisco Michielin fala sobre “a fusão que nasceu morta”. “Rapidamente, a união se desfez. Houve dispersões dos colaboradores. Predominavam as obsoletas e rançosas ideias clubísticas. Imperava a intransigência. O pessoal do Juventude foi, pouco a pouco, afastado de cargos diretivos de

<sup>210</sup> BERTELLI, Milton. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 25 abr. 20.

<sup>211</sup> SEHBE, Alfredo. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019.

<sup>212</sup> CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019. Curioso é o local onde ocorreu essa reunião, segundo Chies: a sede do Exército em Caxias do Sul, tendo em vista que o presidente do Conselho Deliberativo Alviverde, Major Damasceno Ferreira, era militar. Major Damasceno que, conforme comenta Alfredo Sehbe, “*nem de Caxias era*”. SEHBE, Alfredo. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019. Chama a atenção, também, o fato de um militar presidir o Conselho Deliberativo do clube em plena ditadura.

<sup>213</sup> ESPORTE CLUBE JUVENTUDE. **Linha do tempo**. Disponível em: <http://www.juventude.com.br/linha-do-tempo>. Acesso em: 06 mar. 2020.

<sup>214</sup> S.E.R. CAXIAS DO SUL. **Time-line**. Disponível em: <http://www.sercaxias.com.br/o-clube/timeline>. Acesso em: 06 mar. 2020. Chama a atenção, inclusive, a visível falta de cuidado por parte do Clube Grená em relação à exposição de sua história em seu site. Não há textos, apenas imagens e pontos aparentemente aleatórios da história, negligenciando momentos importantes como as conquistas municipais do Flamengo e não havendo explicação sobre a relevância dos momentos referidos.

maior importância. Antigos rancores afloravam dia após dia” (MICHIELIN, 2016, p. 50). Citando Willy Sanvitto, que chamou a Associação de “*maldita fusão*”, Michielin deixa claro que, para os alviverdes, o período foi nada mais que uma necessidade, tendo em vista que o clube não possuía mais condições para atuar no futebol profissional e precisava licenciar-se. Chamam a atenção as expressões e frases utilizadas por Michielin para referir-se ao período: “exílio forçado”; “O Juventude, literalmente, está sendo passado para trás. A trama é subterrânea. Com muito mais patrimônio e bem mais tradição, o Juventude começa seu processo de retirada. A redenção está próxima” (MICHIELIN, 2016, p. 61).

A obra de Gustavo Côrtes, por sua vez, demonstra uma visão diferente sobre a questão. Primeiramente que, como vimos, seu livro “A História da Força Grená” tem três divisões internas, de acordo com as denominações do clube e da união: Flamengo, Associação e SER Caxias. Dessa forma, o período da ACF acaba sendo colocado como equivalente aos períodos anterior e posterior, o que pode até deixar uma falsa impressão ao leitor de tratar-se da mesma instituição. As palavras utilizadas pelo autor demonstram como há uma visão muito mais positiva do empreendimento.

No dia 18 de dezembro, era formalizada a fusão entre o Grêmio Esportivo Flamengo, fundado em 1935 e o Esporte Clube Juventude, de 1913, revolucionando assim o futebol caxiense, com o surgimento da Associação Caxias de Futebol, ou A.C.F. Era uma tentativa de fortalecimento do futebol local (CÔRTEZ, 2012, p. 78).

*Revolucionar e fortalecer* o futebol caxiense, os objetivos da Associação demonstrados por esse livro, inclusive defendidos por ex-dirigentes que cederam depoimentos ao autor. Esse era o propósito da instituição na visão dos grenás, que, com a saída do Juventude, acabaram extinguindo a Associação e trazendo o Flamengo de volta ao futebol profissional, já sob o nome atual.

Retomando os depoimentos, percebemos que os relatos que possuem ênfase maior na Associação são daqueles que tiveram participação mais ativa nessa agremiação: Vicente Gallicchio, então vice-presidente do Juventude e um dos articuladores da ACF, que até hoje se declara um “*fusionista*”<sup>215</sup>, e Cláudio Eberle, cuja única atuação como dirigente no futebol profissional foi a presidência da Associação entre 1972 e 1973.

O relato de Cláudio Eberle, aliás, abarca especificamente a constituição e direção da Associação, exatamente por esse motivo. No entanto, suas relações prévias com as agremiações

---

<sup>215</sup> GALLICCHIO, Vicente Gerardo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 mai. 2019.

tradicionais e a existência anterior do Grêmio Atlético Eberle, clube da empresa de sua família, também são abordadas, de forma que há uma narrativa que justifica a procura dos dirigentes da dupla Fla-Ju por ele para auxiliar nos problemas financeiros enfrentados pelos dois clubes caxienses. Curiosamente, ele afirma que jamais foi “*fanático por futebol*”<sup>216</sup>, apesar de gostar e acompanhar o esporte. Essa negação do fanatismo, dita logo no início da entrevista e posteriormente repetida, pode ser compreendida como parte de seu contexto profissional e visão de futebol, mais voltada para uma espécie de utilitarismo, dentro da qual o clube deve ser uma representação da cidade, um instrumento de promoção do nome desta, superando as paixões clubísticas anteriormente existentes e que viriam, por fim, a acabar com os planos iniciais do clube único em Caxias do Sul.

É interessante perceber como Eberle coloca-se como protagonista do processo de construção da Associação Caxias. Segundo sua narrativa, foi ele próprio quem articulou junto aos outros empresários caxienses a constituição da nova agremiação e o apoio financeiro desses ao Clube Alvinegro que surgia.

*“Eu peguei o telefone e falei com a nossa telefonista, fiz uma relação de mais nove empresas, as nove maiores, vamos dizer, de Caxias, com a Eberle seria dez, e tive uma sorte fantástica, normalmente esses empresários tão viajando, tão em reuniões etc., tão dentro da fábrica, e por coincidência fantástica, todos eles, quer dizer, o Raul Randon, o Paulo Bellini, o Francisco Stédile, o pessoal das várias empresas, da Intral e do D’Arrigo, que eu me lembro, as dez primeiras, eles tavam nos telefones, tava cada um no seu escritório e em questão de quinze, vinte minutos, no máximo, ela fez as ligações, eu atendia um, atendia o outro e outro e eu explicava, diz “ó, tô aqui com o pessoal do Flamengo e do Juventude, tem um programa de televisão e eles querem uma contribuição, então a Eberle já tá dando mil cruzeiros, eles precisam de dez mil, e tem a relação do fulano, fulano, fulano”, já dava o nome dos demais, “e [conto] contigo também pra arranjar esses mil cruzeiros pra eles pra pagar o programa de televisão”. “Ah, pois não, tudo bem, manda passar aqui”, e todos eles me deram a resposta positiva na hora”.*<sup>217</sup>

Isso deve-se, claramente, a uma relação profissional prévia de Eberle com seus colegas de classe e seu prestígio junto aos mesmos, o que possibilitou a arrecadação do dinheiro para a contribuição aos clubes. Através dessas relações e prestígio profissional, conforme vimos

<sup>216</sup> EBERLE, Cláudio Alberto Muratore. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 out. 2019.

<sup>217</sup> EBERLE, Cláudio Alberto Muratore. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 out. 2019. Chama a atenção, inclusive, seu relato sobre a formação da diretoria da Associação: “*eu preciso não de um, dois vice-presidentes, eu quero quinze vice-presidentes pra me ajudar, todos representantes da indústria, de uma elite que goste de futebol e que tenha recursos*”. Destaque, aqui, para o uso do termo “elite”, utilizado para se referir à origem social daqueles que assumiram as vice-presidências do novo clube.

anteriormente em seu relato sobre a doação de Jorge Gerdau Johannpeter, Eberle conseguiu inclusive apoio para a construção do novo estádio da Associação Caxias, onde estava localizada a antiga Baixada Rubra e que viria a ser o atual Estádio Centenário, o qual, inclusive, ele afirma ter dado o nome<sup>218</sup>.

*“E aí o nome do estádio, então, eu acabei batizando o nome do estádio como Estádio Centenário, que hoje, em Caxias, não sei se a imprensa, inclusive, sabe, ou só os mais antigos, que nem o Dante Andreis, falecido, nosso amigo na época e alguns outros, que o Estádio Centenário eu dei o nome, por quê? Porque foi em 72, 3, 4, por ali, e em 75 seria a comemoração do centenário da imigração italiana aqui no Rio Grande do Sul, que começou em 1875, então em 1975 faria cem anos, como fez, então eu botei o nome de Estádio Centenário”.*<sup>219</sup>

Segundo Eberle, sua atuação e articulação junto aos outros empresários foi fundamental para, em suas palavras, sanear os dois clubes, que acumulavam dívidas. O pagamento das dívidas por ele, que envolveu inclusive sua relação com o Banrisul, banco do qual havia sido diretor, possibilitou o retorno do Juventude aos gramados e o fim da Associação.

*“[Eu] baseei a formação da Associação. Fui eu que, na verdade, fui o primeiro presidente, quer dizer, existiam Juventude e Flamengo, com as suas diretorias, mas uma nova diretoria, de um novo clube, com uma nova razão social, que era a ACF, foi feita por mim e com esses vice-presidentes, mas atuando na linha de frente. Então foi comigo que começou, quer dizer, essa ideia que começou com aquele telefonema pros diretores, aquela reunião das duas diretorias, então a diretoria do Flamengo continuou e a do Juventude continuou com a missão de fazer os atletas da base, e no profissional, que é onde tavam as grandes despesas, investimentos maiores, estádio etc., feito, foi na minha gestão. O alicerce, vamos dizer, nós plantamos, depois o Jair e os outros continuaram, até que acabou, então, quando o Juventude saiu fora, então mudou de nome, mudou de diretoria”.*<sup>220</sup>

Vicente Gallicchio, por sua vez, possui uma visão e um discurso mais coletivos. Segundo ele, a ideia de construir um clube único partiu dele, mas a atuação se deu em conjunto

---

<sup>218</sup> O Jornal de Caxias de 5 de maio de 1973 corrobora sua narrativa: “[...] o Dr. Cláudio Eberle iniciará as démarches para execução das reformas que serão introduzidas no estádio que, segundo sua sugestão, será denominada “Estádio Baixada Rubra – Centenário”, uma vez que o Caxias pretende concluí-lo durante as comemorações do centenário da colonização, em 1975”. Cf. CRUZ, Priscila Postali. **Siamo tutti buoni gente: do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010, p. 69.

<sup>219</sup> EBERLE, Cláudio Alberto Muratore. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 out. 2019.

<sup>220</sup> EBERLE, Cláudio Alberto Muratore. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 out. 2019.

com seus amigos e colegas de Juventude, clube do qual ele era então vice-presidente, e dirigentes do Flamengo, com os quais tinha amizade.

*“Aí, um dia, com uns amigos, eu me dava com o pessoal do Flamengo, com o Mário Ruaro De Meneghi, o Vigilio Battisti, o Elias Rechden, o Clóvis Sperandio, o Ênio Costamilan, eu me dava com essa gente, eram companheiros de juventude... e um dia levantei a hipótese de nós fazermos um time só, porque a gente às vezes entrava no campo e não sabia se o árbitro estava do nosso lado ou do lado deles, entende, ou se era neutro, mas, em geral, era... era coisa complicada. Não vamos falar em árbitros porque não interessa. Aí, nós nos reunimos e eu dei a ideia de fazer a Associação Caxias do Sul de Futebol, e pra isso nós convidamos certas pessoas da comunidade pra fazer parte, nós convidamos representantes da imprensa pra fazer parte do Conselho Deliberativo, a Rádio Caxias na época era... convidamos o pessoal da televisão, na época o doutor Nestor Rizzo, que era o diretor da televisão, da RBS aqui, da atual RBS, era a Televisão Caxias. Eu e mais essa gente toda que eu te citei, nós fomos à CIC e apresentamos um projeto, dizendo que nós íamos fazer um clube de futebol que representasse Caxias, que fosse Caxias”.*<sup>221</sup>

Fica clara, nos discursos de ambos, a ideia da representação da cidade, da união desta em torno de um clube único de futebol. Essa relação com a cidade, porém, esse pertencimento regional não aparece somente nos discursos dos entusiastas da fusão. Conforme vimos no capítulo dois, a relação entre clube e cidade aparece com força nos livros que se dedicam à história dos clubes locais, especialmente naqueles escritos por Francisco Michielin, focados no Juventude. Nos depoimentos, alguns ex-dirigentes enfatizam a sua relação com a comunidade, seja direta ou por meio da família. Alfredo Sehbe, por exemplo, dá grande ênfase às relações comunitárias de seus pais, tios e outros parentes. Em seu discurso, conforme vimos no capítulo anterior, a família e o pertencimento étnico têm importância fundamental. Em suas palavras, *“a nossa família, que tem uma origem aqui no seio italiano, que começou no Líbano e se reuniu com os italianos, tal, sempre teve ligações grandes”*<sup>222</sup>. Vicente Gallicchio, o único de nossos entrevistados que não foi presidente do Caxias ou do Juventude, também enfatiza suas relações sociais e atuação comunitária, que lhe renderam o título de cidadão caxiense, concedido pela Câmara Municipal de Caxias do Sul.

*“[...] Eu hoje sou um dos diretores do Hospital Saúde e não trabalho mais porque eu perdi minha visão, entende... mas trabalho ainda, sob o ponto de vista, vamos dizer assim... médico, sou mais como direção do hospital etc., e eu trabalhei na universidade, como eu te falei ali, e eu tenho a glória de ter sido agraciado com o*

<sup>221</sup> GALLICCHIO, Vicente Gerardo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 mai. 2019.

<sup>222</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

*título de cidadão caxiense, que é um título que me deram porque eu... eu era muito metido [riso], eu era muito metido e fazia muita coisa boa, eu fui um médico que criei uma disciplina aqui na faculdade em medicina preventiva e social, então nós tínhamos um professor chamado Ernani Camargo que ele dava aula pros alunos, pra como se atendesse os bairros, as creches, as pessoas sem recurso, isso é uma glória que eu tive e ajudei muita gente, como a Câmara resolveu me homenagear, por causa do trabalho da universidade, trabalho comunitário, eu me senti muito honrado [...]”.*<sup>223</sup>

Vemos que dentro desse contexto de atuação comunitária está a vida profissional de Gallicchio, médico, que foi professor e diretor da faculdade de medicina da UCS. Conforme analisamos no capítulo anterior, a profissão aparece como elemento fundamental nos discursos de boa parte dos depoentes. Alguns deles, porém, ainda atuam profissionalmente, tendo preferido me receber para a realização da entrevista em seus escritórios ou consultório, no caso de Milton Bertelli, que segue atuando como médico gastroenterologista. Isso demonstra a importância dada à vida profissional, que torna o seu local de trabalho o lugar adequado, na visão dessas pessoas, para a realização de tarefas como a demandada a eles pela pesquisa. Essa relação com o local de trabalho e realização da entrevista nele acaba, é claro, por fazer parte do discurso e impacta na relação com o pesquisador: sempre que realizei uma entrevista no escritório ou consultório do depoente, uma das minhas preocupações primordiais tornava-se o tempo. Obviamente que o controle do tempo e o cuidado em não acabar atrapalhando o cotidiano do depoente é uma constante em trabalhos de história oral, mas o local de trabalho torna essa preocupação ainda maior em relação àqueles que me recebiam em suas casas ou outros locais. Isso acaba fazendo parte da narrativa e do processo de construção e relato dessa memória que, no caso daqueles com tempo mais limitado, deve ser condensado e atento a pontos considerados por eles primordiais de suas histórias junto ao clube, impedindo entrevistas maiores e relatos que poderiam ser importantes para a pesquisa, apesar de vistos como secundários pelo próprio depoente.

É importante ressaltar que Caxias do Sul não é uma cidade de grande porte nem capital de estado, de forma que essa inserção comunitária em diversas frentes, ou seja, essa diversificação de investimentos sociais traz benefícios aos membros das elites. Como o investimento em uma única área localmente não traz maiores possibilidades de um aumento da visibilidade dentro de um contexto nacional ou internacional, é mais benéfico investir em

---

<sup>223</sup> GALLICCHIO, Vicente Gerardo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 mai. 2019.

diversas áreas ao mesmo tempo, como o futebol e a indústria, o futebol, a medicina e a docência em nível superior, o futebol, o direito e a política etc.

Nas narrativas dos ex-dirigentes, há uma grande ênfase em relação ao sentimento nutrido pelo clube e ao conseqüente trabalho baseado no amor pela agremiação. Carlito Chies relata que *“tu trabalha por amor ao clube, né, tchê. Esse é o básico, o cara que não tem amor pelo clube, ele vai, ele afunda. Ele afunda lá, não tem, não tem como”*<sup>224</sup>. Alguns chegam a afirmar inclusive que o trabalho como dirigente no clube acaba por intensificar esse amor, esse sentimento nutrido pela instituição. Adelar Santarem encerra o seu depoimento da seguinte forma.

*“Olha... falando do Ju, a minha consideração final é a seguinte, independente de onde o Juventude esteja, na D, na C, na B ou na A, ou se o Juventude for disputar a Copinha, eu vou continuar juventudista e vou continuar ajudando em tudo aquilo que eu puder, o Juventude faz parte da minha vida e disso eu não abro mão, tenho dito e vou continuar dizendo, ser juventudista de verdade não é a busca da satisfação pessoal, é a busca do crescimento do clube, eu vou ser juventudista quando ele leva de 7 a 1 ou de 5 a 1, ou quando ele ganha de 5 a 0, pra mim, eu sou ju-ven-tu-dis-ta, ponto”*.<sup>225</sup>

Essa relação amorosa acaba por ser projetada também nos outros dirigentes. É perceptível que o amor pelo clube é uma espécie de exigência para ser presidente da instituição, já que o trabalho, conforme afirma Santarem, é feito *“de uma forma espontânea, graciosa, no sentido de trabalhar de graça, sentido da doação”*<sup>226</sup>. Porém, curiosamente, a explicitação dessa relação amorosa parece existir de forma mais intensa nos depoimentos dos ex-presidentes do Juventude. O caso de Sérgio Tomazzoni é ainda mais forte, pois sua narrativa é permeada pela emotividade e por uma visão extremamente positiva do clube e de seus colegas dirigentes, a exemplo de quando questionado sobre a relação interna entre os colegas de gestão.

*“[...] Era na base da amizade, do conhecimento, do companheirismo, e era uma verdadeira família, nesses anos todos que eu participei como presidente, vice de futebol, que foram muitos anos, nós fomos uma família, e o quadro mais recente, agora, aconteceu agora em 2019, que nós trabalhamos no futebol, então nós temos uma família lá dentro, então isso ajudou muito pra conquistar a subida pra B esse ano, então, já naquela época, nós trabalhávamos nesse sentido, de manter uma direção unida, coesa, e o objetivo maior é o clube, é o Juventude, não era a pessoa, não era a vaidade de um ou a vaidade do outro, era o clube, Esporte Clube*

<sup>224</sup> CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>225</sup> SANTAREM, Adelar. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>226</sup> SANTAREM, Adelar. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

*Juventude, então, nesse sentido, sempre tivemos tranquilidade, uma coisa bem familiar”.*<sup>227</sup>

Outros depoentes tornam mais explícita a existência de conflitos entre dirigentes e conselheiros do clube, como Paulo Zugno, que respondeu à mesma questão da seguinte forma: *“Já foi pior. Naquela época, naquela época era... as pessoas... existia, existia alguma, algumas raivas, algumas invejas, algumas... de alguém ser mais bem-sucedido que o outro e o outro... aquele, isso é inerente do ser humano mesmo, não é?”*<sup>228</sup>. Carlito Chies também comenta sobre dificuldades de relacionamento existentes.

*“Olha, se não tem grupo, eu acho que não existe. É difícil. É difícil, no futebol... não é só no futebol, deve ter outras atividades também, mas... no futebol [...] tu faz amigos, mas tu vai encontrar inimigos. Olha lá, Grêmio e Internacional... e quaisquer outros clubes, todos têm isso, é difícil tu manter o... no futebol, na parte da direção do futebol, é difícil porque um pensa de um jeito, outro pensa do outro, ah, tu fez desse jeito, tu vai me deixar mal pro próximo ano, aí não... eu sempre, olha, eu não me lembro de ter pegado... [riso] a coisa melhor que eu peguei foi quando nasceu a Parmalat, os outros era bucha, [riso] bucha pura. E depois que saiu a Parmalat, ainda, ficou pior ainda. Porque aí tu tava lá em cima e o tombo foi grande. Então, e aí muita gente some. Desaparece, os que ficam pra ajudar são bem menos. São poucos. Parte diretiva, são poucos. Aí quando tem dinheiro, todo mundo quer ser presidente, e quando não tem dinheiro... [riso] é mais difícil de arrumar. Tem que ter sorte em arrumar uns caras bons aí [riso]. Mas é por aí”.*<sup>229</sup>

A preocupação com a própria imagem, no entanto, é constante entre os depoentes. Em alguns casos, eram frequentes os silêncios característicos da reflexão e escolha das palavras que seriam ditas, visando não apenas a prevenção de uma exposição pessoal considerada desnecessária pela pessoa, mas também pela compreensão de estar relatando a história, narrando algo que ficará registrado posteriormente. Entre aqueles que desejaram revisar a transcrição da entrevista, ocorreu uma forte preocupação com a limpeza do discurso, caracterizado pelos vícios da linguagem oral, e pela modificação de algumas palavras que, na visão do depoente, foram mal colocadas. Paulo Zugno, inclusive, chegou a revisar, antes da entrevista, seu acervo de recortes de jornais e documentos, organizando uma linha do tempo, na qual continha os fatos que ele considera mais relevantes de sua passagem como dirigente no Juventude. Mário De Meneghi, por sua vez, consultou os livros de Gustavo Côrtes durante a entrevista, buscando lembrar a história do clube e sua participação nos processos abordados

<sup>227</sup> TOMAZZONI, Sérgio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 out. 2019.

<sup>228</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>229</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

pelo autor carioca. Além disso, houve a preocupação também de alguns depoentes com a remoção dos palavrões ditos durante a entrevista, surpreendentemente pouco utilizados pela maior parte dos entrevistados. Outro depoente pedia constantemente para desligar o gravador, a fim de narrar situações e fatos que ele não desejava que fossem registrados. Um outro, ainda, que cedeu uma entrevista fortemente marcada por um tom de desabafo em relação a problemas pessoais, constantemente pedia para não utilizar informações por ele relatadas em relação à sua vida pessoal. Portanto, em muitos deles ficou visível uma preocupação com o posterior registro da história, não apenas havendo cuidado com o conteúdo da narrativa, mas também com a forma. Relatos de teor politicamente incorreto, com elementos machistas, por exemplo, também foram deixados para serem narrados após o gravador ser desligado ou durante pausas na gravação.

Dentro dessas narrativas construídas pelos depoentes, podemos identificar, também, alguns elementos que embasam a visão que esses ex-dirigentes têm para o seu clube e para o futebol em geral. Analisar essas concepções, baseadas na experiência de gestão dessas pessoas, é o objetivo do próximo subcapítulo.

#### **4.2 As ideias dos dirigentes sobre os clubes e o futebol**

É importante perceber que as narrativas analisadas são construídas partindo da posição dos depoentes como ex-presidentes de clube de futebol. Dessa forma, os elementos que aparecem dizem respeito a uma experiência como gestor de futebol, a qual ocasiona, certamente, aprendizados diversos à pessoa que passa pelos cargos diretivos da agremiação esportiva. Entendemos que essas pessoas, esses ex-dirigentes possuem noções que são próprias dos cargos que ocuparam e da época pela qual passaram pelo clube. Procuraremos ver, dessa forma, como os depoentes enxergam os clubes que presidiram, as funções exercidas e, de forma mais geral, o futebol. É interessante perceber, como veremos mais adiante, que por diversas vezes eles saíam do escopo da pergunta feita e mesmo da entrevista, opinando sobre as relações entre seu clube e os clubes ditos grandes, sobre a estrutura do futebol local e nacional, sobre a manutenção e gestão atual dos clubes, entre outros assuntos. É sobre essas questões e, claro, sobre suas ideias e noções acerca de seus próprios clubes que nos debruçaremos nesse subcapítulo.

É importante, para isso, fazer algumas observações acerca do campo esportivo, especialmente sobre o futebol, espaço de atuação dos entrevistados. Em primeiro lugar,

ressaltamos que, ainda hoje, esse esporte trata-se de um espaço, majoritariamente, de sociabilidade masculina. Nosso campo de análise comprova esse fato: todos nossos doze entrevistados são homens. Portanto, fica claro que o fato desses depoentes falarem a partir de um lugar completamente masculino sobre a sua experiência em instituições cujo poder era e ainda é exercido totalmente por homens influenciará fortemente sua narrativa, além de suas concepções pessoais sobre o objeto ao qual eles dedicaram-se a recordar. Dessa forma, os conceitos de masculinidade e gênero podem ser sugestivos para compreendermos alguns dos elementos das narrativas analisadas.

Gustavo Andrada Bandeira e Fernando Seffner (2013) definem o “esporte moderno” como uma “arena de construção de gênero” (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 247), na qual a masculinidade ocupa lugar privilegiado. Segundo os autores, o que eles denominam de masculinidade esportiva traz uma série de exigências para as pessoas envolvidas, elencadas por eles como atletas ou torcedores. Em nosso trabalho, acrescentamos uma nova categoria de atores: os dirigentes, os quais, obviamente, também devem corresponder a um ideal de masculinidade, além das exigências em relação à competência de gestão e do pertencimento clubístico. É interessante perceber como as duas últimas aparecem de forma explícita nos depoimentos, ao contrário da primeira. Porém, a exigência de “ser homem” não precisa ser explicitada, ela aparece durante todo o percurso da pesquisa. Conforme vimos, todos os depoentes são homens. Além disso, em nenhum momento foi identificada, nas entrevistas realizadas, a citação a alguma mulher atuante dentro do campo esportivo. Todos os colegas de clube, amigos, colegas de profissão citados são homens. Fica evidente, dessa forma, a naturalização sobre o papel masculino da dirigência. Todos entendem o futebol a partir da posição de homens e é natural para eles que assim seja. Vale frisar, além disso, que todos os depoentes têm mais de setenta anos de idade, de forma que questões geracionais também perpassam as suas memórias e discursos.

É importante considerar que o gênero, no nosso caso a masculinidade, “ganha potência” (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 249) quando analisado em conjunto com outras categorias identitárias, como classe social, etnia, a já citada geração etc. Dessa forma, outros elementos analisados anteriormente marcam a experiência, a vivência e a visão de mundo desses dirigentes, como a profissão, o pertencimento étnico e as tradições familiares. Conforme vimos, os dirigentes entrevistados são majoritariamente empresários<sup>230</sup>, além da presença considerável de profissionais liberais, ou seja, médicos e advogados entre os grupos dirigentes

---

<sup>230</sup> Oito dos doze são/foram empresários/administradores de empresas.

do futebol caxiense<sup>231</sup>. Dessa forma, devemos ter em mente que uma mentalidade empresarial atravessa as práticas de gestão e as relações dos dirigentes, marcando fortemente o campo esportivo local. Além disso, a maioria dos entrevistados possui ascendência italiana<sup>232</sup>, estando inseridos em um contexto local de exaltação a um arquétipo do imigrante pioneiro empreendedor, que veio da Europa desprovido de bens materiais e, na América, conseguiu construir sua segurança financeira através de seu trabalho. Outros elementos já citados também marcam essa experiência dirigencial, como o envolvimento com os esportes durante a juventude. É perceptível, porém, que todos esses elementos são marcados por uma visão tipicamente masculina de liderança empresarial, familiar e, também, de lazer. Chama a atenção que apenas um de nossos depoentes faz referência à prática esportiva por mulheres, conforme veremos adiante. Ou seja, está implícito durante toda a pesquisa o fato de termos nos dedicado ao estudo de um campo compreendido com naturalidade pelos seus atores como masculino.

Eric Dunning (1992) vê no esporte “tradicionalmente uma das mais importantes áreas reservadas masculinas, e por esse motivo de potencial importância para o funcionamento das estruturas patriarcais” (DUNNING, 1992, p. 390). Ou seja, esse autor propõe uma análise da importância do esporte para o que ele chama de conservação da hegemonia masculina, tendo este um papel fundamental para a (re)produção da identidade masculina. Esse autor ressalta o elemento competitivo contido nos esportes, o qual possibilita a emergência da agressão. Percebemos que certas formas de agressividade são não apenas aceitas no esporte, no nosso caso o futebol, mas também incentivadas. Essas formas de agressividade, presentes entre torcidas e também entre jogadores, são naturalizadas dentro do futebol e vistas como positivas em determinados sentidos.

Segundo Bandeira e Seffner, as masculinidades são construções sociais. Masculinidades no plural, deixando clara a sua multiplicidade, não havendo um único modelo: a masculinidade hegemônica é construída contrapondo-se à feminilidade e às outras masculinidades, consideradas subalternas. “É na cultura que os indivíduos são produzidos como sujeitos de gênero e é a partir do conceito de gênero que nos permitimos pensar nas construções de masculinidades atravessadas pelo futebol no Brasil” (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 248). Uma das formas de construção dessas masculinidades é, dessa forma, o futebol. Conforme afirmam os autores, o futebol é uma instituição repleta de significados, no qual há a produção de uma masculinidade caracterizada por uma estrutura institucional hierarquizada e competitiva (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 249). Dentro dessa estrutura obviamente estão os dirigentes,

---

<sup>231</sup> Temos, entre os entrevistados, dois médicos e um advogado.

<sup>232</sup> Por sobrenomes, dez dos doze entrevistados.

no topo da hierarquia, baseando suas práticas em ideais de masculinidade e, talvez mais importante, selecionando os jogadores do clube com base nessas noções. É importante destacar que a contratação e negociação de jogadores é tarefa dos dirigentes do clube, algo que aparece com frequência dos depoimentos que utilizamos como fontes. Os critérios para contratação não são, é claro, puramente técnicos. Questões como disciplina e aquilo que é chamado pelos torcedores de “raça”, ou seja, a entrega em campo, a vontade de jogar e de vencer são elementos que, com certeza, os dirigentes avaliam no momento de contratar ou de se desfazer de um jogador.

A masculinidade pode aparecer como um valor positivo dos jogadores de futebol. Além de habilidades do jogo, se exige que os atletas apresentem outras qualificações [...]. A masculinidade, nesse contexto, não seria a junção de características historicamente atribuídas ao masculino. Ela pode ser lida como mais um atributo. É importante ser corajoso e masculino, destemido e masculino, ousado e masculino, honrado e masculino. No futebol a masculinidade é uma característica sempre importante e desejável para os jogadores (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 251).

Gustavo Andrada Bandeira (2010) considera, inclusive, que os estádios de futebol “*exercem pedagogia*” (BANDEIRA, 2010, p. 344). Esse autor defende que o gênero é construído no cotidiano, ou seja, não é possível reduzir o gênero somente a uma essência biológica, cultural ou qualquer outra. Dentro do estádio de futebol ocorrem diversos processos de aprendizagem, uma introdução dos sujeitos à cultura específica desse local. Ora, se há pedagogia para os torcedores e para os jogadores, também podemos considerar que há um processo pedagógico para os dirigentes<sup>233</sup>. O dirigente precisa, também, aprender como agir, o que falar à imprensa, como gerenciar as negociações dos jogadores etc. Chama a atenção, inclusive, a centralidade que os ex-presidentes tomam para si em processos de compra e venda de jogadores. Tonet, por exemplo, comenta sobre a venda do atleta Suca para o Coritiba, negociação na qual a sua atuação foi pessoal: “*depois eu tive que ir três vezes para Curitiba pra receber [riso], mas recebemos*”<sup>234</sup>. Gastão de Oliveira, da mesma forma, afirma sempre na

<sup>233</sup> Nesse processo pedagógico, o tempo de experiência como dirigente, especialmente como presidente, é essencial. Para Mário De Meneghi, o mandato presidencial de apenas um ano, política atual do Caxias, deveria ser revisto: “*Porém, na minha opinião, como ocupante por várias vezes de cargos diretivos do Caxias, eu acho que uma gestão de um clube, não só igual ao Caxias, deve ser de, no mínimo, dois anos, o que não está acontecendo no Caxias e que não é uma crítica, mas é uma sugestão, de que haja uma... como é que eu vou dizer? A vigência, a duração de um mandato de, no mínimo, dois anos, porque, por experiência própria, no primeiro ano, embora se fazendo parte da diretoria em cargos abaixo da presidência, na função de presidente se precisa no mínimo dois anos, o primeiro ano pode passar apenas por experiência e alguns erros cometidos, ou algumas ações que não foram idealizadas ou concretizadas, passam a ser realizadas no segundo período. Isso, por isso que eu faço um apelo de que se volte ao mesmo sistema, porém com mandato mínimo de dois anos, afora algum problema particular, profissional, pessoal, que possa impedir isso*”. MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>234</sup> TONET, Gilson Luiz. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

primeira pessoa que vendeu e comprou jogadores, demonstrando a centralidade da atuação do presidente do clube. O relato de Chies também chama a atenção para esse ponto. Segundo o ex-presidente esmeraldino, “*como dirigente, o cara vai pra cuidar bem do clube, pra fazer o clube andar bem, tem que viver o clube. Não vai ficar em casa*”. Afirma ainda ele que “*eu não tive parada, o Juventude ia jogar em Natal, eu tava em Natal, o Juventude ia jogar em São Borja, o presidente tava lá*”<sup>235</sup>, demonstrando, conforme citamos anteriormente, a importância do tempo dedicado ao clube e da presença do presidente em momentos importantes, como jogos decisivos.

Retomando a questão da pedagogia, é importante perceber como alguns depoentes veem o perfil necessário para atuar como presidente. Carlito Chies comenta da seguinte forma, abordando inclusive a sua relação com a imprensa.

*“Que o futebol machucava muito, né. Pessoal tinha que ter, eu sempre disse assim, olha aqui, ó, pra aguentar o futebol tu tem que ter uma personalidade forte, tu não pode ser macio. Não seja macio, porque vão te enrolar. Tu tem que ser um cara sério, honesto e duro. Sem ser mal-educado, evidente, mas ser duro. Não dar chance, que tu te arreventa logo. E depois tu sabe, todo mundo tem um... é imprensa, a imprensa daí leva pros jogadores, leva pros torcedores um monte de coisa que... rebuscam coisas que não existem, [...] eles simulavam coisas que não tinha o menor sentido, tchê. Então, essa simulação que criava um problema sério com os torcedores, “bah, mas tá...”, [riso] “mas quem é que disse?”, “não, a im...”, cara, mas como é que o cara vai falar se ele nem tá dentro do clube, né, tchê. Então tu tinha que ficar dando explicação, explicação, explicação, é duro isso, viu? É muito duro”.*<sup>236</sup>

Percebemos aí um elemento essencial de uma masculinidade e de uma postura de liderança: o presidente deve ter “*personalidade forte*”, “*não pode ser macio*”. É necessário, por isso, ter essas características, consideradas tipicamente masculinas, para “*aguentar o futebol*”, conforme afirma Chies. As dificuldades transparecem em seu discurso dentro dos próprios relacionamentos que o dirigente possui e, inclusive, na relação com a imprensa, que Chies deixa claro não ter sido exatamente amistosa. Chama a atenção o fato de somente Chies ter comentado sobre o seu relacionamento com a imprensa caxiense, que entra em sua narrativa de forma negativa. Para ele, parece que a imprensa desestabiliza seu trabalho, ao não conhecer o cotidiano do clube e ser ela a fazer a intermediação entre o torcedor e esse dia a dia do futebol, o qual ele alega ser desconhecido por quem não está dentro do clube.

<sup>235</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>236</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

Essa dificuldade do trabalho no futebol aparece em alguns discursos como uma forma de exaltar o dirigente, especialmente do interior<sup>237</sup>. Uma palavra que aparece com frequência é “*abnegados*”. Renato Zuco inclusive denomina os dirigentes como “*heróis*”.

*“É muito complicado, é complexo etc. e tal, tem que se assessorar de outros dirigentes e etc. tal, e tem que ter, obviamente, o apoio da torcida, mas a torcida a gente sabe que é emoção e o dirigente é a razão, entende? Mas é um trabalho árduo, como te disse, são heróis, na verdade eu considero todo dirigente que tá dentro de um clube do interior, seja de onde for, Bento, Caxias, Veranópolis, de onde for, são abnegados e realmente a gente tem que prestigiá-los, apoiá-los etc. tal, eu tenho um respeito muito grande por esse pessoal, porque não é fácil. Não é fácil, é bastante complexo, na nossa realidade econômica e financeira etc”*.<sup>238</sup>

As dificuldades tornam o trabalho difícil, especialmente as financeiras. A imprensa ajuda a desestabilizar. O torcedor, apaixonado, apoia nas vitórias e, nas derrotas, pressiona e para de contribuir financeiramente. Tudo isso forma a imagem do dirigente abnegado, do dirigente que atua de graça apenas pelo amor, motivado pela estrita paixão pelo clube e sem qualquer pretensão ou desejo pessoal. Ato de heroísmo, portanto. Heroísmo, abnegação e amor que são necessários, que são exigidos pelos outros dirigentes e, também, pelo torcedor. Isso fica demonstrado também no depoimento de Carlito Chies, ao comentar sobre suas negativas aos convites de ingresso na carreira política.

*“Não faço. Se tivesse uma grandíssima oportunidade, eu não faria. Que eu não consigo, eu fui conhecido não pela firma que nós temos, que tem muitas firmas bem maiores que a nossa, mas eu fui conhecido pelo tempo que eu trabalhei no Juventude e o Juventude é um clube que é de todos, não é de um só. Então, não... não daria certo pra mim, isso não... eu me sentiria mal, né, bah, o cara tá lá no Juventude e agora quer ser candidato, tal, entrou lá porque... e teve gente que saiu muito mal do Juventude, nessa história de ir no Juventude lá trabalhar no Juventude como presidente, alguma coisa, depois ir politicamente, se jogar na política, [riso] se ferrou. Os caras se enganam muito, porque muitas vezes pegam...*

<sup>237</sup> Essa ênfase nas peculiaridades do futebol interiorano se destaca, também, nos depoimentos de Carlito Chies e Paulo Zugno. O primeiro comenta o rebaixamento alviverde de 2007. Para ele, o Juventude “*não aguentou tanto tempo de Série A sem ter condições de permanecer na Série A*”. Em outro momento a seguir, inclusive, Chies chega a afirmar que “*o Juventude precisa chegar na Série B, que é o lugar dele*”. Comentando, posteriormente, sobre a necessidade de, na sua visão, uma melhor distribuição financeira no futebol nacional, ele afirma: “*dirigir um clube no interior é pesado*”. Zugno, por sua vez, ao fazer um comparativo com a dupla Grêmio e Inter explodiam na frente. Olha os dois estádios que os caras têm e olha os nossos [...]. Nossos estádios são bonitinhos, né, são bons [...]. E nós já fomos campeões em cima deles, nunca mais. [...] A diferença é muito grande. Fugiu a vaca com a corda, é muito grande. O orçamento do Grêmio [...] é igual ao orçamento de Canela [...]. É uma disparidade muito grande”. CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019. ZUGNO, Paulo José. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>238</sup> ZUCO, Renato Domingos. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

*o cara que tem amor pelo clube diz “vem cá, mas foi lá agora só pra fazer isso e agora não é mais presidente e quer ser político, bah, tá se aproveitando”. É a primeira coisa que o pessoal pensa”.*<sup>239</sup>

Entre as formas de demonstrar sua abnegação e seu amor pelo clube, uma delas é não “misturar” o clube de futebol com um ingresso na política partidária. Mesmo alguns nomes tendo atuação política e participação em partidos, alguns não veem com bons olhos a participação de dirigentes na política. Milton Bertelli é um deles, que afirma: “*Eu acho que futebol é futebol, meu amigo. Tem nada a ver com política*”<sup>240</sup>. Tomazzoni também faz afirmação semelhante.

*“[...] Respeito todo mundo, mas política não pode se misturar com clube de futebol. Tem exemplos que eu vejo em outros clubes também, que não dá certo, a política e o futebol não podem andar juntos. Tem que fazer política ou futebol, então eu sempre tive esse pensamento, de tá só focado no meu cargo, dentro do clube, né. Houve, muitos tempos atrás, também, convites de participar de alguma... assessor de deputado, de vereadores, mas eu nunca, não é aquilo que eu gostava de fazer, então não fui, né”.*<sup>241</sup>

É perceptível, inclusive, uma visão negativa acerca das direções de grandes clubes, nas quais os dirigentes se envolvem em cargos políticos com maior facilidade. Sehbe, por exemplo, comenta com tom de reprovação que “*o Grêmio tá lá com gente política*” e afirma que “*o político que é político sempre tem interesse de tá numa boca*”. A seguir, aproveita para elogiar um amigo pessoal seu, Marcelo Feijó, ex-presidente do Internacional, o qual, segundo ele, “*nunca misturou as amizades com o futebol*”<sup>242</sup>. Carlito Chies, que presidiu o Juventude quando o Clube Alviverde disputava a Primeira Divisão Nacional nos anos 1990, comenta sobre relações e conflitos que teve com o Clube dos 13 acerca da questão dos direitos de transmissão das partidas do Juventude no Campeonato Brasileiro. Ao relacionar os clubes que ingressaram no Clube dos 13 a fim de enfraquecer um movimento dos clubes menores, Chies cita o caso do Goiás, afirmando: “*o Goiás politicamente também teve interesse em fazer isso, tudo foi política,*

<sup>239</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>240</sup> BERTELLI, Milton. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 25 abr. 2019. Em sua tese, Luiz Rocha chama a atenção para a força da “ideologia da separação entre esporte e política” durante o contexto da Guerra Fria. Cf. ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. 2019. 377 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 325.

<sup>241</sup> TOMAZZONI, Sérgio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 out. 2019.

<sup>242</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

no Goiás é uma politicagem<sup>243</sup> filha da puta”. Sobre a direção do Flamengo na época, por sua vez, afirma “que eram uns outros vigários, rapaz, uns vigaristas que tinha lá que vou te contar”<sup>244</sup>. Eles deixam claro, dessa forma, a sua reprovação acerca da “politicagem” existente entre os grandes clubes, algo que, na visão deles, o Juventude, e certamente o Caxias para os dirigentes grenás, não está envolvido.

Se os comentários sobre a relação com a imprensa são raros, aqueles que falam sobre os torcedores são um pouco mais frequentes. Uma preocupação demonstrada por alguns é a manutenção do número de associados do clube, uma fonte de receita fixa que é fundamental para clubes do porte de Caxias e Juventude. A relação com o torcedor também precisa ser administrada, de forma que alguns relatam as dificuldades para tal. Um deles é Gilson Tonet.

*“[O clube é uma] empresa que tem quatro, cinco mil sócios, torcedores de clube que quando tu erra aquela bola lá no gol, tu vira vilão, “o dirigente não vale nada, esse treinador...”, né, sabe, é a paixão. Um clube é administrar pessoas dentro do clube, é a mesma coisa que uma empresa, só que tu tem um agravante aqui no clube, num clube de futebol, onde tem essa marca, tem as torcidas, tem aquela paixão. Administrar também o fora, o teu associado, que às vezes chega aqui, porque perdeu no domingo, vem aqui, rasga a carteira na tua frente, “eu não quero mais pagar nada pra vocês”, sabe, isso às vezes acontece. [...] Gente pichando os muros ou... tu tem que administrar isso também, tu não pode brigar com essa turma. Então tu tem que ter capacidade de administrar isso aí, fora do campo, fora do pessoal que trabalha contigo aqui, o dia a dia, que são nossos funcionários. Essa também é uma dificuldade”.*<sup>245</sup>

Em sua narrativa, Tonet ressalta a importância da manutenção do torcedor, especialmente o associado, para a perpetuação da entidade.

*“E tu tem medo de perder o associado, se tu não faz alguma coisa pra recuperar, mesmo que esse sócio, esse torcedor tenha te agredido verbalmente, tu tem que ter humildade pra não pagar com a mesma moeda, como se diz. Não estabelecer confronto com o teu torcedor, aquele que tu passa, mas os filhos deles, os netos deles vão continuar, tu não pode perder essas pessoas pro teu clube. E mentalizar isso também é um trabalho de cabeça que nós temos que ter. E a gente aprende muito com isso, como administrar um torcedor. Tá, tu não administra, mas como*

<sup>243</sup> Chama a atenção o uso pejorativo da palavra “politicagem” no discurso de Chies. Paulo Zugno, por sua vez, afirma, ao ser questionado sobre as relações entre os dirigentes, que há conflitos internos, mas que “não é uma politicagem, não é sujeira”. Por outro lado, quando questionado sobre a formação da chapa para sucessão presidencial, descreve que o processo se dava em discussões e debates durante jantares entre os dirigentes e termina sua resposta com o seguinte resumo: “Política. Política é importante”. Zugno é o único entre os entrevistados que usa essa palavra para se referir aos processos internos do clube. ZUGNO, Paulo José. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>244</sup> CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>245</sup> TONET, Gilson Luiz. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

*absorver esses impactos, né. Assim como, quando tu ganha uma taça, é aquele burburinho te exaltando, também tem que saber que amanhã tu pode levar chumbo”.*<sup>246</sup>

É perceptível a preocupação na relação com o torcedor, figura fundamental para o futebol local. O torcedor contribui com o clube através de suas mensalidades, ingressos, compra de produtos oficiais etc., de forma que o dirigente tem o cuidado de manter uma boa relação com ele. Essa relação, conforme o relato de Tonet, é fortemente abalada de acordo com os resultados de campo, de forma que derrotas em jogos decisivos ou clássicos e rebaixamentos trazem sérios prejuízos financeiros ao clube, algo que se mostra uma preocupação para os dirigentes. Como vimos anteriormente, para Renato Zuco, *“a torcida a gente sabe que é emoção e o dirigente é razão”*<sup>247</sup>. Ou seja, apesar de frequentemente haver referências a uma exigência de um sentimento nutrido pelo clube, o dirigente busca racionalizar o seu trabalho, compreendendo que não deve se guiar apenas pelo sentimento. Ao menos é esse o discurso de alguns deles, preocupados com a manutenção do clube e com as questões financeiras. Essa preocupação financeira, aliás, é frequente nos relatos, parecendo ser a maior dificuldade enfrentada pelos presidentes e aparecendo como um dos elementos centrais de algumas das narrativas. Isso ocorre, por exemplo, no depoimento de Gastão de Oliveira, único de nossos depoentes que foi presidente antes da fusão de 1971<sup>248</sup>. Sua narrativa começa com a identificação das dificuldades financeiras e com o relato de suas propostas de solução para tal problema.

*“Bom, eu comecei dirigindo futebol de salão no Torino. Depois [...] eu ia a campo, mas só ia pra torcer, aí foram lá em casa, “o que vocês querem?” , “não, queremos que tu seja presidente do Flamengo” , digo “mas eu não posso ser, não sou [...] do Conselho Deliberativo, não sou torcedor de carteira nem nada”, “não, vamos”, [...] aí me levaram na sede, [...] fizeram uma reunião, tinha umas trinta, quarenta pessoas, digo mas o Flamengo tá nessa situação? Tá horrível... tá saindo do torneio da morte e vai disputar o Campeonato Gaúcho. Digo, “bom, qual é a situação?” “Ah, a situação é assim, é assim, é assim, tá ruim financeiramente”. Digo, “tá, vamos fazer assim, eu vou fazer uma rifa dum automóvel”, certo? Aí os caras, “mas como?” Eu digo “bom, vou fazer essas com vocês, vocês vendem trezentos números, vocês todos”, não menosprezando, só argumentando, “e eu vendo setecentos números”. Tudo bem, fizemos a rifa, ia correr no outro mês, eu vendi os setecentos números, eles venderam duzentos e noventa e cinco. Sobrou cinco. Vou vender esses cinco, né? Não, vendi os cinco números, tava premiado o cara do mesmo edifício onde é que eu tinha a sede, comprou e ganhou um automóvel, certo?*

<sup>246</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

<sup>247</sup> ZUCO, Renato Domingos. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>248</sup> Milton Bertelli também foi presidente na era Flamengo, mas o clube estava licenciado.

*Ganhou um automóvel, fiz outra rifa, [...] dei dez números pra ele, [...] vendeu no último dia, saiu o premiado outro carro pra outra pessoa do mesmo prédio [risos], então foi indo, e aí me botaram como presidente do Flamengo”.*<sup>249</sup>

Interessante perceber, dessa forma, a responsabilidade que Gastão de Oliveira toma para si quando assume a presidência: decide fazer uma rifa para levantar fundos para o clube e, segundo seu relato, pega para si a incumbência de vender setenta por cento do total de mil números disponíveis. Isso demonstra não apenas a responsabilidade maior tomada pelo presidente do clube, mas também é um sinal implícito em seu discurso de suas relações sociais e talvez profissionais, o que o credenciava para ocupar tal posto, a despeito de não ser conselheiro nem associado do clube, conforme ressalta Oliveira no início de seu relato.

Essa responsabilidade maior do presidente e, inclusive, um apego à hierarquia está presente no relato do alviverde Paulo Zugno. Quando questionado sobre os critérios que tinha ao convidar alguém para ingressar no clube como dirigente, sua resposta foi a seguinte: *“Amizade. Lealdade, amor ao clube, cara limpa, pode ser briguento, não tem problema, e me respeitar. Presidencialista”*<sup>250</sup>. Vemos, dessa forma, em uma frase, o resumo de vários elementos apontados até agora em nossa dissertação: amizade, o que demonstra que as relações pessoais são fundamentais para ingresso como dirigente; amor ao clube, elemento que já citamos anteriormente; *“cara limpa”*, o que demonstra a exigência do cumprimento de determinados padrões éticos e morais para ocupar os cargos máximos dentro do clube; e lealdade e respeito, indicativos de um apego à hierarquia, conforme falamos, e que o presidente, afinal, é uma espécie de personificação do poder no clube. A palavra final é dele, em qualquer ocasião. Isso é demonstrado, inclusive, em uma frase de Alfredo Sehbe, que afirma ter assumido o cargo máximo no Conselho Consultivo do clube e mudado o nome desse cargo de *“presidência”* para *“coordenação”*, afinal, segundo ele, *“não existe cacique de cacique”*<sup>251</sup>. Isso demonstra um respeito mútuo entre os ex-presidentes do clube, o qual diz respeito à posição máxima ocupada por eles. Esse respeito mútuo e a distinção dos ocupantes desse cargo na comunidade que envolve o clube é, afinal, a base para a existência do Conselho Consultivo alviverde e para o fato dos ex-presidentes serem membros natos do Conselho Deliberativo em ambos os clubes.

<sup>249</sup> OLIVEIRA, Gastão de. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 19 jul. 2019.

<sup>250</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>251</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 05 abr. 2019.

A hierarquia está intimamente relacionada a uma noção de masculinidade. Isso fica claro em uma passagem comentada por um de nossos depoentes, de quando este acompanhava o seu pai nas reuniões do clube durante a infância.

*“Eu lembro que uma ocasião, eu lembro que eu tava nessa reunião com o meu pai, quando houve uma discussão de duas pessoas lá e o presidente na época era o Sanvitto, que tava conversando e um outro, uma outra pessoa disse uma coisa que ele não gostou. Ele puxou daqui, assim, um revólver [bate na mesa], deu um soco em cima do revólver, em cima da mesa, “vai ter reunião aqui ou vieram pra esculhambar?””<sup>252</sup>*

A afronta a Sanvitto e à sua posição de liderança era entendida por ele como uma afronta à sua masculinidade, de forma que o uso do revólver foi uma forma de ressaltar que ele estava, ali, em posição de autoridade frente o grupo, formado, certamente, por homens em sua integralidade.

No relato de Gastão de Oliveira, vimos a importância da questão financeira para a vida do clube e para a atuação dos dirigentes. Entretanto, há referências a essa problemática nas falas de outros depoentes, como Carlito Chies, ao comentar sobre uma iniciativa do Clube Esmeraldino do final dos anos 1960 que teve de ser abortada devido a uma proibição do Governo Federal, conforme vimos no capítulo dois. Chies faz o relato seguinte inclusive com um tom de emoção na voz, demonstrando que foi um período extremamente problemático para a história do Clube Alvirverde.

*“[...] Vou voltar pra 69, [...] [quando] lamentavelmente nós fomos traídos pela dupla Grenal, na época, que o Juventude tinha vendido cento e cinquenta mil carnês, ia lançar mais outro, [...] pra fazer aquele trabalho de venda... dava carros e prédios e eles faziam um trabalho espetacular, e através do chefe da Casa Civil na época, [...] como era gremista o pessoal forçou a barra com ele pra não permitir que o Juventude fizesse esse tipo de coisa como o Ypiranga fez, que isso ia criar um problema pro Grêmio, Internacional, porque lá foi um estádio pra colocar duas cidades de Erechim dentro daquele estádio, e nós íamos construir um estádio fantástico do lado do Recreio da Juventude, terras compradas lá e depois terrivelmente difícil de pagar, pra nós não perdermos tudo tivemos que fazer um loteamento pra poder salvar as áreas e tivemos, assim, uma série de situações. A partir desse momento o Juventude passou uma dificuldade muito grande, grandíssima, porque as pessoas que tinham feito uma certa grana com o estádio lá passaram mal, ficaram mal na vida, tiveram até que dormir em casa de pessoas que eram sócias do Juventude ou eram da diretoria, porque foi uma lástima, cessar*

---

<sup>252</sup> Optamos por preservar o nome do depoente.

*todos aqueles milhões que entravam pra tu poder fazer um estádio espetacular lá em cima, doeu, doeu muito e até vamos deixar por aí”.*<sup>253</sup>

Após esse relato, Chies liga diretamente esse período à iniciativa da fusão, a qual vimos anteriormente que ele se opunha. A iniciativa da construção do estádio de forma semelhante ao Colosso da Lagoa, do Ypiranga de Erechim, é citada também no depoimento de Alfredo Sehbe, o qual, porém, não se estende muito sobre o fato, e no depoimento de Vicente Gallicchio, que foi vice-presidente do Juventude. De acordo com o primeiro, a iniciativa era para construir o “*Colosso de Caxias*”, enquanto que Gallicchio relata que o nome do estádio já havia sido escolhido: “*Verdão da Serra*”. Gallicchio, no entanto, associa a construção desse estádio e o nome de Dionísio Sganzerla, citado por ele e por Sehbe, à edificação do futuro estádio da Associação Caxias. Cláudio Eberle, por sua vez, relata que o estádio da Associação seria construído onde estava localizada a Baixada Rubra, propriedade do Flamengo, atualmente Centenário. Eberle afirma, ainda, que o Alfredo Jaconi seria vendido, por ser um equipamento mais centralizado e localizado em um terreno plano, o que faria, conseqüentemente, o espaço possuir um valor maior.<sup>254</sup>

À parte questões de nomenclatura do futuro estádio jamais construído, onde acabou por ser criada a sede campestre do Juventude, vendida nos anos 2000 em novo contexto de crise financeira, parece claro que as dificuldades advindas do fim do “Plano Empresarial Esmeraldino” (MICHIELIN, 2016, p.61), em uma ação do Governo Federal que impactou no futebol caxiense, leva o clube verde e branco à profunda crise que o motiva a aceitar a provisória fusão com o maior rival. Dessa forma, as limitações financeiras aparecem nos discursos dos presidentes e permeiam a própria existência das agremiações: do lado do Juventude, o fim do Plano Empresarial levou à fusão, período no qual foi construído o novo estádio do clube no mesmo terreno do antigo Alfredo Jaconi, propriedade alviverde desde o início dos anos 1920. No Caxias, por sua vez, esse período de grave crise financeira levou à própria mudança do nome

<sup>253</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>254</sup> A narrativa de Eberle, no entanto, contradiz os relatos dos presidentes alviverdes que estiveram no clube no período, que afirmam não terem aceitado a fusão patrimonial, algo relatado também pelos depoentes grenás. Em um momento no qual o gravador estava desligado, questionei Eberle se ele tinha conhecimento sobre a Associação ser uma medida transitória e paliativa, a qual visava somente que Flamengo e Juventude se recuperassem financeiramente, e recebi uma resposta negativa. Os alviverdes, contudo, ressaltam que o licenciamento do Juventude tinha período determinado para acabar, o que demonstra um receio dos dirigentes esmeraldinos em integrar totalmente seu clube ao rival, tendo em vista que, segundo eles, o Juventude tinha mais patrimônio que o Flamengo, justamente pelo terreno da sede campestre adquirido em fins dos anos 1960. Infelizmente não temos acesso às atas dos clubes e nem à documentação específica da Associação, o que dificulta um maior entendimento sobre o processo de construção dessa entidade. O que temos de mais objetivo é a imprensa, que relata uma simples fusão dos departamentos de futebol e dá a entender, em alguns momentos, que os clubes objetivavam o retorno ao futebol profissional, o que acabou acontecendo entre 1975 e 1976.

do clube após o fim da fusão e paralelo licenciamento, aparecendo essa modificação na identidade da instituição como o único meio de voltar ao futebol profissional através do apoio dos empresários locais, liderados por Francisco Stédile. Essa mudança de identidade, vivida sob o mandato de Milton Bertelli, é vista por ele como “traumática”.

*“Bom, eu diria que foi um mandato muito... eu diria, assim... traumático, né... mudar o nome de um clube, e isso... eu vou lhe dizer aqui, o seu Stédile queria a camisa com as cores do Rio Grande do Sul, com as cores de Caxias, camisa... do Rio Grande do Sul, e por outro lado tinha grande, grande parte dos meus queriam apoiar a mudança do nome só que não queriam trocar a cor do clube. De fato, nós convencemos o Stédile de não botar as cores do estado e ficar com as cores do Caxias, porque a Associação ficou, pra ter unanimidade em cor, lá era verde, aqui era grená, ficou branco e preto, botamos essa cor pra não ter problema, nós ia ser o Santos, pronto. Branco e preto. Quando foi pra Caxias, o seu Stédile queria as cores do Rio Grande, e nós ficamos, batemos pé no grená, conseguimos o grená com ele. Não batemos pé, com muito jeito conversamos com ele, porque os que iam apoiar a mudança de nome do Flamengo pra Caxias, porque o seu Stédile só ia assumir se mudasse o nome, ele diz “não, Flamengo não, quero Caxias, vamos mudar pra Caxias””.*<sup>255</sup>

Se a questão financeira aparece constantemente como um dos grandes problemas, isso até mesmo motivou ações conjuntas dos dois clubes, como no caso da realização de um bingo durante as presidências de Paulo Zugno no Juventude e Ênio Costamilan no Caxias, em 1989.

*“Bom, daí, então, veio meu ano, 1989. 89 foi bastante interessante. Eu ganhei, de novo, dirigente do ano. Mérito esportivo Pioneiro. Neste ano, o presidente do Caxias era o Ênio Costamilan e nós fizemos um... nós tava tudo quebrado, não tinha dinheiro pra nada. Nós fizemos um bingo lá no estádio do Caxias, cem mil pessoas. Duas edições. Duas edições, cem mil, cinquenta mil pessoas. Aquilo foi uma coisa. Se tu fores no Caxias, pede pra ver a fotografia do negócio. Cinquenta mil pessoas. Pagamos todas as contas e sobrou dinheiro, ainda. Quando eu saí da presidência, nem a conta da luz precisava ser paga. Por quê? Por causa do bingo. Mas quiseram nos prender. Foi denunciado na Receita Federal, e daí eu disse, o cara “olha”, digo, “os caras vão prender vocês aí”. Muito agressivo isso. Daí eu falei “eu quero ser preso, mas eu quero que o camburão fique na frente do camarada que vai tirar fotografia [inaudível]”, bah, daí aquilo acabou tudo, ganhamos dinheiro pra caramba. 1989”.*<sup>256</sup>

As relações entre os dirigentes de ambos os clubes são relatadas de forma amistosa, como aparece no relato de Zugno, segundo o qual a atividade foi realizada, inclusive, no Estádio

<sup>255</sup> BERTELLI, Milton. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 25 abr. 2019.

<sup>256</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

Centenário. Mas às vezes a rivalidade transparece, inclusive em tentativas de apoio financeiro mútuo, conforme relata Tonet, em tom bem-humorado.

*“Eu nunca esqueço que uma vez eu fui, eu era muito amigo do seu Francisco Stédile, que é dono do grupo Agrale lá e tal, e era muito amigo lá da praia e tal, a gente jogava carta junto e ele era o patrão, o chefão lá no Caxias, né. Aí um dia eu liguei pra ele, ali na Agrale, digo “seu Francisco, eu quero falar com o senhor aí e tal...”, “tu não vem me falar de futebol”, “é, mais ou menos”, “tá bom, vou te atender, mas não...”. Tá, quando cheguei lá e tal, tudo bem, cafezinho, batendo papo e tal, eu com uma pasta, “que que tu tem dentro da pasta aí”, “tenho umas rifas aí pra ti, pra Agrale”, “não, não me puxa esses... eu tô ajudando o meu clube lá, tu vai nos teus e eu vou nos meus”, diz ele [risos], numa boa, nada de briga, né...”<sup>257</sup>*

Relações amistosas também são mostradas entre os dirigentes da dupla caxiense com os seus congêneres porto-alegrenses. Alfredo Sehbe, como vimos, relata seu bom convívio com Marcelo Feijó. Paulo Zugno afirma ter grande estima por outro presidente colorado, Arthur Dallegrave, com o qual afirma ter ganho inclusive aprendizados sobre as relações com a Federação Gaúcha: *“ele me chamava de gringo e tinha uma loja de roupa, eu ia lá e ele me dava gravata, a gente ia jantar juntos e ele era amigo”<sup>258</sup>*. O próprio Vicente Gallicchio, antes da vice-presidência no Juventude, foi médico no Internacional. A relação parece mais complicada, porém, quando é estabelecida entre os clubes da cidade e a imprensa da capital do estado, ao menos segundo um relato de Gilson Tonet, no qual ele afirma que houve uma acusação de venda de jogo por parte do Juventude por um jornalista da RBS. Segundo o ex-presidente alviverde, ele chegou a proibir por um tempo a entrada dos funcionários e equipamentos da RBS nas dependências do Alfredo Jaconi, exigindo um pedido de desculpas no ar, algo que não foi conseguido, mas Tonet afirma ter sido *“sensibilizado”* pelos seus colegas de Juventude e por patrocinadores. Relato semelhante faz Carlito Chies, mas dessa vez com a Globo nacional, ao afirmar ter atrasado o início do jogo entre Flamengo x Juventude no Estádio da Gávea pelo Campeonato Brasileiro a fim de conseguir o aumento dos valores pagos pelos direitos de transmissão dos jogos do Alviverde. Dessa forma, enquanto a relação entre clubes parece mais amistosa, a relação entre os clubes e a mídia porto-alegrense e sudestina, especialmente de parte do Juventude, é demonstrada de forma conturbada pelas narrativas dirigenciais. Enquanto a visão de Chies se baseia em um entendimento de uma atuação da imprensa local que desestabiliza e atrapalha o dia a dia do clube e sua relação com a torcida, as

<sup>257</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

<sup>258</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

tensões junto à imprensa da capital e do Sudeste parecem ocorrer devido a um sentimento de menosprezo na forma como o Juventude é tratado, algo demonstrado nas acusações entendidas como levianas e no pagamento de valores baixos em comparação com os grandes clubes do país pelas transmissões televisivas.

Há outras observações importantes a se fazer a partir dos relatos obtidos. Uma delas é a importância atribuída por Mário De Meneghi ao futebol amador para o desenvolvimento do esporte.

*“Caxias do Sul, para quem é de Caxias do Sul, não existe mais campeonato municipal de futebol amador. Praticamente o estádio municipal é usado para outras atividades e não para o futebol, pelo menos futebol amador, futebol amador existe para localidades interioranas, distritos de Caxias, então o futebol perdeu muito, então sobra o quê? Sobra outros esportes que crescem, tipo o futsal, o basquete, o voleibol, joguinhos eletrônicos e tal, não existe mais uma formação de atletas dentro do amador. Ainda bem que o Juventude desfruta de uma estrutura de formação de craques muito boa, o Caxias tá engatinhando nisso, mas também precisa haver a cobrança de mensalidade dos atletas, porque o Caxias não pode despendar isso aí, porque tem uma premissa muito grande, a única formação de profissão rentável que não exige uma universidade é o futebol. O futebol se pega meninos, não digo na miséria, mas de baixa renda, sem perspectiva, que às vezes é conduzido, é desviado para o vício, más companhias, e se formam essas escolinhas e daí saem grandes jogadores, tanto é verdade que são raros os jogadores de uma classe abastada. São jogadores da periferia, jogadores filhos de pais de baixa renda e se tornam os grandes milionários dentro do esporte brasileiro”.*<sup>259</sup>

É perceptível, ao longo de seu depoimento, que o futebol amador, para Meneghi, é fundamental para a formação de atletas e é a forma mais viável de desenvolvimento do esporte em localidades interioranas. Para ele, o amadorismo é financeiramente mais viável para cidades pequenas em relação à profissionalização. Ele, inclusive, critica os altos salários pagos aos atletas atualmente.

*“Eu não digo profissionalização, eu digo arrecadação, se tu disser administração ainda vá lá, porque esse negócio de encostar ex-jogador aí, arrumar cargo, tipo o São Paulo aí que encheu de cara lá, e tal, tal, não, não. Não, não sou a favor, não sou contra, mas... acho que tão profissionalizando demais, tá dando muito custo pro clube, o futebol brasileiro tá cometendo o maior... escárnio que tem, um povo do jeito que tá aí... deixa eu ver se tem um dirigente, um dirigente que ganha mais do que jogador hoje. Tô pensando. Isso lá na Europa, lá, com os árabes, compra time, tal, isso, aquilo, tal, Berlusconi, mas aqui? Tu vai pegar um presidente do Grêmio. Nem vou dizer aqui... aí vai comparar com o que ganha o Luan, lá. Aí tu*

---

<sup>259</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

*vai pegar o Medeiros perto do que ganha o D'Alessandro. E aí tu tem que cobrar do cara, é uma inversão de valores, né”.*<sup>260</sup>

Novamente percebemos um apreço pela hierarquia, que foi, na visão do ex-presidente, perdida com o aumento dos valores dos salários dos jogadores. Segundo ele, deveria haver “salário máximo”, um teto para o pagamento dos atletas. Há, inclusive, a valorização de uma certa padronização estética em seu discurso, ao comentar sobre a participação de Lugano, ex-jogador, como dirigente do São Paulo: “*Um cara com aquela postura lá, com o cabelo daquele jeito lá, se apresentar. O Sérgio Moacir Torres Nunes, se o cara não tivesse feito a barba, não botava jogar, diz “tu tem que respeitar o torcedor”, claro que aí é demais, né...*”<sup>261</sup>

Porém, além da preocupação com a hierarquia e com a apresentação do jogador e do dirigente, vimos que, para Meneghi, o futebol tem uma função social junto a meninos das classes mais vulneráveis da sociedade. Chies tem visão semelhante.

*“Então, eu falo que o esporte tem que tá com a juventude. [...] Se tiver esporte em todos os colégios, envolver esse pessoal a fazer esporte, seja qual for, esse país muda. [...] E eu falo que o esporte traz isso, tchê. Que tu faz amigos, tu sai daquele dia a dia enroscado, né, e isso faz uma parte... bem, provado está nos Estados Unidos, vai pegar universidades e colégios lá, esporte pra tudo que é lado. Eu, nos Estados Unidos, com meu cunhado que mora lá, ia jogar com ele quando eu passava lá uma semana, ia jogar futebol, que o futebol lá começou com as mulheres entrando a jogar com os homens, então tinha seis homens jogando e cinco mulheres. Assim começou o futebol feminino nos Estados Unidos, e eu participei lá, em Sacramento, na capital da Califórnia [...] e ali futebol era quase todos os dias de noite, terminava o expediente pra todo mundo, ia jogar futebol, as mulheres e os machos lá junto, né [riso], e assim foi que eles cresceram, jogando os dois, ajudava a mulher a observar mais... por que que os Estados Unidos tá tão importante no futebol feminino? Porque eles começaram com as mulheres jogando com os homens. Isso é bom, esse entrelaçamento pra poderem perceber, né, a malandragem, de uma coisa e de outra durante o jogo. Aqui eles fizeram direto, pegaram as mulheres direto, separa dos homens... talvez se desse o que fizeram lá, nós já tínhamos uma situação melhor, né”.*<sup>262</sup>

Para Chies, o esporte é fundamental dentro de um processo educativo e de formação para a cidadania, devendo estar integrado na educação básica. Curiosamente, em seu discurso, ele é o único depoente que tem uma visão sobre o futebol feminino, defendendo a inclusão de mulheres entre os homens para a formação de jogadoras em conjunto. Para ele, a mulher teria

<sup>260</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>261</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>262</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

a aprender junto aos homens sobre o andamento do jogo, algo que, segundo ele, foi aplicado no desenvolvimento da modalidade nos Estados Unidos.

Percebemos, de tal forma, que há, no discurso dos dirigentes, não apenas uma preocupação com a manutenção e perpetuação do seu clube, mas também, ao menos em alguns dos depoimentos, uma visão do esporte como portador de uma função social. Se há tal preocupação, é possível que tenha havido o cuidado em deixar um legado para o clube dirigido e, talvez, para a comunidade local a partir de sua atuação dentro do esporte. É essa a questão que buscaremos analisar no próximo subcapítulo.

### **4.3 O legado dos dirigentes para os clubes e para o futebol**

Em praticamente todas as entrevistas realizadas<sup>263</sup>, as duas últimas questões levantadas para que os depoentes comentassem eram as seguintes: “qual o seu legado para o clube e para o futebol de Caxias do Sul” e “o que significa/significou para o senhor ser presidente do clube”. O objetivo era proporcionar um encerramento adequado à entrevista, no qual o depoente tivesse a possibilidade de fazer uma reflexão e um balanço da sua experiência à frente do seu clube, pensando tanto a partir de um ponto de vista pessoal como nos impactos de sua atuação junto à comunidade clubística e esportiva caxiense. Chama a atenção o fato destas questões proporcionarem os momentos de maior emoção para os entrevistados, tendo alguns deles chorado enquanto faziam seu relato. Na maior parte das vezes, eram as questões que geravam o maior tempo de silêncio entre a pergunta feita e o início da resposta, demonstrando uma reflexão mais profunda do que as perguntas anteriores, tendo em vista que as respostas não se trataram de meros relatos sobre a memória de um fato determinado, mas sim evocavam uma carga de subjetividade consideravelmente maior, não obstante a subjetividade perpassar toda a entrevista e, conseqüentemente, a pesquisa realizada.

Entre os relatos sobre o legado deixado ao clube, é frequente a narrativa sobre um estilo de direção, baseado em uma ideia de modernização do clube e saneamento financeiro. Um exemplo é Gilson Tonet, que afirma ter deixado como legado para o Juventude a austeridade. Seu relato tem como principal preocupação a manutenção financeira do clube, mostrando, talvez, uma preocupação específica de acordo com o seu modo de pensar e agir como empresário.

---

<sup>263</sup> O roteiro básico utilizado sofreu ajustes ao longo da pesquisa, de forma que a pergunta sobre o legado deixado não foi feita para Milton Bertelli e Gastão de Oliveira, presidentes grenás da era Flamengo.

*“[Silêncio] Puxa vida... [silêncio] pro Juventude, pelo que os outros me dizem, eu fiz uma boa administração, mas pelo que os outros avaliaram... entende. O legado que eu deixei dentro do clube é a austeridade. Acho. Um pouquinho exagerada, até, a austeridade, pra ser futebol. Mas funcionou. E também que seguiu bastante tempo... muita austeridade, muita cobrança, muita cobrança... pras coisas caminharem mais certas possíveis, né. Como eu te falei, fiscalizar as contas, fazer orçamento das compras, cuidar pra não pagar na primeira, entende, economizar pra manter, perpetuar a entidade. Então eu fui, pelo que o pessoal diz, os ex-dirigentes, os conselheiros me disseram que eu fui bem, entende. Podia ser melhor? Eu acho que sim, daria pra ser mais... tanto é porque eu também encarei aquela construção lá, que foi bastante trabalhosa, construir a outra área do clube coberta lá com os camarotes, quis contribuir mais um pouquinho com o clube. Entende, deu certo também, então... isso é bom, pra mim. Não sei se é um legado, se é esse o legado positivo, eu acho que... erros a gente comete, sempre, sempre algum erro ou outro cometeu, né”.*<sup>264</sup>

No início de seu depoimento, Tonet comenta sobre uma “nova filosofia” e sobre “métodos diferentes de trabalho” à frente da gestão do clube, que envolvem, segundo ele, justamente a questão da austeridade.

*“Pra manter uma entidade, sim. Bastante austeridade. É o que também essa direção tá fazendo, a anterior fez. Uma que outra direção às vezes é menos austera, mas também se preocupa com isso. E foge, futebol foge às vezes daquele plano que tu estabeleceu. Aquilo que tu começa dia primeiro de janeiro, ah, esse ano que vou fazer isso, isso, isso e aquilo, vai me custar isso, não acontece. Porque, por exemplo, aqui, esse ano nós subimos da Terceira pra Segunda Divisão. Claro que o objetivo era esse, mas... vai, fecha os olhos e vai, toca, vai indo, vai indo e vai subindo. Aí tem a premiação, né. Cada etapa que tu vai galgando tem a premiação, que talvez não tivesse nem aqui, nesses números aqui. Aconteceram, agora tu tem que buscar isso aqui, então foge daquele planejamento. E é bom pro clube? É, mas essa preocupação aqui dos números, isso não quer dizer que não tenha sido austero, é que... aconteceu, tem que premiar, né. Questão econômica”.*<sup>265</sup>

Interessante perceber que Tonet afirma e ressalta que a resposta à pergunta está baseada nas afirmações e avaliações de outras pessoas, outros dirigentes e conselheiros do clube. Percebe-se, dessa forma, uma preocupação em evitar a construção da imagem de um dirigente vaidoso, talvez até arrogante, que se vangloria pelos seus feitos e deseja deixá-los para a posteridade. Há, provavelmente, uma preocupação principalmente em relação a essa imagem ser construída frente aos colegas dirigentes e, talvez, à torcida, havendo a consciência que o trabalho produzido a partir da tomada da entrevista como fonte poderá ser lido por outras

<sup>264</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

<sup>265</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

peessoas, inclusive seus colegas de clube. Mas é importante chamar a atenção para a preocupação de Tonet em “*manter, perpetuar a entidade*”. Ou seja, a sua gestão austera, considerada por ele até mesmo “*um pouquinho exagerada*”<sup>266</sup>, tinha como maior objetivo, ao menos segundo seu relato, a manutenção e continuidade do clube, algo que, segundo Tonet, foi seguido por outras gestões, tomado, dessa forma, como um princípio para a gestão do clube. Há, também, uma explícita auto-avaliação ao refletir sobre esse relato, uma noção, ao menos relatada, que a sua gestão poderia ter feito mais pelo clube, apesar da constatação sobre a inevitabilidade dos erros.

A construção de uma imagem de humildade, de um dirigente abnegado, que se doa pelo clube e que busca fazer o seu melhor também está presente no relato de Adelar Santarem.

*“Não vejo que eu tenha deixado um grande legado, eu fiz a minha parte, procurei equilibrar o meu trabalho e a presidência do clube. Nós conseguimos, sim, algumas coisas importantes que a gente fez no clube, essa coisa de ter sido o melhor dirigente do ano é porque alguma coisa se realizou, se não, se não chegaria. E estruturalmente, nós ajudamos o Juventude a se transformar num clube mais empresarial, com as coisas mais postas em termos de contabilidade, ajustes, contratos, o próprio estatuto, então essas coisas todas, nós fortificamos muito, na minha época, o Conselho Deliberativo, então... eu acho que deixei um, fiz o meu trabalho com muito carinho, com muita atenção, mas eu nunca busquei naquilo que eu faço pra comunidade, nas coisas que eu participo da comunidade, eu nunca procurei me auto vangloriar ou criar alguma coisa excepcional, eu acho que essa contribuição tem que ser uma coisa espontânea, graciosa, no sentido de trabalhar de graça, sentido da doação, e é o que eu procuro fazer sempre, em tudo que eu participo fora das minhas empresas”.*<sup>267</sup>

Santarem, mesmo não acreditando “*ter deixado grande legado*”, afirma ter conseguido executar tarefas importantes para o clube, enfatizando a transformação do Juventude em um “*clube mais empresarial*”, consoante com o discurso recorrente entre seus colegas, conforme já analisamos no capítulo anterior. Tal como Gilson Tonet, Santarem é também empresário, tendo destacada atuação comunitária, conforme ele mesmo afirma em seu relato. Destaca-se, em sua narrativa, assim como no caso de outros entrevistados, o uso do plural, ressaltando, dessa forma, um trabalho coletivo de seu grupo de trabalho: em seu discurso, não foi Santarem quem trabalhou pelo clube, mas “*nós conseguimos [...] algumas coisas importantes*”<sup>268</sup>. Mesmo assim, ele destaca conquistas individuais, como o fato de ter sido eleito o melhor dirigente do ano pela imprensa local.

<sup>266</sup> TONET, Gilson Luiz. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 18 out. 2019.

<sup>267</sup> SANTAREM, Adelar. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>268</sup> SANTAREM, Adelar. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

É interessante observar alguns dados biográficos de Adelar Santarem, não citados por ele em sua entrevista, a qual durou somente dezessete minutos, sendo a menor entre as treze<sup>269</sup> gravações realizadas. Em dezembro de 2017, o empresário foi agraciado pela Câmara Municipal com o título de Cidadão Emérito de Caxias do Sul, título cedido por iniciativa do então vereador Elói Frizzo, atualmente vice-prefeito do Município, e aprovado por unanimidade pelos vereadores, o que indica o prestígio social e político construído pelo ex-presidente alviverde. Santarem destaca-se também por ter sido eleito vereador pelo Partido Democrático Social, o PDS, sucessor da Arena, em 1982, ocupando uma cadeira no legislativo municipal até 1988. Outro título ostentado pelo ex-presidente esmeraldino é o de “O Homem do Aço”, cedido em 2009 pela Associação do Aço do Rio Grande do Sul, instituição da qual é vice-presidente<sup>270</sup>. Dessa forma, percebe-se como ele elabora a sua narrativa a partir do ponto de vista de alguém que possui prestígio na cidade onde vive, construído não apenas pela sua atuação no clube, mas principalmente por sua carreira profissional, intensamente ativa ainda hoje e que tornou um tanto difícil, inclusive, a definição de uma data para a realização da entrevista, feita no seu escritório, localizado na sede da Diferro Aços Especiais, empresa fundada por Santarem em 1975 e que possui filiais em Porto Alegre e em Joinville, em Santa Catarina. Por fim, a sua entrevista me passou a impressão que havia, ali, a intenção de mostrar a imagem de um homem de negócios, atarefado, que não podia dispor de muito tempo para contribuir para o trabalho que eu tentava realizar<sup>271</sup>.

Alfredo Sehbe, por sua vez, ao ser questionado sobre o legado deixado para o clube, não cita fatos objetivos nem realizações, mas a noção de um esporte democrático e a visão que a sua contribuição deve ser avaliada pelos seus sucessores, não por ele próprio.

*“Olha, eu acho que aí seria uma coisa de querer exaltar a mim próprio. Quem deve saber do legado é os que atualmente tão lá atuando lá no clube, e sempre tem uma reunião, alguma coisa, eles me procuram, eu vou lá, participo e assim por diante. Eu acho que o maior legado é um legado que, mesmo dentro de um clube de futebol, tem que haver paciência, tem que haver tranquilidade de aceitar opinião dos outros, tá entendendo? Porque o futebol já é democrático por essência. Se tu tiver diretoria que vai querer impor e exigir de forma ditatorial, não funciona, tá certo? [...] O futebol é um esporte que procura desenvolver, vamos dizer assim, uma certa paixão, tá entendendo? Mas tem que ter respeito pelo próximo, tem que ter*

<sup>269</sup> A entrevista com Alfredo Sehbe, apesar de contínua, foi gravada em dois dias diferentes, com quase oito meses de diferença entre ambas as gravações.

<sup>270</sup> TUA RÁDIO. **Adelar Santarem é Cidadão Emérito de Caxias do Sul**. Disponível em: <https://www.tuaradio.com.br/noticias/politica/06-12-2017/adelar-santarem-e-cidadao-emerito-de-caxias-do-sul>. Acesso em: 07 mar. 2020.

<sup>271</sup> Ou a sua noção de trabalho, talvez, o motive a não encarar com tanta seriedade um trabalho acadêmico, especialmente em Ciências Humanas.

*condescendência quando alguma coisa não dá certo e assim por diante. Porque todo mundo que entra nisso aí entra com o objetivo de querer o melhor pro clube, tá certo? Então, eu acho que é esse o principal fato, porque tem gente que muitas vezes procura usar do clube de futebol pra pegar seus interesses políticos ou outros interesses quaisquer, eu acho que não, o momento que tu entra no futebol, que já é um esporte extremamente popular e que depende de tu dar uma satisfação pra um povo, tu tem que ter sensibilidade pra ver onde é que dá pra ir, onde é que não dá pra ir, quanto é que dá pra gastar, quanto é que não dá pra gastar, tá entendendo? E é um negócio de emoção, futebol é emoção, pronto”.*<sup>272</sup>

Interessante observar a opinião de Sehbe sobre o futebol ser “*democrático por essência*”. Vale recordar aqui a opinião de Mário De Meneghi, segundo o qual o futebol é um mecanismo de ascensão social para crianças da periferia, de baixa renda, o que pode ser considerado uma dimensão democrática desse esporte. Sehbe não expõe de forma mais detalhada a forma como ele vê o futebol como um esporte essencialmente democrático, mas dá um indicativo ao comentar sobre “*aceitar a opinião dos outros*” e sobre a diretoria não “*impor e exigir de forma ditatorial*”, o que indica uma noção democrática de gestão, ao menos no discurso. É claro que essa frase de Sehbe pode ser associada, também, ao fato do futebol ser o esporte mais praticado e mais assistido do planeta, tendo ampla penetração em todas as camadas da sociedade e constituindo-se, efetivamente, como uma das mais destacadas expressões culturais do Brasil e da América Latina. Sehbe deixa isso claro ao afirmar que o futebol é extremamente popular e há uma manifesta necessidade de justificar os atos da gestão, de “*dar satisfação*” para a torcida do clube, “*para um povo*”, conforme ele afirma. Mesmo citando a existência de “*certa paixão*” envolvida no futebol, seu discurso ressalta a necessidade da atuação racional por parte do dirigente, que precisa avaliar principalmente os gastos financeiros do clube, de acordo com seu relato. Conforme vimos anteriormente, essa ideia do pertencimento coletivo do clube e da importância de justificar os atos da direção frente à torcida está presente nos discursos de outros ex-presidentes, o que demonstra haver, ao menos em teoria, um respeito à coletividade de torcedores envolvidos emocionalmente com a instituição. Respeito que pode, inclusive, chegar até ao nível do temor: um ex-presidente do Juventude, questionado sobre uma possível participação de seus familiares no clube, afirmou o seguinte.

*“Não, mas é que eu não teria, não existia um elemento familiar pra assumir o clube. Eu acho que até desaconselharia, viu? É pesado, é pesado. Nós tivemos muito sucesso em algumas coisas, mas também tivemos noites que nós tivemos que sair*

<sup>272</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

*dentro de caminhonete aí, pessoal queria nos pegar. O dirigente ou é ladrão, ou é bicha ou é corno... [risos]*<sup>273</sup>

A última frase, referente a uma visão dos torcedores acerca do dirigente quando o clube está em má fase esportiva, é uma demonstração prática sobre a relação entre a posição do dirigente na estrutura do futebol e a questão da masculinidade, a qual analisamos no subcapítulo anterior. Quando há a intenção de criticá-lo, o ataque se dá à sua honra (ladrão) ou à sua masculinidade (bicha, corno), mostrando o quanto esses elementos são importantes no campo esportivo, principalmente para aqueles que detêm o poder dentro desse campo. É contra esses ataques que o dirigente se defende, construindo sua narrativa e sua memória, de forma que a intenção de “*não exaltar a mim próprio*” está associada a esse ideal da honra do dirigente, que evita transmitir a imagem de um homem arrogante, devendo seus feitos e méritos serem reconhecidos pelos seus colegas de clube e pelos torcedores, não por si próprio, ao menos externamente. A importância desse reconhecimento entre seus pares está presente, também, na narrativa de Carlito Chies.

*“Eu não sei se deixei legado, não. Eu posso dizer o seguinte, eu acho que eu fui importante, juntamente com outros, pra vir a Parmalat, pela construção do estádio, então, nem se fala, que eu fiz uma loucura, isso é... pessoal nem sabe. Alguns sabem, mas... alguns sabem. Mas eu nunca vendi essa imagem pra não criar problema com os sócios da empresa, esse negócio todo que tinha. [...] Mas a verdade é que eles poderiam interpretar diferente, né. Mas todos eles, também, eram sócios, pagavam a mensalidade... eu abatia lá do que eles tinham pra receber, tal, e... mas foi, foi isso aí, foi feito dessa forma e realmente, o que eu recebi, um abraço forte do Sanvitto naquela, “tu é amigo, hein, tchê. Tu foi meu amigo, porra. Eu comecei esse negócio aqui pra fazer e até agora tava numa...”, os caras não queriam vender a prazo e não aceitavam... nós tava morto. Nós ia nascer morrendo, né. E aí ele se achou lá, foi importante essa passagem, né”.*<sup>274</sup>

O reconhecimento dos torcedores também aparece de forma destacada em seu depoimento, legitimando as suas qualidades e seu trabalho frente ao clube.

*“[...] Acho que o meu legado é o seguinte, eu tô feliz por ter sido um dirigente capaz, honesto, sério, tô feliz por ser juventudista, e mais de tudo porque eu acho que eu fiz muito juventudista ficar feliz. Ah, tenho certeza disso. Passamos belíssimos momentos e em todas as passagens que eu tive eu acho que eu me saí bem. Sou bem visto, o pessoal qualquer coisa, quando parece que não vai sair um presidente, “vem cá, quem sabe o Carlito não vai, tal, volta”, entendeu, eu percebo isso, mas vamos deixar o pessoal mais novo pra fazer isso, né. Mas quando tem que*

<sup>273</sup> Optamos por preservar o nome do entrevistado.

<sup>274</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

*ajudar, tô ajudando. [...] Mas a verdade é que a história é assim, eu gosto demais do Juventude. Gosto demais. E gosto dos amigos que eu fiz nesse tempo todo, né, muitos. Não dá nem pra relacionar porque é muita gente. Em qualquer lugar que eu vá, se eu for pra Nova Prata ou for pra Bento, diz “bah, o Carlito, bah, foi presidente do Juventude”, tá marcado isso. Marcado. Aqui na cidade, então, nem se fala. É que tanta gente me cumprimenta e eu não sei quem é, tchê. Fico até com vergonha, né, tchê. “Ô presidente!”, “ô!”. Porra, o cara passa... o cara diz, não quer falar pra dizer quem é e eu também não sei quem ele é [riso], mas é, isso é muito, muito forte, muito forte. Mas isso me dá alegria, de saber que eu fui, fiz alguma coisa pelo Juventude e pela cidade, que eu adoro, né, nasci aqui”.*<sup>275</sup>

Talvez a palavra “legado” tenha um significado forte para os depoentes, considerando a resposta de Chies, que afirma ter realizado, junto a outras pessoas, coisas importantes pelo clube, negando inicialmente que tenha deixado um efetivo “legado” para o clube. Analisando a pergunta feita, talvez fosse mais interessante ter elaborado a questão de forma mais genérica, questionando algo como “o que sua gestão deixou de positivo para o clube”, mas talvez eu não tivesse, dessa forma, ouvido as respostas de forma mais objetiva, como elas foram elaboradas. Afinal, o uso de uma expressão forte como “legado” dá uma dimensão mais profunda à questão, indo além de meras “coisas positivas” que o dirigente pode ter construído e deixado, o que poderia ser considerado somente em um plano mais material, como a ampliação da estrutura física disponível pelo clube. Como legado, por outro lado, pode ser entendido inclusive um estilo de dirigir o clube ou mesmo um grupo de pessoas com determinado pensamento em relação à gestão e ao futebol. De qualquer forma, Chies comenta sobre a sua contribuição em dois processos fundamentais na história do Juventude: a construção do Estádio Alfredo Jaconi e o patrocínio e cogestão da Parmalat. Interessante observar que a sua contribuição à construção do estádio, que envolveu a criação de uma loja de materiais de construção, como vimos antes, foi feita, conforme ele afirma, sem o conhecimento de seus sócios de empresa sobre o seu objetivo, que era o fornecimento dos materiais necessários para a construção do estádio pelo Juventude. Chies argumenta não ter “vendido essa imagem” para evitar conflitos com esses sócios, mas fica a dúvida sobre até que ponto essa ação era conhecida pelos seus colegas de Juventude. Conforme ele afirma, isso foi feito com o aval e incentivo de Willy Sanvitto, do qual recebeu o reconhecimento e a gratidão para além da relação clubística, estendida para a amizade entre ambos. Dessa forma, é perceptível como a amizade, a profissão e o clube se entrelaçam, auxiliando na construção daquilo que ficou como um dos legados de Carlito Chies ao Esporte Clube Juventude. Porém, além de sua contribuição para o clube, fica visível, no discurso de

<sup>275</sup> CHIES, Carlito Eugênio. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

Chies, uma satisfação pessoal em ter servido ao clube de seus amores, por ser lembrado entre seus pares quando há os processos sucessórios e por ser reconhecido pelos torcedores de seu clube por onde anda. Com um discurso emocionado, Chies associa esse trabalho junto à agremiação alviverde a um trabalho comunitário, um trabalho feito pela cidade que ele também ama, baseado em seus princípios de honestidade e seriedade.

O trabalho pela cidade permeia, também, o discurso de Cláudio Eberle, que presidiu a ACF, instituição que utilizou o nome da cidade pela primeira vez no futebol profissional, que depois seria apropriado pelo então Flamengo. Ao ser questionado sobre os motivos para aceitar a presidência da Associação, tendo em vista que Eberle não tinha experiência no meio do futebol até então, a resposta foi a seguinte.

*“Por Caxias. Por Caxias. Porque eu gostava de futebol sem ser fanático, torcia mais pro Juventude, mas, quando o Flamengo jogava com outro time de fora, eu torcia também pro Flamengo, ou seja, torcia por Caxias. Quando me propuseram pagar aquela conta do tal de programa de televisão, digo bom, aqui é a oportunidade de fazer com que Caxias, que é o que eles queriam, esses dois grupos, mas eles queriam isso por problema financeiro, porque a maioria deles eram avalistas com particulares, ou com bancos, o que seja, pra poder dar o dinheiro pros clubes, então queriam se livrar disso e se livraram, porque eu paguei, eu fui ao Banrisul, fiz uma nota promissória lá, avalizada, praticamente, pelos quinze vice-presidentes, e com esse dinheiro paguei todas as contas do Juventude e todas as contas do Flamengo, e aí ficou um time só, com um, repito, com um treinador, um fisicultor e um time de jogadores, com uma seleção dos dois. Mas então, quer dizer, eu saneei o Juventude e o Flamengo, isso fui eu que fiz, e com a colaboração e ajuda desses empresários todos que também estavam por trás, de que, né... esses documentos existem dentro do banco, eu não tenho mais eles, mas foi isso que aconteceu”.*<sup>276</sup>

Fica claro, dessa forma, que Eberle compreende que seu trabalho realizado à frente da Associação contribuiu para o saneamento e manutenção dos dois clubes de Caxias do Sul: o Juventude, que abandonou a ACF no início de 1975 quando seu estádio ficou pronto, e o Flamengo, que, sem a sua instituição parceira, retorna formalmente ao futebol profissional em 1976 após a extinção da Associação até então existente. Porém, esse é um legado que foge do seu controle, que não era sua verdadeira vontade, pois fica claro, ao longo da entrevista, que Eberle pretendia que a Associação permanecesse como o único clube profissional de Caxias do Sul, seguindo Juventude e Flamengo apenas no trabalho com as categorias de base, atuando os dois tradicionais clubes na formação de jogadores. Questionado sobre seu legado, no entanto,

---

<sup>276</sup> EBERLE, Cláudio Alberto Muratore. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 out. 2019.

Eberle responde de maneira mais objetiva, atribuindo a si ações práticas desenvolvidas ao longo do curto período de existência da Associação Caxias do Sul de Futebol.

*“Eu acho que é o estádio, que depois o Stédile, como terminou, botou o nome dele, Estádio Francisco Stédile, mas só que praticamente não usam, usam Estádio Centenário, que fui eu que batizei. Então o legado, vamos dizer, é o nome do estádio e o estádio, e a ideia de união de forças em Caxias. Aqui em Caxias, por exemplo, existia a Associação Comercial e o Centro da Indústria Fabril, eu fui presidente do Centro da Indústria Fabril, que hoje, depois, se juntaram, juntou forças pra ser a Câmara de Indústria e Comércio de hoje, então não é os empresários do comércio e da indústria separados, de repente um reivindica uma outra coisa diferente, agora não, vamos dizer, acabou juntando, também aí, forças”.*<sup>277</sup>

Há, no discurso de Eberle, a reivindicação de um protagonismo negado a ele pela história oficial do futebol caxiense e da SER Caxias. Como o clube reconhece a sua fundação em 10 de abril de 1935, tratando-se a SER Caxias da instituição então fundada sob o nome Grêmio Sportivo Flamengo, a Associação Caxias é entendida como uma mera passagem de sua história onde houve a união com o eterno rival cidadão, estando o Flamengo licenciado entre os anos de 1972 e 1975. Dessa forma, é reconhecido pelos torcedores e pelo clube que o Estádio Centenário foi construído totalmente no ano de 1976, sendo esse o “passaporte” do Caxias para o Campeonato Nacional. Consta no site do clube:

A construção do Estádio Centenário, em 1976, em sete meses, e a participação do time no campeonato brasileiro, representaram a primeira etapa no trabalho do então presidente e hoje patrono do clube, Francisco Stedile. Time e estádio eram condições fundamentais para a entrada do Caxias no grupo dos grandes clubes do futebol brasileiro. Com a colaboração em massa da comunidade caxiense, o Estádio foi erguido em tempo recorde e proporcionou destaque em âmbito nacional à Caxias do Sul.<sup>278</sup>

Em sua narrativa, Eberle afirma ter construído em sua gestão, entre 1972 e 1973, o primeiro módulo de arquibancadas do estádio, além de aproveitar uma parte da arquibancada construída na presidência de seu cunhado, Giovanni Scavino, no Flamengo. Além disso, conforme comentado anteriormente, ele alega que o nome “Centenário” foi uma contribuição sua, em homenagem aos cem anos da imigração italiana para o Rio Grande do Sul, em 1975. De tal forma, o depoimento de Eberle se opõe à narrativa oficial, tomando para si parte dos

<sup>277</sup> EBERLE, Cláudio Alberto Muratore. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 out. 2019.

<sup>278</sup> S.E.R. CAXIAS DO SUL. **Centenário**. Disponível em: <http://www.sercaxias.com.br/o-clube/estadio>. Acesso em: 07 mar. 2020.

méritos do trabalho de construção do atual estádio, que é considerado atualmente como parte integral da presidência e legado de Francisco Stédile.

Conforme vimos antes, há presidentes que veem como legado deixado uma forma de dirigir o clube e as pessoas que ingressaram na agremiação imbuídas desses ideais e formas de agir. Um exemplo é Paulo Zugno.

*“O meu legado pro clube foi as pessoas que eu deixei lá dentro, aprendendo um pouquinho daquilo que eu também aprendi com os outros, viajando muito, conversando muito com pessoas, todas, a minha diretoria era toda de jovens. Esses cinco que eu te falo aí, era tudo menino. Waltinho, chegando, e tão aí. São os dirigentes de hoje. Acho que foi o maior legado, não, não acho, tenho certeza. Foi forte, foi forte”.*<sup>279</sup>

Os princípios de honestidade e o amor pelo clube também estão presentes no discurso de Sérgio Tomazzoni.

*“O legado que eu deixo, eu acho que é sempre trabalhar bem trabalhado, na honestidade, transparência, dedicação e, acima de tudo, amor ao clube. Acho que isso aí é uma coisa que todo dirigente teria que ter, né, porque eu sempre digo, todo dirigente que vai trabalhar no Juventude, ele vai pelo amor ao clube. Alguns têm um pouquinho mais de sorte, outros trabalham um pouquinho mais, outros não conseguem fazer o trabalho, talvez, de alguns dirigentes que fizeram um pouquinho mais, mas não é por desleixo, não é por falta de conhecimento, não é por falta de amor, então, todo mundo trabalha em função do clube”.*<sup>280</sup>

Por outro lado, entre os ex-presidentes do Caxias, tive a oportunidade de fazer esse questionamento apenas para dois dos quatro entrevistados. Porém, há uma proximidade grande em relação às respostas já analisadas que foram dadas pelos ex-presidentes alviverdes. Um deles é Mário De Meneghi, que enfatiza a “*continuidade*” na gestão do clube, elogiando, inclusive, o atual grupo gestor que está à frente do Grená desde o final de 2015. Para Meneghi, é essa continuidade que “*leva ao sucesso*”, que proporciona o aprendizado aos dirigentes, defendendo, dessa forma, um mandato presidencial maior do que o atual, que é de um ano de duração.

*“[Silêncio] Puta, aí fica ruim eu responder aquilo que eu penso, que eles dizem pra mim, tipo aquilo que o cara fez aí, hoje<sup>281</sup>... [silêncio] eu acho que não é o meu*

<sup>279</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>280</sup> TOMAZZONI, Sérgio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 out. 2019.

<sup>281</sup> Meneghi refere-se a um fato por ele narrado antes, o qual cito a seguir: “Hoje, quando eu cheguei [...] aqui, um cara com uma touca assim, um cara meio de idade, com as luvas assim, eu parei pra entrar no carro, ele me

*legado, eu fiz parte de um legado que foi deixado pro Caxias que é uma continuidade administrativa, continuidade de condução, uma continuidade de política, uma continuidade de relacionamento, que pode ter opinião contrária, mas eu acho que é o que leva ao sucesso. O cara precisa sofrer derrotas, sofrer decepções, corrigir rumos, o cara tem que saber onde errou, saber onde pode melhorar, entende? Isso é um legado, se o cara passar um ano lá e cai fora, ele não vai saber nada. Então o cara tem que gradualmente ir conhecendo todos os departamentos, eu te disse, eu não sirvo pra aquele departamento, pra aquele, pra aquele, mas tu precisa aprender a conhecer e admirar o trabalho que o cara faz, a necessidade que ele precisa ter num departamento médico, num departamento... ou vice-presidência de patrimônio, num jurídico, entende, em todas essas coisas pra saber [...]. Então, isso que eu acho que eu fiz parte, porque quem construiu isso aí foi o seu Francisco Stédile. Agora, quem construiu, depois da morte dele, tal, tal, tal, tal, foi esse grupo gestor que tu não pode dizer quem é o líder, eu até me arrisco a dizer que um Valdecir Bersaghi, um Jairo Antunes, um Zé Setti, um Julinho D'Agostini, o Miola, o Randon, são integrantes de uma forma de ser assim [...]*”<sup>282</sup>

Já para Renato Zuco, há a referência às suas ações em relação à sua área de atuação profissional, o Direito.

*“Não, o legado, como eu te disse, foi a regularização patrimonial, vamos dizer assim, os terrenos, vamos dizer assim, o trabalho que eu... alguém precisava fazer e foi feito, a regularização dos imóveis, que estava no nome do Flamengo, foi feito, se chama isso de reunificação, por exemplo, com dez lotes, bom, mas agora é um lote só [riso], é um estádio só, tu entende? Tudo aquilo que tava solto, bom, agora é uma coisa só. A regularização junto aos órgãos competentes, no caso do registro de imóveis, prefeitura etc. tal, e aí que teve a colaboração do grande Olyntho Mendes de Castilhos, que agora é falecido, mas era o oficial de registro de imóveis aí da 2ª Zona, e outras pessoas, com o fato, enfim, essa regularização, e o futebol, em si, unânime, não dá mais, não tem porquê... a campanha no Gauchão foi boa, entende, eu não... devemos ter ficado em terceiro lugar ou quarto lugar naquele ano, porque naquela época o Campeonato era muito disputado também etc., mas nós tivemos bem, porque o Mário Polessio era o diretor de futebol e o clube foi bem, tava bem, mas, sabe, clube do interior, chega um ponto que... não dá”*.<sup>283</sup>

As respostas à questão sobre o significado da presidência, por sua vez, são muito mais subjetivas e emotivas. Para Adelar Santarem, a presidência do Juventude foi a “glória máxima”, a intensificação do amor pré-existente, “uma das coisas, em termos esportivos, mais

---

pegou as duas mãos, disse assim, “quando é que tu vai voltar pro Caxias?”. Ah, eu não tenho mais idade, um cara com 76 anos não... tem gente que aguenta e tal, mas [...] não tem como...”. Vemos, novamente, a importância do reconhecimento por parte do torcedor pelo trabalho construído frente ao clube. MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>282</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>283</sup> ZUCO, Renato Domingos. **[Entrevista]**. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

*importantes*” da sua vida<sup>284</sup>. Alfredo Sehbe afirma que foi, para ele, “*muito importante*”, relacionando a sua história no clube à história de sua família, pois, em suas palavras, “*eu tenho que conhecer minhas origens*”<sup>285</sup>. Para Carlito Chies, como vimos, ser presidente do Juventude significou “*fazer gente feliz*”<sup>286</sup>. Segundo Cláudio Eberle, significou uma experiência pessoal positiva e um “*dever cumprido*” com Caxias<sup>287</sup>. Mário De Meneghi, claramente emocionado, afirma que é algo “*muito sentimental*” e recorda o convite de recebeu para concorrer à presidência da FGF, além do chamado que recebeu de Osvaldo Voges quando este assumiu a presidência do clube, a fim de Meneghi explicá-lo “*o que é o Caxias*”. Nas palavras de Meneghi, “*o reconhecimento das pessoas é que leva tu a te sentir honrado com o trabalho desenvolvido*”<sup>288</sup>. Milton Bertelli, por sua vez, afirma que “*significou muito*”, além de afirmar que foi a experiência como dirigente que proporcionou uma compreensão maior sobre o cotidiano de um clube de futebol. “*Só estando lá dentro pra ver o que é um clube de futebol. Não adianta falar. Cronistas, bom... vai lá dentro, fica lá dois anos, três, você vai ver o que acontece...*”, afirma<sup>289</sup>. Paulo Zugno cita “*o reconhecimento, os amigos*”, afirmando que “*noventa por cento*” de suas amizades “*surgiram ali*”<sup>290</sup>. Para Renato Zuco, “*é uma grande oportunidade que a pessoa tem de conhecer gente, num sentido bem amplo. [...] Quem é quem, como se comporta, como atua, como faz etc. tal, essa foi a experiência que eu, como profissional de recursos humanos, aprendi muito. Isso me foi muito útil para minha vida profissional e pessoal*”<sup>291</sup>. Enfim, vemos a repetição, nas respostas a essa questão, de elementos que perpassam todo o discurso e são, dessa forma, essenciais na memória construída pelos personagens centrais da história aqui escrita.

---

<sup>284</sup> SANTAREM, Adelar. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

<sup>285</sup> SEHBE, Alfredo. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 27 nov. 2019.

<sup>286</sup> CHIES, Carlito Eugênio. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 21 dez. 2019.

<sup>287</sup> EBERLE, Cláudio Alberto Muratore. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 24 out. 2019.

<sup>288</sup> MENEGHI, Mário Ruaro De. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 12 ago. 2019.

<sup>289</sup> BERTELLI, Milton. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 25 abr. 2019.

<sup>290</sup> ZUGNO, Paulo José. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 01 nov. 2019.

<sup>291</sup> ZUCO, Renato Domingos. [Entrevista]. Entrevistador: Deivid da Silva Ferreira. Caxias do Sul, 10 out. 2019.

## 5 APITO FINAL

Conforme vimos na introdução dessa dissertação, poucos são os estudos acadêmicos que se dedicam aos dirigentes dos clubes de futebol, instituições de importância dentro do contexto cultural, social e econômico de nosso país. Muito já foi dito e escrito sobre as relações e o impacto do futebol para a identidade nacional brasileira, seu uso por regimes políticos autoritários e democráticos, as relações étnicas e raciais dentro desse esporte etc. Os dirigentes, porém, tão discutidos pela grande mídia e constantemente avaliados, seja em tom de crítica, seja em tom de elogio pelos torcedores, acabam por ser deixados à margem dos debates acadêmicos. Nossa proposta, dessa forma, foi contribuir para o estudo desse grupo que compõe, em nossa visão, a elite da estrutura clubística do país, ou seja, são aquelas pessoas que detêm o poder dentro de cada clube, das federações estaduais e da Confederação Brasileira de Futebol, formando um sistema de complexas relações onde há trocas de relacionamentos, favores e dádivas. O foco de nosso estudo foi uma pequena parte desse sistema, os grupos dirigentes de Caxias e Juventude, buscando analisar como são recrutados esses dirigentes e como se projetam essas pessoas a partir da posição de poder obtida e mantida dentro do clube.

É fundamental considerar a importância do contexto local para a formação desses dois grupos dirigentes. Como vimos no capítulo dois, Caxias do Sul é uma cidade formada dentro de uma conjuntura de imigração de populações majoritariamente europeias, notadamente oriundas da Península Itálica, as quais formam, podemos dizer, o grupo que detém maior poder culturalmente na cidade, de forma que a ideologia da classe dominante local está calcada em uma mentalidade de pessoas que se consideram descendentes de imigrantes. É nesse contexto que são formados não apenas os grupos dirigentes mas os próprios clubes, que trazem essa *italianidade* como uma marca identitária, como podemos ver em manifestações das torcidas – por exemplo, a faixa “Forza Juve” com a bandeira italiana de fundo, a torcida Forza Granata, o cântico da Falange Grená no ritmo de “Funiculì, Funiculà” – e em manifestações identitárias dos próprios clubes – como o mascote Bepe do Caxias, a profunda vinculação entre o Juventude e a história de Caxias e da imigração italiana feita por Francisco Michielin em seus livros e o nome popular do Estádio Centenário. É fundamental, dessa forma, compreender o contexto cultural, social e econômico no qual estão inseridos os clubes, que é o de uma cidade que tem como espécie de mito fundador a imigração italiana, cuja indústria metal-mecânica é uma das principais, se não a principal atividade econômica do município e que tem como uma das maiores vitrines, ao lado da indústria e dos dois clubes de futebol, a Festa da Uva, referência

direta às atividades econômicas desenvolvidas pelos imigrantes aqui assentados há cento e quarenta e cinco anos.

É interessante observar como a construção dessa identidade dita italiana se modificou ao longo do tempo. Quando da chegada dos primeiros imigrantes à atual Caxias do Sul, a Itália era um país recém unificado e, conseqüentemente, não havia um verdadeiro sentimento nacional, sendo as identidades regionais muito mais fortes e havendo, inclusive, certas rivalidades entre elas. Essas rivalidades, no entanto, não parecem estar presentes na formação do campo esportivo caxiense, de forma que atualmente não há referência alguma às identidades regionais trazidas pelos imigrantes que aqui chegaram, mas sim a uma genérica italianidade, demonstrando que as referências a essa identidade são respostas a demandas do presente que buscam no passado a construção dessa identidade cultural. Nas entrevistas, a única referência a uma identidade regional italiana está no depoimento de Gilson Tonet, vice-presidente da Associação Vêneta do Rio Grande do Sul.

O objeto de estudo, no entanto, não pode ser reduzido somente ao seu contexto. Quando decidimos estudar os dirigentes da dupla Ca-Ju, procuramos identificar quais fontes de pesquisa estariam disponíveis e o que conseguiríamos extrair delas a fim de produzir essa dissertação. As fontes orais, portanto, foram a nossa escolha de trabalho, tendo em vista a dificuldade em acessar fontes internas do clube e o fato da imprensa, outra fonte de pesquisa muito utilizada em trabalhos que versam sobre a história do futebol, não ser apropriada às questões levantadas. Dessa forma, tivemos que buscar os contatos dos dirigentes que viriam a ser entrevistados e definir locais e horários que fossem apropriados para eles.

Fundamental para a análise das entrevistas realizadas foi a compreensão que a base delas estava na memória. A distância no tempo em relação aos fatos narrados provoca uma constante resignificação da memória e sua conseqüente narrativa, de forma que as entrevistas realizadas são produto de um tempo, espaço e condições específicas, estando permeadas pela subjetividade tanto do depoente quanto do pesquisador, que definiu um problema de pesquisa, o recorte temporal e os pontos que viriam a ser abordados nas entrevistas realizadas. Porém, não é o pesquisador que determina o que será relatado, mas sim o entrevistado, o que explicita a relação dialógica existente no ato de produção da narrativa. Através das lembranças narradas e dos esquecimentos é gerada a entrevista em seu primeiro suporte, que é o áudio, posteriormente transcrito. Logo, não há um relato fiel da seqüência de fatos, mas sim a visão e as lembranças de uma pessoa historicamente situada.

Conforme vimos, o contexto de produção dessas entrevistas é parte da imagem construída pelo dirigente, de sua narrativa, sendo essencial observá-lo a fim de compreender de

que forma o entrevistado pretende ser visto pelo pesquisador. Relembrando algumas situações, a entrevista com Milton Bertelli foi realizada em seu consultório e entrecortada pelo atendimento a alguns pacientes. Bertelli, médico gastroenterologista, tem atualmente oitenta e seis anos de idade. Sinal de vitalidade, de saúde e de amor pelo trabalho. Adelar Santarem, por sua vez, me recebeu em seu escritório na sede da Diferro Aços Especiais, após semanas de ligações e tentativas. Ao ser questionado sobre o tempo disponível para a realização da entrevista, foi o único a me responder de maneira direta: “*quinze minutos*”. Já por Cláudio Eberle fui recebido em seu apartamento. A entrevista foi realizada na sala de estar, onde está localizada uma estante que cobre toda a parede e está repleta de livros, tal qual seu escritório, local para onde fui levado no dia em que Eberle me entregou a revisão da transcrição da entrevista. Capital cultural, referenciado pelo neto de Abramo Eberle: foi professor universitário na Universidade de Caxias do Sul e fez questão de afirmar não ter tido tempo de ler boa parte dos livros que possui em sua casa. A intenção era, claramente, mostrar a imagem de um homem que preza por um equilíbrio entre as letras e o trabalho desenvolvido junto à empresa de sua família.

Capital cultural, trabalho, heranças familiares: a entrevista de Alfredo Sehbe teve como principal eixo o seu pertencimento étnico e sua ascendência, da qual faz questão de demonstrar conhecimento sobre sua trajetória desde a partida do Líbano, no início do século XX. A passagem pelos Estados Unidos, a vida como mascate, a criação da confecção que originou o grupo de empresas da família, as relações de amizade com outros descendentes de libaneses etc., todos elementos integrantes da narrativa do presidente alviverde de 1978.

Nos parece ser possível afirmar, dessa forma, que o empresário descendente de imigrantes italianos é o perfil mais próximo do considerado ideal para presidir os clubes de futebol locais. Consideramos, para isso, o pertencimento profissional e o sobrenome da maioria de nossos depoentes. Há, contudo, exceções: Gastão de Oliveira foi presidente do então Flamengo sendo trabalhador em uma empresa, obtendo autorização de seu patrão para assumir o cargo no Clube Grená. É possível identificar, também, que a naturalidade não é elemento excludente para tornar-se presidente, tendo em vista a presença de pessoas não nascidas em Caxias do Sul, como Gilson Tonet e Sérgio Tomazzoni. Determinante, porém, é o gênero: cem por cento das pessoas entrevistadas e citadas nas entrevistas são homens. Estamos tratando, portanto, de um espaço social exclusivamente masculino, no qual um ideário de masculinidade rege todas as relações e a conduta dos homens envolvidos. Essa masculinidade é bem mais explícita – ou talvez mais estudada – entre jogadores e torcedores, mas pudemos perceber que ela também está presente de forma intensa entre os dirigentes, homens que estão no topo da

hierarquia clubística. Isso é perceptível, por exemplo, nos ataques e críticas sofridos pelos dirigentes dos clubes, direcionados especialmente à sua honra e à sua masculinidade.

Mais do que uma seleção por um perfil, nos parece que as relações sociais e profissionais são fundamentais para atuar como dirigente nos clubes. A maioria dos depoentes, como vimos, chegou ao clube dessa forma. Há também casos em que a relação familiar foi elemento chave, como Alfredo Sehbe e Carlito Chies, e uma situação na qual houve um trajeto mais, digamos, voluntário até o clube, conforme afirma Tonet. No entanto, ser empresário é uma clara vantagem, pois a própria profissão de administrador é vista como o perfil profissional ideal para atuar como dirigente e gestor do clube. Isso não impede a presença de outros profissionais como médicos e advogados, que ingressaram na agremiação a partir de sua atuação profissional. Porém, algumas das entrevistas deixaram claro que o contexto da chamada profissionalização da gestão dos clubes de futebol, debate atualmente intenso e que é impulsionado em Caxias do Sul nos anos 1990 com a chegada da Parmalat no Juventude, fez com que a escolha pelos empresários para dirigir e gerir os clubes fosse ainda mais óbvia dentro dessa lógica.

Percebemos, nos discursos dos ex-presidentes, uma visão bastante positiva acerca das pessoas que assumem os cargos dirigentes nos clubes. Palavras como “*heróis*” e “*abnegados*” não são incomuns nos relatos, ancorados em uma noção de um trabalho executado com base no “*amor*” pela instituição. Fica evidente, no entanto, o quanto a atuação como presidente no clube é vantajosa social e profissionalmente para a pessoa envolvida: falamos, afinal, de um “*palco iluminado*”, nas palavras de Paulo Zugno. O sucesso na direção do clube possibilita o acesso a novas pessoas, novos relacionamentos que podem ser benéficos para os negócios pessoais do dirigente local e, inclusive, abrir caminho para uma carreira política, a qual é rechaçada nas narrativas de boa parte deles, que alegam considerar este um uso indevido do clube como um “trampolim” pessoal. Respeito e verdadeiro amor pelo clube ou temor pela reação dos colegas dirigentes e dos torcedores? Talvez as duas coisas. Como vimos, o sentimento nutrido pela instituição perpassa boa parte dos depoimentos. O medo de reações negativas, especialmente da parte de torcedores, é confessado por outros. No entanto, essa multiplicidade de frentes de atuação profissional e comunitária é fundamental em uma cidade como Caxias do Sul, que não dá a mesma visibilidade que a participação em funções análogas em cidades de grande porte como Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. O “*palco iluminado*”, portanto, é visto apenas pela comunidade local, tendo em vista a projeção da cidade e dos clubes.

Nossa pesquisa, contudo, trata-se de um dos primeiros passos acerca do tema. Muito há ainda a ser estudado sobre o futebol em Caxias do Sul e, de maneira mais ampla, no interior do Rio Grande do Sul. A dificuldade de acesso às fontes representa, é claro, um obstáculo considerável, mas o terreno é fértil. O recorte temporal de nossa pesquisa abre novas possibilidades, inclusive: ocorreram mudanças significativas nos grupos dirigentes e na gestão dos clubes de Caxias do Sul a partir dos anos 1990? O que significou efetivamente a chegada da Parmalat para a gestão do Juventude? Ela teve impacto em outros clubes interioranos, especialmente no Caxias? Pesquisas futuras podem buscar elucidar essas e outras questões.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 28/05/2020.
- ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul**. Caxias do Sul, RS: São Paulo, 1966. 4 v.
- ALBA, Jorge Antônio. **Memórias do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico da cidade de Erechim**. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: Carla Bassanesi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 155-202.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos de história”. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH**. Jul. 2013, p. 01-10.
- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; FERREIRA, Ricardo Pellison. Futebol e ferrovia: a história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.249-258, jun. 2010.
- ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Aspectos ideológicos presentes na construção da memória coletiva. **Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social**, Barcelona, v. 15, n. 1, p.207-223, 31 mar. 2015.
- ARÓSTEGUI, Julio. A crise da historiografia e as perspectivas na virada do século. In: ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006. p. 175-247.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: Carla Bassanesi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 23-79.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, mai./ago. 2010, p. 342-410.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Cascavel, v. 14, n. 29, p.246-270, jul-dez. 2013.
- BARROS, José D'assunção. **Teoria da História: V. A Escola dos Annales e a Nova História**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: Táticas para enfrentar a invasão liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Ed. Papirus, 1996

BULST, Neithard. Sobre o Objeto e o Método da Prosopografia. **Politeia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 5, n. 1, p.47-67, 2005.

CABRERA, Miguel Ángel. **Historia, lenguaje y teoría de la sociedad**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

CANDAU, Joël. Memórias e amnésias coletivas. In: CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005. p. 83-122.

CASELLATO, Alessandro. História Oral e Micro-História. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Org.). **Ensaio de micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016. p. 52-71.

CASTELLARI, Ademir Ângelo. **O tradicional e o moderno no futebol brasileiro: do moderno e de elite a uma moderna elitização**. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 43-69.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CAXIAS DO SUL Arquivo Histórico. **Histórias da imprensa em Caxias do Sul**. Caxias do Sul, RS: Museu Municipal, 1988.

CHAGAS, Mário. Memória política e política de memória. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 136-167.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A Bola e o Chumbo: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira**. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 41-53.

CLÍMACO, Danilo de Assis. Fútbol, hipermasculinidad y colonialidad del poder. Reflexiones sobre el asesinato de género perpetrado por el capitán del Flamengo. **Kula: Antropólogos del Atlántico Sul**, [s.l.], n. 6, p.35-47, abr. 2012.

CORADINI, Odaci Luiz. O recrutamento da elite, as mudanças na composição social e a 'crise da medicina' no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p.265-286, out. 1997.

CORREA DA SILVA, Gabriela. Representação do Passado e História Pública: a História das Mulheres na Internet. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 19, set./dez. 2016, p. 162-184.

CÔRTEZ, Gustavo. **Clássico Ca-Ju: paixão e rivalidade**. Caxias do Sul: Maneco, 2008.

CÔRTEZ, Gustavo. **1965: E. C. Juventude - 50 anos de uma conquista histórica**. Caxias do Sul, RS: AMZ, 2016.

CÔRTEZ, Gustavo. **A história da força grená**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2012.

CÔRTEZ, Gustavo. **Almanaque do Juventude: período de glórias**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2011.

CÔRTEZ, Gustavo. **Estádio Centenário 40 anos: os maiores jogos da história**. Caxias do Sul: Maneco, 2016.

CÔRTEZ, Gustavo. **S.E.R. Caxias 80 anos: um registro histórico através das imagens**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2015.

CÔRTEZ, Gustavo; PELLIZZARO, Tiago. **Uma partida histórica: a trajetória do Rei Pelé em Caxias do Sul**. Caxias do Sul, RS: AMZ, 2017.

CRUZ, Priscila Postali. **Siamo tutti buoni gente: do Grêmio Esportivo Flamengo à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto *et al.* **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **Fulia / Ufmg**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p.37-66, 24 abr. 2019.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, jul. 2001.

DAMO, Arlei; FERREIRA, B. S.. No tempo das excursões – o circuito clubístico porto-alegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 17, n. 2, p.378-411, 2012.

DARBILLY, Leonardo Vasconcelos Cavalier; KNOPP, Glauco; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Recursos de Poder e Estratégias de Conversão de Capitais: um Estudo Sobre o Campo do Mercado Fonográfico no Brasil. **Revista Adm.made**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.20-37, jan./abr. 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, [s.l.], v. 6, p.9-25, jun. 2003.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e suas transformações. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (Orgs.). **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 169-186.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p.314-332, dez. 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FIENGO, Sergio Villena. El fútbol y las identidades - Prólogo a los estudios latino-americanos. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

FRAGA, Gerson Wasen. "**A derrota do Jeca" na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950**. 2009. 398 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: Futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GARDELIN, Mário. **Para a história da CICS: Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: EST, 1995. (Coleção Fontes 17)

GIGLIO, Sérgio Settani; SPANGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

GIRON, Loraine Slomp. Caxias centenária. In: GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. **Caxias centenária**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010, p. 313-343.

GIRON, Loraine Slomp. **Caxias do Sul: evolução histórica**. Caxias do Sul, RS: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 1977.

GODIO, Matias. "**Somos hombres de platea**": a sociedade dos dirigentes e as formas experimentais do poder e da política no futebol profissional na Argentina. 2010. 433 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

GOMES, Fabrício Romani. **Sob a Proteção da Princesa e de São Benedito: Identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

GONZÁLEZ, Alejandro Estrella. Del representacionismo al giro práctico: una reconstrucción del campo historiográfico desde la década de los 90. **Pasado y Memoria: Revista de Historia Contemporánea**, Alicante, n. 4, p.147-179, 2005.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da "Província de Chuteiras". **Anos 90**, Porto Alegre, v. 8, n. 13, p.21-50, jul. 2000.

HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites - à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 7-15.

HELAL, Ronaldo; GORDON JUNIOR, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 147-165, 1999.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. A economia imigrante no desenvolvimento da cidade. In: GIRON, Loraine Slomp; NASCIMENTO, Roberto Revelino Fogaça do. **Caxias centenária**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010, p. 115-132.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **A história de muitas histórias: a força do empresariado na cidade e na cultura**. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2014.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Condições socioeconômicas do processo de industrialização no município de Caxias do Sul. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996 abr. 24-27, Caxias do Sul, RS.; DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; Forum de Estudos Ítalo-brasileiros 9., 199. **Anais ...** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1999, p. 396-412.

HEY, Ana Paula. Apresentação: elites, no plural. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, p.1-8, dez. 2017.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Futebol, memória e relatos orais: a trajetória de ex-jogadores da Seleção Brasileira e as narrativas memorialísticas das Copas do Mundo FIFA, entre 1954 e 1982. **História Oral**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.101-123, jun. 2017.

JELIN, Elizabeth. **Pan y afectos**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1998.

KIRST, Marcos Fernando. **Ecos do Passado**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2016.

KLÜGER, Elisa. Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites. **Tempo Social**, São Paulo, v. 29, p.83-100, dez. 2017.

LAIBIDA, Luiz Demétrio Janz. Os donos da bola no futebol paranaense: gênese da estruturação e "jogadas" com o poder político do Estado. In: OLIVEIRA, Ricardo Costa de (Org.). **Estado, classe dominante e parentesco no Paraná**. Blumenau: Nova Letra, 2015. p. 149-170.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LUCA, Tania Regina De. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Carla Bassanesi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 111-153.

LUZ, Rogério Silva. **Futebol e política: um estudo do clientelismo político em Florianópolis-SC (1946 a 1964)**. 2000. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

MACHADO, Maria Abel; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: 100 anos de história 1901-2001**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2001.

MACKEDANZ, Christian Ferreira. **Racismo “nas quatro linhas”: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)**. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

MAIA, Carlos Alvarez. **História, Ciência e Linguagem: O dilema relativismo-realismo**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 15, ago. 2014, p. 27-50.

MARCZAL, Ernesto Sobocinski. **"O caneco é nosso": futebol, política e imprensa entre 1969 e 1970**. 2011. 347 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MARQUES, José Carlos. Breves estudos sobre futebol, esporte e cultura no Brasil. **Comunicação Movimento e Mídia na Educação**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p.1-17, 1999.

MARTINS, Mariana Zuaneti. **Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores**. 2012. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana. **Rev. bras. educ. fis. esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 429-440, set. 2014.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. Multiculturalidade e adoção do futebol: platinos e alemães no Rio Grande do Sul. **Revista del CESLA**, [SI], n. 6, p. 195-204, ago. 2004.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p.95-108, jan. 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MELO, Victor; DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio. O que está em jogo? Em torno do futebol, da raça e da nação no Brasil: apresentação para uma história ausente. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p.268-271, set./dez. 2015.

MICHIELIN, Francisco. **Assim na terra como no céu: onde se conta o fascínio da santa aliança entre um clube de futebol - o Juventude - e a sua gente, muito mais do que uma simples relação amorosa.** Porto Alegre: Sagra - D.C. Luzzatto, 1994.

MICHIELIN, Francisco. **Juventude, paixão e glória: 100 anos de orgulho na Serra Gaúcha.** Caxias do Sul: Lorigraf, 2018.

MICHIELIN, Francisco. **Juventude: glória e sangue de campeão.** Caxias do Sul: Requite Revista Editora, 2016.

MOCELLIN, Maria Clara. **Trajetórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul.** 2008. 207 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MONTEIRO, Lorena Madruga. Prosopografia de grupos sociais, políticos situados historicamente: método ou técnica de pesquisa? **Pensamento Plural**, Pelotas, n. 14, p.11-21, jan./jun. 2014.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 21-36.

MURAD, Mauricio. Considerações possíveis de uma resposta necessária. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 431-446, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

NORONHA, Andrius Estevam. O uso da prosopografia para o estudo de elites locais: o caso dos empresários de Santa Cruz do Sul. In: HEINZ, Flávio M. (Org.). **História social de elites.** São Leopoldo: Oikos, 2011. p. 97-113.

NUNES, Heliane Prudente. **A imigração árabe em Goiás.** Goiás: Editora UFG, 2000.

OLIVEIRA, Márcia Regina Cassanho de. **Imigração Sírio-Libanesa em Campo Grande e o Clube Libanês.** 2010. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2010.

OLIVEIRA, Osny Freitas de. Apresentação. In: CÔRTEZ, Gustavo. **S.E.R Caxias 80 anos: um registro histórico através das imagens.** Caxias do Sul: Maneco, 2015. p. 8-9.

PAIANI, Flavia Renata Machado. Os livros populares de história como fonte para a pesquisa histórica. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 16., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpuh-rio, 2014. p. 1 - 10.

PELLIZZARO, Tiago. Apresentação. In: CÔRTEZ, Gustavo. **A história da força grená.** Caxias do Sul, RS: Maneco, 2012, p. 18-19.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

PIZARRO, Juliano Oliveira. **Decolonialidade e futebol: a quebra da lógica periferia-centro**. In: V Congresso Uruguayo de Ciencia Política, “¿Qué ciencia política para qué democracia?” - Asociación Uruguaya de Ciencia Política, 2014, Montevideu. Quinto Congresso Uruguayo de Ciencia Política, 2014.

PIZZI, Maria Leticia Grecchi. Conceituação de família e seus diferentes arranjos. **Ensino de Sociologia em Debate**: Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL, Londrina, v. 1, n. 1, p.1-9, jan-jun. 2012.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

RAMÍREZ, Hernán Ramiro. A DITADURA FALA? Reflexões sobre os testemunhos orais através de entrevistas concedidas por Ernesto Geisel e José Oscar de Mello Flôres. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.21-51, jan./jun. 2010.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte**. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. 2019. 377 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações**. 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

ROSADO, Rosa Maris. Uma leitura bourdiana do “jogo do lixo”. **Interacções**, Lisboa, v. 5, n. 11, p.230-253, jun. 2009.

ROSE, Regina Celi FonticIELha de. **A influência da imigração italiana no desenvolvimento do esporte no Estado do Rio Grande do Sul**. 1996. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e Política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Como ser um “clube grande”: Arnaldo Guinle e a Gestão do Fluminense Football Club (1916-1931). **Revista Pensamento & Realidade**. São Paulo, v. 1, n. 29, p. 25-45, 2014.

SARACENO, Chiara. **Sociologia da família**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

SCHATZ, Patrícia Volk. **A imprensa escrita entra em campo: relações entre política e futebol através da análise da Revista Placar (1974-1982)**. 2015. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA FILHO, Paulo Gilberto dos Santos. **Futebol e tecnologias digitais/virtuais: a trajetória do Grêmio Esportivo Glória de Vacaria**. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018.

SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço da. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas**: (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940). 2004. 574 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SILVA, Marianny Jessica de Brito *et al.* A força dos laços sociais: definição e proposta de uma escala de mensuração. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v. 10, n. 3, p.178-196, set./dez. 2017.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p.61-78, jun. 2004.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A modo de resposta. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 166-173, 1999.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial**. 1998. 336 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. História e a invenção das tradições no campo do futebol. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 119-146, 1999.

SOUZA, Jhonatan Uewerton. **O jogo das tensões: clubes de imigrantes italianos no processo de popularização do futebol em Curitiba (1914-1933)**. 2014. 260 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SPESSOTO, Rubens Eduardo Nascimento. **Futebol Profissional e Administração Profissional: da prática amadorista à gestão competitiva**. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

TERCIOTTI, Talita Vidigal. **Nacionalismo e identidade nacional nas Copas do Mundo de 1970 e 1994 através da revista Veja**. 2013. 191 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História Social, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

TESSARI, Anthony Beux. **Imagens do labor: memória e esquecimento nas fotografias do trabalho da antiga metalúrgica Abramo Eberle (1896-1940)**. 2013. 318 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Habitus, campo, estratégia: uma leitura de Bourdieu. **Cadernos Ceru**, São Paulo, n. 9, p.45-55, 1998.

VOGES, Osvaldo. Palavra do presidente. In: CÔRTEZ, Gustavo. **A história da força grená**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2012, p. 21.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A Família como Patrimônio: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos. **Campos - Revista de Antropologia Social**, Curitiba, v. 5, n. 1, p.53-67, 30 jun. 2004.